

APRESENTAÇÃO

Por tratar-se de área de estudo extremamente importante e pela riqueza da experiência acumulada pela autora sobre o assunto, tomamos a iniciativa de incluir, na série de monografias do programa Ford/Fundação Getúlio Vargas, a presente obra sobre o planejamento e a organização do lazer em sociedade. Trata-se de obra extraordinariamente rica em reflexões, estudos e análises sobre tema tão especializado e controvertido dentre os múltiplos desafios impostos ao homem pela tecnologia.

Tão espinhosa a missão dos administradores e educadores modernos diante do aumento das horas de lazer, provocado de um lado pela automação e de outro pelo desenvolvimento tecnológico, que a institucionalização do planejamento da recreação exige soluções imediatas e inadiáveis.

Trazendo soluções, mostrando as dimensões e os desafios do problema e até mesmo incluindo esboço de *carta do lazer*, estamos certos de que a presente monografia cumprirá sua missão e, muito mais, alicerçará as bases de uma filosofia de aproveitamento do tempo livre como direito e, acima de tudo, dever do homem urbano.

Kleber Nascimento

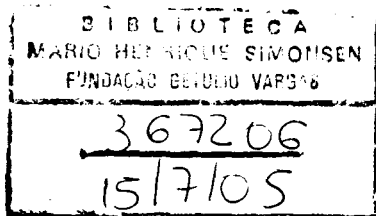
Direitos reservados, para esta edição, da Fundação Getúlio Vargas
Praia de Botafogo 188, Rio de Janeiro, RJ, ZC-02, Brasil.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra.

AC. 14817

1.^a edição — 1971

2.^a edição revista — 1975



© Copyright da Fundação Getúlio Vargas

FGV — Instituto de Documentação. Diretor: Benedito Silva — Editora da
Fundação Getúlio Vargas. Chefe: Carlos Maurício Junqueira Ayres; Coordenação
editorial: Robson Achiamé Fernandes; Supervisão de originais: Maria
Regina de Lima Renzo; Supervisão gráfica: Ari de Araujo Viana; capa de
Nanci Monteiro; composto e impresso no Serviço Gráfico da Fundação IBGE.

Medeiros, Ethel Bauzer.

O lazer no planejamento urbano. | 2. ed. | Rio de Janeiro, Editora da
Fundação Getúlio Vargas, 1975.

xix, 253 p. 21cm. (Cadernos de administração pública.
Administração geral, 82).

"Bibliografia": p. 241-44.

1. Lazer. 2. Centros recreativos. 3. Comunidade — Desenvolvimento.
4. Urbanismo. I. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro. II. Série. III.
Título.

CDD 790.0135
CDU 711:79

ETHEL BAUZER MEDEIROS

Professora de Psicologia Aplicada da Secretaria de Administração do Estado do Rio de Janeiro e do Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas. Membro brasileiro do Conselho Diretor da International Recreation Association. Ex-Técnica de Educação do Ministério da Educação e Cultura. *Master of Arts in Education* pela Northwestern University, Evanston, Illinois.

O LAZER NO PLANEJAMENTO URBANO

FGV — INSTITUTO DE DOCUMENTAÇÃO

Editora da Fundação Getúlio Vargas

Rio de Janeiro — RJ — 1975

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO V

O PROBLEMA: A EXPANSÃO DO LAZER NA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL 1

1. *A importância do lazer* 3
Um planejamento para o lazer 5
2. *O lazer através dos tempos: bênção ou maldição* 7
Notícia histórica 7
O lazer no Brasil Colônia 14
Grandes festas 16
A vida no interior 22
Primeiras experiências de vida urbana 24
O domínio da sociedade rural 25
3. *As máquinas conquistam mais lazer* 26
Novos tempos. Novas aspirações 28
A utilização do novo tempo de folga 31
Clubes sociais, atléticos e desportivos 31
Outros hábitos de lazer 32
Panorama do lazer no Brasil do século XIX 33
Influência européia 34
As grandes procissões 35
Festas religiosas 36

- A intensa vida social 40
- O carnaval 41
- As diversões no interior 42
- Os primeiros povoados, vilas e cidades 44
- A influência dos novos meios de transporte e de comunicação 46
- Modificações trazidas pelos imigrantes 47
- A transição para uma sociedade industrial, com outros hábitos de lazer 50
- O crescimento da rede urbana 52
- O emprego do lazer como problema do administrador 54

- 4. *A era espacial: o lazer atinge a massa* 56
 - Uma mentalidade diferente 56
 - Um novo sistema de vida 58
 - Como aproveitar a nova folga? 61
 - O problema do lazer num país em desenvolvimento 62
 - A celeridade da mudança 64
 - O crescimento urbano 65
 - Estímulos ao desenvolvimento 66
 - Novas indústrias, novos padrões de vida 68
 - A telecivilização dos dias de hoje 70
 - A influência dos meios de transporte 71
 - Indústrias mais ligadas ao uso do lazer 75
 - O lazer como característica do estilo atual de vida 78

- 5. *Novos estilos de vida: novos problemas* 79
 - A nova maneira de ganhar a vida 80
 - As dificuldades de espaço e moradia 81
 - Uma cultura em mosaico 82
 - O conformismo social 84
 - A solidão em meio à massa 84
 - Sedentarismo e fadiga nervosa 86
 - Progresso x poluição 87
 - A destruição da natureza 88
 - Um tempo de angústia 91
 - O reverso do avanço 93
 - O lazer como esperança de reencontro do homem 94

6. *O desafio do lazer* 97
A criação de um conselho de uso do lazer 98
7. *Tecnologia, valores humanos e lazer* 101
Esboço de filosofia do uso do lazer 101
Aspectos sociais de um lazer tão dilatado 102
O vínculo entre esporte e industrialização 103
A força econômica do novo tempo livre 105
Mais lazer para quê? 106
O aproveitamento do lazer como opção individual 108
Atitudes comuns diante do novo lazer 109
Resultados de algumas pesquisas 112
Funções do lazer para o homem contemporâneo 115
Elementos típicos do lazer 117
8. *Proposta de Carta do Lazer* 118
9. *Recreação: forma universal de aproveitar o lazer* 123
Nota sobre a história da atividade criadora 124
Ligação com cultos mágicos e religiosos 125
Auto-expressão como necessidade universal 126
A atividade criadora na América Pré-colombiana 128
Trabalho e recreação na sociedade contemporânea 130
Distinções básicas entre as duas atividades 130
Características da recreação 131
Evolução do conceito de recreação 131
10. *A recreação organizada e suas vantagens* 138
O administrador enfrenta o desafio do lazer 138
Resultados positivos da recreação organizada 140
Vantagens da prática regular da recreação 141
Programas oferecidos por instituições 141
Iniciativas de particulares 142
A exploração comercial do lazer 143
Crítica às diversões comerciais 144
Esporte popular e profissionalização do jogador 145
O futebol como espetáculo 146
Atletas amadores ou profissionais? 148

- O estrelismo nas atividades de lazer 149
- Aspectos positivos das diversões comerciais 150
- O papel dos poderes públicos na recreação 151
- Medidas que competem ao Governo 151
- Ação conjugada das diferentes esferas 151
- Providências governamentais 152
- Exemplos de iniciativas bem sucedidas 154
- 11. *Uma solução a curto prazo: mobilizar os recursos da comunidade* 160
 - Elementos básicos do planejamento 161
 - Providências fundamentais 161
 - Outras providências 162
 - Planejamento a longo prazo 165
 - O papel do recreador 166
 - A participação da comunidade toda 166
 - A programação — princípios gerais de planejamento e execução 168
 - Fatores básicos a considerar na programação 171
 - Atividades mais comuns nos programas de recreação 171
- 12. *Recreação e planejamento urbano* 178
 - Um crescimento rápido e indisciplinado 178
 - O planejamento para uma vida melhor 180
 - O crescimento urbano no Brasil — um fenômeno recente 182
 - A expansão da rede urbana 185
 - Um crescimento desigual 187
 - Notas sobre o planejamento urbano em nosso País 189
 - Experiências de planejamento urbano no século XIX 191
 - O problema no século XX 192
 - Uma capital especialmente planejada 192
 - Um plano de recreação para uma cidade nova 194
 - Princípios básicos do planejamento urbano para a recreação 195
 - Instalações para recreação nos conjuntos residenciais 199
 - Áreas e acomodações para recreação em cidades antigas 202
 - A organização do espaço 203

- Áreas e acomodações para recreação na cidade do Rio de Janeiro 205
- Um grande porto 207
- A capital do Vice-Reino 208
- Melhoramentos urbanos 209
- A transmigração da família real 210
- O município neutro 210
- O Distrito Federal 212
- Planos para disciplinar o crescimento 213
- O Estado da Guanabara 215
- O Plano Doxiadis 215
- O crescimento para o sul 218
- Normas para orientar o crescimento 219
- Um novo estado 220
13. O *Parque do Flamengo: um milhão de metros quadrados para recreio* 221
- O projeto inicial 221
- Diretrizes específicas para o planejamento das unidades de recreação 224
- Sugestões e especificações para o equipamento 231
- Uma lista de opções 235
- O parque em funcionamento 237

BIBLIOGRAFIA 241

ÍNDICE ANALÍTICO 245

**O LAZER NO
PLANEJAMENTO URBANO**

**O PROBLEMA: A EXPANSÃO DO LAZER
NA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL**

A IMPORTÂNCIA DO LAZER

"De que vale a tua vida, se, em meio à lida,
 não achas tempo para te deteres e te pões a contemplar,
 Tempo de sob a ramada te deitares e, como as vacas e as ovelhas,
 longas horas ficares a fitar,
 Tempo para à luz do dia poderes enxergar
 rios cheios de estrelas, como um céu a cintilar,
 Tempo de teus olhos volveres para uma beleza a despontar
 e apreciares como há pés que sabem dançar,
 Tempo de esperares uma boca terminar
 o riso que uns olhos começaram a esboçar.
 Afinal, que pobre vida é essa tua, se, sempre em meio à lida,
 não achas tempo para te deteres e te pões a contemplar."

William Henry Davies ¹

De início, convém esclarecer o sentido de lazer, que conceituamos como o espaço de tempo não comprometido, do qual podemos dispor livremente, porque já cumprimos nossas obrigações de trabalho e de vida.

Tão imperiosa é a necessidade de dispor de algum tempo livre, que o próprio Criador, ao terminar a Sua obra, descansou e ordenou que todos, sem distinção de classe, guardassem o sábado (palavra oriunda de *shabbath*, dia de descanso em hebraico). Por Lhe parecer fundamental este repouso, ordenou ao homem: "trabalharás seis dias e farás neles tudo o que tens para fazer. O sétimo dia, porém, é o dia do descanso consagrado ao Senhor teu Deus. Não farás nesse dia obra alguma, nem tu, nem teu filho, nem o teu escravo..." ² Preocupado com a obediência ao preceito, recomendou: "tende grande cuidado de observar o meu sábado, porque este é o sinal que eu estabeleci entre mim e vós, e que deve passar depois de vós a vossos filhos", continuando por advertir: "aquele que o violar será castigado com a morte. Se algum trabalhar neste dia, perecerá no meio do seu povo". ³

Desde então, sempre se têm voltado os homens para o tempo de folga que lhes resta, depois de atendidas as necessi-

¹ Davies, William H. Leisure. Trad. livre da autora. In: Maugham, W. Somerset. *Introduction to modern English and American literature*. Philadelphia, New Home Library. 1943. p. 415.

² Bíblia Sagrada. Trad. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro, Ed. Barsa, 1966. Ex., XX. 9-10.

³ Id., Ex., XXXI, 13-14.

dades de sobrevivência e cumpridas as obrigações. Entretanto, cada qual o preenche a seu modo, de acordo com um estilo de vida pessoal e segundo os costumes do grupo a que pertence. A própria origem da palavra *lazer* patenteia esta variedade de opções: vem do latim *licere*, ser permitido, isto é, ser lícito escolher a maneira de aproveitar o tempo disponível.

Conseqüentemente, estende-se muito o campo abrangido pelo lazer, como a simples observação dos entretenimentos das pessoas com quem convivemos pode evidenciar. Enquanto algumas preferem repousar aos domingos, a outras parece melhor comer, fazer visitas, ir ao cinema, ao estádio ou ao teatro. Divertem-se muitas com o rádio, a televisão ou o jornal, ao passo que menor número se volta para a prática de esportes, jardinagem ou trabalhos manuais. Há, ainda, quem busque ocupações como filatelia, numismática, fotografia, poesia ou música instrumental.

Porque estão a salvo das pressões do mundo de trabalho e de várias outras sanções sociais (que sempre afetam as nossas escolhas), tais preferências refletem com clareza as diferenças individuais. Daí o empenho dos *psicólogos* em investigá-las, para melhor compreender a motivação dos indivíduos. Conforme salienta um dos seus representantes — Gordon Allport — "a melhor chave para se penetrar numa personalidade é a hierarquia dos interesses de um indivíduo... Quando conhecemos a *ordo amoris* de alguém, então, sim, nós conhecemos tal pessoa".⁴

Contudo, tais preferências não se subordinam exclusivamente a atitudes pessoais, pois que o homem vive em sociedade. Além de traduzir os atributos dominantes de cada personalidade, revelam os moldes de comportamento que o próprio grupo cultural valoriza. Então este prefere o futebol, aquele o beisebol e outro o golfe, embora estejam todos a praticar esportes; distrai-se um com o cavaquinho, outro com a cítara e outro mais com a guitarra elétrica, não obstante tenham os três igual encanto pela música; fato análogo ocorre nas artes plásticas, na literatura e nas demais ocupações do lazer. Eis por que, denunciando a filosofia de vida de cada sociedade, a utilização do tempo vago passou também a atrair a atenção de *sociólogos* e *antropólogos*.

Um terceiro ângulo ao encarar o uso da folga é o da repercussão de tais escolhas na ordem social e da conseqüente importância de bem orientá-las. Porque, juntamente com a oportunidade de ser livre, cada pessoa (ou grupo) também

⁴ Allport, Gordon. *Basic considerations for a psychology of personality*. New Haven, Yale Univ. Press, 1955. p. 29.

desfruta no seu vagar da possibilidade de destruir essa tão sonhada liberdade, interessam-se educadores e administradores pela boa utilização das horas de folga. Percebem que não é suficiente ao homem conseguir mais lazer para si nem basta à sociedade garantir aos seus membros domingos e férias remunerados. Sabem que não podem confiar apenas à tradição o ensino das formas de ocupar o tempo de sobra, porque as mudanças sociais ora se vêm acelerando muito e a vida está a sofrer profundas alterações. Admitem como sua a responsabilidade de cuidar que o tempo disponível seja utilizado não apenas de maneira prazerosa para cada cidadão, porém de modo construtivo para a sociedade. Porque ocupam posição de liderança e reconhecem como seu dever cuidar que os interesses pessoais sejam atendidos, dentro de clima social salutar, promovem medidas destinadas a transformar o lazer em *força social positiva*.

Todas estas considerações ganharam vulto nos nossos dias, de vez que o tempo livre está a aumentar, a vida vem tendo a sua duração prolongada e o trabalho solicita menos o espírito criador do indivíduo (sendo feito ainda em condições que desencadeiam maior tensão emocional). Além disto, a população do globo cresce assustadoramente e os meios de comunicação de massa envolvem as pessoas num emaranhado de estímulos, que as deixa confusas e exauridas.

Um planejamento para o lazer

Conscientes destes problemas, que as aglomerações urbanas só tendem a acentuar, administradores e educadores preocupam-se em planejar e promover numerosas atividades com que ocupar o tempo livre. Geralmente voltam os seus esforços para as seguintes metas, básicas à consecução dos fins acima apontados:

— criação e desenvolvimento da infra-estrutura material necessária à prática satisfatória de diversos tipos de atividades desinteressadas (jardins, parques, campos de esportes, balneários, teatros, bibliotecas, salas de música etc.);

— educação sistemática para o bom aproveitamento do lazer, com especial atenção ao desenvolvimento precoce de atitudes favoráveis à participação de fato em atividades recreativas, pela consciência do seu valor para o indivíduo e da sua contribuição ao bem-estar social; e

— preparação de orientadores capazes de estimular, levar avante e coordenar programas de recreação organizada, den-

tro da comunidade, em obediência a uma filosofia explícita de aproveitamento das horas de folga.

Esta monografia tem por objeto esboçar as bases e sugerir diretrizes para tal trabalho do administrador, particularmente no que diz respeito ao favorecimento do uso adequado do lazer nos centros urbanos.

O LAZER ATRAVÉS DOS TEMPOS: BÊNÇÃO OU MALDIÇÃO?

"Tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e pô-lo no paraíso das delícias para o hortar e guardar". *Gênesis*⁵

"A terra será maldita por causa da tua obra: tirarás dela o teu sustento à força de trabalho". *Gênesis*⁶

"Considerai como crescem os lírios do campo. Não trabalham nem fiam. Entretanto vos digo que nem Salomão, com toda a sua glória, se vestiu como um deles". *São Mateus*⁷

"Otia omnia vitia parit". *Provérbio latino.*

"A mente vazia é oficina de Satanás." *Dito popular.*

No correr dos séculos, o lazer tem sido encarado de maneira contraditória, ora representando tempo a fruir, ora vazio perigoso a evitar. No início, vivia o homem no *lugar de delícias*, mas dele foi expulso por desobediência, precisando a partir daí cultivar arduamente a terra, para obter o seu pão. Ainda assim, o Senhor lhe prescreveu: "trabalharás seis dias; ao sétimo dia descansarás para que descanse teu boi e teu jumento e [para que] o filho da tua escrava e o estrangeiro tenham algum alívio". Até o ano sétimo era o "sábado na terra, consagrado à honra do descanso do Senhor", não se devendo semear os campos, para que repousassem.⁸ Tais recomendações eram reforçadas em outras passagens, que apontavam ainda punições para quem as desatendesse.

Notícia histórica

Nas sociedades primitivas, haveria de ser difícil firmar a distinção entre lazer e trabalho. Cada indivíduo partilhava naturalmente de ambos, contribuindo para as tarefas comuns, de acordo com o costume e segundo os ritos e mistérios. À noite, congregava-se o grupo em torno do fogo, para cantar, dançar (ou simplesmente marcar o ritmo), relatando-se feitos e episódios, de modo a garantir a preservação da cultura. Até

⁵ Bíblia Sagrada. Op. cit., Gen., II, 15.

⁶ Id., Gen. III, 17.

⁷ Id., Mt., VI, 28.

⁸ Id., Ex., XXIII, 12 e Lev., XXV, 3.

hoje, vêem-se reuniões semelhantes entre os nossos índios ou no seio de outros primitivos, como certos grupos da Austrália, que nos *corroborees*, com as suas danças simbólicas, celebram regularmente os principais acontecimentos da tribo.

No período *pré-clássico*, a ampla disponibilidade de trabalho escravo proporcionava aos membros das classes detentoras do poder — sacerdotes e nobres — copiosas horas de folga. Eram em geral consagradas a esportes, lutas, músicas e festivais. Identificava-se então o lazer com um *privilegio* das camadas da elite, que o preenchiam com ocupações ditas nobres, como a caça, os debates e as artes. Nos túmulos egípcios punham-se ao lado das múmias as suas armas e instrumentos musicais, num atestado da importância perene de tais objetos. No mesmo povo, as danças eram apreciadas; havia grandes orquestras e coros, atribuindo-se ao teatro fins educativos. Entretanto, as camadas sociais inferiores dispunham de pouco vagar, pois delas dependiam o artesanato e o comércio, cabendo aos escravos as tarefas mais árduas.

Os homens livres da Grécia desfrutavam de abundante lazer, para o que contavam com o beneplácito dos deuses, de vez que nem Apolo permanecia sempre ocupado — “*neque semper arcum tendit Apollo*” — Horácio (*Odes*, II, X; 19). A própria mitologia está pontilhada de festas, celebrações, alegres caçadas, bosques para repouso, cantores e seus instrumentos musicais, além de deuses brincalhões, que se divertem pregando peças nos mortais. É que o número avultado de servos (cinco ou seis para cada cidadão) facilitava o cultivo de interesses variados, podendo os cidadãos ir à praça discutir problemas de guerra e paz, assistir a peças de teatro, participar de debates filosóficos, apreciar solos instrumentais, entregar-se à natação ou praticar exercícios físicos no ginásio. Em Atenas, o labor era entregue aos escravos, pois que os homens livres precisavam de tempo para cuidar da defesa da cidade e lhe vigiar a administração, nisto consumindo todas as forças. Na Lacedemônia, as próprias mulheres fugiam a trabalhos como fiar ou tecer, para não ver reduzida a sua nobreza. (Lembremos, a propósito, o nosso conto popular das três fiandeiras, exemplo das deformidades causadas pela sua tarefa, bastando olhá-las para a repudiar.) Bem expressiva desta mentalidade é a conhecida queixa de Xenofonte — “o trabalho toma todo o nosso tempo e nem deixa lazer para a República ou para os amigos”...

Os grandes filósofos gregos, homens de vasta cultura e defensores da liberdade, paradoxalmente justificavam a escravidão, porque permitia lazer aos cidadãos. Quatro séculos antes de Cristo, Aristóteles afirmava que o objetivo da educação

era o uso adequado do lazer (*scholé*), pois que os homens não só deveriam "ser capazes de trabalhar bem, mas ainda de saber usar a folga". Declarava que "o primeiro princípio de toda ação é o lazer. Se o trabalho e o lazer são ambos necessários, o lazer é sem dúvida preferível ao trabalho e geralmente é preciso procurar o que se deve fazer para aproveitá-lo", não bastando para tanto os prazeres. Segundo ele, "parece que existe no próprio descanso uma espécie de prazer, felicidade e encanto, unidos à vida, mas que se encontra somente nos homens livres de todo trabalho e não nos que se acham ocupados".⁹

Em Roma, caberia a Cícero assinalar a importância de gozar o ócio com dignidade e a Horácio aconselhar o aproveitamento de cada dia, por ser curta a vida — "*carpe diem*". Enquanto isso, Virgílio proclamava a predileção das musas por atitudinalmente essencialmente lúdica como o desafio cantado — "*amant alterna Camenae*", encarando o lazer como presente divino — "*Deus nobis haec otia fecit*". (*Écloga*, III, 59 e I, 6). Era fácil então aos poderosos conquistar mais servos, com a ajuda das hostes romanas e, assim, dispor de vagar. Recordemos, ainda, a expressão *trabalho servil* e o vultoso número de dias *nefasti*, isto é, nos quais, por preceito divino não se devia trabalhar. *Feriado* é outro vocábulo que nos veio desta época de abundância (na qual se dispunha até de escravos instruídos para educar as crianças). Originou-se de *feria*, em latim, dia de festa, de alegria.

Quanto às brincadeiras das crianças, conta Juvenal (século I d.C.) que armavam casinhas, atrelavam camundongos a carrinhos, disputavam par e ímpar e gostavam de cavalgar varas compridas — "*aedificare casa, plostello adiungere mures, ludere par impar et equitare in harundine longa*". Já Macroúbio (século V) menciona o jogo de cara-ou-coroa — *navia aut capita*, vindo também até nós a notícia da popularidade das brincadeiras de cabra-cega — *murinda*, de cavalgar nos ombros dos companheiros — *umeris vectare* — e de adivinhar o número de dedos que o contendor iria estender, chegada a sua vez — *micatio*.

Os costumes de então refletiam a ampla disponibilidade de escravos, o gosto pelo luxo (que o poderio econômico instigava) e o farto lazer. Uma vila romana elegante dispunha de acomodações para banho bem superiores às atuais, não obstante o conforto dos nossos dias. Incluía um quarto para suadouro e outro para massagem, tanque para banho frio de

⁹ Aristóteles. *Política*. 3 ed. trad. de Silveira Chaves. São Paulo, Atena, s.d., liv. V, cap. 11, § 4-5, p. 185.

imersão e compartimento tépido onde o senhor se enxugava devagar, reclinado em divã, enquanto contemplava afrescos ou conversava com amigos. E não somente nas casas particulares eram tantas as comodidades; banhos públicos e termas tinham instalações caprichosas. Já dois séculos antes da idade cristã, Catão, o censor, combatia o luxo e a corrupção dos costumes, enquanto Sêneca reclamava no início desta era: "a tal luxo chegamos, que ficamos insatisfeitos quando não pisamos em gemas nos nossos banhos!" Além do mais, eram estes numerosos, pois, segundo Públio Vitor, chegaram a funcionar em Roma 856 termas (públicas e particulares).

Havia ainda os gladiadores, treinados em escolas a fim de melhor divertirem, com os seus combates, a multidão que afluía ao Circo Máximo. Só nas festas pelo advento de Trajano, dez mil homens lutaram nas arenas de Roma, para entreter o povo. Divertimento a que se dedicava muito tempo eram as corridas de biga, que atraíam verdadeira massa ao campo de Marte. Em suma, as diversões eram múltiplas e o conforto amplo para os membros das classes dominantes.

Há que lembrar, também, a primeira biblioteca pública dos romanos, datada de 39 a.C., cabendo mais tarde ao próprio Augusto criar a Biblioteca Palatina e proteger ciências e artes. Mas a educação escolar, de sentido prático, era severa (com varadas e castigos), ministrada juntamente com o ensino cívico e moral. A par da instrução intelectual, compreendia lições de jogos atléticos, natação, música e manejo de armas.

A este período, porém, seguiu-se um de declínio e desordem militar, ocorrendo a divisão do Império e seu progressivo enfraquecimento. Na fase que sucedeu à queda e à desintegração do império romano, aceleradas pelas invasões dos bárbaros, o lazer viu-se reduzido em extensão e transformado em tempo a ser dedicado ao aperfeiçoamento da alma. O cristianismo combatia os espetáculos pagãos das lutas com feras ou entre gladiadores (finalmente abolidos no século V), opondo-se aos festins e banquetes. Segundo São Jerônimo (século IV), até as crianças precisavam ficar ocupadas sem cessar, devendo as meninas fiar lã e tecer com agulhas, para descanso dos estudos. Nem instrumentos musicais poderiam escutar, convindo a Paula nunca ouvir um instrumento. Isto porque "ita anima christiana ludat et ludus ipse eruditio sit", isto é, recreie-se o cristão de forma tal que o próprio divertimento seja construtivo. (*Epístola II, ad. Laetam.*)

Um dos oito vícios principais que então acometiam o homem, dele exigindo incessante combate, era a *acidia* (indiferença, em grego). Conforme assinala Aldous Huxley (*On the margin: notes and essays*), tal defeito, de frouxidão e

inércia, era provocado pelo mesmo espírito maligno — *daemon meridianus* — que se deleitava em assaltar os cenobitas da Tebaida. Quando o sol estava a pino e o calor era opressivo, fazia-os sentir a vida vazia, demasiado longa e sem esperança, neles avolumando o *taedium cordis*.

Na *Idade Média*, dominada pela organização social e política do feudalismo, dependia a vida da proteção oferecida por alguma coletividade. Procuravam por isto os indivíduos filiar-se a um suserano, a um mosteiro ou a uma corporação de ofício. Embora tivesse sido abolida, a escravidão persistia sob forma mitigada, baseando-se as relações de trabalho no direito do proprietário da terra. As possibilidades de lazer subordinavam-se à classe social de cada pessoa, ao critério do senhor e às exigências da associação a que se pertencia (pois, além do servo da gleba havia o artesão). Ademais disto, o horário do sol limitava o dia útil, de vez que a luz artificial era precária, quando não perigosa. As próprias corporações proibiam o trabalho fora das horas de luz natural, embora, em contrapartida, desencorajassem o uso de máquinas (a fim de evitar o desemprego).

Ainda no século XII, entre os princípios a que a Igreja mandava o cavaleiro obedecer estava desprezar o repouso e amar o sofrimento. Cervantes iria satirizar tais modelos de conduta, ao relatar a vida do cavaleiro da Mancha, "luz y espejo de toda la caballeria andante", a quem melhor parecia velar que dormir, pois considerava o seu "descanso el pelear". Segundo o denodado cavaleiro, "el buen paso, el regalo y el reposo allá se inventó para los blandos cortesanos; mas el trabajo, la inquietud y las armas solo se inventaran e hicieron para aquellos que el mundo llama caballeros andantes".¹⁰

Não obstante, ascendiam nesse período os dias santos e feriados a mais de um cento, do que resultava bastante tempo livre. Entretanto, uma atitude religiosa, de predomínio do interesse pela vida extraterrena, coloria a utilização do lazer. Assim, deixando de lado o realismo e a própria natureza, cultivados pelos gregos, preocupava-se agora a pintura em decorar a casa do Senhor. Cuidava de dar aos fiéis uma idéia do Paraíso, da Virgem e dos santos, que os próprios pintores jamais haviam visto. Tal arte partia de abstrações, para concretizar-se em imagens, amplamente servidas por símbolos, muitos deles realçados por cores e dourados (como tão extraordinariamente conseguiria Cimabué, no século XIII). Tal

¹⁰ Cervantes Saavedra, Miguel de. *El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha*. New York, Jackson, s.d., p. xii, 12 e 96.

cunho simbólico manifestava-se ainda nos mosaicos bizantinos, aperfeiçoando-se a pintura com as técnicas delicadas do afresco e da iluminura (esta mais executada pelos monges). Quanto à arte dramática não havia teatros mas se representavam peças religiosas nas igrejas e em praça pública, com boa concorrência.

Não obstante tantas restrições, desta época de autoprivação veneração à justiça e culto do amor (de Deus e das damas), ficaram-nos, como fermas duradouras de usar o tempo livre, além das artes já mencionadas: as trovas, cantadas por jograis e menestrelis, freqüentemente ao som de harpa; as canções de gesta, obras-primas de poesia épica; muitas danças regionais; os grandes romances da Cavalaria; os torneios e as justas; a caça ao falcão; vários jogos de dados; o hipismo; a esgrima; o tiro ao arco; e as ruidosas feiras populares.

No século XIV, o teatro, que era antes pouco cultivado, começaria a merecer interesse, realizando-se ainda ao ar livre, mas com a participação da população inteira. Fazia-se em geral em frente à igreja ou num largo, sendo particularmente apreciados os números de fantoches (como nos conta Cervantes). Espicaçada a curiosidade intelectual pela redescoberta de textos antigos, renascia o interesse pelas línguas e literatura clássicas, ressurgindo o ideal grego de educação liberal. Mais tarde, as grandes invenções — a aplicação da pólvora à artilharia, o aperfeiçoamento da bússola e do astrolábio, bem como a imprensa — abririam novos horizontes ao homem, que já ampliava o seu mundo com ousadas navegações.

Assim na Renascença voltavam a prosperar artes, letras, ciências e o culto do individualismo. A civilização italiana, por exemplo, que no século XIII havia sido religiosa e moral, tornava-se nos séculos XIV e XV artística, literária, filosófica e científica. Se os artistas da Idade Média, com suas imagens e mosaicos, tinham feito Deus descer à Terra, os renascentistas tentavam elevar a Ele o homem, ocupando-se deste último com entusiasmo. Voltava por isto o corpo a merecer atenções. Rabelais, por exemplo, advogava que se entremeassem as lições de leitura com ginástica, jogos de bola, equitação, luta e natação. Para completar a educação dos jovens, recomendava a contemplação da paisagem e do céu estrelado, canto, música e visitas a artistas.

Despertadas do seu sono, as alegrias da vida pastoral e das artes ganhavam apreciação na literatura, além de lugar importante nas festividades públicas. Rompendo com as tradições medievais populares, tentava o teatro imitar os modelos clássicos. No século XVI surgiria na Espanha o primeiro teatro

nacional, nele se destacando Lope de Vega. No século seguinte, dominaria os palcos europeus a *Commedia dell'Arte*, italiana, com seus tipos regionais e textos improvisados. Entretanto, não foi o teatro — e sim a pintura — a arte que mais floresceu nesta fase, seguindo-a de perto a arquitetura e escultura.

Com o estado de espírito dominante, retomava o lazer o seu lugar de prestígio, já que não mais se devia buscar a felicidade na vida pós-morte. Novamente se podia dar expressão à alegria de viver, apenas redescoberta. Refinavam-se por isto os prazeres, tornando-se mais polidos os jogos e esportes. A tal ponto, porém, foi o arroubo, que ainda no século XV o dominicano Savonarola precisou exortar ao arrependimento pela falta de temor a Deus e pela "alegria por coisas não sagradas".

Nesse ínterim, a controvérsia religiosa, iniciada por Erasmo e liderada por Lutero, desencadeava no norte da Europa o reacendimento do espírito religioso e dos preconceitos contra as artes. O período da *Reforma* foi pontilhado de intolerância de parte a parte, dissensões, perseguições, queima de bruxas, fanatismo e lutas (séculos XVI e XVII). Se bem que Lutero aprovasse a recreação como arma para combater a delinquência, passara o lazer a significar algo terrivelmente sujeito ao pecado, instigado pelas "pompas e vaidades deste mundo mau". Louvavam-se diligência e aplicação constantes, tendo Calvino mandado fechar as casas de diversão e proibido as festas populares.

O perigo da acídia continuava a rondar os homens, tendo agora minuciosamente descritos os seus sintomas por Robert Burton (*Anatomy of melancholy*). Encarando-a como doença — *spleen* — recomendava para a sua cura dieta moderada, riso, leitura e companhia de moças simples, além da abstenção de bebidas e festas. Constituía verdadeiro castigo, pois "se havia inferno sobre a terra, achava-se no coração de um homem melancólico".

Atravessava o mundo, a esse tempo, uma fase de disputa pelo poder, de lutas sobre o direito divino dos reis. Os povos tentavam realizar o seu destino como nações, erguendo-se grandes impérios. Os preconceitos contra a investigação científica iam perdendo terreno e os homens já podiam dedicar mais tempo à observação, à experimentação, à matemática, à física e à química. Destarte, foi-se logrando concretizar a idéia da máquina a vapor, descrita já dois séculos antes de Cristo por Heron de Alexandria (*Pneumática*). Após uma série de tentativas — Della Porta, Savery, Papin e outros — chegou Watt, em 1781, a um tipo realmente prático, desencadeando o

início de nova era. Junto com as máquinas de tecer, então instaladas, veio esta força motriz precipitar a renovação econômica e social do século XVIII. Por sua vez, a expansão da indústria metalúrgica, pela utilização do coque, tornou possível ampliar e aperfeiçoar os meios de transporte. Todos estes elementos afetaram intimamente a vida do homem, chegando a provocar verdadeira revolução nos seus costumes.

O lazer no Brasil Colônia

Contudo, tais mudanças levariam muito tempo para chegar ao Brasil, onde a vida transcorria morna e lenta, sob o domínio português. As comunicações com o exterior eram difíceis e demoradas. De início, consumia um ano a troca de cartas entre a Colônia e a Metrópole: seis meses para ir e outros tantos para voltar. Por causa dos piratas, organizavam-se comboios de dezenas de navios, escoltados por belonaves, o que custava tempo e dinheiro.

Logo ao chegar, encontrara o descobridor grupos de primitivos, cujo gosto artístico transparecia na arte plumária, nas tatuagens, na decoração de armas e de instrumentos musicais (como tacapes e maracás) e na ornamentação de vasos e utensílios. (Tão requintada é a cerâmica de Marajó e Santarém, que mais parece obra de grupo adiantado.)

Segundo os cronistas da primeira época, merecia o canto grande estima dos indígenas, pois poupavam o inimigo aprisionado que se revelasse "bom cantor e inventor de trovas". Mas eram pobres as suas melodias, valendo mais pela intensidade do ritmo, sempre dominante, marcado com o auxílio de flautas, chocalhos, buzinas e tambores.

As danças eram muito apreciadas, sendo comuns as imitativas (de animais e totens), de caráter mímico e pantomímico. Havia ainda as que celebravam os principais acontecimentos da vida — nascimentos, casamentos, partida para a caça, colheita, morte etc. Certas tribos executavam também danças com máscaras, de sentido religioso. De modo geral, faziam-se todas em roda, associavam-se à beberagem e duravam dois ou três dias. Os dançarinos, que pintavam o corpo com tinta vermelha de urucu e azul de jenipapo, marcavam o compasso com tambores, maracás, bastões de ritmo e quizes pendurados aos próprios colares.

Fossem rituais ou guerreiras, as suas festas eram ruidosas, incluindo sempre canto e dança. A Jean de Léry agradou a música com que auxiliavam a magia e cultuavam os deuses, sendo ele o primeiro a registrá-la. Após uma festa religiosa, anotou no seu diário de viagem: "Ora, estas cerimônias tendo

assim durado cerca de duas horas, aqueles quinhentos ou seiscentos selvagens continuando sempre a dançar e cantar, surgiu uma tal melodia que, embora eles não soubessem o que é a arte da música, os que não os ouviram custariam a crer que se harmonizassem tão bem".¹¹

Este pendor musical foi aproveitado posteriormente pelo colonizador, que aos poucos logrou impor os seus modos de cantar e dançar. Para converter os selvagens, recorreu Anchieta à poesia e ao teatro, apoiados em canto e música, escrevendo autos em tupi, espanhol e português. Entretanto, outra influência viria marcar a nossa música — a do africano. Junto com a dança, ela representaria o principal derivativo do escravo no Brasil. Assim ganhamos o ritmo marcante do canto negro (de trabalho, feitiçaria e acalanto), das danças africanas (cateretê, lundu, candomblé, batuque, samba, coco) e dos seus bailados dramáticos (congos, maracatus, cucumbis). Até hoje os instrumentos africanos (atabaques, agogôs, puitas, berimbaus, marimbas) enriquecem o nosso folclore e subsistem várias das suas cerimônias entre nós, numa influência duradoura.

Ao elemento africano mestiçaram-se os europeus (principalmente o português e o espanhol), dando origem ao maxixe, ao samba, à polca brasileira e à marcha. Junto com a batucada, tais danças haveriam de empolgar os salões. Dominou, naturalmente, a contribuição lusa, que de resto se afirmou em todos os costumes. De Portugal nos vieram a guitarra (violão), a viola, o cavaquinho, a flauta e o piano, a modinha, o acalanto e o fado, as rodas infantis e as danças dramáticas (como os reisados e o bumba-meu-boi), além dos romances e xácaras (como a *Nau Catarineta*).

Bem depressa aqui se estabeleceu uma sociedade patriarcal e escravocrata. Como aproveitava o trabalho servil não só na lavoura mas também nas tarefas domésticas e atividades urbanas, havia folga abundante para os senhores. Conforme salienta Gilberto Freyre (*Casa grande e senzala*), a nossa colonização processou-se "aristocraticamente", já que o português aqui se fizera senhor de terras mais dilatadas e dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da América. Nessa sociedade agrária, o símbolo da aristocracia era um pequeno domínio autônomo, quase feudal — a casa grande — que à volta da morada principal reunia senzala, capela, cozinha e quarto de hóspedes. Para quem possuía tão vastos domínios e muitos servos, o lazer era copioso, embora mal

¹¹ Léry, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre Brésil, autrement dite Amérique*. Genève, 1611. p. 322.

utilizado, segundo nossos primeiros visitantes. Comentavam eles a frouxidão dos costumes, freqüentemente justificada com a tese de que "ultra aequinoctialem non peccavi".

Comenta Renato de Almeida que "a nossa sociedade colonial nunca foi aprimorada. Se houve no século XVI luxo extremo nas casas dos nobres, em pouco a necessidade de ruralizar a vida e a mestiçagem acabaram com aqueles pruridos de ostentação e galas. Indo para as fazendas, os senhores lançaram os alicerces da sociedade brasileira numa vida monótona, ignorante e sem prazeres. Durante todo esse tempo, só a Igreja era centro social e de diversões, pois nela havia festas profanas com danças e representações".¹² Fora daí só algum festejo oficial ou as raras reuniões de família (chamadas *assembléias*), além de visitas aos domingos e algumas caçadas.

Quanto aos escravos, suas poucas oportunidades de diversão ercm, vez por outra, prestigiadas pelos amos. Do início do século XIX nos viria uma carta do último vice-rei, o conde dos Arcos, recomendando aos senhores que, em lugar de combater, estimulassem música e dança aos sábados na senzala.

Grandes festas

As maiores celebrações religiosas apresentavam à época duas feições: de um lado a cerimônia solene a que compareciam os fiéis, levando *ex-votos* e *promessas*; do outro as diversões do adro, como barraquinhas, leilão de prendas, comes e bebes, foguetórios, desafios cantados, jogos e dança. Como diz Luís Edmundo, "suprindo, muita vez, a ação do Estado, vamos encontrar a Igreja do Brasil colonial como uma espécie de empresária das alegrias do povo". Encorajava ela as ocasiões "de recreio e folia, onde o homem se deleitasse, sempre com o pensamento em Deus". Cita, a propósito, as repetidas procissões, pitorescas e divertidas", com "préstitos intermináveis, com músicas alegres, com danças, alegorias pagãs e até máscaras". No Rio sobressaíam as de *Corpus Christi* pela solenidade e a da Glória pela animação. Além do mais, "a Mitra sempre animou e protegeu os festejos de rua, que de qualquer forma tivessem significação religiosa, como as congadas, os reisados, o Império do Espírito Santo e a Serração da Velha".¹³

¹² Almeida Renato de. *História da música brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1942. p. 152.

¹³ Edmundo, Luís. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*. 3. ed. Rio de Janeiro, Aurora, 1951. p. 172-73.

Trazida de Portugal, realizava-se esta última no vigésimo dia da Quaresma, quando as famílias preparavam iguarias especiais. Pelas ruas saíam bandos de foliões, acompanhados de música, a puxar um estrado apoiado em rodas, sobre o qual se erguia uma pipa. Nela, diziam, escondia-se a velha condenada ao serrote, brandido por alguém do grupo. O que interessava, porém, era encher o barril de comezainas, pedidas nas casas por onde passava o ruidoso cortejo. Terminada a passeata, distribuíam-se pela comitiva os comes e bebes arrecadados, entrando depois no barril, a fazer de vítima da serração, um dos foliões.

Outra atração popular eram as *congadas* (na Bahia chamadas *cucumbis*). Começavam tais folias, de origem africana, com a aparatosa coroação do rei negro na igreja. A seguir desfilavam pelas ruas o rei e a rainha, acompanhados de séquito e banda, todos vestidos com luxo. Carregados em andores pela turba que cantava e dançava, iam até o largo principal, onde representavam perante uma autoridade o seu drama coreográfico, entremeado por versos, canto em coro e música. Findo o bailado, voltava o préstito a percorrer jubilosamente o centro.

Boas oportunidades de alegre congraçamento surgiam ainda durante os festejos em homenagem a São Gonçalo (santo violeiro e casamenteiro) e aos santos juninos (Santo Antônio, São João e São Pedro). Mas era na capital dos vice-reis que se desenvolviam as mais animadas celebrações de rua. Para comemorar datas do calendário real, "davam-se ao povo" grandes festas, ruidosamente anunciadas pelas esquinas por cavaleiros, não raro mascarados. Seu programa compreendia "embandeiramentos, *Te-Deum*, beija-mão, procissão, touradas, cavahadas, outeiros, ópera, luminárias... Festas para durar seis dias".¹⁴ Outros festejos oficiais marcavam a posse de autoridades. Então, preparado o anfiteatro em terreno amplo, nele se armavam vistosos camarotes de madeira, para senhores e governantes, além de bancadas para o povo. As filarmônicas cedidas pelas corporações de ofício dispunham de acomodações especiais, servindo a vasta arena de palco para o desfile de carros alegóricos, bailados, corridas de touros e disputas a cavalo. Vinham sempre as *alegorias* em carros enormes, oferta de algum ofício, cada qual seguido por seu conjunto de bailarinos. Já as *cavahadas* apresentavam lances dramáticos: em galope vistoso, defrontavam-se dois grupos de cavaleiros, vestidos de cores contrastantes, buscando

¹⁴ Edmundo, Luís. Op. cit., p. 120.

cada qual superar o outro em rapidez e destreza. Após as primeiras manobras e figurações de conjunto, começavam os jogos, muito variados. Ora deviam os cavaleiros fisgar com a lança quantas cabeças de massa pudessem, das que estavam fincadas ao chão, ora precisavam derrubar com tiros de pistola as colocadas no alto de plintos.

No *jogo do estafermo* cabia aos cavaleiros acometer com a lança avantajado boneco (munido de escudo e longo chicote), o qual ficava bem aprumado no centro da arena. No *jogo das argolinhas* e no dos *pombos*, quem arrebatasse com a lança tais prendas as devia entregar à sua dama. O mesmo faziam os cavaleiros que logravam arrebatat combuquinhas de barro (*alcanzias*), cheias de flores ou fitas. Após o *desafio das canas-de-açúcar*, que precisavam ser decepadas de uma só espadada, vinha o grande final — o combate simulado entre mouros e cristãos. Como sempre, o espetáculo terminava com música e demonstrações de pirotecnia, arte ensinada e divulgada pelos jesuítas.

As *touradas*, oriundas da península ibérica, sofriam adaptações, porém continuavam com o mesmo objetivo — exibição de audácia e agilidade. Complementavam-nas por vezes *topadas* ou *vaquejadas*, de sabor bem local, onde os homens do campo revelavam sua perícia. À noite, faziam-se *encamisadas*, simulacros de assalto por combatentes vestidos de camisolões brancos. Ficou célebre, por sinal, a festa de touros realizada ao empossar-se o Marquês do Lavradio em 1769, quando fogos e luminárias (obrigatoriamente postas às janelas das casas) animaram a capital. Para alegrar a gente alter-naram-se então três dias de ópera com três de outeiro (*desafio poético* no pátio dos conventos).

Associado aos festejos oficiais estava sempre o teatro, encenado em palco improvisado, em praça ou rua de algum grande centro. Ao nascer o príncipe da Beira, por exemplo, "deram-se ao povo" em 1762 três óperas, apresentadas em palanque erguido junto à casa dos governadores, no Rio, então profusamente iluminado. Embora durante longo tempo tais dramatizações ao ar livre continuassem a integrar as festas públicas, já na primeira metade do século XVIII funcionavam *casas de ópera* no Rio (do padre Ventura), em Salvador e em Belém. À mesma época havia teatros em Vila Rica, São Paulo, Recife e no Porto do Viamão (hoje Porto Alegre), onde se representavam comédias e dramas, entremeados por concertos instrumentais. Achava-se até em cena uma peça de Antônio José (*o Judeu*) na *casa do padre Ventura*, em 1776, quando o fogo a devorou. Tão apreciado era o teatro, que após a

execução de Tiradentes, mal lavado o sangue, ali mesmo o governo encenou o *Casamento à força*, visando dissipar a tristeza reinante.

Para substituir a sala incendiada, instalou-se na capital a *Casa de Manuel Luís*, com muito luxo, a qual constituiria a diversão mais elegante até a vinda de D. João. Relembrem-se também as companhias de fantoches, umas fixas (a se exibir em sala especial ou porta de casa) e outras ambulantes (a correr feiras, ruas movimentadas e adros de igreja em dias de festa).

Dentre as grandes comemorações religiosas sobressaía a festa do *Divino Espírito Santo*. Segundo Melo Morais Filho (que a registraria muito depois, preocupado com o esquecimento das tradições), meses antes da festa, "por vales e serras, por estradas e povoados ... garridos foliões dispersavam-se em bandos" no interior das províncias, a angariar donativos para as celebrações. Já no domingo de Páscoa, saíam 'em bandeiras', compostas cada qual de um terno de rapazes ..., vestidos de branco, com jaquetas enfeitadas de laçarotes de fitas".¹⁵ À frente ia o alferes, a carregar o estandarte do Divino, de seda rebordada. Cabia-lhe parlamentar com os devotos, para obter o máximo em prendas e dinheiro, sendo a turma rumorosamente engrossada por tocadores de ferrinhos, pandeiros, pratos, tambores e violas. Seguiam-nos animais de carga, para conduzir as dádivas, promessas ou prendas coletadas. Assim viajavam os foliões dias inteiros, pedindo pousada aqui e ali, chegando por vezes à freguesia, a fim de fazer entrega das esmolas e outras ofertas, que eram vendidas para as despesas da celebração.

Dias antes da festa, prestavam-se as últimas contas e se erguam, num ponto central do povoado, o coreto para a música, o palanque para o leilão e o tablado para o imperador (eleito havia semanas). Já então começavam a chegar famílias em carros de boi,romeiros e peregrinos a cavalo, além de escravos a caminhar. Demandavam todos à matriz da vila, onde os foliões os recebiam com cantos e festas. À noite, acendiam-se no largo as fogueiras, o povo acorria à igreja e principiava o leilão de cartuchos-surpresa, roscas, pães-de-ló, segredos, marrecos, galinhas e o que mais havia. Enquanto os velhos subiam ao tablado, animava-se a música, principiando as danças dos jardineiros e dos alfaiates.

Junto à matriz, iluminada de alto a baixo, vinham tocar as músicas de barbeiros, compostas de escravos negros. Por ali,

¹⁵ Melo Morais Filho. *Festas e tradições populares do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1967. p. 71-77.

também, cravava-se o mastro, encimado por uma pomba de madeira prateada, flutuando um pouco abaixo a bandeira do Divino. Seguiu-se a coroaçõ solene do imperador, havendo ainda espetáculos em barracas armadas perto da igreja, cavalgada de circo de cavalinhos, venda de doces especiais pelas ruas e distribuiçõ de comida aos pobres (feita no último dia, após grande missa cantada). De manto e coroa, sentava-se o Imperador do Divino junto com a sua corte de monarcas no tablado chamado *Império*, de onde acompanhava o espoucar dos foguetes e o repicar dos sinos, tudo secundado pela música de barbeiros. Quanto a esta, como iria explicar Manuel Antônio de Almeida, "nada havia mais fácil de arranjar-se; meia dúzia de aprendizes ou oficiais de barbeiro, ordinariamente negros, armados, este com pistom desafiado, aquele com uma trompa diabolicamente rouca, formavam uma orquestra desconcertada, porém estrondosa".¹⁶ Para completar o quadro, "os foliões... misturavam aos sons da instrumentaçõ marcial o rufo acelerado dos tambores, os tinidos dos ferrinhos, o tropel das castanholas e o chocalhar dos pandeiros, que acompanhavam as suas cantigas".¹⁷

No dia do Espírito Santo havia cavalcadas, mas a festa atingia o auge à noite, com o combate de foguetes entre fortalezas e fragatas, armadas no largo. Para terminar, soltavam-se coprichosos fogos de artifício, tendo legendas e figurações.

Muito divertida era a festa de São João. Na véspera do seu dia, acendiam-se fogueiras, fincava-se o clássico mastro e se armava no altar da casa o trono do santo, onde ficava a sua imagem, deslumbrante de luzes e flores. Os violeiros cantavam, tiravam-se sortes e se faziam previsões sobre o futuro, enquanto os escravos batucavam à roda do fogo, assando carás, batatas, roletes de cana e espigas de milho, que iriam acompanhar a ceia. Lá fora balões e foguetes coloriam a noite.

No Natal, antes de imponente Missa do Galo, bailavam-se os autos da quadra — os *pastoris*, dançados e cantados diante do presépio, e as *cheganças de mouros*, representadas ao ar livre. Os festejos prolongavam-se por dias, recrudescendo na véspera de Reis, com serenatas de pastores e ajuntamento no pátio das igrejas. Organizavam-se "grupos de moças e rapazes... de distinção... de negros e pardos... de crioulos e mulatas", para percorrer a cidade, "cantando versos de memória e de longa data... Ao fogo de archotes, ao som das

¹⁶ Almeida, Manuel A. de. *Memórias de um sargento de milícias*. Rio de Janeiro, BUP, 1964. p. 84. [1852].

¹⁷ Melo Moraes Filho. Op. cit., p. 205.

flautas e violão, dos cavaquinhos e pandeiros, das cantorias e castanholas", dirigiam-se tais ranchos "ao presepe da Lapinha, às casas conhecidas" pelos seus festejos de Natal, ou "tiravam Reis ao acaso".¹⁸ Às famílias os acolhiam com comida e bebida, esperando em troca que tocassem e cantassem para louvar o Deus Menino. Como aponta Gilberto Freyre, reisados e pastoris costumavam representar nos engenhos momentos de confraternização da fidalguia com a plebe.

Nos povoados renovavam-se no largo central, junto à matriz, as *cheganças* (em geral de mouros ou de marujos), enquanto nas casas encenavam-se *reisados*, autos entremeados de dança e cantos. Aquilo que a festa possuía "de mais popular em todo o norte do Brasil, e de mais nosso" era o *bumba-meu-boi*, "auto de caráter grotesco, em duas cenas, entremeadado de chulas, de diálogos patuscos e desempenhado por personagens extravagantes".¹⁹ Havia, ainda, as *janeiras*, cantadas para desejar feliz ano-novo em todas as províncias, como registra Sílvio Romero em *Cantos populares do Brasil* (XIV).

Festejo dos mais antigos e concorridos no Rio de Janeiro era o da Penha, de forte sabor lusitano. Compreendia decoração do arraial e lavagem da igreja para receber promessas, milagres (de cera, ouro ou prata), velas e painéis votivos, em meio a estrepitosa romaria. Como sempre, havia barracas de comida e bebida, cantoria, danças (cana-verde, chimarrita, fadinho etc.), desafios, violas e rabecas, foquetório e a cerimônia religiosa que encerrava a comemoração.

Outra diversão popular, o *entrudo*, realizava-se nos três dias que precediam a Quaresma. Todavia duravam meses os seus preparativos, pois era preciso moldar em cera laranjas e limões, para depois os encher com água perfumada. Na Festa d'Água, raras escapavam aos banhos dados nos caminhantes, em renhidas batalhas de laranjinhas, acrescidas de chuvas de farinha-do-reino (de trigo) e pós-de-sapato de várias cores. Na algazarra que caracterizava "os três dias irresponsáveis e delirantes, ... bacias e quartinhas d'água inundavam os passantes; e o polvilho e o vermelhão mascaravam o escravo ou o homem da plebe, que seguia o seu caminho".²⁰

Afora estas festividades, havia as ligadas à lavoura, dentre as quais se destacava a da moagem da cana, em maio, quando os engenhos principiavam a funcionar. Com bambus e folhagens decorava-se o terreiro, mandava-se buscar música na vila e se preparava o banquete para os convidados

¹⁸ Melo Morais Filho. Op. cit., 105-106.

¹⁹ Id., p. 111.

²⁰ Id., p. 165.

(vindos de longe). Após a bênção solene pelo vigário, começava o engenho a funcionar, enquanto os músicos tocavam e se estouravam os infalíveis foguetes. Só depois era servida a refeição, regada a caldo de cana. A festa prosseguia com danças no salão e batucada no terreiro, onde o *lundu* e a *chiba* imperavam, só findando à noite.

No correr do ano surgiriam outras ocasiões para regozijo — nascimentos, batizados ou noivados — porém, as mais esfuizantes eram os casamentos, principalmente na roça. Alegravam-nos violeiros de fama, especialmente contratados para acompanhar o cortejo da casa da noiva até a matriz. Na volta fazia-se a grande ceia, entremeadada por brindes e cantos de louvação aos noivos, terminada a qual principiava o baile.

O *mutirão* era mais uma oportunidade de congraçamento e solidariedade entre vizinhos, acabando de hábito por comes e bebes, cantos e danças, estimulados pelos senhores. Realizava-se em ocasiões de maior trabalho — colheita, derrubada da mata, plantio ou limpeza do caminho para viajantes — baseando-se em ajuda mútua e prazerosa.

A vida no interior

A não ser nessas circunstâncias, o intercâmbio social mostrava-se assaz reduzido. No nosso dilatado território quase não se observava vida urbana. Os transportes eram insuficientes e primitivos: embarcações maiores percorriam o litoral com rara freqüência; canoas, *montarias* e *batelões* cruzavam os rios navegáveis; carros de boi e tropas de muares palmilhavam os caminhos, rudes e estreitos. Nas poucas cidades usavam-se cadeirinhas, serpentinas e liteiras, carregadas aos ombros pelos *andas* (escravos vestidos com garbo), além de *bangüês*, *berlindas*, *seges* e *coches*, puxados por animais. Em suma, não eram muitas as facilidades de transporte.

Quanto às comunicações, também eram precárias. Havia os correios-mores do rei, criados em 1520, porém a correspondência geral era tida como mercadoria e levada por tropeiros. Quem tinha pressa despachava um *próprio* ou *expresso*. Só ao fim do século XVIII uma lei estabeleceria o serviço regular de *correio náutico* do Brasil, construindo-se um prédio (na atual rua Primeiro de Março, no Rio) para a sua administração. Mas teríamos de esperar pela chegada de D. João para o correio organizar-se (inicialmente com a instituição do serviço de *postilhões*, que conduziam a correspondência a cavalo).

Nos povoados, a venda, a taberna e a botica eram os pontos de encontro, de troca de informações e de diversão. Neles

surgia com freqüência o jogo de azar, a *banca*. Segundo Luís Edmundo (*O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*), constituiu o jogo paixão tão avassaladora nos tempos do Brasil português, que as disputas de cartas, dados e bolas chegaram a ser proibidas. Vale a pena lembrar aqui uma figura habitual onde os houvesse — a do capoeira. Também afeiçoado à música, à dança e às demonstrações de valentia, impressionava a todos com a sua destreza ímpar e a coreografia imprevista da sua luta, que podia ser apreciada nas ruas do Rio, de Salvador e Recife.

Como resume Renato de Almeida, na Colônia "as boas maneiras, o prazer das reuniões eram inteiramente desconhecidos. . . . A mulher estava em segundo plano, metida entre mucamas e molecas, casando-se entre os doze e os quatorze anos, não raro analfabeta . . . Fazia doces, cosia, bordava e sobretudo tinha muitos filhos. Nunca aparecia e era comum só conhecer o noivo no dia do casamento, quando cessava a tirania do pai, para começar a do marido". Não comparecia a festas públicas, participando apenas das mais íntimas, que consistiam "em intermináveis repastos, com muita abundância, mas sem arte, sem finura alguma". Assim, enquanto os escravos se divertiam com os seus folguedos, "os senhores brancos viviam muito mais insipidamente, ociosos e libertinos".²¹

Se bem que tivesse havido no século XVI certa floração cultural em Salvador e Olinda, pouca importância mereceram as artes na Colônia, a não ser, talvez, a música e o teatro. Eram ambas de forte cunho religioso, sendo mais cultivadas pelos jesuítas, que compunham autos musicados para a catequese, tocavam e ensinavam a cantar. Prosseguiram assim na trilha de Anchieta (que, por sinal, fundou no Rio de Janeiro em 1555 o Teatro São Lourenço, o primeiro que tivemos).

Além de verem na música um auxílio ao culto, muitos senhores nela buscavam diversão. Criavam nas suas fazendas bandas e orquestras, em regra integradas por escravos (o que surpreendeu na Bahia certo visitante francês, do século XVII). No mesmo período, também estimulada pelos padres, desenvolvia-se a música em Pernambuco, chegando a surgir em Olinda uma escola para a ensinar. No começo do século seguinte, ela seria intensamente cultivada em Minas Gerais, comentando Saint-Hilaire ter ouvido bons concertos em Vila Rica. Ao fim do século XVIII ganharia novo alento no Rio, exigindo salas de concertos para as suas grandes platéias. A esse tempo sobressaía no campo erudito o padre José Maurício, com as suas admiráveis composições sacras (como a

²¹ Almeida, Renato de. Op. cit., p. 152-153.

famosa *Missa de Réquiem*). Enquanto isto, *modinha* e *lundu* marcavam a música popular.

Primeiras experiências de vida urbana

Mas, paralelamente a esta sociedade rural, desenvolveram-se duas experiências de vida urbana: uma no nordeste, na primeira metade do século XVII e outra no centro-sul, no século seguinte. Nestes dois pontos observaram-se a diversificação das ocupações (típica da vida urbana) e o desabrochar de costumes burgueses. As famílias abastadas promoviam reuniões e davam saraus litero-musicais, que incluíam recitais de cravo e rabeca, declamação de poesias, jogos de cartas, danças (como o minueto), brincadeiras de prendas, gamão e xadrez.

Em Pernambuco, foi extraordinário o desenvolvimento ao tempo de Maurício de Nassau, que importou cientistas (como Marcgraf e Leyde), além de arquitetos e pintores (como Pieter e Franz Post). Além disto, calçou ruas, construiu pontes e ergueu palácios cercados de jardim (o de despachos e o de veraneio). Fez também o primeiro observatório astronômico, deixando-nos ao partir, em 1644, uma verdadeira cidade — *Mauritzstadt*.

Mais tarde, ao cabo do século XVII e começo do outro, com a descoberta do ouro em Minas Gerais, uma nova civilização iria plantar-se no interior do país. O encontro de diamantes, que se seguiu, permitiu requintá-la, propiciando o florescimento de letras e artes, especialmente da arquitetura, enriquecida por pintores e escultores. O estilo barroco, trazido pelos jesuítas, pôde assim atingir esplendor incomum, como atestam as ricas igrejas de Ouro Preto, Mariana, Sabará ou São João del-Rei. Dentre os artistas que emergiram, avulta o Aleijadinho, cuja obra-prima, os *Doze Profetas*, seria executada nos primeiros anos do século XIX.

Nos círculos literários então formados, a poesia ganhou prestígio, notadamente no grupo de Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga. À mesma ocasião, criavam-se academias literárias em Salvador e no Rio, embora houvessem de durar pouco.

Estas, em breves linhas, foram as principais formas de empregar o lazer no Brasil Colônia, período em que as atividades recreativas mais se ligaram à religião, raramente por elas se interessando os governantes. Não obstante os primeiros ensaios de vida urbana em Pernambuco e Minas — com os seus ambientes literários e musicais, os salões dos seus palácios e sobradões e as ricas igrejas — marcou o ruralismo o com-

passo na Colônia. De início, era a busca absorvente do pau-brasil, depois, foi a plantação e exploração da cana no litoral. Ao norte, prosseguiu a extração vegetal (que mais tarde se iria ampliar), enquanto a oeste se desenvolveu a extração mineral. Afora isto, criava-se gado junto aos engenhos ou onde houvesse condições favoráveis de terreno, vendo-se o homem sempre muito preso ao solo. Proibida pela Metrópole, a indústria não crescia (exceto a do açúcar), enquanto o comércio permanecia restrito, sendo em geral feito por mascates ambulantes. A própria estrutura dominante, de grandes fazendas auto-suficientes, que produziam os seus gêneros alimentícios e tinham o seu artesanato, mandando os senhores buscar no exterior os artigos de luxo, opunha-se ao desenvolvimento urbano.

O domínio da sociedade rural

Embora cada ciclo fosse dando origem a alguns aglomerados urbanos, durante bom tempo os latifúndios caracterizaram o panorama. Cada grande porto representava uma região econômica, drenando os seus produtos e comerciando diretamente com as capitais européias, sem maiores relações entre si. Apenas cinco cidades eram importantes — Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luís do Maranhão e São Paulo. As outras mais pareciam aldeias em ponto grande. Segundo Capistrano de Abreu, na Colônia não existiu vida social porque nela não houve sociedade. Mesmo no Império e no começo da República continuaria o campo a regeer as nossas atividades. A vida urbana só iria principiar de fato com a vinda da família real, que aqui inauguraria um novo estilo.

AS MÁQUINAS CONQUISTAM MAIS LAZER

"Os países que estão progredindo com rapidez são os que primeiro se industrializaram, isto é, aqueles em que os homens aprenderam a usar máquinas para fazer o trabalho que as mãos executavam..."

Hoje... existe uma grande distância entre os países industrializados, em relação ao que a maioria das pessoas dispõe de tempo para fazer e pensar. No mundo antigo, um governante tinha às suas ordens muito mais luxo que qualquer um dos seus súditos. Todavia, se considerarmos a maneira de viver do comum das pessoas em dois países quaisquer — Babilônia e Egito antigos, por exemplo — veremos que não eram tão grandes as diferenças entre o que umas e outras podiam fazer. Atualmente isto não ocorre. Num país industrializado como os Estados Unidos, uma família que vive numa casa comum pode utilizar mais energia para obter alimento, água, luz, calor e refrigeração, bem como dispor de telefone, rádio e televisão do que podia um rei muito rico na antiguidade, com todo o trabalho das suas centenas de escravos. Mas num país não industrializado, muitas pessoas vivem... descalças, doentes, com fome e carentes de educação..." *Margaret Mead.*²²

No fim do século XVIII, o mundo se apresentava muito diferente do que fora até o aparecimento da máquina a vapor, já que esta desencadeara profundas alterações na vida social e econômica. Tais mudanças não se deviam apenas ao avanço da tecnologia industrial, mas decorriam, também, dos novos processos de produção agrícola e distribuição dos produtos. Como os transportes haviam progredido, era possível às pessoas e aos bens de consumo viajar mais depressa e com maior facilidade. Novas idéias e hábitos assim se difundiam.

As grandes máquinas eram, porém, dispendiosas, sendo poucos os que as podiam comprar ou manter. Os artífices, que até então tinham trabalhado por conta própria, viam-se forçados a buscar emprego fora de casa, perdendo a antiga independência. Com o sistema de fábricas, que então se desenvolvia, conseguiam ganhar mais, gastando menos força física, porém a sua vida sofrera grandes modificações.

As pessoas acudiam a morar junto aos centros fabris, aglomerando-se em espaços reduzidos e fazendo crescer as cidades. Nestas concentrações urbanas acentuavam-se os problemas de espaço para habitação, de abastecimento, de higiene, de transporte e de circulação. O domicílio era agora em local separado da oficina ou da loja, o que precipitava novos moldes de vida. A progressiva subdivisão das tarefas (que a máquina exigia) e a decorrente especialização das funções contribuía, por seu turno, para aumentar o tédio, conseqüente

²² Mead, Margaret. *People and places*. Cleveland, World Publishing, 1959. p. 299-300.

a um trabalho mecanizado e rotineiro. Nele o homem ia tendo cada vez mais reduzidas as suas oportunidades de auto-affirmação, pois compreendia que podia ser substituído com relativa facilidade por quem quer que apenas aprendesse a alimentar a máquina.

Ainda não era grande o lazer — contavam-se 84 horas semanais de trabalho (quando hoje são cerca de 45 e, em certas indústrias, menos de 32). Findo o dia e exausto por 14 horas de labor, o operário utilizava o tempo de sobra unicamente para recuperar as forças e poder retomar a atividade. Além disto, estendia-se a todas as classes a ânsia de fugir à rotina da vida, da qual a organização estava a tirar o sabor (ao suprimir a criação individual, tendo em vista a padronização necessária à produção em série). O que antes fora considerado pecado — o *taedium cordis* — e depois havia sido visto como doença — o *spleen* — iria constituir no século XIX o *mal-du-siècle*, tão explorado pelos românticos. Como assinalou Baudelaire, sucedeu que "l'ennui, fruit de la morne incuriosité, prit les proportions de l'immortalité".

Os sistemas econômicos, por seu turno, mostravam-se progressivamente mais complicados, instigando a fragmentação do trabalho em operações simples, para que as máquinas as pudessem executar. Tornavam-se assim os homens mais dependentes uns dos outros, não apenas dentro da própria região, como ainda em relação aos produtores e consumidores de outras áreas. Fazia-se cada vez mais válida a advertência do poeta inglês, John Donne, enunciada no século XVI (*Devotions*, XVII): "nunca mandes saber por quem o sino dobra; ele dobra por ti", visto não constituir o homem uma ilha isolada, porém fazer parte do continente que é a humanidade.

Já nesse período lutavam as *trade-unions* por melhores condições de trabalho e pela redução da jornada de 12 ou 10 horas para 8. Iniciadas pelos operários em 1825 na Inglaterra, ali só foram lograr âmbito em 1851 e reconhecimento legal 20 anos após. Nesse entretanto, sancionava-se no mesmo país a primeira lei do mundo fixando em 10 horas a jornada de trabalho (1847). Observe-se que o lazer não figurava ainda como reivindicação valiosa por si mesma: visava-se apenas à redução das horas de trabalho. Na França, por exemplo, só em 1864 apareceria o primeiro movimento solicitando tempo vago para determinado uso (no caso, o estudo noturno).

A esse tempo o movimento sindical ia avançando, propagando-se pela Europa e pelos Estados Unidos. (Ao Brasil haveria de chegar mais tarde, com a República, porém, já no começo deste século um decreto estenderia o direito de sindi-

calização a quase todas as categorias profissionais.) Na última década do século XIX, coube ao Papa Leão XIII insistir na concessão ao trabalhador de descanso proporcional ao desgaste das suas forças (*Rerum Novarum*). O *repouso semanal* aos domingos e o direito aos feriados, inicialmente ligados à tradição religiosa, principiaram a ser regidos por textos legais, tornando-se obrigatórios em vários países. Embora algumas empresas já os pagassem espontaneamente, sua remuneração foi-se configurar como obrigação patronal somente ao fim da segunda década do nosso século. À mesma ocasião, algumas nações começaram a conceder *férias* aos trabalhadores da indústria e do comércio, medida que aos poucos se difundiu pelo mundo. O pagamento destas férias, todavia, só haveria de se generalizar após a Segunda Guerra Mundial.

No século XX, finalmente, logrou o homem substancial ampliação do seu tempo livre. Após as recomendações do Tratado de Versailles e da Conferência Internacional do Trabalho, em 1919, a maioria dos países foi fixando o máximo da jornada de trabalho em oito horas, regulamentando a atividade profissional de menores e mulheres e promovendo legislação sobre descanso semanal, férias remuneradas e aposentadoria.

Em consequência destas medidas, reuniu-se em 1930, em Liège, o Primeiro Congresso Internacional de Lazer Operário, que sugeriu a criação de comissão permanente sobre o assunto, junto à Organização Internacional do Trabalho (iniciada em 1919). Em 1936 criou-se na França o *Ministère des Loisirs*, sendo sintomática da nova conotação a troca da palavra *repouso* por *lazer*. Mais tarde, a Declaração Universal dos Direitos do Homem, apresentada em 1948 pela Organização das Nações Unidas, insistiria, embora sem força coativa, no respeito aos princípios de proteção ao trabalho. No ano seguinte, a Comissão de Lazer Operário, já reunida em Genebra sob os auspícios da O.I.T., adotaria resoluções que valorizavam a recreação para o trabalhador.

Novos tempos. Novas aspirações

A essa altura já se haviam expandido os *sistemas públicos da educação*. Aceito o princípio de que a mesma língua, costumes semelhantes, idéias comuns e anseios gerais deviam constituir o núcleo de cada nação (ou unidade política), passara o ensino a representar obrigação do governo. Destarte, de 1850 a 1870 foram surgindo na Suécia, Noruega, França, Grécia, Egito e Hungria os primeiros ministérios de instrução pública. Oferecendo ao homem novas oportunidades, iam tais sistemas afetando profundamente os seus interesses, atitudes

e níveis de aspiração, em suma, mudando a sua maneira de encarar a vida. (No Brasil, o Ministério de Instrução Pública, Correios e Telégrafos seria criado logo após a República, só durando, porém, até 1891.)

Outra fonte de renovação dos ideais humanos foi o extraordinário aperfeiçoamento dos meios de comunicação e de transporte. Enquanto o telégrafo, o telefone e o rádio facilitavam a aproximação entre as pessoas, o vapor, a eletricidade e o motor a gasolina iam permitindo a expansão da rede de transportes, ligando o campo à cidade.

Tudo isto foi ocasionando transformações radicais no modo de viver, fazendo-o mudar em ritmo tão acelerado que se tornou difícil acompanhá-lo. Basta considerar, por exemplo, o efeito de apenas dois destes novos meios de intercâmbio — o rádio e o trem — para se ter uma idéia de quanto nos afetaram (e afetam). Ambos não só reduziram as distâncias, como também concorreram para a rápida divulgação das notícias, levando às mais remotas paragens novos costumes, e assim lhes abrindo perspectivas jamais sonhadas. Quando atentamos para a rede mundial de ferrovias e para a sua significação onde quer que passe, parece incrível que há 150 anos não existisse uma única estrada de ferro pública no globo. (No Brasil, a primeira apareceria em 1845.)

Outras alterações nos padrões de vida do século XIX decorreram do avanço da *higiene* e da *medicina*, que, ao prolongarem a duração da vida, deram ao homem mais tempo para fruí-la. De um lado a vacinação e a antissepsia, como recursos preventivos, e do outro o avanço da cirurgia, graças ao desenvolvimento da anestesia e das ciências biológicas, contribuíram para o aumento da expectativa de vida. Da mesma forma, a prevenção das avitaminoses e os novos medicamentos (como a *droga mágica*, o Salvarsan) reduziram as taxas de mortalidade, ao mesmo tempo em que medidas de saneamento público tornavam as cidades mais habitáveis. Por sua vez, a refrigeração dos alimentos e as novas técnicas da sua conservação melhoravam a disponibilidade de comida. Assim, praticamente controladas a *peste* (isto é, as doenças infecciosas) e a fome (ou seja, a subnutrição), ganhavam os homens mais tempo para viver.

Entretanto, junto com este progresso avançavam, também, dificuldades, como as de convivência nos aglomerados urbanos e das tensões nervosas que neles se avolumavam. Inquietude crescente e sentimentos de frustração seguiam de perto o desenvolvimento da sociedade. É que nela prevalecia agora um ritmo acelerado de trabalho, ligado a intensa competição, sendo comuns os choques de interesses nos núcleos popula-

cionais cada vez mais congestionados, que se formavam junto às fábricas.

Outros fatores de desgaste emocional eram o tom impessoal (que passou a caracterizar os contatos entre os numerosos habitantes das cidades) e os problemas que a indispensável organização burocrática começou a estender a todos os setores da vida. A pouco e pouco os habitantes dos aglomerados urbanos iam deixando de se sentir como pessoas, para representarem números. Nos prédios em que se comprimiam principiava a ocorrer o que Drummond de Andrade tão bem exprimiria: “no cimento, nem traço da pena dos homens. As famílias se fecham em células estanques... Entretanto há muito se acabaram os homens. Ficaram apenas tristes moradores...”²³

O trabalho industrial, de execução mais fragmentada e disciplinada, feito em tempo rápido, exigia menos energia física que no século anterior, porém fatigava mais os nervos, exacerbando a necessidade de repouso. Para agravar tais problemas, o morador dos centros densamente povoados foi tendo devassada a sua vida particular e perturbado o seu recolhimento, de vez que o mesmo espaço para viver precisou ser repartido entre número crescente de indivíduos.

Com o aumento e a diversificação da população nas cidades, cada pessoa foi pertencendo simultaneamente a diversos grupos — de família, vizinhança, bairro, trabalho, escola, paróquia, clube etc. — cada qual lhe exigindo certos moldes de comportamento e obediência à própria escala de valores. Viuse então o homem compelido a dividir entre muitos a fidelidade que antes devia a apenas alguns grupos, bem conhecidos, e a aceitar princípios por vezes contraditórios. Destarte as suas tradicionais lealdades à família, à vizinhança, à igreja, ao grupo profissional e ao povoado foram tendo abaladas as raízes, para maior confusão dos sentimentos de todos.

Como se todos estes conflitos íntimos não bastassem, os indivíduos tiveram que enfrentar ainda a *mobilidade* agora permitida e estimulada dentro da sociedade. Precisaram aprender, a cada passo, a fazer a melhor escolha dentre numerosas possibilidades, sequer imaginadas antes. Não mais eram obrigados a permanecer o resto da vida na classe em que tinham nascido; podiam movimentar-se dentro da estrutura social, conforme os próprios esforços e méritos. Novo fator de insegurança os envolvia — a busca do sucesso — pois que se viam continuamente instigados a procurar a ascensão social.

²³ Andrade, Carlos Drummond de. *Edifício Esplendor. Obras Completas*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964. p. 124.

Segundo Erich Fromm, esta suposta libertação os foi levando a tal medo das opções agora possíveis e a tamanha solidão que, paradoxalmente, neles despertou e incitou "o desejo de fugir à liberdade", de voltar às antigas peias da civilização medieval.

A utilização do novo tempo de folga

Datam dessa época os primeiros jardins públicos, cópia dos que eram privativos da corte. Constituíam tentativa de oferecer à burguesia, surgida com o declínio da nobreza feudal, alguns dos prazeres inicialmente reservados à aristocracia. Enquanto os membros da nova classe neles se divertiam, com passeios, piqueniques e bailes populares, ou freqüentavam os ruidosos parques de diversão, permaneciam os aristocratas entregues a seus passatempos habituais. Já em 1859, uma lei inglesa permitia às autoridades adquirir terras para fins de recreação. Lembremos, a propósito, que sete dos grandes parques públicos, hoje encontrados em Londres, eram propriedade particular da realeza, destinando-se um deles, até, às caçadas da Corte. (Esta transformação de sítios da realeza em parques públicos iria repetir-se bem mais tarde entre nós, na Quinta da Boa Vista e no palácio imperial de Petrópolis — este posteriormente feito museu público, inaugurado em 1943.)

Clubes sociais, atléticos e desportivos

Também no mesmo período há que salientar o aparecimento de clubes, onde se cultivavam novas formas de sociabilidade. Em oposição às outras associações, de classe ou tipo sindicato, eram eles abertos a todos, deixando a taberna e o boqueteim de ser os pontos para onde deviam convergir os trabalhadores, interessados em convívio social.

Igualmente na segunda metade do século XIX, renovava-se o interesse pelas *atividades atléticas* (que culminaria com a reimplantação dos Jogos Olímpicos, em 1896) e cresciam os esportes. Já no fim do século anterior havia a ginástica logrado maior apoio da opinião pública, despertada por Rousseau. Aconselhava ele no *Emile* a "tornar primeiro sadio e forte" o aluno, cuidando do seu físico, para depois lhe cultivar a inteligência, de vez que aquele guiaria o desenvolvimento desta. Assim renasceu o prestígio da ginástica, criando-se escolas e sistemas em diversos países, que no próprio século XIX conseguiriam boa difusão em toda a Europa (como os de Jahn na Alemanha, Ling na Suécia, Démeny e, depois, Hébert na França).

Na segunda metade do século, convém destacar os seguintes fatos no terreno desportivo: a fundação da *Football Association*; a emancipação do *rugby* (em relação ao futebol); a criação do basquetebol e do voleibol; a invenção do pólo aquático; a propagação do tênis pela Europa; a idealização do beisebol (a partir do *cricket* inglês); a expansão do ciclismo (graças aos aperfeiçoamentos que lhe permitiam maior velocidade); o desportar do motociclismo e do automobilismo; e a regulamentação do remo como esporte.

Outra grande mudança nos hábitos de lazer deveu-se à extensão da produção em série aos jornais, a partir da primeira metade do século XVIII. No século seguinte, a linotipo e a rotativa, aliados à difusão da instrução e à consciência crescente da importância das notícias locais, levaram os jornais a entrar em mais casas (pela primeira vez na do operário, que antes não sabia ler e pouco se interessava pela informação, além de não poder pagar o alto preço dos periódicos, de baixa tiragem). Também no século XIX os livros começaram a ser produzidos em série, crescendo evidentemente o seu consumo, mesmo porque os novos meios de comunicação iam reforçando nos homens o desejo de se manter ao corrente dos fatos. (Os nossos jornais só apareceriam quando a corte para aqui se transferiu, pois que antes eram proibidos pela Metrópole.)

Outros hábitos de lazer

Os novos meios de transporte e de comunicação à distância repercutiram muito no aproveitamento das horas livres. Se nos meados do século XIX a vida era profundamente marcada pelos jogos e festas tradicionais, de caráter corporativo ou religioso, ao chegar o século XX tais atividades extravasaram os quadros rituais e profissionais, multiplicaram-se e se complicaram. A solicitação que o homem moderno recebe para tomar parte em entretenimentos deixou de ficar na dependência da realização periódica de cerimônias coletivas ou de comemorações religiosas com datas aprazadas. Passou a ser diária e insistente, secundada por alto-falantes, cartazes, jornais, revistas, telefone, rádio, televisão e cinema. Como o transporte tornou-se cada vez mais abundante e as estradas de ferro e rodagem se ampliaram e ramificaram (notadamente as últimas, após o surto do automóvel), a essas atividades acodem não apenas os que pretendem participar, porém uma multidão de espectadores aficionados. Seus hábitos de lazer vêem-se, assim, cada vez mais influenciados por tais ocupações. A publicidade que as cerca (e na qual se investem altas somas),

vai, por sua vez, repercutindo em ondas até atingir todas as camadas da população, numa tentativa de uniformizar também o campo do lazer. As pessoas passam a sentir que devem ler certo livro, ver determinado filme, gostar de um jogo de cartas, apreciar pescarias ou passar fora os fins de semana. Emergiu o que Martha Wolfenstein denominou *fun morality*, ou seja, a obrigação moral de se divertir de certo modo.²⁴

Panorama do lazer no Brasil do século XIX

Somente quando a corte portuguesa para aqui se transferiu, com o seu séquito de quase quinze mil pessoas, é que a nossa sociedade acusou maiores transformações. Até a vinda do regente, o ruralismo dominava a Colônia, vivendo a camada social mais alta retirada nas suas enormes quintas. Ser senhor de engenho era título de nobreza e ter chácara sinal de abastança, detendo as classes rurais o predomínio político. A própria capital, embora fosse desde 1763 o centro do governo, só ganharia ares urbanos após a *transmigração da família real*.

Terminados os nove dias de festas com que foi acolhido, cuidou logo o príncipe D. João de melhorar o Rio de Janeiro com abastecimento d'água, iluminação e calçamento de ruas. Então o comércio (sempre vinculado à sociedade urbana) tomou impulso, constituindo-se as lojas da capital em atrativo para o resto da Colônia. Ir à corte passou a ser o sonho de todos, pois, segundo Tavares Bastos, as províncias nada mais representavam à época do que "colônias" do Rio.

Hábitos e usanças sofreram intensa renovação; introduziram-se novidades no vestuário, na vida social e na atividade econômica. O próprio D. João dava-se pressa em imprimir novo cunho à sociedade, abrindo os portos às nações amigas. Atraíu assim viajantes, deles absorvendo costumes, idéias e técnicas. Naturalmente a ocupação do lazer modificou-se com os hábitos importados e a criação de instituições, como o Horto Real e o Real Teatro São João. Desnecessário agora o combate às tentativas locais de impressão, começaram os jornais a aparecer. Desde o início do século publicava-se mensalmente o *Correio Braziliense*, mas era ele impresso em Londres. Criada por D. João a Imprensa Régia, iria publicar-se aqui semanalmente a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Em pouco se instalaria a primeira biblioteca pública, hoje Biblioteca Nacional (cujo

²⁴ Wolfenstein, Martha. The emergence of fun morality. In: Larrabee, E. & Meyersohn, R. *Mass leisure*. Glencoe, Ill., Free Press, 1958.

acervo a faria a maior da América do Sul) e, nascia o Real Museu.

O regente, que estimava letras e artes, prestigiou os nossos artistas, notadamente mestre Valentim, que aqui se instalara, embelezando a cidade com os seus riscos, talhas e esculturas. Ao padre José Maurício confiou ele a Capela Real, renomada pela excelência de seu coro e orquestra. Também na arquitetura repercutia a nova mentalidade, ampliando as casas. "Em oito dias" reformavam-se em janelas francas as suas gelosias e rótulas, sendo que o mobiliário e a decoração interna também acusavam mudança. (Em 1821 registraria Maria Graha, no seu *Diário de uma viagem ao Brasil*, ter visto no Rio prédios de três e quatro andares.)

Influência européia

Quando em 1815 foi a Colônia elevada a Reino Unido ao de Portugal e Algarves, consolidou-se o *status* da sua capital, como centro cultural a ser buscado e imitado pelas províncias. No ano seguinte viria a Missão Artística Francesa (de arquitetos, pintores e escultores) para instalar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios (mais tarde Academia de Belas-Artes), destinada a promover e difundir "instrução e conhecimentos indispensáveis ao homem..." Um dos seus membros, Jean-Baptiste Debret, haveria de documentar os nossos costumes em livro fartamente ilustrado, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, que publicaria em Paris, em 1834.

A cada passo notava-se a influência européia: no cultivo das artes, nas atividades comerciais, na vida social (que assumira requintes de elegância e bom gosto) e até na linguagem. Enriquecia-se esta de termos franceses, idioma agora indispensável às famílias da *élite*. Não se faziam mais saraus, porém *soirées*, onde se dançava o *cotillon*, com *toilettes* vindas de fora. Todavia, até 1815 seria mais acentuada a influência inglesa, tanto no vestuário e no mobiliário, quanto no comércio, estendendo-se mesmo ao exército (que se disciplinava e vestia à inglesa). Após a queda de Napoleão, retornaria o entusiasmo pelas coisas francesas, com o novo intercâmbio.

Os passatempos ganharam refinamentos vindos de além-mar, dominando nos bailes o minueto, a quadrilha francesa, o solo inglês e o *pas-de-quatre*. Não mais presas ao lar nem obrigadas a se esconder atrás de rótulas, as mulheres iam às festas nos paços, assistiam às comemorações de rua e participavam das grandes celebrações religiosas. Para elas tinham-se aberto os salões, os *restaurants*, os locais públicos de di-

versão. Era *chic* ir ao *lunch* nas casas de chá, participar de piqueniques na Tijuca ou no Jardim Botânico e fazer visitas prolongadas (geralmente concluídas com uma noite de jogos de cartas).

Durante bom tempo prosseguiu a verdadeira mania de copiar os costumes europeus, a qual seria ridicularizada por Martins Pena. Excelente documentarista da época, registraria tal capricho em várias farsas, como *Um sertanejo na corte* (provavelmente escrita em 1837) ou *O inglês maquinista* (datada de 1842). Nesta última, uma jovem entusiasma as mestras porque "fala francês e daqui a dois dias não sabe mais falar português".²⁵ Outro dos seus personagens, desta feita de *A família e a festa da roça*, reclama que as moças da cidade só gostam de modas francesas e de citar Mme. de Genlis, Mme. de Staël e Lamartine, pensando apenas em ir aos bailes, ao teatro, às partidas e ao Catete.

As grandes procissões

Entretanto, as tradicionais celebrações religiosas (com o seu lado profano) continuavam a ter papel de relevo na vida social. Segundo Manuel Antônio de Almeida, as procissões multiplicavam-se, buscando cada qual ser "mais rica e ostentar maior luxo". "Um dia de procissão... era sempre... de grande festa..." Enfeitavam-se portas e janelas, estas "com magníficas colchas de seda, de damasco de todas as cores". Nas esquinas "armavam-se coretos" e as ruas enchiam-se de povo, nelas aparecendo até "um rancho de baianas... a dançar... nos intervalos dos *Deo Gratias*".²⁶

Na capital, algumas procissões ganhavam maior aparato, pois contavam com o próprio Imperador, como as de *Corpus Christi* e da Glória. Ao tempo de Pedro I, mostrava-se esta última ofuscante "de brilho pelo lado religioso, de grandeza desusada como pompa exterior e de verdadeiro caráter principesco, como conclusão aristocrática".²⁷ Quando terminava, já noite, apinhavam-se os quarteirões do Catete e da Glória, tocavam-se músicas nos coretos, acendia-se nas casas uma profusão de luzes e se realizavam bailes nos palacetes. Nas ruas, divertia-se o povo com músicas de barbeiros, bandas militares, tocatas de violão e fogos de artifícios.

²⁵ Martins Pena, Luís C. *Comédias de Martins Pena*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1966. p. 119.

²⁶ Almeida, Manoel A. de. *Op. cit.*, p. 84.

²⁷ Melo Morais Filho. *Festas e tradições populares do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1967. p. 262.

No interior, eram as procissões cercadas do mesmo entusiasmo, vindo gente de longe para nelas tomar parte e se distrair com os folguedos paralelos (ranchos de pastores, autos do tipo do bumba-meu-boi, congadas, disputas no pau-de-sebo e girândolas), como se contaria nos *Cadernos de uma menina provinciana nos fins do século XIX*.²⁸

Festas religiosas

As festas de Natal incluíam autos pastoris junto ao presépio, seguidos de danças (polcas e valsas "nas casas de tratamento"). Lá fora repicavam os sinos, os escravos batucavam na senzala, tocando pandeiro para avivar o jongo e os violeiros se animavam, enquanto os cantadores ambulantes prosseguiam pelos caminhos. Na literatura do período encontramos descrições vivas destes costumes. No *Tronco do ipê*, José de Alencar retrata uma noite assim, com os seus autos e ranchos de pastores, lembrando que antes de se dirigirem à Missa do Galo, os convidados dançavam a quadrilha francesa, entremeada pelo ril, a polca e o miudinho, ao som da banda da fazenda. O batuque dos escravos merece-lhe longa descrição, o mesmo sucedendo no livro de Helena Morley, que relata uma festa na senzala. Conta ela que os escravos enfeitavam o cômodo maior com bambus, bananeiras ou folhagem, e, pondo-se a cantar "cantigas da terra deles, viravam e reviravam batendo palmas e iam dar uma embigada numa negra".²⁹

Na passagem do ano, as cidades se enfeitavam e enchiam de visitantes, chegados da roça para iniciar o ano com os parentes, os quais, em troca, receberiam na véspera de São João nas suas fazendas. Todos juntos à volta do presépio, começavam as cantorias ao Menino Jesus, as trocas de presentes, os discursos e brindes, seguindo-se farta ceia. Havia ainda as visitas, numerosas, também desfilando da manhã à tarde os portadores de presentes (os mais contemplados eram vigário, médicos e fiscais). Ofertavam-se doces, leitões assados, vinhos, bordados, escravos e até casas (como faria certo negociante a D. João num primeiro dia do ano, com o paço de São Cristóvão).

Chegadas as festas juninas, movimentavam-se os sítios, lembrando Melo Moraes Filho que os grandes senhores, a

²⁸ Morley, Helena. *Minha vida de menina*. 7. ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1963.

²⁹ Id., p. 171.

burguesia abastada e mesmo "o proletariado arranjado", com-
praziam-se em ter convidados. Na roça os folguedos acusavam
atração invulgar pelo contraste com os da cidade e pelos re-
quintes na preparação de fogos, cada vez mais variados (chu-
veiros, rojões, pistolas, bengalas, cartas-de-bichas, girassóis,
etc.). Parece que estes eram até em demasia, pois Ina von
Binzer, alemã que aqui viera ser governanta, os abominou,
reclamando que ensurdeciam, além de queimarem dedos e
roupas. Não obstante, julgou "poéticas e pitorescas" as festas
de São João, "santo muito querido neste país", descrevendo
uma delas, a que assistiu das janelas da casa grande da fa-
zenda, junto com os senhores e os seus amigos. Iniciada "as-
sim que escureceu", desenrolou-se no pátio, onde já se via
longa mesa armada "em ferradura", coberta de "travessas
gigantes de comida" e vinho. À sua volta dispuseram-se "cen-
tenas de escravos... com as melhores roupas", ficando a cena
iluminada por numerosas lamparinas coloridas. Estes "pretos
convidados" fizeram também "os seus discursos", aos quais
se seguiram danças em roda, no terreiro clareado pela foguei-
ra. Sua "música ensurdecidora" provinha de "duas pipas
transformadas em tambores" e percutidas "com pancadas mo-
nótonas", que acompanhavam cantigas, marcadas também por
uma "matraca de metal".³⁰ De cada vez uma pessoa dançava
no meio do círculo, para depois tirar outra.

Observavam-se nela as tradicionais brincadeiras na foguei-
ra e as superstições e sortes sobre o futuro (com o auxílio
de dentes-de-alho, tição, ovo e esconderijo atrás da porta),
conforme também anotaram Martins Pena (em *Noite de São
João*) e Helena Morley. Estes mesmos autores documentaram
ainda o período da Páscoa, com as suas cerimônias religiosas,
as procissões (que pediam colchas de damasco nas saca-
das) e a clássica ceia. Havia sempre a malhação do Judas
pela criança, quando "rompiam as aleluias", em meio à
costumeira fogueira e ao repicar de sinos.

Chegado o Pentecostes, aprontava-se a celebração do Di-
vino Espírito Santo, tão importante que figura em numerosos
autores de então, logrando merecer dois capítulos das *Me-
mórias de um sargento de milícias*. Enquanto Melo de Morais
Filho a ela se refere como a festa "mais atraente, mais alen-
tada de satisfação geral" entre as realizadas no Rio até 1855,
no interior de Minas seria vista por Helena Morley como "uma
das melhores que nós temos, pois isto da música levar nove

³⁰ Binzer, Ina von. *Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*.
Trad. do alemão. São Paulo, Anhembi, 1956. p. 33-35.

dias indo a todas as casas buscar, debaixo da bandeira, pessoas que fazem promessas, alegra a cidade".³¹

Contudo, conforme lamentaria o próprio Morais Filho, tais tradições iam-se enfraquecendo e sendo abandonadas, motivo que até o levou a coligi-las em um livro (aqui amplamente citado), publicado logo após a República. Queixa-se nele de que o Brasil "acha ridículas as tradições e desfaz-se delas...", acrescentando que "das nossas festas ninguém mais se lembra", visto preocuparem-se todos em importar costumes. E assim vamos perdendo "as nossas tradições e ficamos sem elas e sem outras que as supram! É que vamos sendo pacificamente reconquistados...³² Igual protesto é encontrado em outros autores, como José de Alencar (que o repete em tom solene) ou Arthur Azevedo (que usa da ironia). Este último, por exemplo, faria uma paródia da famosa opereta *La fille de Mme. Angot*, intitulado-a *A filha de Mme. Anqu*. Também em um de seus *Contos fora de moda* relata como some na estréia de uma peça de teatro a primeira atriz, uma francesa, malogrando-se todo o espetáculo.

Mantinhm-se ainda, entretanto, muitas das comemorações tradicionais, mesmo na capital, mais afetada pelos hábitos europeus. Eram as festas da Penha, da Praia Grande, da Armação, de São Roque (em Paquetá) e tantas outras, gabadas por um dos personagens de Martins Pena, inglês, por sinal. Consistiam os seus grandes atrativos em "barracas, teatrinhos de bonecos (sic), onças vivas, fogos de artifício, realcejos e mágicos que adivinham o futuro".³³

A música, que desde a vinda da corte subira na estima geral, prosperava, quer a religiosa, quer a profana. Nesta última, durante toda a primeira metade do século, faria sucesso a *modinha*. Acompanhada a princípio pelo cravo, passou depois a valer-se do piano e do violão. Quanto à erudita, lograva cada vez mais acolhida, conservando ainda forte reflexo europeu. Era ouvida com interesse tanto na igreja quanto nas casas senhoriais (como assinalaram Spix e Martius, em *Via-gem pelo Brasil*). Costumava coroar as grandes reuniões sociais e, mesmo, simples visitas. Expandiu-se tanto, que logo extravasou para o teatro, onde se sucediam os concertos instrumentais e de canto, além de se apresentarem companhias de ópera, com os seus corpos de baile.

³¹ Morley, Helena. Op. cit., p. 38.

³² Melo Morais Filho. Op. cit., p. 104 e 42-43.

³³ Martins Pena, Luís C. *Comédias de Martins Pena*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1966. p. 411.

Em breve, a grande atração passou a ser o teatro lírico italiano, pelo qual se apaixonavam os jovens, como se vê em *Moço loiro*, de Joaquim Manuel de Macedo. A moda era assistir a recitais e concertos, multiplicando-se as orquestras e sociedades de música (círculos, grêmios, *fil'harmonicas* e clubes como o famoso *Beethoven*). Por toda parte havia professores de piano, publicando-se numerosos periódicos especializados nessa arte. "Respirava-se música" no dizer de então, chegando Araújo Porto Alegre a denominar o Rio "cidade dos pianos". Igual interesse florescia em Salvador, afirmando Castro Alves em 1867 que ali se vivia "de poesia, música, teatro e discussões literárias".

Durante toda a segunda metade do século, estimulada pelos imigrantes europeus, iria acusar a música desenvolvimento crescente. Nos clubes brilhavam os *virtuosi*, nos teatros surgiam óperas brasileiras e até nas ruas se tocava, como assinalou Ina von Binzer. Queixou-se, até, a mesma visitante do seu excesso, das intermináveis noitadas de piano, comentando ainda ter visto no Jardim Público do Rio uma banda alemã, a tocar duetos de Mendelsohn. Nesse ambiente pôde desabrochar o talento de Carlos Gomes, que triunfaria no teatro Scala de Milão em 1870, com *O guarani*.

Durante a Regência e o Segundo Reinado, grandiosas reuniões sociais marcaram a vida da classe alta. Na corte e nas províncias a dança era passatempo predileto. Os bailes sucediam-se nos solares, no paço em São Cristóvão e em agremiações (como o Cassino Fluminense). Valsas, polcas, chótis, quadrilhas francesas (apreciadas pelo próprio imperador), lanceiros, o solo inglês, o minueto afandangado e o miudinho movimentavam os salões, sendo mesmo ensinados em escolas.

Nas casas mais modestas tentava-se copiar a animação dos palácios senhoriais, em *assustados* e *arrasta-pés*, repetidamente citados por Helena Morley, em *Minha vida de menina*. Conta-nos, mais, que nestas festinhas jogava-se o trinta-e-um, a politaina, o truque e a bisca, faziam-se jogos de prendas, tocava-se piano e se brincava de teatro.

Qualquer ocasião festiva era pretexto para bombas e girândolas, cuja frequência excessiva aborrecia Ina von Binzer, fazendo-a dizer que aqui se soltavam foguetes "o ano todo", apreciando-se "o estrondo e o fuzilar da foguetaria". Sobre o nosso ruído comentaria ela que "das cidades que tenho visto não conheço nenhuma tão barulhenta como o Rio", que comparava desfavoravelmente a Berlim e Londres. É que passavam "com estrondo os bondes de burro, tocando ... o sinal de alarme, ... os tálburis estrepitosamente" corriam sobre "o mais horrível dos calçamentos" e havia a zoadada dos vende-

dores de água, jornal, balas, cigarros, sorvetes e peixe. . . disto, ouviam-se realejos, numerosos pianos "soando já a fora. . . , conversas entre pretos sob nossas janelas. . . e desajeitado dedilhar de viola", completado pelo "crepitar de foguetes queimados dia e noite".³⁴

A intensa vida social

Na literatura do período, sucedem-se as alusões a tais entretenimentos. Assim, em *A mão e a luva*, Machado de Assis relata que "a corte divertia-se, apesar dos recentes estragos da cólera — bailava-se, cantava-se, passeava-se, ia-se ao teatro. O Cassino abria os seus salões", sendo "aqueles os tempos homéricos do teatro lírico".³⁵ Em *Quincas Borba* ele nos dá a seguinte imagem do Rio: "movimento, teatros em toda a parte, moças. . . vestidas à francesa", indicando como distrações comuns o teatro, visitas, passeios e reuniões em casa, a que se acrescentavam aulas "com mestres de francês e de piano". Os salões, abertos aos bailes, exibem "lustres de cristal e ouro alumando os mais belos colos. . . casacas. . . , dragônas, diademas, a orquestra. . . cristais da Boêmia, louça da Hungria, vasos de Sèvres, criadagem lesta e fardada. . ."³⁶ Em *Dom Casmurro*, Capitu diverte-se com teatro, piano, óperas, saraus familiares e longos passeios jogando gamão "com facilidade, senão com amor". É bom não esquecer, ainda, as brigas de galos, apontadas nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* como diversão popular.

As reuniões em família receberam maior atenção em Joaquim Manuel de Macedo, que reputou o sarau "o bocado mais delicioso que temos, de telhados abaixo". À sua descrição consagrou um capítulo de *A moreninha*, onde lhe tratou as danças (como o minueto), as cantigas comuns e o jogo de cartas (o écarté), além dos trajés, penteados e jóias dos convidados. Do seu programa constavam, ainda, declamações de sonetos, canções ao piano, jogos como o gamão ou o voltarete e brincadeiras (de prendas, do embarque, do toucador, do enfermo e da palhinha, esta última empregada para o sorteio de quem se iria abraçar). Também em José de Alencar (*Diva*) os saraus se repetem, embora o maior atrativo sejam os bailes de gala, muito freqüentes em *Senhora*, *A pata da gazela* e *Encarnação*.

³⁴ Binzer, Ina von. Op. cit., p. 55-56.

³⁵ Machado de Assis, Joaquim M. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1964, p. 28. [1874].

³⁶ Machado de Assis, Joaquim M. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro, Sedegr, 1962, p. 8. [1891].

ta documentação denuncia igualmente a importância do carnaval, que então prosperava, multiplicando-se as salas de espetáculo. No Rio de Janeiro sobressaíam o São Pedro de Alcantara, o São Francisco e o São Januário, neles tendo brilhado o notável João Caetano e regido óperas o próprio autor do *Diário Nacional*. Também a Francisco Manuel da Silva deve-se o nosso primeiro Conservatório de Música (criado em 1841), cuja manutenção deveria correr por conta de duas loterias anuais.

O carnaval

É oportuno lembrar, ainda, o prestígio do *carnaval* carioca, substituído do entrudo (proibido em 1853 pelo chefe de polícia, em face da violência que atingira). Não obstante tal interdição, a chamada *Festa d'água* subsistiria por muitos anos, tendo o Imperador Pedro II sido por ela atingido em Petrópolis, onde lhe alagaram as roupas. Quem o denuncia, quase ao fim do Império, é novamente Ina von Binzer, indignada com "os terríveis projetis" que lhe lançam "onze dias antes da quarta-feira de cinzas", apesar de alguns conterem perfumes "até das mais finas qualidades". Encanta-a, porém, o desfile de carros alegóricos, a que assiste de uma sacada.³⁷

No carnaval realizavam-se grandiosos bailes de máscaras nos teatros acima nomeados, bem como no Lírico Fluminense e no Ginásio. E tão concorridos eram que podia "dizer-se que um terço da população mascarava-se", sendo mesmo vedado em alguns o ingresso dos que assim não se apresentavam. Além dos préstitos (desfile de carros alegóricos ao som de bandas), os folguedos incluíam passeatas de mascarados (em carruagens ou a cavalo), estimuladas pela própria família reinante, que as aplaudia do passadiço do palácio. Assim lograram prosperar as associações carnavalescas, dentre elas destacando-se o Congresso das Sumidades Carnavalescas (cuja primeira passeata data de 1855), a União Veneziana e, depois, os Zuavos, a Euterpe Comercial e os Estudantes de Heidelberg (atente-se para os nomes!).

Contudo, segundo Morais Filho, só até 1877 haveria de ser "expansiva e popular" a fisionomia do carnaval, pois então "todos os teatros davam bailes; as ruas e praças decoravam-se com amplitude e profusão; os carros de mascarados percorriam as ruas; os grupos fantasiados eram inúmeros; e os mascarados isolados faziam rir pela originalidade".³⁸ Entretanto aos poucos os pequenos grupos de foliões foram-se dei-

³⁷ Binzer, Ina von. Op. cit., p. 69 e 73.

³⁸ Melo Morais Filho. Op. cit., p. 57 e 64.

xando absorver pelas grandes sociedades, como os *Fenianos* (nascidos em 1869), os *Tenentes do Diabo* e os *Democráticos*. Encarregavam-se elas dos préstitos, feitos em carros suntuosos, fora do alcance dos blocos menores. Ao mesmo tempo os teatros fechavam as portas aos bailes. Mudava de tom o folguedo, angariando mais assistentes que participantes.

Nos dias de carnaval e de outras festas públicas, um grupo chamava a atenção — o dos capoeiras. Vinham eles “em maltas, de vinte a cem, a provocar desordens, esbordoar e ferir”, cada grupo com o seu nome, os seus pontos de reunião e os seus chefes, “homens de valentia inexcedível”. Os cursos mais freqüentados (pois que o adestramento era longo) situavam-se na praia do Flamengo, no morro da Conceição e na praia de Santa Luzia. Integravam-nos as classes operárias e os escravos, “expressão nítida da capoeiragem da rua”. Nunca usando armas de fogo, recorriam à navalha ou a um cacetete de quase meio metro. Com eles não raro um capoeira vencida mais de dez homens, rendidos à sua agilidade, aos seus “poderosos recursos de agressão e pasmosos auxílios de desafiada”. Quanto ao capoeira, era “nada mais nem nada menos do que o homem que entre dez a doze anos começou a educar-se nesse jogo (a capoeiragem), que põe em contribuição a força muscular, a flexibilidade das articulações e a rapidez dos movimentos”. Contudo, deplora o mesmo autor: “de 1870 para cá os capoeiras não mais existem: se um ou outro, verdadeiramente digno desse nome pela lealdade antiga, pela confiança própria e pelo conhecimento da arte resta por aí, veio daquele tempo em que a capoeiragem tinha disciplina e dirigia-se a seus fins”.³⁹

As diversões no interior

Se na corte a transformação dos costumes fora rápida, propagando-se às grandes cidades como Salvador e Recife, no interior os senhores aferravam-se ainda às velhas usanças. Entretanto, nas suas visitas aos centros adiantados iam-se deixando influenciar pelos novos padrões, findando por ceder após a Abolição. Deste período de transição de uma sociedade senhorial e agrária para uma urbana, algo avançada, vêm-nos outros depoimentos de autores da época, expressivos do contraste entre os hábitos de vida. Num país de tão vastos domínios territoriais, em que até hoje ressaltam ritmos desiguais de desenvolvimento, várias distrações do tempo colonial persistiam nos lugarejos distantes.

³⁹ Melo Morais Filho. Op. cit., p. 458-465.

Bernardo de Guimarães, por exemplo, descreve em *O garimpeiro* uma cavalhada, corrida em meados do século com os contendores ricamente uniformizados a figurar mouros e cristãos, montados em cavalos ajazados e portando lanças ornadas. Os assistentes, vindos de longe, traziam os seus violões, violas e guitarras, assistindo ao espetáculo sentados em palanques, toldados e guarnecidos de colchas de damasco ou de chita, que se tinham armado no largo central da vila.

Também Euclides da Cunha menciona este passatempo muito apreciado no sertão, quando conta: "volvem os vaqueiros ao pouso e ali, nas redes bamboantes, relatando as peripécias da vaquejada ou famosas aventuras de feira, passam as horas matando, na significação completa do termo, o tempo... Se a quadra é propícia, e vão bem as plantações... refinam a ociosidade nos braços da preguiça benfazeja. Seguem para as vilas se por lá se fazem festas de cavalhadas e mouramas, divertimentos anacrônicos que os povoados sertanejos reproduzem, intactos, com os mesmos programas de há três séculos. E entre eles a exótica *encamisada*, que é o mais curioso exemplo do aferro às mais remotas tradições. Velhíssima cópia das vetustas quadras dos fossados ou arrancadas noturnas, na península, contra os castelos árabes... esta diversão dispendiosa..., feita à luz de lanternas e archotes, com os seus longos cortejos de homem a pé, vestidos de branco, ou à maneira de muçulmanos, e outros a cavalo em animais estranhamente ajazados, desfilando rápidos, em escaramuças e simulando *recontros*, é o encanto máximo dos matutos folgazões".

Afora estes, são "folguedos costumeiros" os sambas e ca-teretês ruidosos, aos quais comparecem "os solteiros, famanazes no desafio, sobraçando os machetes, que vibram no *choradinho* ou *baião*, e os casados levando toda a obrigação, a família. Nas choupanas em festas, recebem-se os convivas com estrepitosas salvas de rouqueiras e como em geral não há espaço para tantos, arma-se fora, no terreiro varrido, revestido de ramagens, mobiliado de cepos e troncos, e raros tamboretetes... o salão de baile. Despontam o dia com aguardente, a teimosa. E rompem estridulamente os sapateados vivos.

Um cabra destalado ralha na viola. Serenam, em vagorosos meneios, as caboclas... Nos intervalos travam-se os desafios... entre dois cantores rudes. As rimas saltam e casam-se em quadras muita vez belíssimas".⁴⁰

⁴⁰ Cunha, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, 1967. p. 114-115. [1902].

Os primeiros povoados, vilas e cidades

Esta disparidade entre entretenimentos cultivados no mesmo período é mero reflexo do descompasso nas demais condições de vida. Tal discrepância de padrões vinha acompanhando a nossa evolução desde o início. Surgira com os primeiros grandes engenhos de açúcar, os centros agroextrativos pioneiros, as dilatadas fazendas de criação e os férteis veios de mineração, que contrastavam fortemente com as áreas vizinhas. Assinalemos que das nossas quatorze capitanias unicamente duas prosperaram, o que levou a Metrópole, ainda na primeira metade do século do descobrimento, a instalar novo sistema — o de governo geral — para povoar e administrar a terra conquistada, que tão vário desenvolvimento exibia.

A princípio as vilas derivavam da *ocupação militar e administrativa* do território (como Salvador e Rio de Janeiro, que baseavam a sua defesa em privilegiados ancoradouros naturais, defendidos por fortes, situados em colinas). Afora o perigo do invasor estrangeiro, havia o do índio, que se buscava converter, nascendo dos seus aldeamentos algumas vilas (como Niterói e Baturité). Bem cedo, entretanto, muitos destes povoados já serviam de ponto de partida para o *desenvolvimento de atividades econômicas*.

Como a nossa economia teve, de saída, um sentido mercantil, outras vilas emergiram nos centros produtores, cujo progresso logo as distanciou do resto da região. Excetuando-se o pau-brasil (cuja exploração não demandava a ocupação permanente da terra), cada ciclo propiciou a criação de cidades ou o desenvolvimento de outras já existentes. Entre elas, todavia, continuariam vastidões devolutas. Foi assim de início com o comércio de açúcar, que gerou grandes centros urbanos, tendo a função de empório ou de porto de escoamento. Neles se observava padrão de vida bem mais alto que à sua volta, como ocorreu em Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Com o aumento da riqueza, que a produção favorecia, já na segunda metade do século XVII pôde florescer uma burguesia de comerciantes. Pela sua força econômica, começaram a rivalizar com os proprietários rurais, até então senhores do poder. Recife, por exemplo, encheu-se de mercadores e assumiu ares urbanos (naturalmente sob a influência dos holandeses, então mestres em urbanismo).

Por outro lado, nas tentativas de penetração do território conquistado, o colonizador ia fazendo surgir, ao longo dos rios navegáveis, povoados que se expandiam em vilas. Paralelamente, a criação do gado forçava a abertura de caminhos pelo interior, nos quais despontavam vilarejos. Assina-

le-se ainda o *bandeirismo*, que, nos séculos XVII e XVIII, provocou o aparecimento de longa série de arraiais, inicialmente precários e instáveis, muitos porém firmando-se depois como vilas. Assim, a procura intensiva do ouro e mais tarde a exploração de jazidas de diamantes haveriam de possibilitar o surto, perto de tais garimpos, de cidades interiores.

Todavia, não só eram pouquíssimos os centros urbanos, como o seu estilo de vida contrastava profundamente com o do resto da Colônia. Durante os primeiros séculos do descobrimento, Salvador e Recife manteriam larga distância dos outros núcleos populacionais. Mesmo o Rio de Janeiro só iria crescer no ciclo da mineração, ao se transformar no porto de escoamento do ouro, condição que lhe facilitaria depois a subida para capital dos vice-reis. Posteriormente, a transferência da corte e, já no meio do século XIX, a expansão da lavoura cafeeira dele fariam o centro financeiro do país.

No norte, Manaus e São Luís ocupavam a dianteira. A segunda das duas cidades, uma das principais expressões urbanas da economia colonial, chegou a ser no início do século XIX o quarto centro do Brasil. Sediava núcleo avançado de mercadores, que comerciavam diretamente com o estrangeiro, onde mandavam os filhos estudar. Tão prezadas eram ali as atividades intelectuais, que São Luís foi cognominada a *Atenas brasileira*.

O fato é que no sistema colonial as cidades pouco valiam, exceto alguns portos de exportação, pois o latifúndio, por sua própria estrutura econômico-social quase auto-suficiente, não instigava o crescimento urbano. Ao lado de alguns escasos centros adiantados, permaneciam dilatados vazios demográficos. Até hoje se conservam grandes os desníveis dentro do nosso território, de dimensões continentais.

Em suma, nos primeiros séculos foram poucos os nossos habitantes, que, além do mais, concentraram-se na faixa litorânea (assim mesmo separados por imensos intervalos). Segundo frei Vicente do Salvador, o primeiro brasileiro autor de uma *História do Brasil* (1627), não tinham os portugueses "coragem" de se internar pelo sertão, limitando-se a "andar arranhando as terras ao longo do mar, como caranguejos". Destarte, ao findar o século XVIII a nossa população não ultrapassava a casa dos 2 milhões e por ocasião da Independência ia a 4 milhões e meio. Todavia, ao tempo da República, engrossada pela imigração, iria aproximar-se dos 15 milhões. O fundamental, porém, é que não estava apenas a sofrer crescimento numérico — modificava a própria maneira de viver.

A influência dos novos meios de transporte e de comunicação

No Segundo Reinado acusou o país acentuado progresso, não obstante continuasse a basear a sua economia num produto agrícola predominante. Se no período colonial o açúcar dera ao nordeste a dianteira, agora, com a queda da sua produção e o desenvolvimento da lavoura cafeeira no Vale do Paraíba, o sul conquistava a supremacia. Os cafezais estendiam-se planalto acima, chegando mesmo a sua produção a superar metade da mundial. Tocadas pela marcha do café, tais regiões prosperavam, nelas florescendo cidades como Vassouras, Lorena, Taubaté ou Campinas. Nos maiores centros a nova riqueza propiciava melhores moldes de vida: começava a distribuição regular da correspondência, depois completada pelo telégrafo elétrico; substituíam-se lampiões de óleo de peixe pelos de gás; faziam-se esgotos; aos transportes privados juntavam-se os de aluguel e os veículos coletivos (como os bondes); autorizavam-se concessões de telefone; e se tornava domiciliar o abastecimento de água. Com tal aumento de comodidades e a mudança dos costumes, alterava-se, naturalmente, também a maneira de se divertir a população.

Contudo, a produção agrícola ainda era penosamente transportada para os centros exportadores. Até meados do século iria em embarcações pelos rios navegáveis e o litoral, ou em carros de boi e tropas de muares pelos mais ásperos caminhos. A figura do tropeiro (tão bem descrita por Bernardo de Guimarães) marcava a paisagem. Mensageiro da civilização, carregava mercadoria, dinheiro, cartas, notícias e até pessoas. Mas o progresso do país estava a exigir melhores vias de escoamento para a safra.

Despontaram então as *estradas de ferro*, cabendo a Mauá inaugurar a primeira, em 1854, com um percurso pouco superior a 14 km (do Porto da Estrela à Raiz da Serra de Petrópolis). Quatro anos após se iniciaria a *D. Pedro II* (posteriormente *Central do Brasil*), que iria ligar de fato o interior agrícola ao litoral. Outras ferrovias menores surgiam em Minas (a *Leopoldina*, por exemplo), na Bahia, em Pernambuco e no Paraná, caracterizadas todas pela direção no sentido de um porto importante (e não pela sua integração num sistema dentro do país). Deste modo, ao principiar a República possuíamos 9.200 km de vias férreas em serviço e mais que isto em construção.

Principiava a expandir-se igualmente a *navegação fluvial*, elemento básico na nossa circulação interna, porém só a adoção do vapor iria permitir-lhe maior crescimento e a sua orga-

nização em serviços regulares. Mauá, o grande pioneiro, que em 1847 fundara estaleiros em Niterói, seis anos depois levaria o vapor ao Amazonas que já em 1875 recebia navios europeus.

Anos após aumentariam a extração e a exportação da borracha que deveriam alcançar considerável volume ao fim do século, atingindo pouco depois o seu apogeu. Conheceram então enorme prosperidade os portos de Manaus e Belém, já reformados. Dessa fase ficaram-nos por testemunho grandes jardins públicos, calçadas decoradas, praças com chafarizes esculpidos e estátuas, imponentes sobrados, o magnífico teatro Amazonas (com o seu zimbório trazido de Paris e a decoração feita por artistas europeus, no qual se exibiam companhias do Velho Mundo), a Basílica de Nazaré (rica em mármore e vitrais importados) e o Museu Paraense (hoje Goeldi).

O emprego do vapor repercutiu também na navegação de cabotagem, facilitando o comércio entre as diversas regiões do país. Criada no Segundo Reinado a Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, viram os portos crescer o seu movimento, tomando vulto os do Rio, Salvador, Recife e Santos (este já a disputar, no fim do Império, a segunda colocação).

Quanto às estradas de rodagem, teríamos de esperar pelo século XX para que se ampliassem os velhos caminhos sob a instigação do automóvel (utilizado desde o início da terceira década). Bem antes disto, todavia, a *União* e *Indústria* (hoje *Mariano Procópio*) faria a partir de 1861 tão boa comunicação entre Petrópolis e Juiz de Fora, que Agassiz a julgaria "a melhor do mundo". Dezesete anos depois far-se-ia a *Estrada da Graciosa*, de Antonina a Curitiba, também de alto padrão. Entretanto, fora destes esforços, viam-se apenas iniciativas modestas de redes locais.

Iam assim os novos meios de comunicação e transporte não só desbravando o interior e facilitando a distribuição das riquezas, mas também valorizando as terras que cortavam, semeando povoações, difundindo o progresso e elevando o nível de vida. Carregando bens e pessoas, impulsionavam, paralelamente, a evolução da rede urbana, desempenhando papel saliente na reforma dos hábitos e costumes da sociedade (inclusive daqueles referentes ao uso do lazer).

Modificações trazidas pelos imigrantes

Atraídos pelo desenvolvimento do país e tangidos por problemas políticos que inquietavam o velho continente, como os movimentos de caráter revolucionário liberal, numerosos imi-

grantes não portugueses para aqui acorreram no século XIX. Muitos buscavam o sul, seduzidos talvez pelo clima, porém o que mais os movia eram as regiões (ali comuns) com terras devolutas ou à venda, pois que aspiravam a posse do solo. Já havíamos tido experiência de colonização deste tipo (com alemães na Bahia, em 1818, e suíços em Nova Friburgo, em 1819), mas agora se avolumava a corrente imigratória. No início do Primeiro Reinado outros núcleos de alemães floresceriam, porém o passo decisivo seria dado pelo senador Vergeiro em 1840, com a introdução do sistema de parceria na exploração da terra.

A imigração intensificou-se a partir de 1850, quando se promulgou a lei proibindo o tráfico de africanos (extinto de fato quatro anos depois). Vinha agora o braço livre do europeu substituir o do escravo, a que desde a terceira década do século XVI se entregara o trabalho pesado. Ampliando-se nos anos subsequentes a onda abolicionista (que resultou nas leis do *Ventre Livre* e dos *Sexagenários*), foram-se alargando e diversificando as correntes de imigrantes. Chegavam italianos, eslavos, suíços, alemães, espanhóis, poloneses, ingleses etc. Dominadas as lutas internas que haviam agitado o Reinado na primeira metade do século, e finalmente abolida a escravidão, outras possibilidades se abriam aos forasteiros. Encorajados pela prosperidade decorrente da expansão da lavoura cafeeira e pela melhoria das comunicações (propiciada pela ferrovia), chegavam eles em levadas, à procura de trabalho e abrigo.

Cresceu muito o seu número após 1875, cabendo-lhes boa parte do impulso sofrido pelo café (notadamente aos italianos em São Paulo). Além de bons artífices, revelaram-se valiosos no povoamento de terras abandonadas, trazendo-nos também novos moldes culturais (de moradia, vestuário, alimentação, artesanato, hábitos de trabalho, celebrações e divertimentos). Para amparo mútuo e a fim de assegurar continuidade cultural, tão logo instalados organizaram as próprias associações (benéficas, educacionais, sociais e recreativas).

Este espírito de solidariedade e de lealdade aos valores da cultura de origem manifestou-se muito no emprego do tempo livre, já em 1855 começando os clubes de imigrantes a se projetar (a exemplo da Sociedade Germânia, em Porto Alegre). Neles reuniam-se para confraternizar e prosseguir os passatempos da própria terra — ginástica, equitação, remo, bocha, *cricket*, corridas e ciclismo — gozando cada atividade de maior ou menor prestígio segundo a nacionalidade da maioria. Assim, enquanto os alemães cultivavam mais o bo-

liche e os italianos a bocha, os ingleses jogavam *cricket* e futebol. Onde houvesse um núcleo germânico despontava também uma sociedade ginástica, filiada ao movimento *Deutscher Turnverein*.

Uma das primeiras preocupações dos imigrantes foram os círculos musicais de que cuidavam quase tanto como as escolas que criavam e mantinham para os filhos. Em São Paulo fundou-se em 1867 o *Clube Mozart* (de alemães) e mais tarde criaram-se outros como o *Clube Haydn* (também de alemães), o *Quarteto Paulista* (de italianos) ou uma sociedade portuguesa, cuja banda tocava aos domingos no Jardim Público. No Rio, surgiram várias *Fil'Harmonicas*, além de clubes, como o *Schubert*, o *Weber* ou o famoso *Beethoven*, bem como a sociedade coral *Frohsinn Deutscher Gesangverein*. Em Petrópolis, Campinas, Curitiba, Porto Alegre e outros centros despontaram agremiações semelhantes, a par de sociedades de dança, teatro e esportes. Sobre elas fala-nos com graça Karl von Koseritz, um dos melhores cronistas da época, que em 1883 publicou *Bildern aus Brasilien*.

Mais tarde, o regime republicano iria atrair novos imigrantes, que nele viam melhores oportunidades de vida. A essa altura já vicejavam os grêmios fundados pelos seus predecessores, muitos com o campo ampliado para abranger outras ocupações. Contudo, foi só depois que Charles Miller principiou em São Paulo a incentivar o futebol (1894), que a disputa entre sociedades e, posteriormente, entre estados, desencadeou o crescimento dos clubes esportivos. Graças ao acicate da competição, multiplicaram-se as sociedades, que, além do mais, diversificaram-se. Do primeiro campeonato de futebol realizado em São Paulo, em 1902, até a obtenção do tricampeonato na copa mundial, pouco tempo decorreu, visto que o jogo foi logo acolhido com entusiasmo, constituindo hoje o nosso esporte nacional. Na década de 30 oficializou-se o profissionalismo, continuando o futebol a ganhar popularidade. Depois dele, na aceitação do público, vem hoje o basquetebol (aqui inaugurado em 1896) e a natação (iniciada entre nós como esporte no ano seguinte, pois o banho de mar praticava-se com fins de saúde desde a primeira metade do século).

Tanto o bilhar quanto a equitação já figuravam nos passatempos do princípio do século, mas as corridas de cavalo organizaram-se no Rio a partir de 1849. À mesma ocasião surgiram as regatas, embora o remo só viesse a ser promovido como esporte quase no fim do século, em pequenos clubes de aficionados (em Santos e no Rio). Vale assinalar que os nossos índios apreciavam corridas de canoa, por sinal estimuladas pelo colonizador, que as promovia em dias de celebração

(como contam relatórios de Salvador Corrêa de Sá e outros governadores, à Metrópole, bem como crônicas de holandeses na Bahia).

Gradativamente as sociedades recreativas foram aumentando em número e passando a oferecer novas atividades, como atletismo, tênis ou voleibol. Elevam-se agora a mais de 7 700 os clubes esportivos em funcionamento no país, somando cerca de 3 milhões e meio de sócios (20% dos quais esportistas ativos, quase todos homens). Há ainda 800 sociedades artísticas e 400 literárias, que congregam pouco menos de 240 mil associados. Esclareça-se, entretanto, que nem todos os passatempos importados foram bem aceitos. Embora na Colônia se jogasse xadrez e D. João houvesse doado à biblioteca pública impresso sobre o jogo, só em 1880 disputou-se o primeiro torneio oficial, não sendo até hoje muitos os seus adeptos.

Esta preocupação dos imigrantes com atividades desinteressadas, numa fase difícil de recomeço de vida em terra estranha, confirma não só o conceito de recreação como necessidade básica mas também a sua importância como fator de equilíbrio emocional. Quanto às formas de que ela se revestiu, evidenciam o valor da educação para o uso do lazer, traduzida no caso desses imigrantes numa tradição de amor à arte e gosto pela prática esportiva.

A transição para uma sociedade industrial, com outros hábitos de lazer

Nesse entretempo, especialmente após a Abolição, acentuou-se na nossa economia a tendência a passar de uma base agrária a uma industrial. O patriarcalismo rural, que por séculos dominara a nossa vida, cederá passo ao urbano, o qual, por sua vez, sofrerá grande transformação com o advento do burguesismo industrial. Este só foi lograr prestígio na segunda metade do século XIX, quando começou a marcha para a industrialização.

Dos primeiros produtos industriais da Colônia (açúcar e tabaco em rolo) até as grandes fábricas do século XX (instaladas a partir da I Guerra Mundial), foi moroso e pontilhado de dificuldades o nosso avanço no setor manufatureiro. Para começar, bem quando o ouro e o açúcar nos permitiam melhores condições de vida, proibiu-nos D. Maria I, em 1785, tecelagem e fiação, então nascentes. Embora D. João tivesse revogado tal alvará ao chegar, as nossas indústrias não progrediram porque: então não dispúnhamos de capital para nelas investir; faltavam-nos operários qualificados; e eram deficientes as vias de transporte para matéria-prima e

produção, além de haver escassez de consumidores (já que a maioria da população não recebia paga em dinheiro).

Afora isto, em 1810, Portugal assinaria tratado comercial fixando tarifas alfandegárias tão baixas para os artigos ingleses, que mais convinha importá-los do que tentar uma fabricação, sendo impossível competir com eles. Mesmo após a Independência mantiveram-se tais privilégios, só se abrindo perspectivas aos nossos produtos em 1844, ao se inaugurar a política protecionista (exceção feita à indústria açucareira, que se vinha mantendo bem há séculos).

Abolido o tráfico negreiro, o capital nele ocupado ficou disponível, sendo aplicado no comércio (do que resultaram os primeiros grandes empreendimentos públicos, como ferrovias, companhias de navegação e de telégrafo etc.) e na industrialização de bens de consumo. Havia, ainda, a mão-de-obra mais farta e melhor do imigrante, que também trazia o gosto pelo artesanato. Assim foram nascendo fábricas, embora ainda fosse clara a preferência pela lavoura, diante das esplêndidas safras de café, algodão e fumo. Se em 1850 havia apenas 50 estabelecimentos industriais, ao findar o Império o seu número ascendia a 636, vendo-se a maior parte no Rio (que por muito tempo conservaria a dianteira na indústria). Dos capitais investidos, 60% estavam no setor têxtil e 15% no alimentício.

No Império variou muito a política econômica, ora diminuindo as taxas alfandegárias (1860), ora as elevando (1874). A partir de 1880, porém, acentuou-se o movimento industrial, precipitado pela crise da lavoura e pelo desequilíbrio resultante da extinção da escravidão, bem como pelo aumento da produção, exigido pelo crescimento populacional. Para o último concorriam os imigrantes, que também traziam novos hábitos de consumo e dominavam técnicas logo exploradas em pequenas oficinas. Verificou-se, então, no último quartel do século, bom aumento na proporção relativa do setor assalariado dentro da população, o que favoreceu o alargamento do mercado e a expansão urbana (com as conseqüentes mudanças na maneira de viver).

Na República, os impostos aduaneiros foram sucessiva e grandemente aumentados, com o objetivo explícito de protecionismo industrial. Todavia, só depois da grande guerra de 1914 tomou impulso a nossa indústria, dominando de saída o setor têxtil. Nesse meio tempo, iam emergindo as usinas elétricas (data de 1883 a pioneira), empreendimento básico num país como o nosso, pobre em carvão mineral. Desse modo, já em 1920 possuíamos cerca de 13 500 estabelecimentos fabris (40% dos quais de produtos alimentícios) graças à ex-

pansão da indústria da carne, que influíram decisivamente no desenvolvimento urbano. Junto deles brotavam bairros operários e sob o estímulo da expansão demográfica evoluía o comércio. Desde então, a população operária veio crescendo em ritmo bem superior ao do total do país. Rio e São Paulo avolumaram-se, quer em área ocupada, quer em número de habitantes, verificando-se aqui e ali outras grandes concentrações (como em Porto Alegre ou Juiz de Fora). Com isto modificavam-se os hábitos de vida e, neles, os de aproveitamento do tempo livre.

A partir de 1930, nova crise mundial reanimou a nossa industrialização (que se atenuara depois de 1924), constatando-se após 1939 maior aceleração no desenvolvimento dos bens de produção que nos de consumo. As indústrias concentram-se mais em certas áreas do centro-sul, particularmente junto às maiores capitais, que se foram agigantando. A Segunda Guerra Mundial deu novo alento às atividades fabris, logo se patenteando a necessidade de indústrias de base. Marco fundamental nesta fase foi a implantação da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, que em 1946 entregou ao mercado os seus primeiros produtos. Com isto agravou-se, entretanto, o desequilíbrio entre o centro-sul, em franca industrialização, e o norte-nordeste, mostrando-se cada vez mais destoantes as respectivas condições de vida.

O crescimento da rede urbana

Paralelamente a esta expansão industrial, foi-se procedendo a urbanização de faixas do nosso território. O fenômeno já recebera certo impulso na segunda metade do século XIX, com a introdução da ferrovia e a afluência de massas de imigrantes, que além de fazerem progredir antigos povoados fundaram novas cidades. Registre-se, porém, que continuava nítida a preferência, manifesta desde os tempos coloniais, pela faixa litorânea, que ainda concentrava os maiores aglomerados humanos. Depois da República é que o principal fator de urbanização foi o crescimento industrial. Contudo, ele só iria tomar ímpeto em meados do século XX, sendo que até o extraordinário desenvolvimento de São Paulo e de Porto Alegre são conseqüência desta industrialização recente.

→ Outro fator de incremento da população urbana foram as *correntes migratórias* observadas no interior do país, notadamente as que se originaram das regiões semi-áridas do nordeste. Se o avanço industrial apressou a urbanização (como no caso de São Paulo, que já era importante centro agrícola quando as fábricas impulsionaram o seu progresso), ele tam-

bém encorajou a natural atração da cidade sobre o campo. Enquanto nos aglomerados humanos que se expandiam, intensificava-se a especialização das funções profissionais, característica da vida urbana, e se aguçavam os problemas típicos das sociedades em rápida industrialização, na área rural a seu redor continuava o sistema de grandes propriedades, cultivadas por métodos antiquados. Então, ao lado de zonas urbanizadas como no sudeste do país, persistiam largas extensões despovoadas ou com escassa densidade populacional. E a situação era agravada pela preferência demonstrada pelos maiores centros, sempre mais procurados pelos que abandonavam o interior. Assim crescia a nossa rede urbana, exibindo poucas cidades grandes, alguns núcleos de tamanho médio e uma infinidade de pequenos centros.

Nesta expansão urbana também coube à rodovia papel saliente. A partir de 1920 (e mais ainda de 1926), o uso crescente de veículos motorizados forçou a melhoria dos antigos caminhos e a abertura de novas estradas, perdendo o transporte marítimo a sua posição. A princípio construiu-se a rodovia Rio—Petrópolis, vindo mais tarde a Rio—São Paulo, para depois prosseguir o alargamento da rede de transportes, com a pavimentação de umas vias e a implantação de outras. Contrastando com as ferrovias, orientadas transversalmente no sentido de determinado porto, as rodovias ramificaram-se em muitas direções, o que favoreceu a integração nacional. Valorizando as terras que atravessavam, contribuíram diretamente para a sua urbanização, pois mesmo quando o seu traçado evitava cruzar o centro da cidade, esta avançava até as encontrar.

Vieram a seguir os planos rodoviários (datando de 1944 o primeiro de caráter nacional, aprovado pelo Governo) e se criou em 1946 o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Enquanto as estradas de ferro iam ficando para trás, as de rodagem se avantajavam, articulando as diversas regiões do país. Ao longo delas irrompiam povoados (junto à bomba de gasolina, ao botequim e ao dormitório), que logo se alongavam em vilas. Como influência indireta da rodovia, nunca será demais salientar o papel do caminhão no relacionamento entre as terras recém-abertas e as já civilizadas. Dada a sua resistência ao desgaste e capacidade de vencer os mais rudes caminhos, vai ele carregando mercadorias e gente, a atuar como pioneiro da mudança social.

Cabe aqui nota à parte sobre os transportes aéreos. Fatores de peso na difusão dos novos padrões de vida, foram com frequência os únicos meios de vencer as enormes distâncias entre vários núcleos de povoamento. Em 1927, começamos a

aviação comercial no Rio Grande do Sul, com a Condor e a Viação Aérea Riograndense, vinculadas ambas a capitais alemãs. Logo surgiram várias companhias, entre elas uma francesa e outra subsidiária de empresa norte-americana (a PANAIR). Gradativamente foram-se nacionalizando as tripulações e se organizando novas companhias, até que, por volta de 1941, era praticamente brasileiro todo o pessoal de bordo. À mesma altura já o Correio Aéreo Nacional (cuja origem remonta a 1931) prestava excelente serviço. Transportando correspondência, pessoal, víveres e socorro médico, contribuía de modo decisivo para a integração do país. Nessa quadra já contávamos com uma rede aérea comercial, que ligava todas as cidades importantes da costa e facilitava a penetração do interior. A partir daí foi a nossa aviação ganhando alento, para em 1947 conquistar a liderança comercial na América Latina.

O emprego do lazer como problema do administrador

O aumento do tempo livre (conseguido pela máquina e estendido pela maior duração da vida), a disseminação das novas maneiras de ocupar (propiciada pelos meios de comunicação em massa), as tensões da vida numa sociedade em acelerada mudança (onde a competição sobreleva) e o rápido desenvolvimento urbano das últimas décadas aguçaram nos responsáveis pelo bem-estar da coletividade a consciência do potencial do lazer. Mais legisladores e administradores foram reconhecendo o valor da recreação organizada e ampliando, conseqüentemente, as acomodações públicas para a sua prática, como estádios, ginásios, parques, praças, auditórios, bibliotecas, balneários, mirantes etc. Foi assim configurando-se para eles nova responsabilidade, qual seja, a de promover o uso adequado da folga, que por isto começou a merecer mais atenção no planejamento urbano.

Esta longa digressão histórica pareceu-nos imprescindível para situar a questão do uso do lazer desde a sua origem, especialmente no contexto social brasileiro, porque o problema quase não tem merecido atenção na nossa literatura técnica. Outro objetivo visado foi o de buscar as raízes da atitude ainda comum (em que pese ao desmentido dos fatos) de considerar secundárias no planejamento urbano as atividades de lazer. Talvez ela se possa atribuir à tradição de se confiar à iniciativa privada, como fazia o colonizador, que só vez por outra, e num gesto de paternalismo, "dava festas ao povo". Fora disto, eram promovidas pela Igreja, também por concessão e apenas nos dias de grandes celebrações. Posteriormente,

passaram a oferecê-las de modo sistemático as associações particulares, que emergiram no século passado, quando os indivíduos compreenderam as vantagens da união de esforços também no campo da atividade desinteressada. Isto, porém, era suficiente numa sociedade como a daquele tempo, tão simples que Gilberto Amado assim a retratou: "Atentai, senhores, aí está esboçada a História do Brasil no século XIX: Senhores e escravos!"⁴¹

Atualmente, entretanto, o lazer ocupa situação de relevo na trama social, impondo-se o planejamento cuidadoso das comodidades para a sua boa utilização. A exemplo do que sucede nos demais setores da vida, hoje tão complexa, ele também precisa de organização. E tais medidas mostram-se tão mais urgentes quanto mais se apressa o processo de urbanização, que em alguns casos é vertiginoso, escapando, mesmo, a quem o tenta ordenar (como sucedeu em Londrina, que criada em 1932, alcançou em 1950 uma população de 33 000 habitantes, em 10 anos dilatada para 74 000).

41 Amado, Gilberto. As instituições políticas e o meio social no Brasil. Três livros. Rio de Janeiro, 1919. p. 220.

A ERA ESPACIAL: O LAZER ATINGE A MASSA

"Deixamos a era da máquina e entramos na da química. Agora é possível fazer quase tudo com qualquer coisa, na quantidade desejada e em qualquer lugar... Há uma abundância universal, automática e quase mágica de lazer, sendo difícil avaliar o efeito de tudo isto na humanidade, nas instituições e nas relações internacionais. As pessoas tendem a se tornar uniformizadas, estereotipadas, guiadas pelo grupo, suscetíveis de manipulação em massa e de arregimentação. A sociedade está sendo dirigida para um lazer caracterizado por esportivismo passivo e satisfações obtidas sem esforço por consumidores... O lazer e a recreação são vistos como comodidades que se compram e não como experiências a viver. Agimos como se o modo de comprar mais lazer fosse trabalhar mais. A forma de se ocupar o lazer está-se transformando em critério importante de *status social*."

Donald Howard ⁴²

Vimos como nos últimos 100 anos o lazer renasceu, ampliou-se e cresceu de valor, achando-se agora em plena expansão. Se na antigüidade foi condição da nobreza e no século passado chegou a prerrogativa de classe, reservada a grupos privilegiados, na sociedade atual transformou-se em fenômeno de massa, deixando de ser produto secundário do trabalho para ocupar posição central na vida. Com a elevação da renda, o homem contemporâneo passou a ver no tempo livre uma perspectiva básica, que lhe merece grave atenção. Para muitos o trabalho começou a ser vivido como meio e não mais fonte principal de auto-realização ou finalidade da vida. Assim, encarado antes como *possibilidade*, o lazer ascendeu a *reivindicação*, para depois alçar-se a *necessidade* do homem, vindo a se configurar na era espacial como *fenômeno de massa*.

Uma mentalidade diferente

Desde que no século XIX os sindicatos não mais exigiram apenas aumento salarial, mas principiaram a reclamar a diminuição da jornada de trabalho, o lazer foi aumentando e estendendo sua influência, da vida profissional à familiar, à educação, à política e, até, à religião. Mais crucial, porém, que a expansão do número de horas livres foi a emergência de novas formas de as utilizar. A classe média, por exemplo,

⁴² Howard, Donald. History of recreation. In: Williams, Wayne R. *Recreation places*. New York, Reinhold, 1958. p. 32.

pôs-se a dar sentido mais ativo ao tempo de sobra, preferindo ocupá-lo com atividades sociais, desenvolvidas em clubes e associações.

Graças à progressiva racionalização do trabalho e à sua crescente automatização, bem como à marcha acelerada da tecnologia, o lazer está hoje em franco alargamento. O dia já não é mais todo tomado pelo trabalho, desfrutando o indivíduo de duas a três horas de vagar, pelo menos. Deixou de ser preciso esperar pelo domingo para se dispor de folga, visto que ela se converteu em realidade cotidiana.

A partir da II Grande Guerra, foi-se universalizando o repouso semanal, tendendo a reduzir-se a cinco os dias úteis, pela crescente extensão da *semana inglesa* a novos grupos profissionais. Afora isto, os anos de trabalho deixaram de suceder-se ininterruptamente, para se verem intercalados por semanas de férias pagas (medida aplicada aos poucos a mais classes). A vida profissional passou a não terminar, como antes, só por invalidez ou morte, para encontrar fim legal na aposentadoria, também já se tendo fixado a idade mínima para começar a trabalhar e regulamentado o horário profissional de menores e mulheres. Tais medidas de proteção ao trabalho continuam a evoluir, acompanhando a repercussão do avanço tecnológico sobre ele, como ilustra a legislação relativa a condições de insalubridade, periculosidade, risco de vida etc. Estas melhorias que ingressaram nos nossos textos com a chamada Lei de Férias, de dezembro de 1924, estão reunidas na *Consolidação das Leis do Trabalho*, iniciada em 1943 e depois reformulada para atender aos reclamos do progresso.

A este aumento do tempo de folga, obtido pela regulamentação da atividade profissional, somaram-se os anos conquistados pelo progresso da higiene e da medicina, que prolongaram a duração da vida ativa. Enquanto a engenharia sanitária recupera regiões pantanosas, instala sistemas de esgotos sanitários, controla o abastecimento e o tratamento d'água, estabelece padrões mínimos de ventilação e iluminação de casas e oficinas, procura reduzir ao mínimo e controlar a poluição do ambiente, além de adotar outras medidas para sanear o meio físico, os serviços de saúde pública procedem à erradicação de doenças endêmicas e ampliam a profilaxia das moléstias transmissíveis, promovendo destruição de focos, vacinação em massa, isolamento etc. Então podem decrescer as taxas de mortalidade infantil e as ligadas a males endêmicos (índices sintomáticos do desenvolvimento de um grupo cultural). Assim a vida ganha mais anos, e neles maior tempo de produtividade, que não se há de perder no ócio.

A descoberta de antibióticos de mais largo espectro, os dilatados recursos de diagnóstico, a atual terapêutica médico-cirúrgica (facilitada pelo aperfeiçoamento da anestesia) e a assistência proporcionada nos modernos hospitais asseguram, por outro lado, sobrevivência mais longa a maior número de pessoas. Destarte, adiantada a luta contra as doenças infecciosas (a antiga peste) e encaminhado o combate às deficiências nutricionais endêmicas (a fome) pôde elevar-se nos centros desenvolvidos a expectativa de vida.

Um novo sistema de vida

Já se resumiu assim a situação atual: nas áreas desenvolvidas, o homem trabalha hoje 40 horas semanais e vive 70 anos. Comparado ao seu bisavô, acusa um ganho anual de 1 500 horas livres, além de 30 anos mais de expectativa de vida. Conquistou, pois, 45 000 horas de lazer, ou sejam, 22 anos de folga, que deve aprender a aproveitar para não os reduzir a ócio, já que foi dura a luta para os alcançar. Estimou-se, além disto, que no ano 2 000, vale dizer, daqui a somente 30 anos, a semana de trabalho pedirá nos países adiantados somente de 30 a 32 horas. Neles será maior ainda a extensão da vida, ao mesmo tempo em que a explosão demográfica (que ora se tenta controlar) terá aumentado muito o total de horas vagas da população como um todo, agravando o problema, já grave, de como as preencher, pois não há espaço nem instalações e falta educação para as saber aproveitar.

Há que apontar, ainda, a mudança das próprias condições em que se faz o trabalho. O uso extensivo da máquina a vapor e dos motores a gasolina e eletricidade, a exploração industrial do petróleo e o aproveitamento da energia hidrelétrica (sem falar na atômica) são responsáveis por transformações radicais no mundo econômico. Nem bem nos havíamos habituado à mecanização das tarefas e já se inventavam outras máquinas para controlar o serviço das primeiras. Se a revolução industrial trouxe grande aumento do tempo livre, em poucas décadas a *revolução cibernética* nos libertou de ocupações maçantes, como a fiscalização de tarefas repetitivas ou a realização de cálculos sem fim.

Os computadores eletrônicos representam a nova classe de escravos, cuja eficiência e presteza são insuperáveis. Dotados de prodigiosa memória e extraordinária velocidade de funcionamento, processam em bilionésimos de segundo uma instrução, solucionando problemas tão complexos, cujo significado muitas pessoas sequer vislumbram. Não só comandam em per-

manente e inigualável vigília as máquinas que se desincumbem do trabalho pesado ou rotineiro, como lhes integram e corrigem as operações. Fica, então, o homem com mais vagar e menos cansaço físico.

Estes cérebros mecânicos, comumente integrados em vastos sistemas, acham-se ainda em aperfeiçoamento, já se encontrando na terceira geração, capaz de executar vários serviços simultaneamente. Depois que os microcircuitos possibilitaram a fabricação de computadores pequenos e mais econômicos, generalizou-se ainda mais a sua utilização. No Brasil já temos em uso pouco menos de 200 computadores, que estão facilitando tarefas, como o processamento de dados censitários, o controle da produção industrial, o movimento bancário, a arrecadação de impostos, o pagamento do pessoal ou o julgamento de exames vestibulares. A atestar a sua penetração nos meios mais tradicionais está o seu emprego no Vaticano para contar os votos dos bispos num concílio ecumênico. Sem eles, por sinal, não teria sido possível a conquista do espaço. (Lembre-se a propósito que, na base de lançamento dos foguetes, computadores verificam todo o seu sistema antes da partida, depois de lhe terem facilitado a construção. A par disto, seguem a trajetória da aeronave, enviando aos astronautas instruções sobre o momento preciso de mudar de órbita e de pousar, pormenorizando ainda as operações necessárias a cada etapa. Simultaneamente, um computador compacto viaja dentro da nave, fiscalizando todo o desenrolar da missão.)

Os atuais meios de transporte igualmente remodelaram o nosso estilo de vida. O trem, por exemplo, possibilitou o alargamento dos subúrbios dos grandes centros urbanos e o nascimento das cidades-dormitório (como Esteio e Canoas em relação a Porto Alegre). Nestes dois fenômenos influiu também a dilatação do percurso dos modernos ônibus, observando-se, ainda, que as linhas interestaduais regulares deles fizeram veículo muito procurado para viagens longas, de turismo ou não (especialmente entre nós, onde a rodovia tem papel decisivo). Por seu turno o automóvel facilitou a criação de bairros residenciais de alto nível na periferia das cidades maiores (como o Jardim Europa, em São Paulo). Concorreu, ainda, junto com a rodovia, para a eclosão perto das cidades maiores de centros de veraneio (como Teresópolis ou Guarapari), cuja vida só se anima nos fins de semana e nas férias. O próprio caminhão, que carrega gente, além de carga, representa por vezes o único meio de chegar a localidades remotas, às quais se incumbem de levar os novos moldes de cultura. Enquanto isto, aviões a jato situaram-nos a, praticamente, dois dias de

qualquer ponto do globo, anulando as distâncias (não raro só vencidas nas metrópoles congestionadas por helicópteros).

Neste passo vai-se alargando o processo de urbanização, estimando-se que no ano 2000, tão próximo, mais de 60% da população mundial (então pela casa dos seis bilhões) estarão morando em cidades. O planejamento urbano exige, assim, atenção cada vez maior, sendo para ele convocadas equipes de especialistas, que trabalham junto com sociólogos, educadores e recreadores, entre outros profissionais.

De influência crucial na vida contemporânea são, ainda, os meios de comunicação em massa, típicos da nossa era. Graças a eles a Terra ficou pequena, sendo-nos possível acompanhar de fato o desenrolar dos acontecimentos no mundo. Em frações mínimas de tempo, modelos culturais (de aparência pessoal, alimentação, uso do lazer e, até, filosofia de vida) são levados de um a outro lado do planeta. Rapidamente se generalizam regimes alimentares, tipos de roupa e penteado, canções e instrumentos musicais, danças e movimentos como o dos *hippies*, que transpõem todas as fronteiras. E este processo ainda logrou maior amplitude quando foram postos em órbita, por consórcios de nações, os satélites artificiais de comunicações (como o *Pássaro Madrugador*, instalado em 1965, ou os três *Intelsat*). Desta forma as gravações magnéticas, que demoravam um pouco a ser retransmitidas, vêm sendo substituídas por transmissões simultâneas ao vivo, até de um para outro continente, com impressionante nitidez, como sucedeu na Copa do Mundo, de futebol, em 1974.

Para melhor idéia do imenso alcance dos meios de difusão em massa, consideremos apenas o número de aparelhos receptores de televisão em uso em alguns países.⁴³ Em 1967, os EUA contavam com cerca de 78 milhões de televisores, a URSS com quase 22 milhões, o Japão com 19 milhões, o Reino Unido com cerca de 14 milhões e meio e a Alemanha Ocidental com pouco menos de 14 milhões. No Brasil, tal número ia em 1966 a 2 milhões e meio. A estes dados acrescenta-se a informação de funcionarem no mundo 9 900 estações de TV, sendo 2 703 nos EUA, 1 172 no Japão, 900 na Itália, 748 na URSS e 640 na Alemanha Ocidental (no nosso meio iam elas a mais de 4 dezenas, entre geradoras e repetidoras). Considerando-se que cada televisor serve a toda uma família (senão também aos *televizinhos*), parece cada vez mais justa a afirmação de Louis Wirth, em *Consensus and mass communication* (1948), de que a comunicação em massa está-se tor-

⁴³ Statistical Yearbook, Unesco 1968. New York, United Nations Statistical Office, 1969

nando, se já não o é, um dos esteios principais na trama da vida social.

Enfim, a revolução tecnológica trouxe ao homem mais lazer (condição que não se deve identificar com ócio), ao mesmo tempo em que o libertou de tarefas fatigantes (pesadas ou repetitivas), permitindo-lhe assim aumentar sua produtividade e, conseqüentemente, ganhar mais. Nas suas 45 ou 40 horas semanais de hoje, ele produz muito mais que nas 60 horas do início do século. Mas agora o defronta outra opção: entre vagar e esforço, isto é, entre trabalhar após o horário (ou num segundo emprego), a fim de poder comprar mais e desfrutar de melhor padrão de vida, ou satisfazer-se com nível menor, porém viver descansado, cumprindo o horário regular, agora reduzido. A questão da jornada de trabalho apresenta-se hoje em novos termos, a saber, em razão da escolha entre padrão de vida e gênero de vida, entre o desejo de consumir mais e o de ter poucas obrigações. O problema passou a ser o de achar o ponto individual de equilíbrio entre folga e ocupação.

Como aproveitar a nova folga

Já em 1956, um inquérito feito entre operários suecos revelava que a maioria optava pela redução das 48 horas de trabalho semanais então vigentes, aceitando em troca o corte proporcional do salário. Entretanto, 13 anos depois, um professor de economia de Estocolmo, Staffan Linder afirmava em livro que, na medida em que subia a renda do indivíduo, diminuía o seu tempo disponível. Nesta obra (traduzida para o inglês sob o título *The harried leisure class*) procurou ele provar que quanto mais se ganha, tanto mais horas se consagra ao trabalho, pois o homem não resiste à tentação dos numerosos bens que lhe são insistentemente oferecidos.

O fato, porém, é que na sociedade moderna o lazer aumentou e subiu a uma posição de relevo. De privilégio de alguns passou a necessidade de todos, perdendo o trabalho a sua tradicional marca de maior interesse da vida (como atesta o notável alargamento das indústrias ligadas ao lazer). Acompanhando-se a estatística das quantias gastas anualmente em cada país com diversões e entretenimentos (como cinema, teatro, esportes, torneios, revistas, jornais etc.), vê-se que em todos foi marcante a ascensão de tais despesas nos últimos 12 anos. Fato importante a assinalar neste ponto é a penetração das classes populares nesse mercado, pela conquista de passatempos antes para ela inatingíveis, como o esporte (no

qual J. Huxley percebe o traço dominante do nosso tempo) o turismo (interno) ou a leitura (facilitada pelo livro popular).

Saliente-se que o novo vagar não só repercutiu nos empreendimentos a ele diretamente ligados, como afetou a vida inteira, quase que a reformulando. Avaliem ou não os responsáveis pelo bem-estar público a gravidade da matéria, o bom emprego de tão amplo espaço de tempo é cuidado que a eles se impõe, como mais uma das suas atribuições. Segundo lembra Bertrand Russel (*The conquest of happiness*), "o uso inteligente do tempo livre é o produto final de uma civilização", fato que, de resto, não constitui novidade, de vez que já na Grécia antiga o lazer era tido como marco de refinamento. Além do mais, considerando-se o volume do lazer quando calculado englobadamente para a comunidade, vê-se que, ao zelar pelo seu aproveitamento, o administrador também está prevenindo o malogro de muitos dos seus esforços em outros setores públicos (por efeito de vandalismo, uso de narcóticos, alcoolismo, criminalidade, acidentes etc.). Mais lazer, sem preparação para o aproveitar, resulta em vazio ou vulgaridade.

O problema do lazer num país em desenvolvimento

Todas estas condições, já por si intrincadas, entre nós apresentam maior complexidade pelo ritmo contrastante em que se processa o desenvolvimento nas diferentes regiões do país. De um lado, isto nos dá o privilégio de conhecer por experiência direta as conseqüências de um crescimento espontâneo e desordenado dos centros urbanos, sem previsão da ocupação do espaço. De outro, permite-nos planejar para evitar erros semelhantes nas áreas em desenvolvimento, embora a própria disparidade de moldes de vida dificulte, por sua vez, a execução deste planejamento, em face dos conflitos culturais que logo se configuram.

Os nossos problemas de adaptação são maiores porque vivemos simultaneamente duas fases: a progressiva à revolução industrial e aquela da extensa renovação científica e tecnológica de hoje. Meios eficientes de transporte e de telecomunicação propiciam a rápida difusão do saber (ou pelo menos das informações e notícias), ocasionando séria contradição entre muitas das nossas condições materiais e o estado de espírito, bem como os conhecimentos que a ciência contemporânea nos faculta. Sabemos não ser razoável prosseguir com os modelos que há um século eram eficientes, porém esbarramos numa situação material que nos cerceia a adoção dos padrões das nações desenvolvidas. É que nos falta todo um estágio de

educação, paralelo ao desenvolvimento, o qual demanda longo tempo, mas é indispensável à sedimentação das atitudes. Além de tudo, resistir ao que é novo é reação natural de quem vê abalada a segurança da rotina diária.

É fácil verificar a coexistência dentro do nosso território de faixas com moldes totalmente distintos de vida. Nem precisa muito. Basta nos afastarmos algumas dezenas de quilômetros de qualquer aglomerado urbano maior, para que ressalte a enorme distância social que se pode fazer presente dentro da mesma área geográfica. À poucas horas das metrópoles regionais encontram-se povoados jamais tocados pela nova técnica. Mesmo entre o Rio de Janeiro (com seus requintes culturais e 3 631 hab/km²) e São Paulo (com mais de 3 900 hab/km² e um vasto parque industrial) acha-se Parati, ainda nos tempos coloniais, embora sem o brilho de então.⁴⁴ Nas suas ruas estreitas e calçadas com pedras irregulares, que a maré inunda quando sobe muito, casarões senhoriais, igrejas antigas e árvores seculares envolvem em silêncio inusitado e paz o viciante mal saído da agitação da metrópole. Da mesma forma, ao lado da capital federal, com todo o arrojo da sua arquitetura moderna, vivem populações que continuam a cultivar o solo pelos processos mais rudimentares e a fazer ingenuamente os seus artigos de primeira necessidade (que vendem em feiras livres).

Nem será necessário restringir tais confrontos às zonas mais urbanizadas, do leste e do sul do país. Até nas áreas de mais baixa densidade demográfica (como Rondônia com os seus 0,46 hab/km²) saltam aos olhos as discrepâncias. A um passo da floresta, achamos em Vila Amazonas e Serra do Navio o conforto do século XX — ambientes refrigerados, serviços de educação e assistência médico-social de alto nível, cinema, clube etc.

Esta duplicidade de valores e moldes de vida em áreas contíguas dificulta muito o planejamento para campo tão especial quanto o do lazer, a começar pela reserva de espaço para as atividades recreativas, medida vista por muitos como prematura. Em diversas zonas ainda é escasso o tempo disponível, parecendo descabidas tais providências, seja por mera imprevisão, seja por desejo incontido de comercializar toda nesga de terra. Em outras, a mera luta pela sobrevivência nas mais primitivas condições faz julgar despropositados projetos desta ordem, acolhidos com ceticismo pela comunidade. Entretanto, quando a mudança rápida (que já está a ocorrer

⁴⁴ Anuário Estatístico do Brasil, 1973. Rio de Janeiro. Fundação IBGE. Instituto Brasileiro de Estatística, v. 40.

em outras regiões do país) as toma de assalto (como sucedeu em Apucarana ou em Maringá), não há tempo de planejar, cabendo tão-somente corrigir os danos de um crescimento impensado. Outras vezes, o progresso as atinge sob a forma de especulação desenfreada, que as retalha em lotes de dimensões ridículas, com arruamento estreito e escolas sem pátio de recreio, não deixando lugar para o que não traga lucro imediato. Um dos primeiros passos, depois da planta com o traçado de beneficiamentos imaginários, é fazer o desmatamento e erguer um que outro edifício de vários andares (a desfigurar a paisagem sem justificativa diante do espaço disponível e da escassez dos demais recursos, mas que encham de orgulho a população ingênua). Tem-se a impressão de que a experiência dos erros cometidos nos velhos centros urbanos precisa ser repetida, senão piorada com o auxílio da técnica.

A celeridade da mudança

Entretanto, mais dramática do que tudo isto, nestes dois *brasis* analisados por economistas ou por sociólogos como Jacques Lambert, é a espantosa velocidade com que se faz a mudança, não dando tempo à gente para a ela se acostumar.⁴⁵ Extensos trechos saltam bruscamente da junta-de-bois para tratores e cultivadores mecnizados e das lamparinas mais rudimentares para as luminárias a mercúrio; estradas pavimentadas rasgam a floresta virgem (como a Transamazônica); em plena selva erguem-se torres de sondagem de petróleo (a exemplo da região Faro-Juriti, no Amazonas); pistas de pouso brotam onde nem chegou a ferrovia (fato comum nas grandes fazendas do centro-oeste); habitantes de lugarejos remotos servem-se de hidroaviões para o seu transporte (como no alto Amcznas); lanchas a motor cruzam nos rios com canoas de índios (como no Araguaia); passageiros chegados a cavalo (único meio de transporte de que dispõem) viajam em táxi-aéreo para os centros desenvolvidos, onde vão regularmente a negócio; ao lado da plataforma de lançamento de foguetes espaciais, comunidades nordestinas tiram o sustento de rústicas jangadas; no coração do país, de confortável hotel ligado por avião à capital do estado, pode-se acompanhar as artes de cerâmica, tecido e cestaria dos carajás, que vivem na própria ilha do Bananal, ainda sob economia de coleta; doentes são levados de avião militar (o único que atinge a vila

⁴⁵ Lambert, Jacques. *Os dois brasis*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, INEP, 1959.

remota que habitam) para submeterem-se à mais delicada cirurgia em hospitais padrão A, distantes poucas horas de vôo etc. etc.

Do ponto de vista geográfico, consideram-se até vários *brasis*, cada qual com uma cidade dominante. Nossa estrutura urbana continua a revelar a herança de um passado recente, no qual a economia agrária se voltava mais para a exportação, mostrando-se reduzidas as trocas internas. Tão dividido parecia o país, que os economistas falam no *arquipélago brasileiro*. Entretanto, já alcançamos fase de transição, em que este tipo de economia vai sendo abandonado em favor de outra, de base industrial, capaz de impulsionar uma agricultura diferenciada para mercado interno. Patenteia este fato a mudança marcante, nas últimas décadas, da composição profissional da nossa população ativa, na qual decrescem os setores primário e secundário e ascende o terciário, notadamente o ramo industrial.

Como corolário deste progresso fabril, muitas cidades florescem, passando a exercer a sua conhecida atração sobre o campo e ativando o êxodo *rural*. Note-se que a industrialização só tomou impulso entre nós no meio da década de 50 (crescendo de 1956 a 1961 com uma taxa média de 11,3% ao ano). Pôde, assim, a participação da indústria no produto interno bruto aumentar de 18% no período de 1948 a 1962 (no que teve grande influência a implantação da indústria automobilística).

O crescimento urbano

Observada em conjunto, a nossa população urbana vem acusando forte incremento nos últimos anos, pois de 31,2% do total em 1940 passou em 1950 a englobar 36,2%, indo ultrapassar os 55% em 1970. Todavia persiste o descompasso no desenvolvimento, porque tal população distribui-se muito desigualmente. De início, regiões imensas como a Amazônia (quase toda coberta por floresta tropical) não contam sequer um habitante por km². Além desta zona esparsamente povoada, que ocupa quase a metade do nosso território, verifica-se a tendência universal de convergir a gente para os maiores centros, o que faz concentrar-se boa parte da nossa população nas grandes cidades.

Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, vêm exibindo impressionante crescimento, sendo que a capital paulista saltou nos últimos cem anos do décimo lugar entre as cidades do país para atingir a situação de maior complexo de indústrias da América do Sul. Atualmente o Grande São Paulo responde

por mais da metade da nossa produção fabril, empregando 800 mil operários em manufaturas as mais diversas, afora abrigar gigantesco comércio. Com isto, alguns Estados progredem muito mais rapidamente que outros, como a simples inspeção de dados estatísticos elementares faz ressaltar. Vejamos apenas algumas indicações, que põem à mostra tais discrepâncias (dados dos anos 60, quando só 6% das nossas cidades iam a 20 000 ou mais habitantes):

Estado	Renda interna total Cr\$ 1 000,00	Renda per capita Cr\$
Guanabara	6 897 700	1 671,80
São Paulo	19 947 500	1 221,70
Minas Gerais	5 948 800	520,00
Pernambuco	2 113 500	461,90
Bahia	2 461 300	367,30

Note-se que nos últimos anos a industrialização caminha depressa não só nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, mas ainda nos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, de modo a formar verdadeira faixa industrial, que é também a mais urbanizada do país. Já penetrou em trechos do nordeste (cuja capital metropolitana, Recife, ultrapassa um milhão de habitantes e exhibe um dos nossos maiores parques industriais) e atinge o norte (liderado por Belém, forte centro comercial e portuário, com 800 000 habitantes, mas ainda com intenso reflexo da estrutura colonial). Recentemente, vem alcançando a área de influência de Salvador (à qual o petróleo e a elevação da capacidade da hidrelétrica de Paulo Afonso abrem excelentes perspectivas), tomando vulto ainda a região metropolitana de Porto Alegre.

Estímulos ao desenvolvimento

A esta dilatação espontânea da rede urbana, desencadeada pela marcha industrial, somam-se esforços governamentais para instigar o avanço das zonas mais carentes, com o fim de atenuar-lhes o desequilíbrio e evitar a sua cristalização (provável diante do seu longo passado de entorpecimento). Entidades especialmente criadas com este objetivo intensificam e guiam, então, o progresso nas regiões que não vêm acompanhando a evolução da nossa economia, por isto aprofundando os desníveis.

Por tais razões, desde 1952, quando foi criado, vem o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico financiando o reapa-

relhecimento e a expansão da economia nacional, como depositário e distribuidor de fundos especiais destinados ao desenvolvimento. Dentre as suas múltiplas realizações queremos destacar a atenção dada ao Fundo de Desenvolvimento Técnico e Científico, que tem recebido grandes recursos para projetos de ensino pós-graduado e de pesquisa pura e aplicada nos setores do conhecimento mais diretamente relacionados à aceleração do desenvolvimento.

Em 1959 foi criada a Superintendência do Desenvolvimento Econômico do Nordeste, com sede em Recife, para estimular o avanço de área correspondente a 19% do nosso território, abrangendo cerca de 27 milhões de habitantes (distribuídos por nove Estados). Principiando por realizar estudos e propor diretrizes para a recuperação econômica da região, a Sudene já executou três planos diretores e tem o quarto em andamento. Desta maneira ajudou a construir quilômetros de estradas e a triplicar a produção de energia elétrica (assinando-se que a hidrelétrica do São Francisco já possui uma subestação em Fortaleza, fornecendo energia desde a Bahia até o Maranhão). Na luta pela criação de uma infra-estrutura econômica e social capaz de alicerçar o desenvolvimento, facilitou ainda a ampliação das telecomunicações, a implantação de redes de esgotos sanitários e a elevação do número de salas de aula e de professores habilitados, mas sobretudo impulsionou a industrialização (notadamente na Bahia, como atesta o centro de Aratu, com os seus 43 500 m² de área urbanizada, e em Recife). Também o Banco do Nordeste do Brasil, com os incentivos fiscais que canaliza, vem facilitando a ampliação e modernização do parque industrial daquela região, para a qual leva a nova tecnologia (e a conseqüente urbanização).

Acelerado por incentivos fiscais aos contribuintes do imposto de renda, encorajados a investir nas áreas subdesenvolvidas, todo este movimento vem forçando transformações radicais no nordeste e gerando empregos, de modo a permitir a muitos dos que permaneciam à margem do mercado de trabalho transmutar em lazer seu ócio forçado. Busca-se agora ativar ali a comercialização dos produtos fabricados, pela ampliação do seu mercado externo e interno. Outra meta é assegurar maior campo e eficiência à agricultura (por mecanização, irrigação e fertilização), além de tornar mais produtiva a pecuária, ocupando mão-de-obra ainda ociosa no antigo polígono das secas, para elevar a renda per capita.

De criação mais recente, a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia já começa a vencer o isolamento da região, que, embora cubra quase metade do país e compreenda seis Estados, é muito prejudicada pelos vazios demográ-

ficos. Apesar de também encorajar a manufatura (já indo adiantada a implantação dos distritos industriais de Manaus e Belém), mais da metade dos projetos econômicos aprovados até 1970 pela Sudam situa-se no campo da agropecuária. Fixados os *pólos de desenvolvimento*, isto é, os pontos capazes de induzir o crescimento nas áreas contíguas, vem este órgão cumprindo o seu programa decisivo para o povoamento e a melhoria do nível da população. Dentre as obras de vulto, que vêm facilitando a integração da região: a estrada Transamazônica; a instalação de um sistema de telecomunicações, que, cobrindo 9 000 km em microondas e tropodifusão, permite a interligação da Amazônia com o resto do país; e a construção da primeira hidrelétrica da região (devendo entrar logo em funcionamento a unidade inicial em Curuá-Una, no Pará, fornecendo energia ao baixo Amazonas). Enquanto isto, a Zona Franca vem concorrendo para a reanimação da capital e levantando recursos para a implantação de fábricas no Distrito Industrial (situado a 3 km da área urbana), medidas que têm facilitado o aumento da renda familiar média.

Três outras obras no norte exigem menção especial neste estudo: o novo estádio de Manaus (com capacidade para 50 000 pessoas e boas instalações); o *campus* da Universidade do Pará (no qual a recreação mereceu particular cuidado); e a instituição das Casas de Cultura pela Fundação Cultural do Amazonas, subordinada à Secretaria Estadual de Educação. Inspirados, talvez, na obra das *Maisons de la Culture* (iniciadas na França em 1961 e hoje somando oito casas em funcionamento), tais centros pretendem levar leitura, espetáculos de teatro, balé, cinema etc. e outras atividades culturais aos municípios considerados pólos de desenvolvimento.

Novas indústrias, novos padrões de vida

Ao se abordar o desenvolvimento observado nas últimas décadas e que tanto afetou o problema do lazer, é imprescindível mencionar o êxito da exploração do petróleo. Timidamente iniciada em 1939 em Lobato, na Bahia, expandiu-se muito, hoje se estendendo à prospecção submarina. Basta dizer que, enquanto no início da década de 50, praticamente toda a gasolina que consumíamos era importada, atualmente a gasolina automotiva utilizada no país sai das nossas refinarias (cinco das quais pertencem à Petrobrás, empresa criada em 1953 para explorar o monopólio estatal do petróleo). Além dos benefícios gerais que daí decorrem, é oportuno registrar a repercussão direta desta exploração no tempo de folga, ilustrada pelo consumo crescente de gasolina por veículos de passeio, pelo

uso do asfalto na pavimentação de estradas turísticas e pelo emprego de produtos da petroquímica para fins de recreação (como no fabrico de brinquedos e material esportivo, aos quais plásticos e borracha sintética deram maior amplitude).

Igualmente a expansão do abastecimento de energia tem permitido melhorar o padrão de vida em extensas zonas do país. Enormes barragens e usinas de alto potencial já foram construídas na região de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, havendo acabado de entrar em funcionamento a Usina de Boa Esperança, que beneficiou Maranhão, Piauí e parte do Ceará. Também a hidrelétrica do São Francisco, inaugurada em 1955, teve ampliada a sua capacidade geradora e prolongadas as linhas de transmissão, o que permitiu acionar indústrias e elevar o nível de vida da população de dilatada área urbana e rural. Além disto, das próprias obras de implantação das usinas têm surgido núcleos urbanos, como a cidade de Ilha Solteira, criada em 1966 para abrigar 17 000 trabalhadores das barragens de Jupia e Ilha Solteira, incumbidos de erguer o impressionante conjunto de Urubupungá. Planeja-se agora construir perto de Angra dos Reis a primeira usina atômica do país, com capacidade de 500 000 kw. É tempo de se cuidar do uso do lazer, antes que ele se transforme em fonte de problemas.

Outro grande impulso ao progresso veio do alargamento da indústria siderúrgica, acelerada após a instalação da Usina de Volta Redonda. Além da expansão das antigas companhias (como a Belgo-Mineira), verificou-se o surto de outras em Minas Gerais (como a Mannesmann, a Acesita ou a Usiminas) e em São Paulo (a Cosipa). Deste modo, de 1930 a 1960 pôde crescer 70 vezes a nossa produção de aço, observando-se o florescimento das cidades ligadas às grandes usinas, como Volta Redonda (que já conta com estádio, centro operário de recreação e clubes) ou Ipatinga (onde a Usiminas construiu milhares de casas e asfaltou ruas, tendo instalado luz, telefone e esgoto).

Neste período de intensa renovação e de planejamento integrado para o desenvolvimento, no qual inclusive se busca prevenir as dificuldades do crescimento desordenado comum nos antigos núcleos urbanos, é fundamental *reservar espaço adequado para a recreação pública*, antes que a urbanização encareça demais o terreno. Antecipando necessidades do futuro próximo, quando haverá mais cidades, e os seus habitantes aumentarem em número, tendo maior poder aquisitivo e vangar, urge prever as conseqüências sociais da dilatação do lazer, destinando-lhe áreas e acomodações e educando as novas gerações para o utilizar.

A telecivilização dos dias de hoje

Fator importante de desenvolvimento num país extenso como o nosso têm sido os recursos da telecomunicação. Vencendo barreiras físicas, que antes eram fator de isolamento, vêm desencadeando alterações profundas na vida do homem, que também os pôs a serviço do lazer. Dispondo de maior folga (acrescida de horas e estendida a quase todas as camadas sociais) e contando com eficientes meios de comunicação à distância, habituou-se a seguir pelo rádio (ou televisão) o que se passa no mundo, mesmo que viva longe dos centros adiantados. Segundo os últimos dados havia em 1971 no país 5 800 000 receptores de rádio (61 por 1 000 habitantes). Quanto ao número de emissoras de radiodifusão, ocupávamos o terceiro lugar no mundo, com 1 008 estações (após os EUA com 6 337 e a Itália com 1 812).⁴⁶ De acordo com a mesma fonte, contávamos em 1971 cerca de 6 500 000 televisores (68 por 1 000 habitantes), elevando-se a 55 o total de estações geradoras e satélites (VHF). E estes números estão subindo graças aos transistores e microcircuitos, que permitiram a fabricação em série de receptores portáteis. Também a venda a prazo dos aparelhos levou rádio e televisão a mais setores da população, difundindo-os até onde a corrente elétrica ainda não chegou. Note-se que assim como o carro para a classe média, tais aparelhos parecem representar símbolos de *status* social para as classes pobres.

O homem comum já desfruta de uma *telecivilização*, que lhes pôs toda a Terra ao alcance, transformando-o com um giro de botões em testemunha da história. Radiofotos, videotapes e transmissões ao vivo por meio de satélite com órbita estacionária trazem-lhe imediata e simultaneamente o que se passa nas mais longínquas paragens e, mesmo, o que acontece fora do seu planeta. Sem erguer-se da cadeira (pois dispõe de controle remoto do televisor), segue os astronautas na Lua, vê fotografias de Marte e Vênus, perscruta o fundo do mar ou assiste a combates em outro continente. A limpidez alcançada nessas transmissões e o uso de satélites como os *Intelsat* (de cujo consórcio mantenedor participamos, sendo nossa uma boa estação rastreadora) permitiram espantosa celeridade no envio de notícias. Enfrenta o homem, portanto, mais um problema: o de escolher o que lhe interessa, já que só pode assimilar parte diminuta das informações que fontes múltiplas lhe enviam sem interrupção.

⁴⁶ Statistical Yearbook, Unesco 1972. New York, United Nations Statistical Office, [1973].

Implanta-se agora no país amplo sistema de telecomunicações através de microondas, que já interligou as principais cidades, de Porto Alegre a Recife (atingindo Brasília e Belo Horizonte), a todas já tendo permitido a melhoria dos serviços de telefone (antes precários). Numerosas localidades, até hoje ilhadas e dependentes de radioamadores, integram-se hoje neste sistema, que já atingiu o Ceará e até alcançou a Amazônia. Seus troncos sul, centro e parte do nordeste, inaugurados em 1970, já estão servindo (com dezenas de estações repetidoras e terminais) para a transmissão de telefonia manual e automática, telefotos, fac-símile, telégrafo, dados e TV, além de telex (serviço este que nos últimos anos vem criando novas centrais e ampliando as existentes).

Todavia, num meio pleno de contrastes como o nosso, recursos assim tão avançados põem às vezes o homem de zonas atrasadas em contato com informações muito acima do seu ambiente imediato, abalando-lhe a estabilidade íntima. Pelo brusco alargamento da informação visual e auditiva que facilitam (quando não comercializam e canalizam para a propaganda), abruptamente o iniciam num mundo mais vasto e impessoal do que aquele a seu redor, agravando-lhe os problemas de ajustamento. A descida do homem na Lua, p. ex., já provocou reações de medo em vários lugares.

A influência dos meios de transporte

Analogamente, os novos meios de transporte estão apressando a marcha da civilização (e das dificuldades que a costumam acompanhar, como a falta de espaço para viver). Quanto à nova mentalidade de uso do tempo livre, para ela contribui decisivamente o extraordinário progresso da nossa indústria automobilística. Implantada há somente 13 anos, já produziu mais de 2 260 000 veículos (entre automóveis, utilitários, caminhões, camionetas, ônibus, tratores e cultivadoras mecanizadas), havendo alcançado o primeiro lugar na América do Sul. Da enorme frota nacional de veículos (por volta de três milhões), 76% são de fabricação nossa, tendo-se atingido em 1969 o nível de 1 000 veículos por dia útil de trabalho. Só o automóvel (que corresponde a menos da metade da produção total) responde por verdadeira reforma nos hábitos de recreação, vindo a ele juntar-se nisto os trailers (ou reboques) e muitos utilitários. A própria designação *carro de passeio* sugere bem esta *civilização do automóvel*, estimulada pelo financiamento da sua aquisição e simbolizada pelos colossais engarrafamentos de fins de semana (como na Via Anchieta). A par disto, o carro vem sendo encarado como instrumento de

auto-afirmação, figurando em primeiro lugar nas aspirações dos casais jovens, que deixam para depois a casa própria.

Mais uma vez convém ressaltar o papel do caminhão como desbravador de regiões e agente eficaz da difusão dos novos valores. Áreas não atingidas pela ferrovia usam-no como meio de escoar a produção e de importar bens, porém, mais do que isto, é ele quem apanha a equipe de futebol no povoado vizinho para o campeonato, quem leva a gente às festas na vila, quem se encarrega da mudança-da casa, quem traz os jornais e as revistas, quem vem com o circo e quem transporta para o grande centro levadas de imigrantes para lhe engrossar a mão-de-obra não especializada. Às vezes, o jipe tenta tomar o seu lugar, mas os caminhões apinhados de paus-de-arara ou de candangos (tão encontrados na Rio—Bahia e na Belém—Brasília) são provas eloqüentes da importância ímpar deste veículo no nosso interior.

Por outro lado, entretanto, como saldo negativo deste avanço, os veículos a motor (seja os acionados a óleo diesel, seja a gasolina) contribuem para a deterioração do meio em que vivemos. Além do ruído contínuo que produzem, lançam diária e intensivamente no ar altas doses de gases e de outros resíduos, agravando a poluição do ambiente. (A concentração máxima ao ar livre deve girar em torno de 30 PPM.)

Fenômeno relacionado à dilatação do mercado de automóveis, propiciada pelo aumento da sua produção, pelo sistema de vendas a prazo, pelo fabrico de carros populares mais econômicos e pela multiplicação de rodovias e pousadas, é a ascensão do *turismo interno*. Estimulado pelas novas agências de viagem, numerosas apesar de recém-criadas, vem ele ganhando terreno até nas camadas populares, que já fazem excursões, muitas das quais coletivas e em ônibus (com pagamento facilitado). Também a Empresa Brasileira de Turismo, criada em 1966, o vem encorajando, visto dispor agora de maiores recursos, para ela carregados pelos incentivos fiscais oferecidos aos que devem pagar imposto de renda.

Como entre nós a evolução tecnológica transferiu para a estrada de rodagem o papel de via terrestre pioneira, vem ela se encarregando da penetração do interior e da ligação entre as cidades. Assim, nas duas últimas décadas as rodovias exibiam nítida ascensão, enquanto se verificava a perda relativa de valor de outras modalidades de comunicação (em que pese ao crescimento de cada qual em números absolutos). Com as múltiplas direções tomadas pelas modernas rodovias, foi-se diluindo a tradicional característica do sentido transversal das nossas linhas de transporte. Cortam agora o país estradas longitudinais (como a Rio—Bahia, que cada vez mais

se estende para o sul e para o nordeste), transversais (como a Campinas—Campo Grande), radiais (como a Belém—Brasília) e diagonais (como a Belém—Maceió), todas a concorrer para a integração nacional. E enquanto se abrem novas estradas para interligar as existentes, pavimentam-se e se modernizam as mais antigas. Mas tão logo são entregues ao público, saturam-nas os veículos, a que em pouco tempo não mais dão vazão. Por isto, vinte anos depois de inaugurada, teve a Via Presidente Dutra que ser duplicada e recapeada.

Digno de registro é o cuidado que têm as novas rodovias com o aproveitamento do lazer, não mais sendo construídas como simples vias de ligação, mas nelas se reconhecendo fonte de divertimento. Além das obras paisagísticas que as embelezam (como jardins e belvederes), cedem-se faixas junto à pista, para a iniciativa privada erguer hotéis, colônias de férias, clubes e restaurantes, bem como instalar locais de acampamentos. Tais medidas têm contribuído para a recente propagação entre nós de clubes de férias, de campismo e de hotéis. Exemplo desta nova maneira de ver a estrada é o Recanto dos Papagaios na rodovia Paranaguá—Foz do Iguaçu (perto de São Luís do Paraná), com piscinas naturais, canteiros, recantos sombrios para repousar ou apreciar a vista e lugar para piqueniques ou churrasco. Outra preocupação ora evidente é a de facilitar o acesso a pontos de interesse turístico, como se fez no Paraná com a Foz do Iguaçu e em Minas com as cidades históricas, as estâncias hidrominerais ou as grutas de Maquiné e da Lapinha. A *Caverna do Diabo*, ao sul de São Paulo (no município de Eldorado Paulista) é outro ponto de beleza paisagística assim beneficiado, tendo ganho também melhoramentos de luz, água e local para refeições. O mesmo se fez em Goiás em relação à estância hidrotermal de *Caldas Novas*, enquanto ao longo da Rio—Bahia desponta uma rede de hotéis. Todas estas melhorias rendem em satisfação ao turista e em dinheiro à comunidade.

Contrastando com o bom entrosamento das rodovias, mantiveram as ferrovias até há pouco a tradição de sistemas independentes, cada qual ligada a um porto de exportação, não raro com bitolas diferentes. Depois de terem cumprido tarefa pioneira e civilizadora até a década de 30, entraram em fase de abandono e conseqüente deterioração, só começando a se recuperar nos últimos anos. Autorizada em 1957 a criação da Rede Ferroviária Federal, vem ela procurando integrar todas as estradas num plano nacional. Em avanço gradativo, já completou a ligação ferroviária entre os troncos norte e centro-sul, logrando há pouco a conexão entre este último e Brasília. Não obstante tais esforços, falta muito para arti-

cular os vários sistemas locais e regionais em grandes troncos, representando ainda a nossa rede ferroviária apenas 19% do sistema nacional de transportes.

Paralelamente, processam-se a modernização e o reaparelhamento dos portos bem como a expansão da frota mercante, que ora conta 384 embarcações (61 das quais petroleiros). Novos e antigos estaleiros começam a acusar apreciável produção, que vai dos graneleiros aos modernos liners (usados em cruzeiros turísticos), passando por embarcações especializadas (como os navios frigoríficos). A meta, porém, é integrar num sistema nacional hidrovias, estradas de ferro, rodovias e transportes aéreos, de modo a firmar uma infra-estrutura capaz de ativar o desenvolvimento.

A aviação, por seu turno, pôs a horas de distância das capitais os lugares mais atrasados, cujos moldes de vida afetou fundamentalmente. Às vezes o primeiro transporte eficiente a servir uma localidade é o avião, e onde as nossas três grandes companhias comerciais ainda não chegaram, as 28 empresas de táxi-aéreo incumbem-se das ligações e da transformação de hábitos e atitudes. Multiplicam-se então pelo país os aeródromos e campos de pouso, ascendendo em 1967 a 236 os nossos aeroportos comerciais. Sinal dos tempos é a recente abertura de concorrência para a construção de aeroporto supersonico no Estado do Rio de Janeiro e a extensão das nossas linhas comerciais até o Japão.

No descompasso que marca a nossa evolução desde a descoberta, acham-se ainda muitos núcleos urbanos que só podem ser alcançados com algum conforto por via aérea (como no Acre; onde todas as cidades têm campo de pouso, já que a outra alternativa de comunicação, a fluvial, é lenta, além de impraticável durante as chuvas). Na Amazônia os hidroaviões comumente representam o único elo entre os povoados, servindo para transportar passageiros, cargas, víveres, socorro médico e notícias. Só dos Catalina da Força Aérea Brasileira, que a perícia dos pilotos faz pousar em qualquer estirão de rio, há uma longa história de serviço desinteressado e destemor a registrar.

Por tais razões cresceu muito a nossa rede doméstica de transportes aéreos, que praticamente cobre todo o território nacional, com intenso movimento de passageiros, carga e correspondência. No ano de 1968, por exemplo, observaram-se quase 22 mil pousos (e outras tantas decolagens) num só aeroporto, o de Congonhas, que é o mais movimentado de todos.⁴⁷ Logo depois em intensidade de tráfego vem o Santos

⁴⁷ *Anuário Estatístico do Brasil*, 1969. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, Instituto Brasileiro de Estatística, v. 30.

Dumont, ligado ao primeiro desde 1959 pela ponte aérea, a qual lhes assegura fluxo contínuo de passageiros. Já se fretam aviões para turismo, sendo nossa desde 1947 a liderança das linhas comerciais na América do Sul. Cada vez mais o avião deixa de servir apenas a fins militares, de instrução, de serviços especializados e de transporte, para atender também aos de recreio, turismo e de esportes aéreos (estes nos vários aeroclubes).

A própria construção aeronáutica, aqui iniciada com aviões de treinamento e táxis (em Botucatu, Lagoa Santa e São José dos Campos), está em expansão, já produzindo regularmente aviões como o *Paulistinha*, o *Regente* e o *Uirapuru*. A Empresa Brasileira de Aeronáutica, constituída há pouco, já iniciou a fabricação em série do *Bandeirante*, bimotor turboélice em vôo há alguns anos.

Indústrias mais ligadas ao uso do lazer

Nesta revolução dos moldes de vida, desencadeada pela nova tecnologia, merece destaque a influência de certas indústrias no uso do lazer. Assim, os receptores portáteis de rádio e televisão avultam como instrumento de recreação, notadamente nos locais não servidos pela eletricidade. Também o avanço no fabrico de discos e de vitrolas repercutiu nos hábitos de vida, em especial ao se adotar o microssulco com baixa rotação, que além de permitir mais tempo de gravação serviu a uma divulgação da música sem precedentes na história. Mesmo o telefone vem sendo usado para preencher as horas livres (e tanto, que foi preciso limitar o tempo de cada chamada).

Cresce ainda a nossa indústria de cinema, que estreou no início do século com documentários, tendo o seu primeiro filme de longa metragem em 1906 (quando havia no Rio cerca de duas dezenas de salas de projeção). Depois da 1.^a Grande Guerra aumentou o interesse pelo cinema nacional, organizando-se as primeiras companhias na década de 20 (fase em que também surgiram mais salas de projeção). A partir daí continuou a produção em ritmo lento, aqui e ali despontando algum filme excelente, até a década de 50, quando a *nouvelle vague* veio trazer-lhe ímpeto. Alguns dos nossos filmes têm conquistado prêmios nacionais e internacionais (como *O cangaceiro* e quase dez anos depois *O pagador de promessas*), recebendo os produtores novo estímulo dos cineclubes e dos cinemas de arte, fundados em alguns Estados. Igualmente, a instigar o interesse pela cultura cinematográfica e a

produzir ele próprio filmes, funciona o Instituto Nacional do Cinema Educativo, criado em 1957 dentro do Ministério da Educação e Cultura e que agora organiza a sua cinemateca. Mas, apesar de contarmos em 1967 com 3 079 cinemas (2 368 funcionando em prédio especial) e 117 cineteatros, muitos dos quais dotados de poltronas estofadas, ar refrigerado, tela panorâmica, projetor vista-vision e aparelho sonoro estereofônico, há vilas que só vêem cinema quando as visitam camionetas de laboratórios de produtos farmacêuticos, equipes de sanitaristas ou missões de religiosos, com equipamento portátil de projeção.⁴⁸

Fato análogo verifica-se com a divulgação de notícias, pois não obstante termos 1 008 emissoras da radiodifusão e 55 de televisão, além de quase 1 000 publicações periódicas de informação geral (ascendendo a 261 o número de jornais diários, muitos deles servidos por *telex*), ainda há vilas em que as notícias de interesse geral são transmitidas por dobres de sinos.⁴⁹ Algumas já desenvolveram verdadeira arte neste sentido, criando toques especiais para cada tipo de notícia, isto é, de nascimento, morte ou casamento, indicando também o sexo, a idade aproximada, a cor e a procedência — gente do lugar ou forasteiro — de quem constitui objeto do comunicado. É comum no interior colocarem-se alto-falantes na praça central para a divulgação do noticiário e a irradiação de programas de música. Fato bem expressivo das nossas disparidades é que, enquanto muitas cidades gozam de discagem direta, 62 municípios, dos 3 951 arrolados em 1968, não possuíam um único aparelho de telefone.

O livro, que só recentemente conseguiu bom público entre nós, ainda encontra o seu maior mercado nas grandes cidades, onde é mais alta a taxa de alfabetização e melhor o poder aquisitivo. Ultimamente, com o tipo popular e de bolso, mais barato e de boa apresentação, vai ele desdobrando a sua área de influência. Há no país pouco mais de 100 editoras, concentrando-se a maior parte no eixo Rio—São Paulo, sendo que apenas 20 com gráfica própria. Ainda é pequena a tiragem média — 3 000 exemplares — quando na França é de 10 000 e nos EUA de 20 000. Com a evolução da técnica tem melhorado o seu aspecto, observando-se impressão mais nítida, ilustrações a cores e excelente colagem. Afóra isto, outros veículos de divulgação (como rádio, jornal, cinema e televisão) ajudam a disseminá-lo, atraindo mais leitores. Também as re-

⁴⁸ *Anuário Estatístico do Brasil*, 1969. Op. cit.

⁴⁹ *Idem*, *ibidem*.

vistas aperfeiçoam-se e ganham público, embora o seu preço ainda as torne proibitivas para boa parte da população.

A indústria de brinquedos, inexpressiva até 1930, conta hoje quase 200 fábricas, algumas a exportar veículos infantis e brinquedos de madeira, metal e plástico (simples, mecânicos ou eletroautomáticos). Uma delas, por sinal, é a maior da América do Sul e a quarta do mundo.

Com o progresso da indústria química, o equipamento esportivo pôde ampliar-se, pelo uso de compostos sintéticos (como a borracha). Novas fibras continuam a ser sintetizadas (de náilon, de vidro etc.), permitindo variedade nunca vista ao material de recreação de crianças e adultos. Assim, submetidos às técnicas de extrusão e injeção, plásticos como o polietileno vêm sendo moldados para atender aos mais diversos fins, com a vantagem de serem leves, resistentes ao desgaste, laváveis, inquebráveis e baratos, condições valiosas em material recreativo.

Vale aqui apontar que o avanço destas indústrias, instigado pelo aumento do tempo de folga, tem gerado novos empregos, o que representa uma contribuição adicional do lazer à vida social. Essa expansão industrial e a marcha paralela da urbanização vêm acentuando a necessidade de cuidar da recreação no planejamento urbano. Num país em que mais da metade da população está abaixo dos 20 anos (dados do censo de 1970), dispendo portanto de mais vagar (já que muitos ainda não trabalham ou apenas estão na escola), é óbvia a relevância do problema. Prova do interesse que uma ocupação bem planejada do lazer desperta na mocidade são as extensas listas de voluntários candidatos ao *Projeto Rondon*. São tantos que é preciso recorrer a provas e entrevistas para selecionar entre eles os milhares de participantes, os quais ainda são submetidos a curso preparatório. Iniciado há poucos anos em caráter experimental, com dezenas de moços, conseguiu tal aceitação no seio de uma juventude ávida de oportunidades de participar, que logo tomou vulto e foi institucionalizado pelo Ministério do Interior. Canalizando a mão-de-obra qualificada mas ociosa de universitários em férias, vem pondo os jovens em contato com a realidade brasileira, permitindo-lhes auxiliar efetivamente o movimento de integração nacional. Recebidos com calor nos povoados e apoiados pelas forças armadas, por órgãos públicos e por empresas particulares, já cumpriram numerosas missões, com frequência realistando-se ao voltar, contentes de servir desinteressadamente a populações até então esquecidas. Cabem aqui algumas palavras sobre um trabalho que alguns destes grupos vêm desenvolvendo, de ajuda à recreação. Paralelamente à sua ati-

vidade principal, têm eles preparado campos desportivos, organizado festas na comunidade e oferecido espetáculos de fantoches (os últimos com o objetivo de atrair para cursos de alfabetização, mas funcionando também como divertimento). Cite-se a propósito a experiência mexicana de missões de educação e saúde, que recorreram com sucesso às atividades recreativas como meio de obter a participação dos camponeses, tradicionalmente arredios.

O lazer como característica do estilo atual de vida

Nos nossos grandes centros, o lazer já constitui direito de todos, independentemente da classe social a que cada um pertence. Em decorrência da nova legislação trabalhista, do alargamento da automatização e da descoberta e aproveitamento de novas fontes de energia, ele se tornou realidade na vida da massa, que se diverte diariamente com programas de rádio e televisão ou com jornais (principalmente com as suas historietas). Mesmo quando a extensão que as velhas cidades atingiram reduz o tempo de que os indivíduos dispõem (fazendo-os perder horas na condução para um trabalho distante ou gastar muito do seu dia na conservação da casa e na procura de gêneros alimentícios), permanece a consciência do valor da recreação como fonte de saúde mental. Embora outras vezes o lazer não possa ser melhor aproveitado por falta de recursos pessoais ou por dificuldades de local e de instalações, ainda assim é amplamente reconhecida a sua contribuição ao novo estilo de vida, que o progresso impôs ao homem.

NOVOS ESTILOS DE VIDA: NOVOS PROBLEMAS

"Aos poucos vamos começando a apreciar o efeito das cidades na saúde mental. À luz deste conhecimento, precisamos agir com presteza, antes que as pilastras de concreto e as vigas de aço das cidades que o homem construiu transformem-se numa jaula que vibra e lateja, na qual ele não pode descansar e de onde não consegue fugir." P. van de Calseyde.⁵⁰

A crescente aplicação da tecnologia à atividade humana, nos seus vários setores, resultou num estilo de vida totalmente distinto do que prevalecia antes da máquina. Após a revolução do saber humano (isto é, a científica), a utilização do método científico na própria vida a alterou radicalmente. Assim, compelido pela *revolução tecnológica*, teve o homem que mudar o seu comportamento, para se adaptar às novas condições que o cercam. Mas um progresso material acelerado vem fazendo com que as inovações se sucedam com rapidez sem precedentes na história, multiplicando os problemas de ajustamento dos indivíduos e dos grupos.

Vivem todos agora num mundo em que, paradoxalmente, a tradição é a mudança apressada. O que ontem era pesquisa (ou sonho) hoje é fato consumado, como a descida na Lua, o transplante de órgãos, a conservação de alimentos pela energia atômica, o uso de radioisótopos na medicina e na agricultura, a televisão a cores, a pílula anticoncepcional ou a extensa aplicação dos raios *laser*. Os climas são transformados, os rios são redirecionados ou represados, regiões desérticas recebem irrigação e florescem, pantanais são drenados, enfim, técnicos e máquinas cada vez mais eficientes remodelam a face da Terra, enquanto prossegue a conquista do espaço interplanetário.

Porque os elementos materiais que nos rodeiam condicionam a nossa atividade, limitando-nos a ação ou nos abrindo

⁵⁰ Calseyde, P. van de. This strange disease of modern life. *Abbotempo*, London (2): 17, 1967.

possibilidades novas, atravessamos também período de acelerada *mudança social*. Temos de nos habituar depressa a trabalhar em organizações gigantescas, a morar em conglomerados urbanos, a vestir roupa de fibra sintética, a consumir alimentos supergelados ou de laboratório, a sofrer o assalto dos meios de comunicação à distância, a aceitar as provas atômicas etc. Nesta reconstrução incessante do modo de viver, alguns sucumbem enquanto outros recorrem a tranqüilizantes, antidepressivos ou excitantes, tentando acompanhar o compasso do progresso. Sinal desta corrida desabalada é o fluxo contínuo de novos termos científicos, a refletir uma evolução incessante. Toda a nossa vida ressent-se, é óbvio, do impacto de tão vertiginosa mudança.

A nova maneira de ganhar a vida

O mundo do trabalho, por exemplo, transfigurou-se por completo. O artífice independente do século XVIII confeccionava os seus produtos e os vendia na vizinhança. Tinha relações diretas com os consumidores, que o conheciam e partilhavam dos seus problemas, ou, ao menos, lhe reconheciam a arte. Como fazia do princípio ao fim os próprios artigos, neles pondo o seu sinete, podia orgulhar-se da sua habilidade e nela confiar para o sustento. Experimentava a alegria de criar, podendo desenvolver sentimentos de auto-estima, renovados na execução e acabamento de cada obra. Com freqüência encarava o trabalho como a sua maior fonte de satisfação.

Todavia a máquina substituiu-lhe a fina obra artesanal por uma operação mecânica, desprovida de sabor. Com a expansão das fábricas e a *padronização da produção* alargou-se a distância entre patrões e empregados (que ora se tenta minorar com os modernos serviços de pessoal, onde a recreação desempenha papel saliente). A divisão das tarefas acarretou-lhe, ainda, a perda progressiva da independência. Embora perceba maior salário e veja diminuir a sua jornada, reduziram-se para ele as oportunidades de dar largas à imaginação. Na busca permanente de uniformidade da produção, foi sendo sufocado o seu espírito inventivo e, com ele, muitos dos seus sentimentos de auto-realização.

Em decorrência do novo regime de trabalho, a oficina teve de apartar-se da residência, de vez que passava a integrar uma fábrica. Alargada a indústria, surgiram bairros operários, pois que todos procuravam morar junto do local de trabalho. Observaram-se, então, concentrações nunca vistas de população em pequenas áreas, passando muita gente a viver em meio à fumaça e aos detritos industriais (com a agravam-

te da descarga dos motores). Enquanto as cidades avolumavam-se com as fábricas, a explosão demográfica exacerbava as dificuldades de convívio, emprego, habitação e, até, de alimentação (verificando-se a escassez crescente de comida).

As dificuldades de espaço e moradia

Porque o terreno urbano foi rareando e, obviamente, encarecendo, as casas começaram a ser construídas de modo a poupar espaço. Sacrificaram-se o quintal e o jardim, colando-se um prédio a outro. Reduzida ao mínimo a distância física entre as famílias, cresceu o afastamento social entre elas. Por amor à paz, difícil em contigüidade tão estreita, passaram a se ignorar. A par disto, com o crescimento das cidades e do processo de urbanização o homem foi precisando consumir horas e energia nervosa no transporte para o trabalho, sempre atento ao relógio, para não perder a condução nem infringir o horário, de vez que agora estava em situação de grande dependência.

Estas transformações repercutiram na família, que teve de acomodar-se às novas condições de moradia e sustento. Na sociedade rural ela constituía unidade de produção quase auto-suficiente, fazendo as próprias ferramentas, cuidando da lavoura e da criação, fabricando pão, manteiga e roupa, além de construir o seu abrigo. Todos os seus membros partilhavam destas tarefas, sendo que até as crianças tinham deveres na conservação e limpeza da casa. Cada qual sentia-se parte efetiva do grupo e percebia claramente os resultados dos próprios esforços. Hoje, no entanto, em cada família costuma distinguir-se um responsável pelo lar, os outros sendo seus dependentes. É que as funções econômicas do grupo foram progressivamente absorvidas por novos organismos (a padaria, a tinturaria, o supermercado etc.). Em vez de girar em torno da unidade lar-centro de produção, a vida se reparte entre dois pólos: habitação e oficina (loja ou escritório).

Outro golpe ao grupo familiar adveio da saída da mulher para trabalhar fora de casa. Assim abalada a sua estabilidade, o grupo se foi reduzindo em tamanho, tendendo ao tipo conjugal. Quase não mais se vêem aqueles casarões onde gerações sucessivas eram criadas, vivendo juntos avós, pais, tios e filhos. Agora os casais jovens vão morar só, muita vez longe dos parentes, o que os faz sentirem-se desenraizados.

Diante da complexidade da nova estrutura social, com as suas exigências crescentes, viu-se a família obrigada a abdicar de várias das suas tradicionais funções. Paulatinamente as foi delegando a outras organizações, como a escola, que

deixou de se limitar a instruir, para dar educação integral (inclusive para o bom uso do lazer). Certas entidades, como a fábrica ou o sindicato, absorveram outras atribuições (como o preparo para a vida profissional ou a cívica), já que o grupo familiar não mais conseguia desobrigar-se dos seus múltiplos encargos, numa sociedade tão complicada.

Estas e outras alterações acabaram por repercutir nos demais grupos, visto acharem-se todos em dependência recíproca na trama social. A própria Igreja foi-se adaptando à remodelação das outras instituições. Deu apoio a várias novidades (como a transmissão de cerimônias e rituais pela televisão) ou sentiu necessidade de rever práticas tradicionais (como fez a Católica com a obrigatoriedade da tonsura, a missa em latim ou o aparato das vestes sacerdotais). De tudo isto emergiu uma concepção diferente do papel do religioso na vida contemporânea, com os conseqüentes reflexos na sociedade.

Resumindo: as máquinas se multiplicaram e aperfeiçoaram, enquanto o trabalho se reorganizou, passando a ser feito fora de casa e em regime diferente, que induziu as pessoas a se aglomerarem em cidades. Paralelamente, modificaram-se as relações de dependência entre os homens e se reformaram as instituições sociais, tendo a escola ampliado o seu campo e diversificado o seu currículo, para atender a uma clientela maior e mais diferenciada. Observou-se, então, grande *mobilidade física e social* no interior da sociedade.

Uma cultura em mosaico

As novas máquinas e a produção em série permitiram levar a informação à massa, já que a possibilidade de imprimir com rapidez e aumentar a tiragem barateava a matéria impressa. Uma enxurrada de jornais, revistas e livros envolveu o homem, agora mais afeito à leitura e com novo poder aquisitivo, além de senhor de algum vagar. Em vez de se ver restringido como antes a poucos assuntos, formando uma *cultura linear*, pôde ele ler sobre temas variados e conseguir uma *cultura em mosaico*. Instigando-o a buscar sempre mais informações, os meios de comunicação em massa facilitaram-lhe dominar outros conhecimentos (se bem que transmitidos de forma cada vez mais impessoal).

Prodigiosos recursos de telecomunicações reformaram todo o panorama social, pondo o homem comum ao corrente dos acontecimentos mundiais. Com o auxílio de pilhas e transistores, ele pôde acompanhar o que se passa nos demais continentes. Cresceram tanto as informações que a imprensa, o

rádio, a televisão e o cinema lhe enviam continuamente, que ele se viu aturdido em meio ao torvelinho, sem saber a que prestar atenção. Além disto, foi aos poucos substituindo a experiência direta por imagens e relatos, reduzindo-se a espectador ou ouvinte, que não consegue formar conceitos claros porque não experimentou a própria realidade.

Hoje com frequência vê-se envolvido por estímulos sonoros e visuais, que não lhe dão trégua para pensar. Dia e noite apresentam-lhe *imagens ideais* em tão rápida sucessão que lhe é difícil criticá-las. Como este fluxo ininterrupto de impressões sensoriais é planejado para seduzi-lo, deliberadamente não lhe solicita esforço, dando-lhe prontas as respostas. Ondas de informação e propaganda envolvem-no aonde vai — na rua, na condução e até na intimidade do lar — buscando impeli-lo à uniformidade. Não lhe dão tempo de observar, escutar e refletir, pois sistematicamente lhe entregam tudo disposto para ser ingerido e assimilado. Porque pretendem impor-lhe um conformismo social, tornam-lhe cada vez mais penoso escolher, com espontaneidade e independência, dentro de uma profusão de dados, o que lhe convém em particular. O homem apreende as mensagens e as julga compreender (ou tê-las examinado), porém a pouco e pouco se vai submetendo à pressão (mesmo porque não foi educado para criticar).

Multiplicados à saciedade, estes incitamentos vão sendo vulgarizados e comercializados por uma *indústria cultural* em franca expansão. Enquanto ela martela *slogans* aos seus ouvidos, repisa-lhe aos olhos *chavões*, sempre a ressaltar a importância de apreciar (e imitar) carros alemães, cantores ingleses, manequins franceses, galãs italianos, estrelas do cinema norte-americano ou o regime alimentar e os exercícios ginásticos dos astronautas. O temor da insegurança econômica, que ronda os homens até das camadas altas, torna-os vítimas dos próprios sistemas de produção. Apoiando-se nos resultados de pesquisas psicológicas de motivação, geram no consumidor a necessidade de obter certos bens e serviços, sugeridos por meio de estímulos cuidadosamente planejados. Além de produzir para atender à demanda, criam o mercado para o que se propõem a vender (desde trêns elétricos ou miniaturas de carros até discos, perucas e cosméticos). Induzem as pessoas a sentir que precisam atender a tais necessidades (artificialmente criadas) para ficarem bem numa sociedade de consumo.

As vultosas quantias gastas em propaganda denunciam a eficácia destes veículos de idéias e sentimentos na moldagem do comportamento dos indivíduos, que passam a refletir o jornal e as revistas que lêem, os programas de rádio e televi-

são que acompanham ou os filmes e peças a que assistem. Sua própria linguagem denota a força da massa de anúncios e notícias na padronização das reações: é a gíria da moda ou a piada da semana; é o personagem em foco; é o último tema obrigatório de conversa etc. etc. Com sintomática presteza difunde-se todo um vocabulário, que não só testemunha a atuação de quem o usa como lhe confere *status*.

O conformismo social

Visto que tal padronização afeta até o comportamento emocional, o indivíduo é levado a gostar de um tipo de arte (e a menosprezar outro), a preferir certo refrigerante ou produto dietético, a considerar bonito ser magro (ou gordo) e assim sucessivamente, porque tais modelos lhe são exigidos como ideais incontestáveis. O dia inteiro ouve e lê que "o homem moderno usa..." ou que "a mulher de bom gosto prefere...", terminando por não resistir à poderosa tentação de se sentir parte da maioria. Como estudos experimentais já demonstraram (com a formação ou o abrandamento de preconceitos por meio do cinema, por exemplo, ou a força da palavra impressa sobre as atitudes), o emprego, ou melhor, a manipulação dos meios de divulgação em massa transformou-se em considerável fonte de poder. No campo do *lazer*, conseguem obrigar as pessoas a assistir a determinados filmes ou peças (pois todo o mundo os aplaudiu), a freqüentar certos clubes, restaurantes ou lugares de veraneio, a ler alguns autores em voga ou os jornais certos, a praticar os esportes de classe ou a cultivar os passatempos bem. Além do mais, é conveniente exibir estes símbolos de *status* (nos quais também se incluem o bairro em que se mora, a marca e o ano do próprio carro, a escola onde os filhos estudam, a roda a que se pertence ou o tamanho e a decoração da sala de espera do seu escritório). A ostentação destes sinais de uma situação socioeconômica serve para que os outros percebam a importância de quem os usa (e, portanto, detém poder ou prestígio), valendo ainda, comumente, para esquecer o vazio na própria vida (como ocorre aos *hippies*, que vestem trajes uniformemente desleixados e diferentes, lançando mão de LSD ou similares para encher suas horas inúteis).

A solidão em meio à massa

Nas pequenas comunidades, que antes eram a regra, todos se conheciam, podendo cada qual sentir bem a sua identidade dentro do grupo e assim alcançar satisfação pessoal.

Quem passava na rua era cumprimentado por pessoas que lhe sabiam o nome e conheciam a família ou a profissão, embora pudesse até morar longe. Recebia assim o necessário apoio do grupo. Hoje dezenas de famílias comprimem-se num mesmo edifício e mal se cumprimentam, não raro gabando-se deste alheamento. Diluiu-se a força coesiva dos padrões culturais, para ceder lugar, nas grandes cidades, ao anonimato e à solidão que o segue. Estes dois fenômenos têm sido estudados por sociólogos (como David Riesman em *A multidão solitária*) e sublinhados por poetas contemporâneos (como Carlos Drummond de Andrade, que em *A bruxa* reclama: "nesta cidade do Rio /de dois milhões de habitantes/estou sozinho no quarto/estou sozinho na América...").⁵¹ Em face da nova feição que as relações humanas assumiram, o homem sente-se isolado e sem forças, afigurando-se-lhe progressivamente mais difícil a comunicação com os seus semelhantes (tema comum na literatura moderna, tratado com especial insistência por Kafka).

A par disto, na medida em que o centro demográfico se expande, complica-se a vida. Multiplicam-se as instituições acessórias de filiação voluntária, enfraquecendo-se, por conseguinte, a fiscalização de cada qual. O exercício da autoridade deixa de se concentrar num dos grupos primários (a família, a vizinhança, o povoado), para se situar num grupo secundário, menos coativo. Não mais se vê o homem responsável perante os seus familiares e vizinhos; comporta-se como simples unidade dentro de um formigueiro.

Apesar de depender muito dos outros, nos grandes centros, paradoxalmente, vive isolado. É apenas mais um entre milhares que usam roupas feitas em série, acompanham a mesma novela pela televisão, torcem pelo mesmo clube de futebol e comem o *prato do dia*, morando em casas tão parecidas que só a numeração externa as distingue. E a tal ponto chegou a situação, que é possível fazer-se todas as compras necessárias à própria subsistência sem se dizer nem receber uma palavra sequer, sentindo-se o indivíduo inteiramente ignorado (fato comum nos supermercados). Como destaca Erich Fromm em *Medo à liberdade*, a relação concreta entre os indivíduos perdeu o caráter direto e humano, para adquirir um espírito de manipulação e instrumentalidade. Agora, tanto nas relações pessoais quanto nas sociais, prevalecem as leis do mercado, isto é, da oferta e da procura. Transformados todos em meros competidores, o modo de se tratarem uns aos outros passou, naturalmente, a basear-se em indiferença recíproca.

⁵¹ Andrade, Carlos D. de. *A bruxa. Obras completas*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964. p. 12.

Somem-se a isto as pressões que a inevitável *organização burocrática* vai estendendo a todos os ramos da atividade humana. Em razão mesmo do próprio alargamento da sociedade, estão elas a agigantar-se e a afetar o antigo conceito da pessoa, como centro de atenção. Tal crescimento das instituições, e conseqüentemente da sua organização, deu origem a uma rotina quase impessoal no intercâmbio entre os indivíduos. Pelo vulto que a estrutura social vem tomando, esta coletivização já atingiu numerosos serviços públicos, muitos dos quais se apóiam em conhecimentos tão especializados que o homem comum não os entende. Sente-se, então, desamparado e inexoravelmente preso à teia da grande empresa, que tem sido eloqüentemente simbolizada pela esteira da produção. No trabalho, percebe-se unicamente como um número de matrícula; no hospital, como o de um prontuário; na escola, o da ficha de chamada e da turma; nas repartições públicas, reduzem os seus problemas e aspirações a processos, que recebem numeração de protocolo. Dentro das muitas organizações que atingiram proporções gigantescas, tornou-se comum o sentimento da pouca importância do indivíduo, reduzido a um entre centenas.

Aumentado o tempo de duração da vida, graças à prevenção e cura de numerosos males, verificou-se maior incidência de doenças relacionadas à *tensão* proveniente da multiplicidade de pressões que se exercem sobre o homem. Elas não só lhe exigem ajustamento contínuo a condições sempre em mudança, como ainda o obrigam a adaptar-se com rapidez. Nas estatísticas de problemas de saúde, cresceu assustadoramente a freqüência das doenças psicossomáticas, dos distúrbios nervosos e emocionais e das afecções cardiovasculares. Entre os dados numéricos relacionados à angústia do habitante do grande centro urbano (e hoje até aflição se transmuda em números...), é sintomático o intenso movimento de vendas de soníferos e tranqüilizantes, as modernas armas contra o *stress*.

Sedentarismo e fadiga nervosa

Para o uso generalizado de tais recursos contribui o *sedentarismo* do contemporâneo. Enquanto que no século XVIII a principal fonte de energia era a força humana, no momento só 2% do trabalho industrial dela dependem. O homem não anda mais a pé, pois dispõe de veículos; não sobe escadas, porque o elevador o transporta; não lavra a terra com sacrifício, mas com a ajuda de maquinaria eficiente; não confia em seus músculos e sim em aparelhos elétricos (entre os quais já fi-

gura uma escova de dentes...). Até as crianças vão sentadas num ônibus para a escola, onde permanecem na mesma posição, para de volta à casa assim continuarem, a assistir a programas de televisão.

Depois de ter descurado a atividade física, queixa-se agora o civilizado de fadiga nervosa. Numa sociedade mecanizada como a atual, onde botões comandam quase tudo, ele vai procurar exercício físico nas ocupações do lazer (esportes, carpintaria, jardinagem), para que os seus músculos não se enfraqueçam e atrofiem e a sua mente não se perturbe por excesso de tensão. Gastando poucas calorias na sua inatividade física, vê-se com frequência ameaçado pela obesidade, com os danos decorrentes ao organismo. Andar a pé, modelar barro, correr ou nadar transformaram-se em prescrições médicas, numa cultura cada vez mais dominada pela máquina. Parece que esta subjugou o seu criador, que já nem se locomove pelos próprios meios, mas vive na dependência de transportes motorizados.

Progresso x poluição

Estes, por sua vez, acrescentam problemas aos que afligem o civilizado, poluindo o ambiente com barulho e fumaça, além de causarem acidentes. Morre-se mais em desastres de automóvel do que em guerras ou epidemias. Afóra isto, nas grandes cidades e estradas, sucessivos engarrafamentos afetam os nervos, enquanto os problemas de trânsito e estacionamento tomam dimensões tremendas. São carros de todo tamanho, ônibus, motocicletas, bondes, bicicletas etc. a disputar um lugar nas ruas, de onde os pedestres vão sendo expulsos. Uma nova dificuldade atormenta o homem — que fazer dos carros velhos, que se empilham em cemitérios? Até o espaço aéreo já está saturado, com os mais diversos tipos de aeronaves, desde o possante jato puro até os pequenos aparelhos particulares. Os novos recursos de segurança de vôo e o atual vulto das companhias aéreas converteram os aeroportos em imensas salas de espera onde as irritações se multiplicam, começando pela luta para chegar até eles e terminando com a fila da bagagem (quando não o seu extravio a quilômetros de distância). Dentro do avião ainda há a espera da vez de decolar (ou, pior, de pousar) em pistas permanentemente congestionadas. Com os novos superjatos, que transportam 460 passageiros e já estão em vôo comercial desde janeiro de 1970, estes problemas de embarço da circulação nos aeroportos e nas estradas que lhes dão acesso ameaçam desbancar as vantagens de rapidez, conforto e segurança, ofe-

recidos pelas viagens aéreas. E isto sem falar no barulho dos supersônicos...

Mesmo longe dos aeroportos, cresceu espantosamente o ruído nas cidades. São buzinas estridentes, apitos de fábricas, descargas de caminhões, motores de motocicleta, bate-estacas, perfuratrizes de ar comprimido, britadores e serras elétricas, num concerto ininterrupto que ultrapassa muito o nível de tolerância do organismo humano (posto ainda à prova por rádios e toca-discos, além de amplificadores eletrônicos ligados a instrumentos de percussão ou guitarras). Se uma simples conversa gira em torno de 60 decibéis, a música ampliada por estes instrumentos atinge de 100 a 120 decibéis, perdendo apenas para as perfuratrizes e os aviões a jato, que alcançam de 120 a 140 decibéis. As próprias edificações residenciais, que a técnica permitiu construir economicamente com paredes delgadas, funcionam como câmaras de tortura acústica. Mesmo à noite, a circulação de veículos nas grandes cidades mantém o barulho ao nível de 50 decibéis. Embora se saiba que a exposição prolongada a mais de 85 decibéis acaba por reduzir a acuidade auditiva, o barulho continua a crescer com o progresso socioindustrial, já se tendo estimado que este o faz dobrar cada 10 anos. Felizmente vão adiantadas as pesquisas de dispositivos antipoluição (para os carros, especialmente, pois que o motor a eletricidade, sem ruído e gases de escape, está longe de ser industrializado). Se antes a preocupação com a surdez limitava-se a algumas indústrias (em que era considerada risco profissional) e às situações militares, hoje ela se estende ao alarmante barulho do dia-a-dia, para englobar todo o *trauma acústico* provocado pela civilização.

Investigações sobre os prejuízos do ruído a todo o organismo humano (pois não se limitam ao aparelho auditivo) evidenciaram perturbações do sistema nervoso, do aparelho digestivo, do aparelho cardiovascular, do sono e de toda a vida psíquica, além de acidentes. Por isto surgiu intensa campanha de prevenção e controle deste agente de poluição psíquica, em ação nas oficinas, nos escritórios, nas ruas e até nas casas.

A destruição da natureza

A vegetação, que antes nos rodeava, purificando o ar, colorindo o ambiente e abafando o ruído vem sendo sacrificada, na ânsia de espaço para erguer mais casas e dar passagem a novos carros. Parece que o homem esqueceu a paisagem e pôs de lado as alegrias de criar plantas (ou animais). En-

feita agora a sua casa com flores de metal, frutas de cera, folhagem de pano engomado, peixinhos de plástico e bichos de madeira. Vive num mundo artificial.

Inconsciente do perigo que acarreta à própria sobrevivência, derruba bosques e florestas, para fabricar dormentes e móveis, ou simplesmente fazer lenha. Sem cuidar dos mananciais e da marcha da erosão, corta madeira à vontade e desbasta o terreno com queimadas periódicas, para preparar a terra, igualmente alheio aos incêndios na mata. Vai assim devastando os recursos naturais, que lhe legaram as gerações anteriores nem pensando em os preservar para os próprios filhos. Em nome do progresso extermina espécies inteiras de plantas e animais.

Nesta destruição insensata, abatem-se anualmente no Brasil 300 milhões de árvores, não indo o plantio no mesmo período além de 50 milhões. Embora a nossa área florestal, de 480 milhões de hectares, corresponda a 12,5% do total do mundo, só uma pequena parte está protegida por parques nacionais, reservas florestais ou é propriedade pública. No Espírito Santo, por exemplo, acham-se praticamente esgotadas as reservas de jacarandá. É verdade que já se complementaram com incentivos fiscais ao silvicultor as antigas medidas contra o desmatamento (tão difíceis de executar quando é amplo o território). Também a criação do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal e, posteriormente, da Secretaria Especial do Meio Ambiente representa providência importante na luta pela proteção da natureza contra a ação predatória do homem. Os grandes parques nacionais (como o do Xingu, que preserva flora e fauna da Hiléia Amazônica) e as campanhas de reflorestamento testemunham a consciência crescente da seriedade do problema (embora haja quem refloreste com eucaliptos áreas antes cobertas por jacarandá...).

Entretanto, onde chega a civilização aparece a exploração comercial da terra, o uso abusivo dos recursos naturais e a poluição de ar, água e solo. No nordeste, a calda despejada pelas usinas de açúcar já dizimou a fauna de vários rios; a avocante, antes comuníssima na zona semi-árida desta região, praticamente desapareceu. No Mato Grosso e em Goiás, o tatu-canastra gigante, tão encontrado até há pouco, quase não mais existe. Nos vales do Tocantins e do Araguaia foi preciso proibir por cinco anos a caça de jacarés, tartarugas e antas, para evitar o seu desaparecimento (mas ainda se pesca com bombas). Na Bahia, em Mataripe, grossa camada de petróleo está extinguindo a vida marinha. No Rio Pinheiros, em São Paulo, não há mais peixes, por causa da poluição industrial,

o mesmo perigo ameaçando o nosso rio Paraíba. Em certas faixas marítimas, a caça submarina desfalca incessantemente várias espécies e assim por diante, apesar da Lei de Proteção à Fauna.

É o mesmo está a suceder em toda parte. Na África, prossegue o abate de animais para fins de comércio. Na Ásia, das cinco espécies nativas de rinoceronte, três acham-se em extinção (o grande indiano, o de Sumatra e o de Java). Nos Estados Unidos, estão ameaçados os últimos representantes de 22 espécies animais, preservados no parque subtropical de Everglades, na Flórida, cujos alagadiços vêm sendo drenados para a utilização industrial e comercial da água. Na Europa, o Reno vai morrendo.

Exemplo chocante da pronta deterioração de paisagem privilegiada, por falta de planejamento, é Copacabana. No início do século o bairro menos habitado do Rio, exhibe hoje muralha de concreto armado, a estrangular a praia e impedir a ventilação dos apartamentos, que totalizam 98,8% das suas construções. Muitos dos que ali moram sem sol e sem ar devem manter artificialmente iluminadas as suas frações ideais de terreno, pois são insuficientes os poços de *iluminação* dos prédios. Nem lhes resta a alternativa de passear nas ruas, hoje coalhadas de carros e gente. Procura-se agora refazer o encanto perdido, alargando-se a praia para a cercar de locais espaçosos, com tratamento paisagístico. Contudo de nada serviu a amarga lição — Ipanema e Leblon já acusam estrago semelhante...

Como se isto não bastasse, poeira, fumaça, gases residuais de instalações fabris e incineradores de lixo (do município, de hospitais, de indústrias e de residências), descargas de motores de combustão, inseticidas, enfim numerosas substâncias ligadas à vida moderna poluem a atmosfera, afetando homens, flora e fauna. Progressivamente o ambiente urbano vai sendo invadido por compostos de enxofre, nitrogênio, carbono etc., que lhe perturbam o equilíbrio natural, provocando doenças ou morte, como o demonstram as experiências trágicas da Bélgica (em 1930), dos EUA (em 1948 na Pennsylvania), do México (em 1950), da Inglaterra (em 1952 em Londres) e do Japão (em 1970 em Tóquio). Entre nós, observou-se em Bauru (1952) um surto de doença respiratória com nove mortes, por reação ao pó da semente de mamona, espalhado no ar por uma fábrica. Na capital paulista registrou-se em 1969 um índice de poluição de até 90 litros de monóxido de carbono para um milhão de litros de ar, quando o máximo admissível ao ar livre seria de 30 PPM. Note-se que em tais efeitos nocivos incluem-se ainda uma série de males crônicos, menos evidentes.

Por isto, sucedem-se as campanhas antipoluição, registrando-se o êxito de uma, feita em Londres, e que conseguiu reduzir de 50% em 10 anos o índice de poeiras ali em suspensão.

Mas o pior é que, na busca de água corrente e de terreno amplo e barato, os grandes complexos industriais deslocam-se para o campo, a ele estendendo a poluição. Com a marcha industrial e o conseqüente avanço da urbanização, a água vai ficando viciada, enchendo-se os rios de detritos domésticos e fabris, com prejuízos a todos os seres vivos (como a mortandade periódica de peixes na lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio, ilustra).

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, mais de 200 milhões de pessoas no mundo não dispõem de água potável. Como o crescimento demográfico só tende a agravar tal situação, vêm os técnicos empenhando-se em descobrir um processo econômico e eficiente de dessalinizar a água do mar. Este, por sua vez, está sendo cada dia mais utilizado como depósito de lixo, recebendo pesada carga dos esgotos das cidades e dos resíduos dos navios (notadamente dos petroleiros). O homem já se tornou vítima da civilização que ele mesmo criou... Daí a batalha ora muito acirrada entre, de um lado, os defensores da natureza (das reservas biológicas, santuários de flora e fauna, grandes parques) e, do outro, os *agentes do progresso*.

Um tempo de angústia

Estas rápidas alterações do ambiente repercutem na vida do indivíduo, que a elas se tenta acomodar com igual passo. Contudo, se os aspectos materiais da cultura modificam-se com velocidade sem precedentes na história, os sociais e morais só o fazem devagar e em meio a conflitos. É que mudanças bruscas e constantes ameaçam os sentimentos de segurança, de identidade e de auto-estima do homem. Porque as teme, ele lhes opõe resistência, embora acabe por ser *carregado pela onda*.

Além disto, mais dilatados os núcleos urbanos e assim enfraquecido o controle social, exercido na pequena comunidade pelos grupos primários (poderosos e de número definido), a taxa de delinqüência ascendeu. Como tal controle foi-se transferindo para grupos secundários (de força menor) e, porque o anonimato da grande cidade encobre muitas transgressões da ordem social, puderam elas avolumar-se.

Ao vazio da vida (não mais toda absorvida pelo ganhão), à solidão (decorrente da indiferença mútua entre os cidadãos) e ao anonimato (na massa de desconhecidos) vie-

ram somar-se a monotonia da atividade profissional (resultante da extrema subdivisão das tarefas) e a padronização da produção (que o progresso tecnológico persegue, insensível aos anseios individuais de auto-expressão). No elevado preço pago pelo progresso inclui-se, ainda, a *despersonalização* dos contatos humanos dentro das gigantescas organizações, estimulada por linhas de montagem que dependem da uniformidade. A reduzida atenção à pessoa transparece em quase todos os terrenos, a partir do profissional. O trabalho é cada vez mais executado por equipes de especialistas, dispostos segundo uma hierarquia de funções e obrigados a seguir rotinas, tanto mais rígidas quanto mais se intenta manter o nível da produção. A consciência da perda de mais este apoio emocional, representado pelo apreço particular a cada um, suscita no indivíduo novas *frustrações* (pois que a rapidez das mudanças e a dificuldade em as acompanhar já lhe tinham trazido outras). Duas grandes guerras mundiais em breve sucessão e zonas de atrito permanente, num universo em que as distâncias geográficas já não contam, pioram o quadro, com novo abalo às bases do homem, dando-lhe por companheiro constante o medo (senão o pânico e a angústia).

Enquanto o primitivo não alcançava compreender o ambiente material, nele se sentindo desamparado, porém acreditando submeter pela magia os poderes sobrenaturais, o civilizado domina muitas das condições materiais, mas se sente perdido (ou alienado, como preferem alguns) na complexidade das relações sociais de uma cultura exigente como a nossa. Esta situação, que afeta o próprio desenvolvimento da sua personalidade, vem sendo estudada por numerosos psicólogos, entre os quais sobreleva Karen Horney. Para ela as neuroses são produto de fatores culturais, isto é, são geradas por perturbações nas relações humanas, que por isto necessitam de cuidado maior.

Para acentuar a universalidade do problema, trazemos dados de longe, de um *seminário sobre os aspectos sanitários da rápida industrialização*, realizado em 1965 em Dacca, no Paquistão, sob os auspícios da Organização Mundial de Saúde. Nele se pronunciou expressivamente o Dr. Tsung-Yi-Lin, professor de psiquiatria da Universidade Nacional de Formosa, ao fazer o apanhado final. Começou por considerar alarmante para os médicos a extensão da neurose na sociedade moderna. Como indício seguro do aumento da incidência das neuroses proporcionalmente ao avanço e ao ritmo da industrialização e urbanização, citou várias comunicações médicas vindas de países africanos e asiáticos, em fase de rápida indus-

trialização, que assinalavam a ascensão dos distúrbios neuróticos. Comentando o número de suicídios (vale dizer de frustrações pessoais intoleráveis), salientou ser mais elevado nos centros urbanos, visto que neles a dura concorrência, o compasso acelerado da vida, a falta de cordialidade nas relações de família e um espaço limitado para a recreação contribuíam para a inadaptação do homem. Lembrou, também, haver nas cidades muito mais distrações e tentações indesejáveis, que facilmente induzem os que têm reduzida capacidade de julgamento moral a atos anti-sociais ou, mesmo, ao crime (de que é exemplo trágico o número ascendente de viciados e traficantes em toda sorte de excitantes e entorpecentes).

O mesmo professor abordou em separado o problema das crianças, por serem elas ainda mais suscetíveis a esta situação angustiante, que decorre da instabilidade da vida familiar, da ausência de modelos com que se possam identificar, do conflito entre valores culturais e da impessoalidade das relações humanas nos conglomerados urbanos, tudo isto exacerbado pela aspereza da luta pela vida, dominada pela competição. Para concluir, afirmou constituir o excesso de urbanização ameaça não só às nações mas também à saúde mental dos seus membros.

O reverso do avanço

Em suma, como reverso do adiantamento material propiciado pela moderna tecnologia, vemos um mundo confuso e tumultuado, no qual, junto com a aceleração da mudança, caminha a estatística de desajustamentos (dos quais é sintomático o atual surto de alucinógenos). O problema assume maiores proporções porque o mesmo progresso dá ao homem amplo tempo livre, no qual a sua liberdade de agir tanto pode ser benéfica quanto prejudicial a si próprio e à coletividade. Já que não mais nos é dado alterar o tipo estabelecido de relação entre os membros da nossa sociedade, no terreno disciplinado da atividade profissional, resta-nos a oportunidade de influir nas atividades com que livremente preenchem o seu vagar, a fim de que ele não se transforme em ócio ou em período de mais angústia. É oportuno citar aqui os trabalhos de Georges Friedmann, um dos primeiros sociólogos a sublinhar o valor do lazer na humanização da nossa cultura técnica. Insistiu ele nas vantagens de aproveitá-lo com atividades criadoras (vale dizer, com recreação) em lugar de meros entretenimentos, pois só aquelas compensam os sentimentos de insatisfação, derivados da divisão do trabalho e da sua mecanização. Comentando ter observado entre os franceses

alto número de *pescadores de domingo*, explicou tal dado estatístico por ser a pesca diversão criadora (além de barata), de vez que nela cada qual pode ser o *patrão*, resolvendo o horário, o local, o material e o objetivo a buscar.

O lazer como esperança de reencontro do homem

Os que detêm alguma parcela de responsabilidade no bem-estar público já descobriram no lazer poderoso recurso de ajustamento dos homens. Nele perceberam possibilidades, não encontradas em outros campos: de liberdade (na escolha da ocupação); de espontaneidade de contatos pessoais (que não ficam presos a classes sociais ou econômicas). A clássica pergunta *mais riqueza e poder para quê?* talvez deva ser reformulada para *mais lazer para quê?*, visto que o tempo livre está progressivamente a determinar a qualidade da nossa vida.

Apresentado assim o problema do novo lazer, e analisados os seus aspectos à luz da sua evolução histórica, no panorama geral e especificamente no Brasil, compete-nos buscar caminhos para a sua solução. Exemplos de medidas recentes, dos poderes públicos, neste sentido são leis federais, como a que, em 1965, criou o Código Florestal, para defesa das florestas existentes e formação de novas outras, a Lei de Proteção à Fauna e a da criação, em 1973, da Secretaria Especial do Meio Ambiente, voltada para "a conservação do meio-ambiente e o uso racional dos recursos naturais". Lembre-se a propósito o crescimento dos Parques Nacionais, que aqui começaram com os do Itatiaia (1937), do Iguaçu e da Serra dos Órgãos (1939), mas hoje também incluem os da Amazônia, Aparados da Serra, Araguaia, Brasília, Caparaó, Chapada dos Veadeiros, Emas, Monte Pascoal, São Joaquim, Serra da Bocaina, Serra da Canastra, Sete Cidades, Sete Quedas, Tijuca, Ubajara.

*UMA DAS SOLUÇÕES:
A RECREAÇÃO ORGANIZADA*

O DESAFIO DO LAZER

"Isto é o principal: com que tipo de atividade o homem há de ocupar o lazer". *Aristóteles*⁵²

Na primeira parte desta obra, analisamos os problemas criados pelo crescimento do lazer, em consequência da automação progressiva das tarefas, bem como das leis de proteção ao trabalho. Vimos ainda como eram agravados pela explosão populacional, pelo aumento da duração da vida ativa e pelo alargamento do processo de urbanização (que desencadeia um ritmo de vida no qual o tempo de folga fica altamente valorizado).

Julgamos tocar à comunidade a responsabilidade principal de atender aos anseios decorrentes desta expansão do tempo livre, tornados mais prementes pela transformação do lazer de privilégio de alguns em fenômeno de massa. À ela compete providenciar espaço, instalações e serviços, para que os seus membros possam fruir o novo vagar, enriquecendo a própria vida, dentro de um clima de bem-estar social.

Caminho que ocorre prontamente a quem se apercebe das implicações sociais e econômicas da ampliação da folga, propiciada ao homem pela moderna tecnologia, é sensibilizar os líderes para a questão (como procuramos fazer em *O problema*). Alertados para a sua importância, induzirão a comunidade a mobilizar os recursos disponíveis, articulando as iniciativas de entidades privadas, de órgãos públicos e de particulares, de modo a assegurar oportunidades que seriam impossíveis a cada qual em separado. Na busca de solução a curto prazo, viável dentro da nossa realidade econômica,

⁵² *Aristóteles. Política*. 3. ed. Trad. de Silveira Chaves. São Paulo, Atena, s.d., liv. VIII, cap. 2 § 4, p. 297.

deverão aproveitar os meios já existentes (muitos até insuspeitados ou ociosos), integrando-os segundo uma política definida de uso das horas livres.

A criação de um Conselho de Uso do Lazer

Um Conselho de Uso do Lazer deverá traçar as linhas mestras desta filosofia básica e apontar as diretrizes para uma campanha, intensiva e rápida, de esclarecimento preliminar das lideranças (nos seus diversos níveis) e de obtenção do apoio da opinião pública. Sendo este Conselho apenas de caráter consultivo, a campanha seria confiada a instituição já afeita a tarefas semelhantes, aproveitando-se e racionalizando-se a sua experiência para os fins pretendidos, de sorte a manter mínimos os gastos. Neste ponto seria extremamente vantajoso aliciar veículos de grande penetração como o jornal, o rádio e a televisão. Evidentemente as normas gerais hão de ser formuladas com clareza e flexibilidade que permitam incorporá-las em instrumentos prontos de ação em cada comunidade.

Paralelamente ao desenvolvimento destas primeiras atividades, o Conselho se encarregará de proceder a um levantamento da situação nacional no tocante às facilidades para o emprego das horas de folga (com a cooperação de órgãos locais), sondando ainda interesses e aspirações dominantes e apurando as tendências mais fortes. Poderá então traduzir esta política e particularizá-la em um Plano Básico do Uso do Lazer, já agora apoiado nos resultados das experiências iniciais. A partir dele e tendo em vista a rapidez da mudança social, serão elaborados planos de âmbito regional, estadual e municipal, voltados para as condições específicas de cada área, embora integrados sempre na mesma orientação geral. Tais planos, que fixarão critérios objetivos, práticos e flexíveis, vinculados à realidade, irão desdobrar-se em programas parciais, executados segundo uma ordem de atendimento prioritário.

Enquanto a comunidade prossegue o seu trabalho, tentando resolver os problemas imediatos com os próprios recursos, valorizados agora pela consolidação dos esforços isolados, irá tomando corpo um planejamento a médio e longo prazo, visando, entre outros fins, a garantir uma infra-estrutura capaz de facilitar a boa execução dos programas e seu crescimento equilibrado. Como exemplo de providências mais demoradas, que se poderão buscar, citam-se: obter textos legais que disciplinem o desenvolvimento urbano no que concerne à utilização do lazer (como a reserva de taxas mínimas de espaço livre, a proteção de áreas já existentes e o planejamento da

ocupação do solo, por zoneamento, que atenda às necessidades de lazer e discipline loteamentos futuros); levantar recursos financeiros para adquirir terrenos, fazer neles instalações adequadas e as manter; conseguir verbas para desenvolver os programas e pagar pessoal; preservar os recursos naturais bem como facilitar o acesso a pontos de beleza panorâmica ou de interesse especial do ponto de vista da recreação; incluir, na formação profissional de arquitetos, urbanistas, paisagistas, administradores e educadores, a análise dos problemas do lazer; dar, desde as escolas do primeiro grau, educação sistemática visando à formação de bons hábitos de emprego do tempo livre; formar pessoal especializado capaz de planejar, organizar e orientar em grupos diferentes várias atividades de lazer; programar pesquisas e estudos para auscultar as necessidades presentes e futuras da população no campo do lazer; e fixar padrões de atendimento nos serviços oferecidos ao público.

As tarefas do Conselho:

Podemos resumir assim as atribuições desta Comissão:

1. Solicitar os estudos e levantamentos necessários à fixação de diretrizes para o bom aproveitamento do lazer.
2. Definir esta política e a divulgar no país, promovendo-a e popularizando-a, em especial junto aos que ocupam posições de liderança.
3. Estabelecer padrões mínimos de atendimento ao público no tocante ao uso do lazer, especialmente quanto à formação do pessoal especializado, incumbido de orientar a sua programação.
4. Coordenar o levantamento anual, feito pelos Estados, das oportunidades para uso adequado do lazer e do pessoal disponível para tal fim, tendo em vista obter maior rendimento pela conjugação de esforços.
5. Amparar, estimular e controlar as atividades das instituições particulares de âmbito nacional, que atuem neste setor, procurando encorajar-lhes o crescimento e facilitar o seu entrosamento com órgãos oficiais.
6. Facilitar assistência técnica às instituições que ofereçam bons programas de aproveitamento do lazer, particularmente àquelas que formem pessoal para os dirigir.
7. Patrocinar semanas de atualização sobre o uso do lazer ou amparar as entidades que o façam, promover congressos

nacionais e instituir prêmios para estimular estudos e pesquisas relativos ao preenchimento do tempo livre.

8. Publicar literatura especializada, como, por exemplo, coletâneas de atividades de lazer e manuais de técnica da sua direção, além de guias para o orientador de grupos, com minuciosa enumeração dos objetivos a buscar.

9. Entrar em contacto com organismos semelhantes em outros países, com eles estabelecendo intercâmbio direto (ou por intermédio da World Leisure and Recreation Association com sede em New York e subsede em Genebra).

Como primeira etapa deste trabalho impõe-se a discussão dos princípios básicos de uma filosofia do lazer, tarefa que intentamos a seguir.

TECNOLOGIA, VALORES HUMANOS E LAZER

"Na verdade, se os jogos são fatores e imagens da cultura, de certa forma uma civilização (e no seu seio uma época) pode ser caracterizada pelos seus jogos". Roger Caillois⁵³

Para delinear diretrizes do uso do lazer, que sirvam de ponto de partida ao seu planejamento, é necessário averiguar, de início, o que ele significa para o homem. Como a sua característica fundamental é a liberdade (o termo vem de *licere*, ser permitido), cada qual o usa a seu gosto, aproveitando-o para preencher à vontade as lacunas da sua existência ou para equilibrar a própria vida com o que não acha na profissão. Mais do que simples tempo de sobra, ele se configura como oportunidade oferecida ao indivíduo de revelar com espontaneidade o seu verdadeiro modo de ser. Relatar, então, como alguém emprega o seu tempo livre é o mesmo que lhe dar a medida. Analogamente, enunciar as atividades de lazer comuns numa sociedade é descrevê-la.

Esboço de filosofia do uso do lazer

Já analisamos as razões que levaram o lazer a ocupar posição de relevo na nossa cultura, marcada pela tecnologia. Comentamos, também, como hoje o trabalho, feito em ritmo apressado e com auxílio de máquinas cada vez mais eficientes, já não encerra desafio à capacidade de criação e à habilidade do comum dos homens. Com frequência é visto como simples meio de assegurar um salário, sendo o principal respeitar o apito da fábrica ou o relógio de ponto e obedecer a rotinas preestabelecidas. De antigo instrumento básico de auto-afirmação, ele desceu a um segundo plano, cedendo ao lazer a

⁵³ Caillois, R. *Les jeux et les hommes*. Paris, Gallimard, 1958. p. 128.

primazia. O homem trabalha agora para melhor gozar as horas livres, nelas se realizando.

Porque o lazer deixou de representar produto secundário da civilização e se constituiu num dos seus problemas centrais, as ciências sociais e econômicas começaram a dedicar maior atenção ao seu estudo. Ao vê-lo crescer em duração e estender o seu âmbito, Dumazedier, por exemplo, destacou a nossa tendência a caminhar para "uma civilização do lazer".⁵⁴ David Riesman, por sua vez, sugeriu encará-lo como mata-borrão da sociedade, aconselhando a procurar o sentido da vida no uso criador do tempo livre, visto não mais ser possível encontrá-lo na atividade profissional.⁵⁵ Observamos, ainda, que se aprofunda a cada dia a distância entre as ocupações de uns e outros indivíduos, já que o sistema atual de trabalho, caracterizado por grande interdependência e intensa competição, obriga os homens a se especializarem sempre mais. De tal forma esta especialização crescente os afeta, que passam a pensar e agir primeiro como advogados, economistas ou arquitetos, para depois o fazerem como pessoas. Muitos, ainda, gastam parte do seu vagar a debater assuntos de trabalho só restando as atividades de lazer como base de aproximação entre os diversos profissionais. São elas talvez a única língua franca da nossa era pois só no seu campo parece possível boa comunicação entre os membros da sociedade. Como a atividade profissional progressivamente os vai apartando é nas ocupações desinteressadas que descobrem uma área universal de intercâmbio de experiências. A própria origem da palavra *comunicação* (do latim *communis*) indica a dificuldade, presente de há muito, de se achar um terreno comum para as trocas sociais.

Aspectos sociais de um lazer tão dilatado

Uma consequência desta maneira de entender é a de ver o tempo de sobra como fator de *integração* do homem no grupo. Porque o lazer facilita contactos primários diversificados e em clima de espontaneidade e alegria, favorecendo o convívio de pessoas vindas de campos profissionais e níveis socioeconômicos distintos, ele tem sido utilizado para facilitar as relações humanas. Já no fim do século XIX, por exemplo, alguns estudiosos apontavam as quadras de esportes como lugar onde ingleses e indianos conseguiam bom relacionamento. Graças à atmosfera de cordialidade nelas passível introduziram-se na

⁵⁴ Dumazedier, Joffre. *Vers une civilisation du loisir?* Paris, Ed. Seuil, 1962.

⁵⁵ Riesman, David. *Work and leisure in post industrial society*. In: Larrabee Eric & Meyerson, Rolf. *Mass leisure*. Glencoe, Free Press, 1958.

Índia jogos tipicamente britânicos como o *cricket*, o tênis e o *hockey* que desde então vêm sendo praticados com interesse. Até o pólo, que fora cultivado no tempo dos grãos-mogóis e decaíra muito, pôde ser reiniciado pelos colonizadores.

Outro efeito do lazer é a maior *produtividade* dos que o aproveitam para restaurar as forças e se libertar das tensões emocionais acumuladas na luta pela vida. Enquanto muitos alcançam estes benefícios entregando-se a ocupações desinteressadas nas horas livres, alguns somente os conseguem de forma parcial e indireta (ou vicariante), acompanhando com entusiasmo, senão paixão, realizações alheias. Engrandecem-se, então, com o êxito do seu clube de futebol ou se identificam com o sucesso do parente ou conterrâneo, no jornalismo, na televisão ou na política. A atividade esportiva, principalmente, pela sua maior divulgação e pelo clima emocional que favorece, é muito usada para acrescentar importância à própria vida, ao próprio *status* social ou ao próprio trabalho. Este último, tido às vezes como algo rude e inferior, logra até purificar-se por meio do esporte.

O vínculo entre esporte e industrialização

Atenção especial merece o esporte, que Aldous Huxley, por exemplo, considera o traço dominante da nossa cultura, por ligar-se ao próprio estilo de vida da sociedade atual, que encontra as suas raízes na fábrica. Esta abriu-se para a prática esportiva, que, por seu turno, converteu-se em elemento de boas relações humanas na indústria. Em apoio desta tese, contrastou o caráter popular do esporte moderno com as suas conotações de aperfeiçoamento espiritual entre os antigos gregos.

Examinando a questão, salientou Volpicelli que quanto mais uma sociedade se industrializa tanto mais a atividade esportiva nela se difunde e revigora.⁵⁶ Se de um lado esta disseminação explica-se pela conquista feita pela massa de nível mais elevado de vida, relaciona-se por outro à grande eficiência dos atuais meios de comunicação. Indiferentes à hierarquia dos níveis sociais, tais veículos vulgarizam em toda a população os novos costumes, despertando interesses que prontamente se vulgarizam. Nas Olimpíadas, por exemplo, tem-se observado que os melhores resultados de conjunto pertencem em regra aos países de economia mais avançada. É que neles a prática de jogos e atletismo não somente é mais generali-

⁵⁶ Volpicelli, L. *Industrialismo y deporte*. Trad. do italiano. Buenos Aires, Paidós, 1967. p. 48.

zada como ainda se faz de modo racional e científico, tendo em mira o aproveitamento deliberadamente levado ao máximo possível de todas as possibilidades do organismo humano. Como resumem Jokl e Frucht, "... em termos gerais, pode-se apontar uma correlação entre os padrões econômicos e os de desempenho atlético. Deve-se o fato à influência favorável do ambiente no desempenho do atleta, especialmente em razão de cuidados com higiene, dieta adequada, treinamento e equipamento bom. Além disto, ultimamente em países de alta renda nacional, elevado número de jovens pôde dedicar tempo suficiente ao treinamento..."⁵⁷ Numa civilização que se apóia na ciência e na máquina, também as atividades físicas são organizadas em bases racionais e com rigor técnico; a *performance* do atleta deixa de depender exclusivamente de músculos e exercícios para submeter-se a severa técnica e a treino sistemático, com fundamento científico. (Lembre-se a propósito que o nosso selecionado de futebol até já contou na sua equipe de técnicos e preparadores com um psicólogo.)

Obrigado pela expansão da economia industrial a tarefas cada vez mais áridas e monótonas, vistas como jugo penoso do qual almeja libertar-se, o homem contemporâneo também descobriu no esporte uma válvula de escape das pressões da vida (senão consolo das suas agruras). Esta *função catártica*, eficaz até para os que não o praticam, mantendo-se apenas como espectadores interessados, vem sendo analisada por vários autores, entre os quais Adriano Tilgher, que percebe no esporte a atividade lúdica típica da civilização industrial (tal como os *ludi gladiatorii* eram do Império Romano e os torneios e justas da Idade Média e Renascimento). Porque ele atende a esta necessidade de libertação ou de evasão da rotina cotidiana e porque compensa vários inconvenientes da mecanização, parece-lhe representar "a resposta fisiológica e biológica ao trabalho", nas condições em que ora se faz.⁵⁸ Constitui como que nova tarefa, executada, porém, para divertir ou, melhor, "para proclamar o poder do homem sobre a gratuidade", no dizer de Guillemain.⁵⁹ Restitui então ao corpo, poupado pela máquina, o equilíbrio funcional, dando-lhe ensejo de esforço físico e, até mesmo, de cansaço.

Do ponto de vista psicológico, os jogos altamente competitivos, principalmente os de equipe (como são muitos dos es-

⁵⁷ Jokl, Ernst & Frucht, Adolph H. The limit of athletic records. *Abbotempo*, London (1): 4-5, 1966.

⁵⁸ Tilgher, Adriano. *Homo faber*. Roma, Libreria de Scienze e Lettere, 1929. p. 165.

⁵⁹ Guillemain, B. *Le sport et l'éducation*. Paris, PUF, 1955. p. 8.

portivos), afiguram-se a vários autores como a ritualização de escapes da agressividade. Tendo a vantagem de não prejudicar a vida social, podem chegar a servir de substituto para a guerra, segundo julga William James. É sabido que rituais e cerimônias simbólicas têm origem mágico-religiosa, a qual frequentemente se dilui com o correr do tempo. Durante a evolução cultural, eles se vão adaptando ecologicamente aos vários *habitats* e aos diferentes modos de agir dos grupos, novas formas emergindo à medida que muda o estilo de vida. Assim, quando grupos nômades se tornam sedentários, abandonam ou relegam a plano inferior seus ritos tradicionais de caça, logo criando outros, vinculados à agricultura. Na nossa cultura, os grandes jogos representariam, na opinião de vários psicanalistas, *rituais de evasão*. Sob a forma de atividades organizadas, dão ao homem permissão para subtrair-se por momentos à monotonia da vida ou à sua disciplina moral. Tais rituais constituem válvulas importantes de segurança da sociedade, que precisa oferecer aos seus membros oportunidades salutares de libertação do cotidiano. E convém lembrar que a atividade esportiva atende bem às três funções básicas de uma ritualização positiva do comportamento, a saber: comunicação, redução de conflitos e unificação.

Em decorrência desta possibilidade de desafogo pessoal em determinadas ocupações de lazer aprovadas pelo grupo, observa-se a baixa do número de transgressões da ordem social. Encontrando no seu tempo de folga caminhos sancionados pela sociedade para satisfazer os anseios comuns de quebra do ritmo diário, de aventura, de independência ou, mesmo, de agressão, mais facilmente os indivíduos submetem-se às regras do dia-a-dia. Daí ser comum utilizarem-se jogos, esportes, danças, músicas e outras atividades recreativas no combate à delinqüência, especialmente a juvenil, pois que a adolescência costuma ser um período de rebeldia acentuada contra os padrões do mundo adulto.

A força econômica do novo tempo livre

Entretanto, em que pese a força de todas estas considerações em favor de maior atenção às atividades de lazer, é outro o argumento que costuma grangear mais apoio, qual seja, o do seu valor como *força econômica*. Basta atentar para o total de gastos com diversões e passatempos ou para o número de indivíduos empregados em decorrência da expansão do lazer e da produção em série dos artigos nele consumidos, para avaliar o seu peso no mercado. Além disto, junto com o crescimento gradual do lazer e do poder aquisitivo da massa,

eleva-se também a estatística dos que ganham a vida na manufatura, distribuição, venda e propaganda de bolas, raquetes, bicicletas, discos, revistas, violões, filmes etc. Só o turismo, que ora se estende ao grande público com o conforto dos novos meios de transporte coletivo e os sistemas de crediário, é responsável por muitos empregos e pela prosperidade de várias regiões (quando não afeta decisivamente a renda de nações, como a Itália ou a Espanha).

Segundo estatística recente (1965), a família média norte-americana gasta mais de 6% do seu rendimento com atividades de lazer. O curioso é que depois que a renda atinge certo nível, esta porcentagem eleva-se, sugerindo uma ascensão destas ocupações na escala de valores. Observa-se então o consumo de bens progressivamente mais caros — casa de campo, barco, material fotográfico, carro de corrida etc. Nota-se ainda a ampliação do uso de certos bens para fins de lazer — mais gasolina para passear de lancha ou de automóvel, mais comida e bebida para oferecer nas festas e assim por diante. Assinale-se que nos últimos anos vem subindo acentuadamente nos países desenvolvidos este consumo de bens de lazer, sendo que só na França, por exemplo, acusou aumento de 80% no período de 1950 a 1960.

Mais lazer para quê?

Depois de tanta luta para conseguir mais tempo livre, o homem enfrenta agora o problema do que fazer nas horas que lhe sobram: como poderá ocupá-las de maneira prazerosa para si e ao mesmo tempo salutar do ponto de vista da ordem social?

Embora viva a sonhar com as alegrias do lazer, parece aturrido quando finalmente se vê livre para o usufruir. É que na vida moderna não mais encontra o antigo ritmo de trabalho diário, entrecortado pelas festas e folgedos típicos de cada estação; tais diversões vêm-se enfraquecendo na proporção em que o crescimento fabril apressa a urbanização. Como destaca Manuel Diégues Júnior, até nos nossos núcleos populacionais que começam a se industrializar já se observa uma espécie de prevenção contra os folgedos tradicionais, cuja decadência se acentua nas áreas em franca ascensão industrial.⁶⁰ Mesmo aquelas tradições populares que ainda subsistem transformam-se para resistir à extinção, ou vão sendo atingidas pela perda de prestígio entre o povo. Note-se

⁶⁰ Diégues Júnior, Manuel. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura — INEP, 1960.

que para o seu abandono e esquecimento também contribui a crescente difusão do cinema e do rádio. Assim, por exemplo, o bumba-meu-boi, que ainda persiste no nordeste, já denota a influência renovadora das condições sociais contemporâneas. Até nas áreas não urbanizadas, os folguedos sofrem alterações, quando não desaparecem, o que já se verificou com reisados e congadas em numerosos pontos do país.

Como vemos, entre os ruidosos festejos tradicionais de outrora e as diversões de hoje, é larga a distância. Antigamente embora fosse mais passiva a participação da massa nas grandes festividades, as velhas cerimônias representavam uma ruptura completa da vida diária. Ainda quase ao fim do século XVI (ou mais), a própria Igreja tolerava vez por outra festas desmedidas, como na passagem do ano. Nesse período podiam as pessoas entregar-se a certas diversões normalmente condenadas como pecaminosas. Prolongavam-se as libações, empanturravam-se de comida, jogavam a dinheiro, cantavam e dançavam, descambando com freqüência para desregramentos. Como nos lembra o folclore, tais comemorações chegavam a se estender por "sete dias".

Nos tempos atuais, as grandes festas dissolveram-se no dia-a-dia, perdendo, portanto, o seu caráter de libertação explosiva, ou seja, aquela saudável ação catártica. Além disto, modificaram-se intimamente, pois muitos festejos religiosos (como o Natal e a Páscoa) perderam quase toda esta conotação, adquirindo acentuado sabor profano, de divertimento coletivo de rua ou de troca de presentes (entre repastos intermináveis). Surgiram também festas artificiais, como vários dias simbólicos (da mãe, da criança, do mestre etc.), muito presos à propaganda comercial.

Pôr outro lado, hoje até as classes menos favorecidas encontram algum vagar na vida diária para seguir programas de rádio e de televisão, ler jornais ou revistas e ir à praia ou ao cinema. Na época atual a massa toma de fato parte ativa nas diversões, como evidencia a generalização da prática de esportes ou a multidão nas praias.

Menção particular, entretanto, merece o carnaval das grandes capitais pela sua conotação de alívio de tensões durante dias seguidos. Entre os que *pulam* o carnaval, muitos buscam na trégua concedida pela sociedade o desafogo das frustrações sofridas durante o ano. Libertados de várias sanções sociais, extravasam num ambiente de aceitação social as tensões que vinham acumulando. Esta função catártica de tais festejos transparece, por sinal, nas letras das músicas de carnaval, nas sátiras dos blocos de sujeitos, nas alegorias e nos préstitos. Porque é de aprovação geral o clima que cerca estas

exteriorizações, parece benéfico o seu efeito à saúde mental dos foliões, não raro integrantes da "multidão solitária" de que nos fala Riesman. Muitos psiquiatras classificam tais manifestações como catarse coletiva, onde são cumpridos rituais de evasão.

Para algumas pessoas, os desfiles ou apresentações públicas preenchem a necessidade de ser importante, representando a grande oportunidade de auto-afirmação, num mundo terrivelmente complicado e competitivo como o de hoje. As fantasias que comumente escolhem — de reis, marajás, califas ou outros potentados — refletem claramente este desejo, assim como a disputa pela posição de porta-estandarte ou de mestre-sala, além da costumeira preferência por personagens ou enredos fabulosos. A própria seriedade com que os participantes planejam durante meses as fantasias, ensaiam noite após noite e se apresentam em público, gastando em dias de glória a economia de um ano de árduo trabalho, é outro sintoma do papel importante que os festejos carnavalescos podem desempenhar na sua vida. Reconhecendo o aspecto positivo de tais comemorações, que possibilitam ao homem comum mergulhar no mundo da fantasia, para dele emergir reconfortado, os poderes públicos os amparam e estimulam. Por isto, enfeitam as ruas, dão subvenções aos grupos organizados e oferecem prêmios a fantasias, ranchos e escolas de samba. Como índice expressivo da popularidade destas últimas, anote-se que só no Rio de Janeiro há mais de 50, cada uma compreendendo de 1 000 a 3 000 figurantes, entre passistas e ritmistas, os quais desfilam em dezenas de alas, a fazer evoluções durante horas e horas. Já os ranchos guardam mais resquícios da sua origem religiosa (dos ternos e ranchos de Reis), que se evidenciam no tom lento e grave do desfile e nas pastoras.

O aproveitamento do lazer como opção individual

Se ao desafio que as novas horas de folga lançam diariamente ao contemporâneo, ele reage com sabedoria, o tempo livre passa a constituir período de real libertação. Caso contrário, irá significar apenas um vazio maior, notadamente para os que não aprenderam a aproveitá-lo. Em face da brusca dilatação do lazer nas últimas décadas, proporcionando folga a indivíduos despreparados para tal regalia, pode-se perceber, diz David Riesman, os sintomas de uma geração aparelhada para o *Paraíso Perdido*, mas que não sabe o que fazer do *Paraíso Encontrado*. De acordo com Arthur Schlesinger Junior, "a ameaça mais perigosa à sociedade" norte-americana

na é a do lazer, e os que menos preparados estão para o enfrentar são os que mais disporão dele. Educados para ganhar a vida, criados para estarem sempre produtivamente ocupados, em face de uma abundância de folga mostram-se confusos.

Tão inquietante é o problema de como preencher as horas vagas na sociedade pós-industrial, que em 1964 foi ele escolhido para tema de uma das grandes exposições internacionais de arte — a *Trienal de Milão*. Em salas cheias de espelhos (como gigantescos caleidoscópios), inundadas de cartazes berrantes e banhadas pelas luzes e ruídos das diversões modernas, lá se expuseram os produtos que hoje são oferecidos ao consumidor no seu lazer. Em perturbadora sucessão, apresentavam-se aos visitantes bolas de todo feitio e textura, raquetes, chuteiras, discos, instrumentos musicais, jornais, revistas, motocicletas, barcos etc., além de uma enxurrada de talões de ingresso de cinema, teatro, circo, concertos e vários programas de auditório, numa profusão simbólica da atual dificuldade de escolha. Em outro salão, distante deste torvelinho, atividades repousantes, como música suave ou paisagens para contemplar, reminiscentes de tempos de menos agitação e rivalidade, sublinhavam a angústia dos nossos dias, presente até nos momentos em que o homem deveria sentir-se liberto para escolher a sua ocupação.

Atitudes comuns diante do novo lazer

Defrontados por mais tempo livre, que não sabem como usufruir, muitos indivíduos só se lembram de tentar escapar. Em lugar de vê-lo como oportunidade de reduzir tensões e desfrutar momentos de alegria, enxergam-no, paradoxalmente, como nova fonte de inquietude e desassossego. Uns só conseguem enfrentar a situação *matando o tempo* (expressão tanto mais significativa quanto encontrada em diversas línguas — *tuer le temps, to kill time, amazzare il tempo, Zeit totschiagen...*).

1. Quando desobrigados dos afazeres habituais e entregues aos próprios recursos, alguns parecem precisar fugir de si mesmos, para o que vão aturdir-se com o barulho e a iluminação gritante de alguns divertimentos. São tais indivíduos que enchem os bares, os hipódromos e as salas de jogos de azar. Outros tentam iludir-se com sonhos, recorrendo ao álcool ou a drogas, em torno dos quais estabelecem verdadeiros rituais (como ora sucede com o LSD). Refugiam-se em um mundo fictício, nem ligado à realidade do trabalho nem à alegria da recreação, porém manipulado por vendedores de ilusões, que

vivem disto (como os produtores de novelas seriadas e de muitos filmes cinematográficos ou os fornecedores de alucinógenos). Porém a volta diária e inevitável à realidade vai com o tempo tornando-se cada vez mais custosa, pois o vácuo se amplia e parece esmagar o indivíduo. Para tais pessoas, o lazer transformou-se num intervalo angustiante em que é preciso livrar-se da realidade, tal como sucede aos animais que hibernam, para escapar a longo e penoso inverno.

Há também aqueles que sentem compulsão para o trabalho e experimentam sentimentos de culpa ao se verem desocupados. Já criaram a *neurose do domingo*, ou seja, o medo aflitivo do feriado, no qual não podem apelar para a rotina salvadora do escritório. Nas horas que lhes sobram arranjam novos trabalhos ou saem à cata de mais dinheiro, entregando-se depois à ocupação de comprar bens, para os acumular. Como a riqueza passa a representar fim em si ou, quando muito, meio de obter prestígio social, começam a adquirir casas cada vez maiores, a armazenar sempre mais alimentos e a abarrotar de roupas ou objetos os seus armários. Parece ser esta a sua maneira de alcançar uma sensação de segurança e o seu recurso para não enfrentar o vácuo que os espera após as obrigações.

Estudando a rápida ampliação do lazer em Akron, Ohio, onde a indústria da borracha há muitos anos já reduziu a 36 as horas semanais de trabalho, Harvey Swados verificou que um em cada sete dos operários ali inquiridos conseguira seu segundo emprego.⁶¹ À vista do fato, indicou os perigos potenciais de um futuro em que tal folga, estendida a milhares de pessoas, poderá criar problema de dimensões assustadoras. Daí reclamar o estabelecimento urgente de ordem social em que trabalho e lazer se apoiem em bases mais racionais.

Em nossa cultura, é comum um estilo de vida baseado em intensa dedicação ao trabalho (que a sociedade considera virtude), entremeado por períodos de tempo livre (dados em prêmio a quem se esforça no campo profissional ou no escolar). Então, na ânsia de acumular maiores recursos para melhor fruir a merecida folga, empenham-se os homens cada vez mais em *atividades sérias*, chegando exaustos ao fim de semana, que o progresso tecnológico e o seu esforço lhe garantiram. Porém nessa hora ressentem-se da falta de energia para se dedicarem a alguma atividade divertida ou da carência de tempo para dominarem as habilidades básicas, necessárias ao prazer em cada ocupação. Sua corrida foi inútil, restando-lhes

⁶¹ Swados, Harvey. *Less work, less leisure*. In: Larrabee, Eric & Meyersohn, Rolf. *Mass leisure*. Glencoe, Free Press, 1958.

esperar ansiosos pela segunda-feira, que os virá socorrer com as exigências habituais. Como lembra o poeta argentino Tuñón, nem a beleza a seu redor logra interessá-los, sendo preciso que um córego lhes "roube a lua", para que eles, de olhos sempre voltados para baixo, a possam ver refletida nas suas águas.

2. Uma segunda atitude, encontrada com freqüência, é a de transferir para o lazer aquele mesmo espírito de competição observado na vida profissional. Então nas horas de sobra o indivíduo tenta alcançar o sucesso não obtido no trabalho, abraçando com descabida gravidade as ocupações que apenas deveriam dar-lhe prazer. Em lugar da alegria de fazer algo só por ser divertido, procura vencer torneios de pesca ou de pôquer, tirar o primeiro lugar em concursos de fotografia ou de filatelia e demonstrar perícia incomum na arte de bordar ou de encadernar livros. Subvertem-se os valores, de vez que o êxito passa a significar mais que a própria atividade, perdendo-se a característica do lazer de desinteresse pelo fim. Em resumo, põe-se o homem nas horas disponíveis a trabalhar com vigor, transformando a atividade livre em nova obrigação.

3. Finalmente, outra maneira comum de encarar a folga é a daqueles que, diante de uma "vida de desesperada calma" (como definia Thoreau), buscam *identificar-se* com heróis ou ídolos (da televisão, dos esportes, do cinema, ou do rádio). Acompanhando-os fielmente onde quer que apareçam, gozam como que por procuração as suas glórias e aventuras. Infelizmente, tal prática é desvantajosa, já que pode perturbar o ajustamento daqueles que recorrem com excessiva freqüência a este mecanismo de defesa do ego.

Alarmados com a inquietude causada pelo maior vagar, os sociólogos do trabalho (Georges Friedmann, especialmente) cuidaram de acentuar a importância dos passatempos — hobbies ou *dadas*.⁶² Salientaram a vantagem de os cultivar, já que proporcionam diversão socialmente aprovada, compensando o desgaste emocional conseqüente à moderna maneira de ganhar a vida. Enquanto a atividade profissional desenvolve-se em regime de intensa competição e dependência mútua, afastando o homem cada vez mais da natureza (cujo contacto íntimo nele favorece sentimentos de segurança), tais ocupações gratuitas restituem-lhe o prazer de manipular à vontade parte do ambiente e de aplicar o seu espírito criador.

⁶² Friedmann, Georges. *Problèmes humaines du machinisme industriel*. Paris, Gallimard, 1955.

Com os seus modernos escravos — máquinas e controles eletrônicos — a humanidade soube expandir o lazer, mas ainda não se educou para dele se beneficiar. Não se pode admitir, todavia, que haja lutado séculos para obter somente um vazio maior ou períodos mais longos de inquietude e incerteza, a que deve fugir com a ajuda da ficção ou de estimulantes artificiais. O grande serviço prestado pela máquina não se restringe, por certo, ao progresso material que ela facultou, porém nos momentos que pôde oferecer ao homem para livremente escolher um estilo de vida e buscar o seu destino. Como resume Friedmann, o novo lazer surgiu como conquista social, porém ele ainda não foi realmente libertado, pois que é necessário educar a massa para bem o empregar.

Resultados de algumas pesquisas

Diversas pesquisas vêm sendo feitas para avaliar até que ponto o novo tempo livre está sendo benéfico ao homem e para lhe auscultar as aspirações. Assim, os inquéritos de Serge Moscovici na França, em três cidades industrializadas do alto vale do Nourrain, mostraram que a necessidade de lazer cresce junto com a industrialização (e correspondente urbanização).⁶³ Tal ambição de mais vagar acentua-se quando o trabalho é feito em organizações modernas, aumentando à proporção que se eleva o nível socioeconômico do trabalhador. Assim, se o orçamento familiar não permite atender ao gosto por excursões turísticas, televisão ou automóvel, observam-se restrições voluntárias nos gastos com alimentação, vestuário e moradia, a fim de atendê-las pelo menos parcialmente. Registre-se, de passagem, que ordenação semelhante de valores é observada nos nossos grandes centros, onde o operário gasta a sua primeira economia com o rádio de pilhas e as favelas estão cheias de antenas de televisão. Verifica-se, mesmo, que se as necessidades crescem mais depressa que os meios de satisfazê-las, as pessoas experimentam sentimentos de pauperização, embora, na verdade, estejam ganhando melhor que antes.

Noutra investigação, feita em 1953 por Joffre Dumazedier, em cidades francesas, quase todos os 819 empregados e operários inquiridos caracterizaram as atividades com que ocupavam a folga contrapondo-as às seguintes:

— "tarefas habituais, monótonas ou repetitivas (ligadas à vida profissional);

⁶³ Moscovici, Serge. *Reconversion industrielle et changements sociaux*. Paris, Armand Colin, 1961.

— “cuidados domésticos” (serviços do lar ou concernentes ao próprio sustento);

— “necessidades e obrigações” (atividades rituais, cerimônias ou estudo interessado).

1. Quanto ao que buscavam no lazer, a maioria respondeu que primeiro pretendia *libertação* e *prazer*. Dentro da amostra estudada, as classes dirigentes denotaram o maior cuidado com a *recuperação da energia*, minada pela fadiga (85% dos componentes dos quadros superiores da indústria declararam-se esgotados pelo trabalho).⁶⁴ Embora a moderna maquinaria haja reduzido o cansaço físico, fatores como o ritmo acelerado da produção, a complexidade das relações industriais, a distância entre a residência e o local de trabalho, o congestionamento dos meios de transporte e as dificuldades de tráfego tinham avivado nesses indivíduos o anseio de *repouso*, *silêncio* ou, simplesmente, instantes de *ócio* (*de dulce far niente*). Sintomaticamente, o grupo que mais se ressentia da *premência de tempo* era o de chefes e capatazes, que levavam para casa os problemas do serviço (quando não pastas com documentos para examinar), ao passo que os subordinados despreocupadamente saboreavam os momentos de *sobra*. Embora a situação econômica dos primeiros lhes permitisse uma série de *entretenimentos*, faltavam-lhes muitas vezes condições emocionais para os aproveitar. Já os outros, não obstante dispusessem de *menos recursos*, podiam tomar *banho de mar*, fazer *piqueniques*, pescar no rio, disputar *peladas*, tocar *cavaquinho* ou assistir às partidas do campeonato, pois não carregavam o peso da *responsabilidade* pelas decisões. Nas classes mais pobres, diversos pesquisadores registraram ainda a alta frequência da atitude de gozar o dia-a-dia, sem maiores planos para o amanhã, tão problemático que a *Deus pertence*.⁶⁵

2. Boa parte das respostas analisadas por Dumazedier incluiu a luta contra o *tédio* e a conseqüente procura de *diversão*. Parece oportuno registrar a origem desta palavra, do latim *diversu*, voltado para vários lados, a designar o sonhado desvio da trilha costumeira. A insipidez das tarefas parceladas, comuns na nossa cultura, costuma provocar sentimentos de *insatisfação* e *privação*, acompanhados da *ânsia* de romper com o habitual. Se por um lado esta quebra da rotina

⁶⁴ Dumazedier, Joffre. *Vers une civilisation du loisir?* Paris, Ed. Seuil, 1962. p. 26-28.

⁶⁵ Sawrey, James & Telford, Charles. *Psicologia educacional*. Trad. do inglês. Rio de Janeiro, Ed. Livro Técnico, 1964. p. 421-450.

pode constituir meio valioso de tolerar as limitações inerentes à vida, por outro é capaz de se traduzir pela infração de regras jurídicas ou de normas morais, transformando-se em fator de transtorno social. Por sinal, a procura de outros caminhos para a própria vida vem sendo muito mencionada ultimamente pelos que pertencem a movimentos como o dos *hippies*, os quais aplicam a significativa denominação de *quadrados* aos que se submetem às praxes tradicionais.

Para escapular ao enfado do cotidiano, as pessoas buscam, então, alguma mudança, que pode ser: de lugar (como nas viagens ou excursões), de ritmo (como nos jogos e esportes) ou mesmo de estilo de vida (como na arte). Os que se voltam para a ficção projetam num mundo diferente, que dominam, os seus problemas (como o compositor ou o contista) ou se identificam com filmes de cinema ou novelas de rádio e televisão). Segundo adverte Friedmann, "a insatisfação no trabalho, seja ou não consciente, exerce ação constante e múltipla na vida fora dele, pois se traduz por fenômenos de evasão para atividades colaterais".

3. Outro objetivo, citado com menos frequência pelas pessoas que responderam ao questionário de Dumazedier, foi o de *desenvolvimento pessoal*. Era este procurado em atividades de lazer nas quais não existia preocupação com a vida prática ou com a formação técnica. O indivíduo usava o tempo de folga para uma participação social mais ampla (ou mais livre) ou para cultivar desinteressadamente o corpo, a sensibilidade ou a razão. Nos clubes recreativos e sociedades artísticas ou culturais alargava sua vida social, pois entrava em contato direto com pessoas de diversos níveis de instrução e de posição social, num ambiente desligado por completo do mundo profissional e onde vigorava outra hierarquia de prestígio. Fonte comum e poderosa de informações desinteressadas era a leitura de jornais, revistas e livros (que a tecnologia possibilitou multiplicar e baratear), muitas vezes emprestados por bibliotecas volantes (como as que já funcionam nas nossas maiores capitais, instaladas nos *bibliobus*).

Também entre os componentes da mão-de-obra não especializada ou semi-especializada, a abreviação da jornada de trabalho foi aos poucos desenvolvendo aspirações de um lazer mais extenso e da possibilidade de o preencher com atividades diversificadas. Tornou-se corriqueira a observação de operários a ouvirem o próprio rádio portátil nos intervalos do trabalho, enquanto outros participam de um bate-bola ou lêem jornais, notando-se ademais disto que muitos já têm televisor (comprado a prazo) e freqüentam o estádio ou o hipódromo.

Dado eloqüente para resumir a amplitude da clientela de tais divertimentos é a capacidade das nossas maiores praças de esportes, que não raro esgotam a sua lotação. Assim, o Maracanã comporta 155 000 espectadores sentados, o Magalhães Pinto (em Belo Horizonte) 130 000 e o Beira-Rio (em Porto Alegre) 80 000. A renda das grandes partidas de futebol já superou meio milhão de cruzeiros, sendo igualmente elevado o movimento de apostas em corridas de cavalo.

Quanto à população rural, um estudo feito pela Escola de Agricultura da Universidade de Wisconsin revela os hábitos de recreação de 523 famílias pertencentes a várias comunidades, todas radicadas no campo.⁶⁶ Vejamos alguns dos dados colhidos.

1. Dependendo do dia da semana, as pessoas interrogadas gastavam de 1/5 a 1/3 do tempo total de vigília com meios de comunicação em massa, assim distribuídos: televisão, 50%; rádio, 35%; e leitura variada, 15%.
2. A maior parte dos inquiridos não se ocupava de outra coisa enquanto acompanhava programas de televisão ou lia, porém ouvia rádio ao mesmo tempo em que fazia certas atividades, como cozinhar, bordar etc.
3. Homens e mulheres liam aproximadamente a mesma quantidade de material impresso, 2/3 do qual eram constituídos por jornais (sendo o restante gasto com revistas, livros e outras publicações).
4. Ocupação importante era fazer visitas, verificando-se a maior parte delas no domingo (à tarde ou à noite).
5. As reuniões sociais ou culturais desempenhavam papel secundário na vida das famílias estudadas.
6. Também era menor para elas o valor de outras atividades, como jogos de cartas, esportes coletivos, bailes e passeios de automóveis. Dentre estes, todavia, os primeiros pareciam mais apreciados.

Funções do lazer para o homem contemporâneo

Do que se expôs parece razoável concluir que o lazer preenche as seguintes grandes funções: *repouso, diversão e desenvolvimento pessoal*.

1. A primeira decorre da descarga das tensões resultantes da vida numa sociedade mecanizada, cujo ritmo apressado

⁶⁶ Wisconsin Almanac and Government Guide, 1966. *Leisure, recreation and the good life in Wisconsin*. Madison, Republican Party of Wisconsin, 1966. p. 28.

facilita o desgaste nervoso. Saliente-se que os benefícios à saúde trazidos pelo relaxamento neuromuscular (atualmente tão divulgado entre nós, pelo método ioga de cultura física) já vêm sendo sistematicamente buscados há séculos por povos do oriente. Assim, a apreciação das formas simples de vida, a plena fruição de momentos de beleza, a valorização da calma interior e a consciência da fugacidade do tempo e da importância de sorvê-lo sem pressa são encontrados na antiga filosofia chinesa. A paz íntima por intermédio da meditação, a apologia da atividade contemplativa em comunhão com a natureza, a alegria derivada de períodos de quietação e o culto de lento cerimonial em torno de atividades diárias, como o chá, aparecem seguidamente na literatura do Japão. E apesar do extraordinário surto industrial que este país sofreu, tais artes contemplativas nele continuam a merecer considerável atenção.

2. Mas além de superar a fadiga, é provável que os indivíduos queiram valer-se da folga para combater o enfado do dia-a-dia, voltando-se para alguma ocupação diferente. Vão por isto ao cinema ou ao teatro, jantam fora ou visitam amigos.

3. Outro benefício do lazer é o da possibilidade de equilibrar o desenvolvimento da personalidade (sempre mais dirigida para o trabalho), com ocupações cultivadas livremente, depois que o homem se desobriga dos seus deveres profissionais, pessoais e familiares. Porque as atividades que então abraça não se prendem a motivos utilitários, mas se caracterizam pela alegria da própria execução, elas representam oportunidade única de dar largas ao espírito criador. E a satisfação íntima que por isto propiciam a quem as realiza é importante para os seus sentimentos de auto-estima, básicos à saúde mental.

Embora nem todos os estudiosos do assunto arrolem as mesmas funções do lazer, são estas as mais geralmente citadas. Ressalte-se, ainda, que cada uma não costuma aparecer de modo isolado, pois habitualmente as três se entrelaçam. O que ocorre é a preponderância ocasional de uma ou outra, que faz as restantes parecerem ausentes. Lembre-se, também que, quando a terceira domina, então o indivíduo lucra mais do ponto de vista da integração pessoal. Em consequência de uma participação real em atividades construtivas, nos momentos em que tem liberdade de escolha, ele dá vazão às suas necessidades íntimas de auto-expressão. Gratuitamente, procura então enriquecer os seus conhecimentos e aprimorar a sua formação, lendo, freqüentando galerias de arte e museus, tocando ou ouvindo música, fazendo ginástica, dedicando-se a artesanato, participando de grupos corais, indo a festas e

outras reuniões, viajando, fazendo jardinagem ou se voltando para desenho, costura ou modelagem.

Elementos típicos do lazer

Entretanto, seja qual for a maneira pela qual é utilizado, o lazer implica sempre:

- universalidade do anseio por tempo livre;
- liberdade de opção da forma de ocupá-lo;
- poder de absorção das ocupações escolhidas; e
- possibilidade de auto-afirmação nas atividades desinteressadamente cultivadas.

PROPOSTA DE CARTA DO LAZER

Em face de todos estes problemas, parece-nos vantajoso propor um esboço de Carta do Lazer, a ser criticada pelos estudiosos, para revisão e ampla divulgação.

1. O lazer é aquele espaço não comprometido de tempo do qual o homem pode dispor livremente, fora das horas de trabalho e das obrigações da vida diária.

2. Na sociedade contemporânea, o lazer estende-se a todas as camadas sociais, ocupando posição de relevo. Com o avanço da automatização e com a mudança social conseqüente, ele continua a se alargar em duração e em âmbito, crescendo em importância.

3. O aspecto mais sério do lazer é a liberdade que oferece ao indivíduo, ao qual permite experimentar-se, exprimir-se conhecer-se e, até, superar-se. Bem aproveitada, tal liberdade lhe facilita ser melhor como homem, como profissional e como elemento produtivo da sociedade.

4. A liberdade no uso do lazer só é limitada pelo respeito ao desenvolvimento da própria personalidade e ao da personalidade alheia, dentro dos princípios da boa ordem social.

5. As atividades de lazer podem servir à integração social dos indivíduos, porque se desenrolam em clima de alegria e participação voluntária. Ao canalizarem tensões e descargas da agressividade, contribuem para reduzir as transgressões da ordem social, funcionando como válvulas de segurança da sociedade.

6. O lazer representa força econômica poderosa, visto que a indústria e o comércio dos artigos nele consumidos, bem como a promoção turística de certas áreas, são fatores de crescimento de renda e de multiplicação de empregos.

7. Pela atmosfera de espontaneidade que lhe é inerente, o lazer proporciona ao homem oportunidades ímpares de pôr em jogo as suas habilidades, capacidades e conhecimentos, o que nem sempre é possível na vida profissional, tão disciplinada. Ele o devolve a si mesmo, liberto e purificado das obrigações e deformações do útil e do convencional.

8. Na sociedade industrial o lazer preenche as seguintes funções: *restauradora* das energias enfraquecidas na luta diária (as quais se renovam com períodos de repouso e relaxamento neuromuscular); *compensatória* das condições da vida moderna (ao libertar o homem para escolher uma diversão das ocupações habituais, onde possa desafogar as suas tensões); *aperfeiçoadora* da personalidade (pela participação espontânea e absorvente em atividades desinteressadas e diversificadas).

9. Em qualquer meio, seja urbano ou rural, o lazer é importante, porque corresponde a uma necessidade básica do homem (de repouso, restauração de energias e liberdade de auto-expressão).

10. Pelas condições em que a vida se desenrola no ambiente urbano (de progressivo afastamento da natureza, de dificuldade de convivência nos grandes aglomerados, de ritmo apressado e competitivo das atividades diárias e de anonimato nas relações interpessoais) e, ainda, pelos aspectos negativos do avanço material (barulho, poluição de ar, água e solo, distância entre residência e escritório etc.), na cidade o lazer tem aumentada a sua significação.

11. Assim como se pôs a tecnologia a serviço do trabalho, da mesma forma deverá ela servir ao lazer, concorrendo para a melhoria de locais, instalações e equipamento para o seu uso variado e construtivo.

12. Como o aproveitamento do lazer é livre, respeitadas as limitações de desenvolvimento pessoal e ordem social, cabe aos que respondem pelo bem-estar coletivo oferecer condições materiais que estimulem uma utilização positiva das horas livres. Compete-lhes planejar, criar e ajudar a manter ambientes agradáveis e estéticos, além de acomodações e instala-

ções variadas, de modo a facilitar a cada pessoa fazer escolhas acertadas de ocupações do lazer, segundo o seu gosto e sob a própria responsabilidade, tendo plena consciência das possibilidades ao seu alcance.

13. Para o bom uso do lazer é vantajoso criar ambientes esteticamente livres de monotonia e isentos das dificuldades de espaço e da angústia das aglomerações urbanas, típicas da sociedade industrial, na qual se vem acelerando o passo da urbanização. Nos locais planejados para atender a estas condições, urbanistas, arquitetos, paisagistas e recreadores deverão buscar ampla diversificação nas acomodações, respeitando sempre os critérios fundamentais de funcionalidade e beleza.

14. A fim de encorajar o emprego construtivo do tempo de sobra é necessário facilitar o acesso aos centros de atividades de lazer e os multiplicar nas concentrações humanas, dotando-os também das comodidades básicas, como iluminação e instalações sanitárias, para que possam ser realmente procurados por grande público.

15. É fundamental reservar espaços abertos para a prática de atividades ao ar livre nas horas de lazer, bem como delimitar zonas de conservação da natureza, a serem respeitadas e protegidas. Em face do atual surto urbano, tais medidas revestem-se de caráter de urgência.

16. Ao se planejarem as condições materiais para o melhor aproveitamento do lazer, é fundamental ter em vista os diferentes tipos de folga, a saber, diária, de fim de semana e dos períodos prolongados de férias.

17. Em cada comunidade, as pessoas devem encontrar, nas horas de lazer, oportunidades de partilhar da vida cultural, desenvolvendo apreciação pelas artes e participando do progresso das ciências. Cursos para estudos desinteressados são bons exemplos desta política de uso do lazer.

18. Para o bem-estar pessoal e melhor ajustamento social, é importante generalizar ao máximo a participação ativa e direta das pessoas em ocupações bem variadas de lazer (como esportes, artes, atividades contemplativas e de comunhão com a natureza, ciências e serviços à comunidade).

19. Em face da atual tendência a comercializar o lazer, pela incentivação do espectadorismo e do consumo de bens já prontos, em detrimento da iniciativa e da criação, é indispensável buscar melhor equilíbrio no uso do tempo livre. Para isto, re-

comenda-se o oferecimento extensivo de oportunidades de recreação, isto é, de ocasiões para o homem recriar prazerosamente parte do seu ambiente e assim poder alcançar os benefícios inerentes à atividade criadora.

20. Como a recreação é uma das formas universais de ocupar o lazer, é imprescindível diversificar as acomodações para a sua prática, a fim de que as pessoas possam optar com liberdade pelas atividades que mais lhes convêm, independentemente de idade, sexo, nível de instrução e classe social.

21. Num estilo de vida mecanizado como o que ora prevalece, recomenda-se estimular especialmente a prática de atividades vigorosas, como esportes, ginástica, excursões e danças, a fim de contrabalançar o sedentarismo do homem. Os esportes, principalmente, devem merecer particular atenção por estarem muito ligados à sociedade industrial.

22. Ocupação cada vez mais procurada no lazer é o turismo, que necessita receber cuidados especiais, não só pelo seu aspecto econômico, porém ainda pelas suas contribuições à vida humana.

23. Desde a infância, o homem deve ser educado para bem aproveitar o lazer, a fim de que não o venha a confundir com ócio, em prejuízo das suas satisfações pessoais.

24. A educação para o bom uso do lazer revelará ao homem novas fontes de alegria, ampliando-lhe possibilidades de opção e interesses, ajudando-o além disto a dominar conhecimentos e habilidades necessários à execução prazerosa de ampla gama de atividades (ou à sua simples apreciação). Buscará inculcar hábitos de participação ativa e atitudes favoráveis à prática continuada de atividades desinteressadas, de vez que o crescimento rápido das ciências instiga uma renovação constante nas condições de vida.

25. Desta ação educativa consciente participarão a família, a Igreja, órgãos públicos e privados, enfim, toda a comunidade em esforço conjugado. A escola, porém, irá dar-lhe cunho sistemático, visando mais a atividades cuja prática poderá prosseguir vida afora.

26. Porque as crianças dispõem de muito tempo livre e porque a infância é a idade áurea para a aquisição das habilidades motoras necessárias ao prazer em numerosas atividades, bem como para a formação de hábitos de participação ativa, o lazer da infância merecerá especial cuidado.

27. Embora a comunidade toda deva ser mobilizada para este trabalho educativo, relevante numa cultura em que o lazer toma vulto, é indispensável preparar pessoal especializado para assumir a responsabilidade de sondar os interesses dos grupos, planejar, instituir, manter e acompanhar serviços e programas de aproveitamento do tempo livre.

28. O estudo do lazer como problema social deverá ser incluído nos cursos de formação de administradores, arquitetos, urbanistas, paisagistas e educadores.

RECREAÇÃO: FORMA UNIVERSAL DE APROVEITAR O LAZER

"A atividade lúdica é mais antiga do que a cultura, já que esta, por mais inadequada que seja a sua definição, pressupõe sempre uma sociedade humana, e os animais não esperaram que o homem lhes ensinasse a brincar."

"... a cultura surge sob a forma de jogo e é jogada desde o início. Mesmo as atividades que visam à satisfação imediata de necessidades vitais como a caça, por exemplo, tendem, nas sociedades arcaicas, a assumir a forma lúdica". Johan Huizinga ⁶⁷

Embora diversões e passatempos constituam formas tradicionais de aproveitar o lazer, alcançaram ambos enorme prestígio nos dias atuais, observando-se que indústria e comércio a eles ligados acusam notável expansão. E não se trata apenas de mais brinquedos para crianças. Livros, revistas ilustradas, discos, instrumentos musicais, equipamento para campismo e pesca, bicicletas, barcos a vela ou a motor, aparelhos de rádio e de televisão, máquinas de filmar e de fotografar, chuteiras, redes, bolas e raquetes, enfim, todo o copioso material comumente usado para entretenimento está sendo fabricado e consumido em escala cada vez maior.

Saliente-se que tão grande interesse não corresponde a uma situação temporária da sociedade contemporânea nem resulta de propaganda bem dirigida, com fins lucrativos, como querem alguns. Reflete, sim, uma *necessidade básica* do homem, aparente em qualquer cultura, porém que o novo estilo de vida exacerbou. O nosso acelerado progresso material, a automatização que está a atingir todos os setores da atividade humana, o ritmo apressado da mudança social, a acirrada competição do dia-a-dia e, conseqüentemente, o maior desgaste dos nervos explicam o aguçamento desta exigência humana, que sempre existiu. A isto acrescenta-se o fato inegável da atual ampliação do lazer.

⁶⁷ Huizinga, Johan. *Homo ludens. A study of the play-element in culture*. Trad. do alemão. London, Paul Kegan, 1949. p. 1 e 46.

Nota sobre a história da atividade criadora

Vale a pena remontar ao passado para buscar na arqueologia uma confirmação deste modo de ver. O exame dos vestígios do homem pré-histórico pode patentear quão longo é o curso da atividade lúdica (do latim *ludus*, jogo). Já no primitivo, observam-se práticas não necessárias à sobrevivência, porém subordinadas ao desejo de auto-expressão. Evidencia-se esta preocupação no acabamento esmerado de machadinhas de sílex e de outros instrumentos, a revelar cuidado com fins que não os meramente utilitários, mesmo na Idade da Pedra, quando tão penosa era a luta pela mera sobrevivência. Também se manifesta no capricho do talho de facas de pedra, no gosto do recorte de pontas de lança (em forma de folha de loureiro), na fina decoração de dentes de mamute, nos desenhos que recobrem utensílios de osso ou pedra (como os propulsores de setas) ou nas figuras esculpidas em galhadas de rena. Embora estes refinamentos visassem a fins mágicos, pela sua variedade e acabamento traem um anseio de criar. Às pinturas policromas das cavernas de Lascaux (datadas de 15 mil anos a.C.) ou de Altamira (estimadas em 10 mil anos a.C.) são outras ilustrações deste interesse universal. Ele também transparece nas estatuetas de pedra e marfim do período Paleolítico Superior (como a Vênus de Saviniano) ou naquelas de argila crua do período da Pedra Polida, que representam animais, objetos de adornos e bolas, achadas nas ruínas do pico de Jarmo, nas montanhas do Iraque ocidental.

Outras escavações trouxeram à tona vasta diversidade de objetos ornamentais, como colares de dentes ou de contas feitas de presas de mamute, jóias de conchas, delicados potes de cerâmica, pentes de marfim e discos de osso com as beiras chanfradas, além de pequenas esculturas, confeccionadas com uma mistura de barro e ossos calcinados e pulverizados. É claro que muitos destes artefatos e pinturas teriam finalidades utilitárias, poder mágico, ou caráter propiciatório (como de augurar boa caça, aplacar forças sobrenaturais ou assegurar benesse). Mas pelo gosto que denotam haveriam de atender também a fins decorativos, ao mesmo tempo em que davam azo à necessidade de auto-expressão.

Até a proteção contra as intempéries revela estilos pessoais: é vário o feitio das primeiras vestes, que também diferem no seu acabamento. Em cavernas da África do Sul, por exemplo, as pinturas de homens abrigados com peles de animais ora as mostram montadas em longas pelerines, ora em casacos curtos. Umas parecem folgadas e outras justas, diferenciando-se igualmente calçados e chapéus. Segundo Lévi-

Strauss, foi durante a Idade da Pedra que o homem firmou "as grandes artes da civilização", a saber, "a cerâmica, a tecelagem, a agricultura e a domesticação de animais". Tudo o que vem fazendo desde então nada mais representa, a seu ver, que "o aperfeiçoamento" de tais artes primitivas.

Indícios expressivos do cultivo desde a mais remota antiguidade de atividades desinteressadas (ou, pelo menos, não exclusivamente utilitárias) são os brinquedos desencavados pelos pesquisadores. Alguns talvez fossem modelos de artesãos, oferendas votivas ou objetos para conservar junto aos mortos nos túmulos, porém outros haveriam de se destinar à recreação. São bolas de couro, cheias de crina ou palha (utilizadas por diversos povos da Idade Antiga); são bonecas de madeira, barro cozido, pedra ou metal (do velho Egito); são tabuleiros tipo xadrez (da Babilônia, sendo o jogo atribuído ora ao Rei Salomão, ora aos mandarins do século VI a.C. ou, ainda, aos antigos indus); ou são bolinhas de gude, papagaios, bonecos de braços e pernas articulados e gangorras (dos atenienses) ou arcos (dos romanos). Como exemplo curioso aponta-se um vaso grego, datado de 2 500 a.C. e exposto no Museu John Hopkins, no qual se vêem duas pessoas a observar o giro de um pião, impulsionado por um chicote de couro.

Ligação com cultos mágicos e religiosos

Naturalmente, muitas destas ocupações entrelaçavam-se aos rituais religiosos e aos cultos mágicos. Assim sucedia à música, seja sob a forma de canto (de trabalho, de júbilo ou de acalanto), seja a produzida pelos mais imaginosos instrumentos (de percussão ou de sopro). Haveria por certo de acontecer aos mitos e às lendas, cuidadosamente transmitidos de geração em geração e às danças rituais, guerreiras ou comemorativas (de súplica, adestramento, núpcias e funerais, ou das estações, do plantio ou da colheita). O mesmo teria ocorrido às disputas ou apostas (de força, resistência, velocidade, presença de espírito ou habilidade), a toda uma gama de dramatizações (desde a pantomima com máscaras, para afastar os espíritos maléficos, até as representações mais elaboradas) e a diversos jogos e lutas corporais. Todavia, em algumas ocasiões tais atividades surgiriam mais como forma de exteriorizar a capacidade criadora dos indivíduos e a sua necessidade de comunicar aos outros idéias e emoções. Com elas também o grupo se divertia, como se depreende de descrições de festividades dos primitivos.

Tal maneira de sentir transparece, por sinal, numa lenda descrita por Heródoto. Conta ele que na antiga Lídia, para enfrentar dilatado período de fome, os homens inventaram jogos, esportes e outras diversões. Com tais atividades ocupavam todo um dia, distraindo-se, para só se alimentarem no dia seguinte. E assim, alternando jejum com recreio, conseguiram sobreviver a 18 anos de escassez.

Auto-expressão como necessidade universal

Dados preciosos para o estudo do passado da atividade criadora vêm-nos de todos os povos. Os egípcios, por exemplo, eram arquitetos admiráveis e grandes apreciadores da música (como se infere do cuidado especial que revelaram com os seus tambores, harpas de arco e flautas). Faziam lindos tecidos e jóias, bem como vasos de vidro e louça. Por seus relevos e murais, ficamos conhecendo uma série de entretenimentos que cultivavam, como caçadas no deserto (com arco, flecha e cães especiais), derrubada de aves (com projétil semelhante ao bumerangue), abate de grandes peixes (com uma espécie de lança) e lutas corporais. Já nas ruínas da civilização cretense, os murais coloridos do palácio dos reis, em Knossos, reproduzem danças, jogos ao ar livre, lutas e corridas de touro, que teriam distraído os minoanos dois milênios antes da nossa era.

Enquanto os assírios prezavam as letras e se destacavam em tapeçaria, bordado em tela, cerâmica e cinzelamento de metais, os babilônios iriam notabilizar-se pelos jardins suspensos. Exímios também na arte da jardinagem eram os persas, que ainda se avantajavam na arquitetura, na confecção de jóias e nos baixos-relevos.

Entre os chineses encontramos jogos de bola, equitação, lutas corporais, disputas com arco e flecha e ginástica, embora esta última com fins de purificação e saúde. Amavam as artes (como a xilogravura), dedicando-se à literatura, à música, ao teatro e à dança. Um dos seus antigos documentos assim explica o aparecimento desta última forma de auto-expressão: sob o estímulo da alegria o homem emite sons, que depois transforma em palavras; como estas não lhe bastam para traduzir os sentimentos, ele as completa com gestos, que termina por alongar em movimentos do corpo todo, começando a dançar. Como a vida é permeada de ritmo (batidas do coração, movimentos respiratórios, dia e noite, nascimento e morte etc.), ele se vai naturalmente incorporando ao bailado, que assim ganha novas formas.

Os indus prestigiavam especialmente a música e a dança, às quais imprimiam forte colorido religioso. Vale aqui resumir um episódio do seu mais antigo poema épico, o Maabá-rata, referente ao período pós-védico (mais de mil anos a.C.). Na guerra dos Báratas, o príncipe Nalá, que se recreava domando cavalos e neles apostando corridas, é derrotado numa partida de dados por seu irmão e rival, que para tanto recebe a ajuda dos deuses. Arrastado pela paixão dos dados, vai neles apostando todos os seus bens, acabando por perder o reino e ser condenado a exílio de 12 anos.

As letras e a música mereciam particular carinho dos hebreus, encontrando-se com frequência na Bíblia a menção de trombetas, flautas, cítaras, harpas, saltérios e violas.

Outros entretenimentos do passado são os grandes festejos que celebravam as façanhas dos heróis gregos, então cantadas em versos pelos rapsodos. Afora isto, prolongadas competições integravam os festivais religiosos, sendo mesmo indispensáveis para obter saúde e sorte (embora também servissem de diversão). Os jogos pan-helênicos, por exemplo, iniciados oito séculos antes de Cristo, já incluíam boa diversidade de atrações. E tão apreciados eram os solos instrumentais (de aulos, cítara e lira), que no século VI a.C. para eles reclamava Argos maior consideração nos Jogos Píticos. No mesmo século florescia o teatro (cujas origens vinham do culto a Dionísio), fazendo-se competições públicas para laurear os melhores (como conseguiu Ésquilo, cuja primeira vitória data de 484 a.C.). A destreza, por seu turno, desfrutava de grande prestígio, pois cinco séculos antes da nossa era já iam atletas exhibir-se de povoado em povoado, para coletar prêmios em festivais. Ainda na Grécia antiga, a primeira biblioteca pública foi fundada em 330 a.C., a refletir o zelo pelas letras.

De Roma vêm-nos vários jogos (*Iudi*), como o de malha, hoje ainda popular no nosso interior. Serve ele de exemplo do longo passado da recreação, pois entretinha as hostes entre os combates, registrando-se também muitas apostas ou jogos de dados (*fesserae*). Estes, ao que parece, eram até excessivos, visto que tiveram de ser restringidos por lei às Saturnais (festas realizadas em dezembro, semelhantes ao carnaval). Surpreendido em outras ocasiões, o jogador (*aleator*) era castigado com o pagamento do quádruplo da sua aposta.

Mais provas da necessidade de distração estão nos velhos hipódromos, estádios, anfiteatros, ginásios, praças e arenas, além dos locais públicos de banho de gregos e romanos, onde os cidadãos se entregavam também a debates e libações. Muitos ainda estão de pé, num testemunho dos passatempos cul-

tivados na antiguidade clássica. Tão numeroso era o seu público, que um anfiteatro como o de Epidauro (até hoje em ótimas condições) acomodava 20 mil espectadores, enquanto o Circo Máximo comportava 300 mil.

A atividade criadora na América Pré-colombiana

Quanto à América convém destacar a presença de jogos (como os de pelota, popular nos grandes grupos), danças, músicas e artes manuais. Uma das suas civilizações mais evoluídas, a dos astecas, legou-nos soberba criação artística, de cunho religioso, conservada nas pirâmides, na estatuária, nos trabalhos em madeira, nas pinturas a têmpera e nos enfeites de plumas. Digno de nota especial é o seu gosto pelos jardins, por aquários e por viveiros de pássaros.

Também os maias prezavam as artes plásticas, deixando-nos uma extraordinária combinação de arquitetura e decoração em relevo, feita em estuque ou pedra-sabão lavrada. Assinala-se, ainda, que apreciavam muito o teatro.

Outros bons arquitetos, também amantes do teatro e da música, eram os incas, descendentes dos quíchuas. Grandes ceramistas, valorizavam o desenho, revelando-se excelentes artistas na tecelagem a cores, bem como nos trabalhos com penas, madeira e ossos, além de objetos em ouro e prata. Quanto aos chibchas, distinguiram-se na ourivesaria.

No tocante à nossa terra, já Pero Vaz de Caminha assinalara o cuidado que os indígenas denotavam em se enfeitar. Segundo ele "ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixada de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer, no beber... E um deles trazia... uma espécie de cabeleira de penas de aves amarelas... mui basta e cerrada, que lhe cobria o touço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena a pena, com uma confeição branda como cera (mas não o era)...".⁶⁸ Embora fossem muito primitivas as suas condições de vida — pois ignoravam o uso dos metais, não utilizavam animais para carga ou montaria nem conheciam a roda, não aproveitando a pedra como material de construção nem possuindo escrita — preocupavam-se com adornos. Pintavam o rosto e o corpo, usa-

⁶⁸ Prado, J. F. de Almeida. *A carta de Pero Vaz de Caminha (estudo crítico)*. Rio de Janeiro, Agir, 1965. p. 88-89.

vam penas coloridas nos cocares, mantos de plumas e tangas decoradas, ataviavam-se com colares, braceletes, brincos ou anéis e tatuavam a pele. Apreciavam jogos (como os feitos com pelotas de borracha, em geral lançadas e rebatidas com a cabeça), cultivavam o canto (que acompanhavam com flautas de bambu e de osso, chocalhos, guizos, tambores etc.), realizavam bailados (de que habitualmente só participavam os homens, tendo todo o corpo pintado) e gostavam de festas (regadas por bebidas fermentadas e solenemente realizadas no centro do aldeamento). Algumas tribos, como as aruaques da Amazônia, iriam sobressair pelos seus dotes artísticos, evidenciados numa cerâmica desenvolvida. Nela se destacam vasilhames de argila cozida, quase sempre pintados com capricho e enfeitados com desenhos lineares em vermelho e preto (como os encontrados na ilha de Marajó).

Enfim, é extensa a crônica da utilização prazerosa do lazer, como também confirmam os nossos grandes livros sagrados, repositórios preciosos dos costumes e ideais prevalentes nos primórdios da civilização. Se o Talmud proíbe especificamente aos sábados a natação (num sintoma da sua provável popularidade), o Velho Testamento aponta no Livro dos Provérbios que "o coração contente alegra o semblante; com a tristeza da alma se abate o espírito".⁶⁹ Ainda mais claras são as recomendações do Eclesiastes, que ordena: "vai, pois, e come o teu pão com alegria e bebe com gosto o teu vinho", porque não há "coisa melhor que alegrar-se o homem e fazer o bem enquanto lhe dura a vida". A alegria é então louvada, visto "não ter o homem debaixo do sol outro bem senão comer, e beber, e folgar; e poder levar consigo isto só do seu trabalho que aturou nos dias de sua vida...".⁷⁰

Enquanto o Eclesiastes insiste para não abandonarmos a alma à tristeza nem nos afligirmos com pensamentos, uma vez que "a alegria do homem prolonga a sua vida [...] e a tristeza tem maltratado muitos e não há utilidade nela",⁷¹ o Novo Testamento, após advertências e citação de penas merecidas pelo abuso dos prazeres terrenos, sugere: "comamos e bebamos, porque amanhã morreremos".⁷²

Tais palavras já deixam transparecer a chave do atual conceito de recreação: *necessidade básica do homem de encontrar satisfação íntima em atividade de lazer, sem visar a outro fim que não a alegria da própria execução. Explicam,*

⁶⁹ Bíblia Sagrada, Op. cit., Prov., XV, 13.

⁷⁰ Id., Ecl., IX, 7; III, 12; VIII, 15.

⁷¹ Id., Ecl., XXX, 22-23 e 25.

⁷² Id., 1 Cor., XV, 32.

talvez, o seu anseio constante por oportunidades de criar, ou seja, a sua busca permanente de recriação. Embora nos venham de época longínqua, parecem-nos hoje ainda mais válidas, pois uma automatização crescente ameaça as nossas possibilidades de auto-afirmação no trabalho, ao mesmo tempo em que o agigantamento das cidades põe sempre mais em perigo, no dia-a-dia, os nossos sentimentos de identidade.

Trabalho e recreação na sociedade contemporânea

À proporção que o homem vai conquistando mais lazer, toma também maior consciência da necessidade de bem o aproveitar em seu benefício pessoal e no interesse da sociedade. A máquina assumiu papel decisivo na sua vida, fazendo-o modificar radicalmente a própria maneira de trabalhar. Aíastou-se esta progressivamente das ocupações naturais de caça, pesca, preparo de abrigo e confecção de armas e utensílios, nas quais havia muita liberdade individual e improvisação criadora. Tornou-se cada vez mais nítida a distinção entre as tarefas necessárias à manutenção diária e aquelas feitas porque davam prazer. Por isto, sugere André Varagnac (em *Civilisations traditionnelles et genres de vie*, 1948) que se evitariam alguns contra-sensos a respeito do uso do lazer se nele não quiséssemos enxergar uma mudança para tarefas estranhas ao trabalho, mas víssemos apenas um retorno às atividades primitivas, anteriores às modernas formas de ganhar o sustento.

Ainda hoje, por vezes, é difícil perceber quando termina o trabalho e começa a recreação (que é uma das boas maneiras de gastar o lazer). Há divertimentos trabalhosos, como certas excursões turísticas com programas intensos ou visitas infundáveis, e trabalhos divertidos, como experiências com plantas ou projetos de uma casa. É claro que esta opinião varia de uma pessoa para outra, pois o que para uma representa trabalho para a sua vizinha pode constituir passatempo (como a pesca para o profissional e o amador, por exemplo).

Distinções básicas entre as duas atividades

De início, observa-se um contraste na *atitude mental* de quem se entrega a alguma tarefa. Se o prazer reside no *fazer*, provavelmente ela é vista como recreação; se a idéia é *fazer para colher*, em geral a atividade é encarada como trabalho. Naturalmente há ocasiões em que estes dois aspectos se en-

trelaçam. Mas além desta diferença básica, é possível apontar outras, como as seguintes:

1. Enquanto a recreação é feita à vontade de cada um, nas suas horas de folga, o trabalho ocupa a maior parte do dia e obedece a horário determinado.
2. Se na recreação há liberdade individual de escolha de ocupação, o trabalho acha-se muito preso aos objetivos do grupo social.
3. Contrastando com a duração prolongada do trabalho e com a sua continuidade no tempo, cada atividade de recreação tem prazo limitado, sendo de modo geral considerada uma experiência completa (uma partida de voleibol, um passeio, um piquenique, uma festa etc.).

Características da recreação

Estabelecidas estas diferenças entre trabalho e recreio, convém buscar as características deste último, a fim de melhor distingui-lo das outras formas de aproveitar o lazer encontradas na nossa cultura.

Da experiência diária com parentes, amigos e companheiros, sabemos que a recreação abarca uma multiplicidade de experiências em número infinito de situações. As pessoas divertem-se com natação, tiro-ao-alvo, boliche, pintura, marcenaria, leitura, teatro, filatelia, costura, culinária, horticultura etc etc. Que haverá de semelhante em ocupações tão diversificadas, a ponto de as podermos grupar sob o mesmo rótulo? Já que, por certo, não é o tipo da atividade, o seu denominador comum terá de ser encontrado em quem as realiza, ou seja, na atitude ou disposição mental do executante. Marca-se sempre a *livre escolha* da pessoa que com elas preenche as suas horas vagas, visando unicamente à alegria intrínseca a tais ocupações. Considera-se, então, como recreativa uma atividade, se alguém a faz por espontânea vontade no seu tempo de sobra, sem pretender outro fim que não o prazer da própria execução, pois que nela encontra alguma oportunidade de recriar. Como vivemos em grupo, é necessário, além disto, que a sociedade aprove aquele tipo de ocupação do lazer.

Evolução do conceito de recreação

Se, desde a antiguidade, a recreação já era uma constante na vida humana, agora que se dilatou o lazer para a cultivar e a sociedade cresceu em complexidade e nas exigências que

faz a seus membros, é natural que o seu prestígio tome grande vulto. É verdade que houve época em que era condenada como maléfica, ou simplesmente tolerada como desperdício inevitável. Lentamente, porém, com o correr do tempo, em consequência das próprias transformações da sociedade e do progresso das ciências biológicas e sociais, mudou a maneira de encará-la. Porque todos os valores que nela foram gradualmente sendo reconhecidos continuam presentes e porque eles devem nortear qualquer planejamento para a recreação, historiamos aqui, rapidamente, essa evolução do seu conceito.

1. Contribuições à personalidade do indivíduo

a) Tida a princípio como passatempo mais ou menos inofensivo, a atividade lúdica principiou por ser aprovada para as crianças, ao se perceber que favorecia o seu *desenvolvimento físico*. Compreendida a ajuda que as brincadeiras movimentadas ao ar livre davam à saúde em geral e ao crescimento de força, resistência e coordenação motora, em particular, lograram elas receber a sanção social. Todavia, além deste aspecto positivo de facilitação do desenvolvimento, viu-se também, na recreação orientada, um meio de prevenir um lado negativo das atividades infantis, a saber, os perigos das travessuras escondidas e das brincadeiras nas ruas cheias de automóveis. São dessa época as caixas de areia em praça pública (fins do século passado), já que o surto industrial ia fazendo desaparecer das casas o quintal, enquanto a gente se ia aglomerando em volta das fábricas.

b) Com o crescimento das cidades, o problema da carência de espaço para morar (e até viver) aguçou a delinqüência juvenil, facilitada pelo anonimato da vida nos grandes centros e instigada pela expansão demográfica. A recreação teve por isto o seu beneplácito estendido aos adolescentes, em face da sua eficiência na *prevenção de comportamentos anti-sociais* entre os jovens. Dada em ambiente favorável e sob orientação hábil, mostrou-se valiosa para atalhar e substituir as formas menos desejáveis (e cada vez mais numerosas) de preencher as horas livres nos grandes centros urbanos. Dirigido para esportes, artes manuais, música ou teatro, foi o jovem sendo levado a canalizar energias e despende tanto tempo com tais ocupações, que pouco lhe sobrasse de lazer (e ânimo) para a ociosidade ou a transgressão da ordem.

Por outro lado, avaliado o prestígio do grupo de idade na juventude, convenceram-se os educadores das extraordinárias possibilidades da atividade lúdica para o *desenvolvimento social* dos adolescentes (e, por extensão, das crianças). Ao se

recrearem com os companheiros da mesma faixa etária, por eles próprios escolhidos, os indivíduos ampliam os contatos sociais, aprendem normas práticas de conduta, discernem melhor os valores morais, enfim, vão-se ajustando à vida coletiva. Dois novos motivos, portanto, vieram juntar-se aos anteriores para fortalecer a aprovação às atividades lúdicas orientadas: o aspecto positivo da integração social do participante ativo e o ângulo da prevenção dos atos contrários ao bem comum.

c) Em seguida, estudos comparativos entre pessoas que cultivavam interesses fora da profissão e outras que se inclinavam pela dedicação exclusiva ao trabalho apontaram a influência de tais entretenimentos no *desenvolvimento intelectual*. Por intermédio deles as pessoas alargavam sua experiência e estendiam seus horizontes, para incluir aprendizagens ligadas a uma variedade de ocupações. Ao se divertirem, sem o sentir ampliavam o vocabulário e refinavam conceitos (como se nota nos termos que pontilham uma simples conversa de entendidos em caça, esqui aquático, balé ou numismática).

Ao mesmo tempo, viam multiplicarem-se as ocasiões para cada qual dar largas à imaginação (como ao bordar ou fazer encadernações), exercitar a atenção (como no xadrez ou no tricô), desenvolver a crítica (como no futebol o no bridge) ou treinar algum tipo de memória (como nas palavras-cruzadas ou em jogos de salão). Tornou-se claro, ainda, que as atividades de lazer eram parte importante da cultura. Cada sociedade valorizava aqueles que sabiam os esportes nela cultivados (como o futebol entre nós), conheciam as suas danças e músicas populares, apreciavam a literatura e as artes do grupo, em resumo, associavam-se às atividades típicas daquela cultura. Era vantajoso prestigiá-las, quer por uma adesão efetiva, quer ao menos sabendo conversar de modo esclarecido sobre elas. Apoiados por esta nova maneira de ver, puderam também os adultos alargar os seus *hobbies* ou passatempos. Organizaram então clubes para a sua prática e difusão, visto que os méritos agora percebidos na recreação incluíam um aspecto positivo de conservação da herança cultural (que englobava manifestações esportivas e artísticas) e a prevenção do crescimento unilateral da personalidade, voltada apenas para o ganha-pão. Conseqüentemente os adultos puderam, sem constrangimento ou necessidade de racionalização, buscar no lazer atividades recreativas para lhes enriquecer a vida e contrabalançar a rotina diária. Como é natural, estas novas contribuições da recreação ao indivíduo foram também reconhecidas em relação às crianças e aos jovens, que viram aumentar o seu direito à atividade lúdica.

d) Em decorrência deste maior prestígio da recreação, cuidaram os educadores de incentivá-la, o que permitiu a manifestação de mais uma das suas virtudes: o auxílio ao desenvolvimento emocional. A alegria e o desafogo de tensões que acompanham a atividade criadora (ou de recriar) revelaram-se como fatores valiosos de equilíbrio emocional em qualquer idade. E nada mais importante do que este ajustamento numa época como a nossa, em que a saúde mental se vê ameaçada pela celeridade com que a vida se transforma. Não só vivemos em mudança contínua, como tão rápida ela é que os sonhos ou projetos de ontem (controle remoto, cosmônaves etc.) são hoje parte do dia-a-dia. Neste ritmo apressado de vida, a competição domina, evidenciando-se desde o lugar na condução até à vaga para o filho na escola. A continuação do progresso tecnológico traz sempre novas modificações, que se refletem na vida social, concorrendo para abalar as raízes do homem e lhe trazer mais incertezas. Tal reajustamento incessante a condições sempre renovadas de vida sobrecarrega-lhe o sistema nervoso e lhe afeta os sentimentos básicos de segurança. E o velho, menos flexível por sua própria condição de difícil adaptação à mudança, resente-se especialmente de tal descompasso. Está, além disto, a atravessar período penoso de perda de prestígio (pois de chefe de família passou a dependente, de trabalhador ativo a aposentado e de autoridade respeitada a voz mal tolerada). Ele, que antes não achava tempo para nada, sente-se agora esmagado por lazer infindo, por inatividade compulsória ou por deprimente solidão. Forma construtiva de utilizar este vazio é participar de atividades prazerosas adequadas à sua idade, como passeios a pé, excursões de turismo, jogos de mesa (como o xadrez), trabalhos de malharia ou artes manuais. Foi este um dos motivos de se estender a recreação aos mais idosos. Outras razões foram as possibilidades que ela lhes oferecia de contatos sociais com pessoas da mesma idade, dotadas de interesses parecidos, dando-lhes oportunidades de se sentirem aceitos e benquistos.

Afora este ângulo de prevenção das perturbações da saúde mental (pela possibilidade de dar vazão a tensões em ocupações prazenteiras), descobriram-se na recreação mais aspectos positivos. Foram eles a satisfação íntima que acompanha o término de uma tarefa voluntária e agradável (tecer tapetes, confeitaria de bolos ou colocar uma moldura) e o consequente refinamento da apreciação por atividades semelhantes, realizadas por outros. Só quem já tentou encestar uma bola, em meio a disputa, pode apreciar em toda a sua extensão uma partida de basquetebol; unicamente quem já velejou

consegue vibrar, de fato, ao assistir a uma regata. "Eu mesmo fiz!" é, na verdade, o comentário que melhor traduz tal satisfação diante de alguma obra. Pelo mesmo motivo procuramos certas pessoas (e não outras, que nunca experimentaríamos fazê-lo), para lhes mostrar algo que fizemos, pois, como lembra Camões, "quem não sabe a arte não a estima"...

e) Salientemos, finalmente, o dilema do homem moderno. Ele vive numa sociedade tão interdependente que se vê solicitado ao mesmo tempo por numerosas forças, não raro antagonicas: as expectativas da família e aquelas dos amigos; a opinião do chefe e a dos companheiros de trabalho; a pressão da tradição religiosa e a renovação visível dos costumes; os hábitos da própria terra e os observados em outras regiões etc. etc. A tudo isto soma-se o bombardeio que sofre de incitamentos bem desconhecidos, provenientes de programas de televisão, cinema e rádio, além dos que recebe da imprensa e da propaganda. Em meio a tal entrelaço, a recreação assume o papel de *fator de integração*, já que, contrastando com tais valores conflitivos que disputam a lealdade do homem, ela o auxilia a se reencontrar. A sabedoria popular resume em poucas palavras esta absorção total, falando em "entrega de corpo e alma" à dança, ao esporte ou à pintura. É que neste abandono conjugam-se físico, inteligência, habilidades sociais e emoções, num todo integrado. Durante a atividade espontânea, feita "só por gosto", o indivíduo unifica o seu comportamento; tudo nele converge para a ocupação escolhida, da qual só pretende momentos de alegria (o que hoje a poucos é dado conseguir no trabalho, rotineiro e fragmentário). Experimenta por isto uma sensação desacostumada de liberdade ao se desvencilhar da forma à qual se deve amoldar todo dia. Escapando alegremente aos horários e pressões do meio social, alcança a oportunidade de redescobrir o seu verdadeiro eu. Em outra imagem, respira livremente e descortina a vista do alto da montanha que galgou com esforço, porque assim o escolheu.

Por intermédio da recreação (mais freqüentemente que do trabalho, embora este lhe absorva o dia), o homem consegue então sentir-se realizado. Não raro só assim chega à *autoafirmação*, porque apenas na atividade desinteressada alcança o ideal de ver que realizou algo de bem seu, percebendo na vida outro sentido que não o da mera sobrevivência.

2. Vantagens para a sociedade

Numa organização social complexa como a nossa, onde os homens dependem sempre mais uns dos outros, o que cada

qual faz das suas horas livres há muito deixou de ser assunto pessoal. Quem aproveita o feriado para guiar em disparada, beber até precipitar conflitos ou apostar todo o salário da semana, não está somente se prejudicando, pois o seu comportamento afeta a coletividade. Por outro lado, o bom emprego do lazer pode redundar em vantagem para o grupo, como veremos a seguir:

a) O indivíduo que se recreia de modo salutar ganha os benefícios acima arrolados de desenvolvimento pessoal e integração no grupo. E como se sente feliz, é cidadão mais produtivo nas horas de trabalho.

b) Ao variar de atividade e buscar novas experiências pelo simples prazer de fazê-las, as pessoas descobrem em si qualidades insuspeitadas, que podem ser úteis a elas e ao grupo. Muitos já acharam a sua vocação numa ocupação iniciada como passatempo, passando a viver dela.

c) Quem emprega construtivamente o tempo livre tem menos probabilidade de avolumar as estatísticas de crimes e acidentes, notadamente mais elevadas nos feriados, fins de semana e períodos de férias de verão.

d) Os que participam de atividades recreativas estimulam as empresas de diversões populares, ajudando-as a expandir o seu campo. Com isto geram mais empregos (como vem sucedendo com o cinema, o rádio, a televisão, a imprensa esportiva, o teatro, os clubes etc.) Mais gente passa a ter trabalho e a viver melhor, em decorrência da universalidade da busca de recreação.

e) Além disto, os consumidores de artigos de recreação (que gastam patins, petecas, tacos de bilhar, máscaras de mergulho, molinetes, barracas de praia, sapatilhas ou mochilas) concorrem para a diversificação das oportunidades de trabalho. Auxiliam, portanto, o melhor atendimento às diferenças individuais, ao forçarem a abertura de novas possibilidades de escolha profissional (satisfazendo desde o balconista que vende lanchas ao projetista e ao engenheiro industrial, que se dedicam a este tipo de material). Tal desdobramento das oportunidades do mercado de trabalho facilita, por sua vez, o ajustamento dos indivíduos.

f) Como outra consequência do grande afluxo de público às diversões, as empresas passam a dispor de maior capital, podendo oferecer melhores condições materiais à recreação, inacessíveis aos indivíduos em separado (como pistas mecanizadas de boliche, piscinas aquecidas, quadras de tênis bem conservadas, amplos salões de festas etc.).

g) Aqueles que se recreiam colaboram no próprio desenvolvimento das áreas que se notabilizam como centros de uso do lazer. Podem ser locais de turismo (com suas belezas paisagísticas, peculiaridades naturais ou valor histórico), regiões especialmente apropriadas a certas práticas esportivas (como esportes náuticos ou montanhismo), estâncias climáticas ou hidrominerais, ou centros de cultura artística (como a *Aldeia*, em Arcozelo). Em torno de tais núcleos valorizam-se as terras, constroem-se mais casas, o comércio prospera, surgem restaurantes e hotéis, pavimentam-se as estradas e se fazem melhoramentos na iluminação, no abastecimento d'água, na rede de esgotos e nos transportes, progressos que atraem cada vez mais capital e público.

A recreação representa, portanto, para a sociedade não apenas fator de *bem-estar social* mas também ponderável *força econômica*, elementos que bem aproveitados resultam em: melhor integração no grupo; maior produtividade individual; melhor aproveitamento de dotes pessoais (o que auxilia o ajustamento do homem); redução de gastos com acidentes e transgressões da ordem; expansão de indústria e comércio; diversificação de ocupações profissionais; fomento do turismo; estímulo à conservação dos recursos naturais; e prosperidade para a comunidade inteira.

A RECREAÇÃO ORGANIZADA E SUAS VANTAGENS

"A recreação tornou-se função governamental não por anuência dos governados, mas por sua solicitação." J. S. Clark ⁷³

À medida que o lazer se alarga (em decorrência das novas condições de trabalho, da maior duração da vida e da expansão populacional) e à proporção que se reconhecem as contribuições da recreação ao bem-estar pessoal e social, generaliza-se a prática de organizar atividades lúdicas para grupos. Não se trata, é claro, de lhes tirar o caráter básico de livre escolha, mas de conjugar esforços a fim de proporcionar a todos mais oportunidades e maior variedade de ocupação, além de instalações adequadas, o estímulo da companhia e orientação técnica. Tal organização das atividades amplia, até, a liberdade do indivíduo, pois lhe facilita novas opções a par da possibilidade de aprender habilidades que isoladamente teria dificuldade em conseguir.

O administrador enfrenta o desafio do lazer

Vimos como o estilo de vida criado pela sociedade industrial transformou o lazer de privilégio de alguns (ou possibilidade ocasional de grupos) em direito cotidiano de todos. Com isto acarretou mais responsabilidades ao administrador, quer na esfera pública quer na privada. Assim, tão logo o lazer se incorporou à vida diária da massa, os líderes perceberam que deviam zelar pelo seu bom uso. Havia de um lado os problemas sociais, derivados do despreparo das pessoas para o maior vagar (que se punham a converter em ocasião de trans-

⁷³ Clark, J. S. *Recreation*. New York, National Recreation Association, s.d., p. 1.

gredir as normas do grupo ou em ócio). Do outro, surgiam os prejuízos causados pelos indivíduos a si mesmos, pela própria inabilidade em usar a folga (vista como vazio a temer ou a preencher com estupefacientes ou, até, com estimulantes). Para uns era apenas mais um tempo destinado à busca de novas oportunidades de competir ou de abraçar, compulsivamente, mais trabalho.

Despertando para as implicações sociais do que antes parecia problema somente individual, vários dirigentes começaram a reanimar entretenimentos populares, tentando atrair a maior participação possível. Além de festas públicas e de espetáculos de música e teatro, promoviam torneios de esporte e atletismo, visando a acender uma competição sadia entre grupos organizados (vindos de escolas, bairros, oficinas ou comunidades inteiras). Voltavam a conferir aos jogos aquela antiga função de educar o homem todo, estimulando-o a compartilhar de forma direta e mais ampla da vida social, o que facilitava a sua integração na comunidade. Deste modo ele também se assenhoreava melhor dos valores que caracterizavam e distinguiam o próprio grupo, logrando desenvolver sentimentos cívicos.

A par disto, os que ocupavam posição de liberdade na comunidade (como professores, administradores públicos e de empresas privadas, sacerdotes, políticos ou chefes militares) perceberam na recreação organizada não só um meio de atender às necessidades das pessoas, mas um instrumento auxiliar para a consecução dos fins que pretendiam. Principiaram então a incluí-la em movimentos de educação de adultos, planos de desenvolvimento da comunidade, projetos de recuperação de desajustados, programas de elevação do moral de combatentes, missões sanitárias e, até, em campanhas políticas, colhendo resultados animadores.

Dedicaram-se muitos à disseminação das atividades esportivas entre a massa, recomendando Misasi, por exemplo, encorajá-las no sul da Itália, como meio para provocar a desejada renovação social. Dizia que "a resistência dos costumes e a estratificação secular dos modos de vida, que naquelas zonas ... geram indolência, apatia e receio diante do progresso" podiam "ser vencidas instigando-se o interesse pela vida social, por intermédio da prática saudável e prazenteira do esporte". Julgava este capaz de tirar o homem meridional da contemplação, para o levar à ação e nele instigar confiança e segurança em si, "os únicos meios válidos de vencer a inércia social, produto de séculos de vida atropelada e difícil". Acreditava que a difusão do esporte serviria para o

"induzir a uma tomada de consciência dos valores do progresso e para facilitar a sua assimilação no plano das tradições, logrando ainda evitar a conquista violenta e indiscriminada deste progresso, a qual sempre perturba o equilíbrio social e nivela as particularidades e singularidades humanas".⁷⁴

Entretanto, para atender à massa que principiava a desfrutar de maior folga, era preciso criar e desenvolver uma infra-estrutura de local e instalações para as atividades de lazer, bem como lhe garantir material e orientação técnica. Acima de tudo, no entanto, pairava a necessidade de educar os homens para que eles mesmos não esvaziassem de sentido o novo tempo conquistado. Dirigiram-se, pois, para tais objetivos os primeiros esforços de líderes e instituições, que pretendiam oferecer atividades lúdicas organizadas.

Resultados positivos da recreação organizada

Vendo que a crescente automatização retirava sempre mais do trabalho as oportunidades de criação, aumentando-lhe em troca a uniformidade, a rotina e o desgaste emocional, algumas entidades puseram-se a organizar programas ou, até, serviços de recreação para os seus funcionários. Com o crescimento industrial e a conseqüente expansão urbana (que exacerbavam as dificuldades de convívio nas aglomerações humanas), tais iniciativas foram ganhando prestígio, estendendo-se rapidamente a fábricas, firmas comerciais, escolas, orfanatos, asilos de velhos, reformatórios, prisões, hospitais (infantis e, mesmo, gerais), à Igreja e às forças armadas.

Para melhor idéia do alcance do movimento, basta lembrar como são freqüentes os campeonatos intercolégiais, as excursões promovidas por empresas particulares para os seus empregados, os espetáculos de cinema, música e teatro patrocinados pelas fábricas, as festas para os servidores de várias repartições públicas, as caravanas, quermesses e feiras organizadas pela Igreja, os trabalhos manuais estimulados nos asilos e orfanatos, as aulas de arte para presidiários, os serviços de recreação hospitalar e as atividades de música e esporte desenvolvidas nas corporações militares e policiais. Embora, em muitos destes programas se perceba o objetivo de ocupar produtivamente os indivíduos ou de lhes dar exercício físico saudável, nelas sobreleva a participação voluntária, o prazer de fazer e a liberdade de escolha, características da recreação.

⁷⁴ Misasi, F. *Socialità dello spòrt. Ricreazione*, 1954. p. 9-10.

Naturalmente tais atividades exigem tempo, energia e dinheiro, porém estão a ganhar aceitação cada vez maior, porque trazem resultados compensadores.

Vantagens da prática regular de recreação

- Satisfação entre os empregados e os seus familiares, os quais podem usufruir diversões com um mínimo de despesas e em ambiente em que se sentem à vontade;
- reforço dos sentimentos de auto-estima do funcionário, que vê atendidas pelo próprio empregador as suas necessidades de relaxamento, diversão e desenvolvimento pessoal, num sinal do interesse pela sua ocupação fora das horas de trabalho;
- melhor clima social, pela facilitação das relações pessoais dentro da empresa, propiciando a confraternização do pessoal em situações diferentes das que prevalecem na vida profissional e nas quais é outra a hierarquia de prestígio;
- elevação do moral dentro da entidade, pelo estímulo aos sentimentos de filiação ao grupo e de aceitação por parte dele, o que resulta em maior lealdade à instituição;
- redução do absentismo, dos acidentes de trabalho e da rotatividade do pessoal, como consequência da satisfação do individuo e da sua maior integração no grupo (ver os primeiros resultados aqui relacionados).

Resumindo, a recreação organizada traz benefícios tanto em termos de desenvolvimento pessoal quanto de ajustamento ao grupo, os quais se traduzem em bem-estar individual e maior rendimento no trabalho. Ganha assim a entidade com o abrandamento dos problemas de relações entre empregados e destes com a administração, lucrando ainda com a maior estabilidade dos seus funcionários (o que lhe reduz os gastos com recrutamento, seleção e treinamento de novos servidores). Tudo isto repercute na produção, bastando atentar para o montante das somas investidas por comércio e indústria nos programas de recreação para se avaliar as vantagens que devem trazer.

Programas oferecidos por instituições

Por todas estas razões vem crescendo o número de entidades que proporcionam ao seu pessoal atrativos como música, no refeitório ou no próprio local de trabalho, além de acomodações para jogos de mesa, quadras esportivas e pistas de atletismo. Muitas mantêm parque de recreação para os filhos dos

empregados, saleta de leitura com revistas e jornais, ou mesmo biblioteca para consulta e empréstimo, bem como salas de reuniões para o clube de servidores e até colônias de férias. Comumente, dão ainda assistência às equipes de jogos ou grupos de teatro e música, que espontaneamente se constituem dentro da instituição, organizando além disto atividades como piqueniques, excursões a pontos pitorescos, reuniões sociais, campeonatos internos e externos (geralmente de caráter atlético-desportivo), sessões especiais de cinema, espetáculos musicais variados ou de teatro, cursos noturnos (de corte e costura, decoração do lar, culinária etc.) e festas (de fundo religioso, como o Natal e a Páscoa, de feição comemorativa ou de conagraçamento, como aniversários ou datas especiais, ou de cunho folclórico, como as juninas). Porque está intimamente ligado à própria vida na sociedade industrial, de regra o esporte figura com grande destaque nestas programações.

As maiores empresas chegam a manter um diretor de recreação, que trabalha em horário integral, geralmente com as seguintes atribuições:

- planejar e organizar programação recreativa suficientemente variada de modo a atender aos interesses dos empregados e das respectivas famílias;
- elaborar o orçamento do serviço de recreação e administrar os fundos que lhe correspondem;
- incumbir-se da supervisão das atividades recreativas que vão sendo programadas;
- sugerir novas atividades para alargar a vivência dos participantes, encarregando-se de promover aquelas que despertem maior interesse;
- divulgar amplamente as atividades oferecidas, de maneira a atrair o maior número possível de participantes;
- desincumbir-se da parte burocrática do serviço de recreação, prestando contas do seu trabalho à diretoria e aos funcionários, por intermédio de relatórios periódicos;
- participar da comissão executiva do programa de recreação; e
- servir como elemento de ligação entre a diretoria e os empregados, no tocante às atividades recreativas.

Iniciativas de particulares

Entretanto, tão imperiosa é a necessidade de recreio que, além de todas estas medidas tomadas pelos líderes e pelas instituições, os próprios funcionários criam ainda associações in-

ternas para desdobrar as suas oportunidades de divertimento. Normalmente a empresa as auxilia e até encoraja, facilitando-lhes geralmente local e acomodações.

Há que lembrar, também, aquelas agremiações que se constituem livremente dentro da sociedade e sem fins lucrativos, por interessados em determinadas práticas, como os *clubes* recreativos de cunho esportivo, social, artístico ou cultural. Além destes, igualmente por iniciativa de particulares, surgem entidades que visam a proporcionar recreação a grupos desfavorecidos, como os de órfãos, idosos, excepcionais ou desajustados.

Paralelamente a todos estes esforços, de carácter social, religioso, cultural ou de serviço à comunidade, observam-se grupos que, verificando o enorme potencial económico das ocupações de lazer, dedicam-se à sua exploração comercial, como as agências de turismo, os condomínios de veraneio, os grupos de teatro e as estações de rádio e televisão, por exemplo. Não obstante a diversidade de propósitos, prestam reais serviços à população, de vez que multiplicam as oportunidades de aproveitamento do lazer.

A exploração comercial do lazer

As diversões populares características do nosso tempo surgiram da busca por grande número de pessoas de determinadas atividades, que numa sociedade industrial começaram igualmente a ser produzidas em série. Assim se expandiram os parques de diversão, as corridas de cavalos, de automóveis ou de *karts*, o cinema, o rádio, a televisão etc. Como o principal objetivo dos que as promovem é lucro, nelas costuma dominar o incitamento ao espectadorismo, pois que, reduzindo-se ao mínimo o número de participantes e aumentando-se o de assistentes, cresce a renda.

Como a produção em massa implica certa uniformidade, condição adversa à liberdade de ação que deveria prevalecer nas horas de folga, perdem-se deste modo muitas das vantagens da verdadeira recreação. Os próprios termos *diversão* e *passatempo* traduzem tal confinamento do seu campo a ocupações que só se preocupam em distrair momentaneamente o homem das tarefas habituais, em contraste com a *recreação* que o pretende absorver com atividades criadoras e, portanto, mais ricas em satisfação e mais salutares. Esta busca de conformismo até nas horas livres parece negar ao lazer a sua condição básica de escolha espontânea e pessoal, chegando a observar-se, segundo Ortega y Gasset, uma luta contra tudo o que é diferente, singular, individual, especializado e seletivo.

Crítica às diversões comerciais

As diversões do nosso tempo costumam receber as seguintes objeções:

1. Desencorajam o amadorismo, reduzindo a participação ativa dos que não são profissionais, pois aspiram a elevar o número de consumidores, transformando a maioria em espectadores que devem pagar para ver e ouvir apenas, intimidando-se com o alto nível do virtuoso e do técnico.
2. Procuram substituir atividades espontâneas por produtos acabados, cuja venda forçam por meio de intensa propaganda, feita sistematicamente (como excursões turísticas, livros ditos do momento, filmes cinematográficos premiados ou os últimos discos).
3. Exploram as emoções com intuítos lucrativos, baixando o nível dos programas a fim de cativar o grupo mais numeroso que aprecia os chamados espetáculos populares (como as lutas de boxe ou os programas de auditório das estações de rádio e televisão).
4. Com frequência facilitam clima propício a atos anti-sociais (como nos centros de jogos de azar, nos bares e nos clubes noturnos).

Na verdade existe uma tendência a reduzir o lazer a simples fato econômico, perdendo-se de vista as suas conotações de satisfação do indivíduo e de ajustamento social. Assim, crescendo na sociedade o número de horas disponíveis e desconhecendo o homem maneiras de bem as aproveitar, pôde desenvolver-se uma indústria que produz espetáculos em série, pelos quais cobra o máximo permissível, estendendo-os ao máximo a fim de absorver quanto consegue do vagar da maioria.

Manipulada por poderosos meios de comunicação em massa e por uma propaganda servida pela moderna técnica, a multidão é induzida a consumir filmes de cinema, revistas, jornais, partidas desportivas, peças teatrais, viagens e concursos de beleza, do mesmo modo "alienado e distraído" (na expressão de Erich Fromm) com que consome as mercadorias oferecidas à venda nas lojas.⁷⁵ À essa altura nem sabe mais gozar a diversão, transformada em negócio, cujas proporções facilmente se avaliam pelo nível dos salários pagos a artistas e desportistas ou, então, pelo capital empregado nas transmissões pelo rádio e pela televisão dos grandes espetáculos.

⁷⁵ Fromm, Erich. *Psicanálise da sociedade contemporânea*. 4. ed. trad. do inglês. Rio de Janeiro, Zahar, 1964. p. 150.

Esporte popular e profissionalização do jogador

Já comentamos a ligação do esporte ao atual estilo de vida e como se avolumam a sua difusão e a sua força na medida em que a industrialização avança. Também ele sofreu os efeitos desta comercialização, de vez que, como salienta Volpicelli, "progressivamente foi-se convertendo em mais uma entre tantas indústrias — e das mais lucrativas — sempre gada e utilizada por imprensa, televisão, rádio e outras formas de propaganda. Foi assim perdendo o seu sentido de liberdade e de espírito criador. Tornou-se uma profissão ou uma aprendizagem profissional, visto que o mesmo cientificismo da prática e do treinamento esportivo transformou-o, de modo inexorável, em exercício profissional especializado, quando não em forma de empregar o tempo livre inteiramente condicionada pela indústria que dele nasceu. A tal ponto chegou a situação, que hoje não se pode ver, escutar nem fazer outra coisa que não aquilo que os empresários desejam que se veja, escute e faça".⁷⁶ O esporte popular, que poderia reunir excelentes oportunidades de compensar as deformações do tecnicismo industrial, foi então sendo levado a repeti-las na especialização extrema do desportista. Este transformou-se em mais um especialista, no qual se percebe o desenvolvimento unilateral da personalidade (quando não do próprio físico, como se vê claramente no tenista, no remador ou no lutador de boxe).

Para Huizinga, o esporte perdeu no mundo moderno "o melhor da sua qualidade lúdica", porque tão longe levaram a sua sistematização e a sua disciplina que o despojaram "de toda espontaneidade e da sua função de passatempo gratuito".⁷⁷ A prática esportiva, que deveria ilustrar o desinteresse, o prazer de fazer, a vida saudável e o pleno desenvolvimento do homem, transmudou-se então em fato econômico, com o culto do especialista, o endeusamento do profissional e a promoção puramente comercial dos grandes espetáculos.

Ao relacionar o esporte com a industrialização e a urbanização, lamenta Volpicelli, endossando comentário de Volpe, que embora os estádios transbordem de gente, na atualidade "o esporte se restrinja a uns profissionais, vaidosos como *prime donne* e ávidos de dinheiro".⁷⁸ E sendo muito superior o número dos que assistem às competições esportivas para se

⁷⁶ Volpicelli, Luigi. *Industrialismo y deporte*. Trad. do italiano. Buenos Aires, Paidós, 1967. p. 75-76.

⁷⁷ Huizinga, Johan. *Homo ludens. A study of the play-element in culture*. Trad. do alemão. London, Paul Kegan, 1949. p. 205.

⁷⁸ Volpicelli, Luigi. Op. cit., p. 56.

divertir que o daqueles que de fato praticam tais atividades, elas aos poucos vão descambando para exposições a pagamento.

O futebol como espetáculo

É bem verdade que a multidão que aflui aos campos de futebol para assistir aos grandes jogos ali encontra ensejo de descarregar as emoções num ambiente de participação coletiva, no qual pode satisfazer a necessidade de viver algo em comum com a maioria. Como já salientamos, muitos até vêem nestas diversões, procuradas por uma platéia entusiasta e partidária (que organiza torcidas e vibra com cada lance) os necessários rituais de fuga da nossa cultura. O público que aguarda ansioso durante meses determinada partida, por ela vive e discute enquanto não se realiza, continuando a comentá-la com paixão depois que termina, parece a Volpicelli ter pelo esporte o mesmo amor e igual ódio, ou o mesmo "fanatismo que o século XVIII veneziano teve pela comédia e o século XIX parisiense pelo drama". Aos poucos, porém, vemos a mentalidade esportiva sofrer a contaminação de outros valores e, em lugar de permanecer desinteressada, começar a julgar tudo em termos de êxito. "O esporte como fanatismo", lembra o mesmo autor, "como participação emotiva — em virtude da intervenção de mecanismos psicológicos como a identificação com o atleta, a fuga à angústia pessoal e a acomodação às condições afetivas e irracionais coletivas — acentua a tendência arcaica da massa a fugir ao controle da crítica e do julgamento, submetendo-se aos mecanismos contemporâneos de condicionamento e alienação".⁷⁹

O nosso futebol, por exemplo, já acusa estas deformações paralelas ao progresso industrial, embora felizmente ainda contemos com milhares de equipes de amadores anônimos, que mantêm vivo o espírito de jogar pela alegria de fazê-lo, sem pretender lucro, quando muito alimentando o sonho de vir a ser um craque. Para Dante Panzeri, o futebol, "que era o jogo mais belo do mundo" está a afastar-se cada vez mais da esfera lúdica, em consequência da "aguda embriaguez cultural e comercial", que o leva a uma progressiva autodestruição.⁸⁰ Porque ele assumiu importância econômica desmesurada, submeteram-no a extrema metodização, sacrificando o espírito criador e a espontaneidade dos jogadores. Conver-

⁷⁹ Volpicelli, Luigi. Op. cit., p. 69.

⁸⁰ Panzeri, Dante. *Fútbol, dinámica de lo impensado*. Buenos Aires, Paidós, 1967. p. 100.

teu-se em atividade séria demais, apresentada à massa como espetáculo industrializado, com o auxílio interesseiro de uma imprensa que manipula as preferências do grande público. Por isto lamenta Panzeri a "sua transformação em negócio", no qual entram em jogo de um lado "a ambição política, a vaidade pessoal e os interesses econômicos" dos promotores e patrocinadores, e do outro a angústia dos jogadores, que em cada partida "arriscam o seu futebol, a sua família e os seus negócios".⁸¹ Enquanto os técnicos discutem escalções de equipes e sistemas como o 4-2-4 ou o 4-3-3, fazendo diagramas de tática e estratégia no quadro-negro dos clubes, para obter o máximo rendimento dentro da mais rigorosa organização, com apoio num treinamento científico, o jogo vai perdendo as suas características de atividade prazerosa. A alegria do jogador amante da atividade em si vai cedendo lugar à aflição do profissional especializado, que deve corresponder às expectativas de uma torcida impiedosa e ingrata e dos que lhe garantem a remuneração. Também as outras peças da "grande máquina comercial do futebol", isto é, os presidentes dos clubes, técnicos desportivos, supervisores, preparadores físicos, dietistas, massagistas, traumatologistas, jornalistas especializados, locutores desportivos etc., não sendo afetados por essa instabilidade permanente, que os arrebatava na voragem das vultosas quantias em movimento e do prestígio social que envolve. Transformam-se todos, então, "em prisioneiros desta seriedade transbordante do futebol, convertido em algo importante demais, sério demais como angústia humana e, na realidade, reduzido ao mínimo como jogo".⁸² Os incidentes que pontilharam toda a preparação do nosso selecionado para a taça Jules Rimet de 1970, e que culminaram com a dramática substituição do técnico, ilustram com clareza este estado de espírito.

Os efeitos negativos do atual estilo de vida no futebol revelam-se na falta de medida das quantias postas em jogo, na desumanização do jogador, na ausência de afeto pelo esporte em si ou pelo escudo do seu time, na substituição do imprevisto pela obediência sistematizada e tediosa ao previsto, no domínio do jogador egoísta e angustiado sobre o desportista despreocupado e na troca do ídolo nato pelo fabricado por um enorme aparelho publicitário, interessado na industrialização do espetáculo (graças à redução dos participantes a escassa minoria). Em consequência disto, o jogo vem sendo conduzido a um clima propício à competição desleal, à agressão física e verbal no campo e fora dele e à

⁸¹ Panzeri, Dante. Op. cit., p. 43-44.

⁸² Panzeri, Dante. Op. cit., p. 43.

escravização às recompensas materiais extrínsecas, permitindo o surto de problemas éticos, como os de *doping*, de suborno e de conchavos no mercado de passes.

Atletas amadores ou profissionais?

Embora menos intensamente, também o atletismo acusa deturpação parecida, registrando-se ardis para reduzir ou aumentar o peso, a altura ou a idade, a profissionalização desde a infância, o interesse exclusivo dos clubes pelo treinamento de atletas (em prejuízo dos que só pretendem melhorar a técnica para encontrar maior satisfação), a sedução dos bons elementos de outros clubes com o oferecimento de mais vantagens etc. Até nas escolas observa-se o cuidado de não reprovar os membros das equipes oficiais ou a oferta de bolsas de estudo ou outras facilidades para o estudante que tem mais qualidades atléticas do que méritos acadêmicos. Na própria indústria, o culto do êxito no atletismo tem levado à contratação de operários em bases que não a competência profissional, visando-se principalmente à formação de equipes de nível melhor e mais homogêneo.

Infelizmente até as Olimpíadas, que Pierre de Coubertin fez reviver em 1896, com os elevados propósitos de congraçamento universal por intermédio de atividades físicas desinteressadas, vêm sendo desvirtuadas. O antigo lema — o *importante não é vencer, mas competir* — está sendo substituído pelo de vitória a qualquer preço (isto sem falar nas injunções políticas ligadas a relações entre países). As divergências ou, mesmo, graves incidentes no estádio olímpico em torno da segregação racial, a exigência de exame do sexo dos participantes e a proliferação do falso amadorismo são provas eloquentes da sua adulteração. Elas patenteiam o quanto tais competições se afastaram dos antigos ideais de mobilizar as paixões mais nobres, estimular a prática desinteressada e desenvolver sentimentos de honra, cavalheirismo e correção de conduta ou *fair-play*.

Como o preparo para tais provas solicita cada vez mais tempo, principia mais cedo na vida, exige grande investimento de capital e como alguns líderes encaram os seus resultados como fonte de afirmação nacional (dedicando somas espantosas ao treinamento intensivo dos representantes do seu país), floresce o chamado *amadorismo marrom*. O atleta amador tornou-se não raro um verdadeiro profissional, para cujo treinamento destinam-se verbas especiais e se canalizam grandes energias, condições que o convertem em herói bem remunerado.

Dentre tantos que protestam contra tal estado de coisas, sobressai Dumazedier, que insiste na "coragem de confessarmos a triste verdade", isto é, que "os jogos olímpicos transformaram-se em fábricas" de campeões profissionais, situação que confirma com o exemplo de Jesse Owens, Johnny Weissmüller, Sonja Henie e outros, que hoje vivem dessa especialização.⁸³ Diante do testemunho eloqüente dos fatos, o International Council of Sport and Physical Education elaborou em cooperação com a Unesco, em 1964, um Manifesto sobre o Esporte, no qual propõe várias soluções para o dilema entre a permanência como amador de fato e as exigências técnicas das competições de alto nível, insistindo na urgência de "eliminar-se a hipocrisia do falso amadorismo". Recomenda além disto medidas destinadas a assegurar a continuação da prática esportiva, "como atividade gratuita, realizada sem nenhuma outra finalidade que a de obter descanso, recreio e aperfeiçoamento pessoal" para a grande massa de aficionados.⁸⁴

O estrelismo nas atividades de lazer

A tudo isto vem somar-se o fato corriqueiro de se porem alguns atletas e esportistas (do mesmo modo que certos artistas) a serviço da propaganda comercial, comportando-se como ídolos que aconselham este ou aquele produto, em nada ligado ao esporte (ou à arte), a concitar o público através de anúncios na imprensa escrita, falada e televisionada a preferir determinadas marcas (ou atividades). Desta associação entre ocupações de lazer e uma divulgação com fins lucrativos surge, por seu turno, extenso material para alimentar jornais, revistas, rádio e televisão, de modo a afetar os hábitos de recreio da massa. Interessada em aumentar o número dos seus consumidores, não raro a imprensa deliberadamente incita a torcida, tratando os profissionais como semideuses, cujos menores passos devem ser acompanhados e toda a vida dramatizada, concentrando-se as atenções em apenas meia dúzia de nomes. Este *culto do estrelato* induz à disseminação da idéia de que a prática desportiva deixou de ser desejável para o comum das pessoas, tendo que passar a entretenimento secundário da massa. Observa-se então o paradoxo de que os novos meios de comunicação, tão úteis à difusão do esporte,

⁸³ Dumazedier, Joffre. *Regards neufs sur les jeux olympiques*. Paris, Ed. Seuil, 1952. p. 171 e 191.

⁸⁴ Manifesto sobre el deporte. Trad. do inglês. Buenos Aires, Ministerio del Interior, Secretaria de Estado de Cultura y Educación, 1969. p. 21 e 24.

acabam por lhe reduzir o campo a um grupo pequeno e selecionado de astros, que eles próprios transfiguram em personagens míticas, diferentes do resto dos homens.

Para acentuar as proporções gigantescas do problema, Erich Fromm propõe que imaginássemos o que ocorreria se durante quatro semanas ficássemos sem esportes, cinema, rádio, televisão, jornais e revistas. Barradas estas vias de evasão do homem da cultura ocidental, pergunta ele, que fariam as pessoas nas horas de lazer, entregues aos próprios recursos?

Aspectos positivos das diversões comerciais

Há que lembrar, todavia, que as diversões comercializadas já integram a nossa cultura e lhe dão contribuições de valor, dentre as quais se apontam o preenchimento das horas vagas, a distração das tarefas habituais e rotineiras, a possibilidade de contatos sociais fora do ambiente profissional e os rituais de escape observados em algumas atividades de massa. Assim, os que promovem diversões populares costumam aduzir em seu favor as seguintes justificativas:

1. As diversões comercializadas *criam e mantêm* o interesse por certas atividades (como o boliche), terminando por conquistar mais praticantes (como sucedeu, recentemente, com os conjuntos musicais e os grupos de teatro, que desempenharam o papel de incentivadores de novos grupos).
2. Porque dispõem de capital e ganham com o aumento da clientela, esmeram-se em oferecer ao público um *conforto*, que, de outro modo, não poderia ele desfrutar (como pistas mecanizadas de boliche, ou cinema com ar refrigerado e tela panorâmica).
3. Por visarem a fins comerciais, conseguem proporcionar a muita gente enorme *variedade* de entretenimentos durante o ano todo (como concertos musicais, peças de teatro, programas de rádio e televisão, espetáculos circenses e provas atléticas de alto nível).
4. Costumam realizar-se em local de *fácil acesso*, servido por transporte coletivo, constituindo freqüentemente as melhores possibilidades de recreio da população do lugar.
5. Pelo vulto da sua assistência podem oferecer diversão a *baixo preço* e assim servir a mais camadas da população (como ocorre com os programas de rádio e televisão ou com as viagens de turismo em grupo, financiadas a longo prazo).
6. Desempenham papel *educativo* porque estimulam o domínio das habilidades necessárias à satisfação nas várias ativi-

dades, dando ao mesmo tempo exemplo de boa técnica (mais pessoas procuram aprender a tocar violão ou a jogar basquetebol, dispondo ainda de excelentes modelos profissionais para observar a melhor técnica).

O papel dos poderes públicos na recreação

Considerando que o lazer constitui hoje um dos problemas centrais da sociedade e que a recreação favorece o bem-estar mental e físico dos indivíduos, além de ser vantajosa à economia e à cultura do grupo, o governo estimula, ampara, facilita e promove a sua prática. O cuidado com o bom aproveitamento do lazer já figura, por conseguinte, entre as obrigações dos poderes públicos, notadamente na órbita municipal (embora também deva merecer atenção no âmbito estadual e no federal). Uma atuação positiva dos órgãos oficiais, no sentido de propiciar a utilização produtiva e prazerosa de um lazer que tende a se expandir, concorrerá para melhorar o clima social e reduzir os gastos com as dificuldades resultantes da carência de oportunidades de recreação.

Medidas que competem ao Governo

Passo básico será a conquista de legislação que contribua para minorar alguns dos problemas suscitados pelo crescimento do lazer e agravados pela expansão urbana, assegurando:

— a reserva compulsória de áreas para recreio no planejamento urbano (em faixas adjacentes às cidades, em edifícios residenciais, nos futuros loteamentos e em locais de especial beleza paisagística ou de valor histórico);

— o recolhimento de tributos a serem aplicados na aquisição de novas áreas para recreação, na sua instalação e na conservação destes locais, bem como no desenvolvimento de programas de recreação pública; e

— a concessão de subvenções e incentivos fiscais às entidades privadas que ofereçam atividades recreativas de alto nível ou que formem pessoal especializado para as orientar.

Ação conjugada das diferentes esferas

1. Na órbita municipal é básico obter dispositivos legais que autorizem uma junta a encarregar-se do serviço de recreação pública, definindo-lhe a organização e esclarecendo-lhe competência e deveres, além de fixar a remuneração dos seus mem-

bros. Como tal recreação constitui serviço público, é responsabilidade da comunidade levantar os recursos para as necessárias instalações e a manutenção dos programas.

2. No âmbito *estadual* convém conseguir textos legais que: autorizem o funcionamento de serviços e programas, bem como assegurem a instalação e manutenção de acomodações adequadas dentro do Estado; deleguem autoridade para nomear ou contratar os dirigentes e o resto do pessoal especializado, bem como comprar terreno, prédio e material destinado às unidades de recreação ou para fazer as necessárias edificações; permitam o uso das acomodações de escolas ou de outras instalações públicas para fins de recreação; autorizem uma comissão central de recreação a receber donativos; permitam levantar fundos da arrecadação geral para os utilizar no programa de recreação; autorizem departamentos ou serviços estaduais a manter programas de recreação; consignem verbas para elaboração e distribuição de literatura técnica sobre recreação e para a formação de pessoal especializado; regulem e fiscalizem as atividades recreativas dentro do Estado, no interesse da saúde pública, da segurança e do bem-estar social.

3. No que diz respeito ao *governo federal*, a legislação deverá prever: o desenvolvimento de programas de recreação em terras de propriedade da União (como os grandes parques nacionais); a aquisição ou destinação de grandes áreas para fins de recreação; a proteção de zonas paisagísticas ou de recursos naturais e o incentivo aos Estados para desenvolverem programa semelhante; subvenções aos Estados para que possam construir e manter melhores serviços e unidades de recreação; orientação técnica aos departamentos estaduais de recreação pela fixação dos padrões de atendimento ao público e de habilitação profissional; e a boa execução, em convênio com os governos estaduais e municipais, de um Plano Nacional de Recreação Pública.

Providências governamentais

Assegurados os necessários dispositivos legais, os poderes públicos deverão tomar as seguintes medidas:

1. Defesa de recursos naturais, pela criação de zonas de preservação da natureza (reservas biológicas para resguardar flora e fauna da região, proteção de mananciais, destinação de alguns lagos para a pesca, fixação de áreas de reflorestamento, criação de santuários e parques nacionais etc.).

2. Planejamento e construção de acomodações adequadas à recreação pública (praças, jardins, coretos, mirantes, quadras desportivas, campos de atletismo, parques infantis, balneários, locais de piquenique e de acampamento, molhes de pesca, marinas, estádios, ginásios, conchas acústicas, bibliotecas, teatros, museus) e, sempre que possível, de um centro de recreação para a comunidade, no qual as atividades culturais e artísticas possam ser cultivadas e difundidas.

(Cabe aqui destacar a importância especial dos parques de recreação ou *playgrounds*, onde crianças, jovens, adultos e idosos deverão encontrar local e instalações apropriados aos seus interesses. Também parece oportuno lembrar que o Conselho Federal de Cultura nomeou em 1967 comissão para apresentar sugestões sobre a implantação de *Casas de Cultura*.)

3. Programação variada de recreação pública durante o ano inteiro, que atenda a todas as camadas sociais e às diversas faixas etárias, dando especial atenção às grandes comemorações e festivais, bem como aos campeonatos e torneios de maior atração popular. Servirão estes últimos para instigar o interesse do público, induzindo-o a experimentar diversas atividades programadas, além de encorajar novas iniciativas e angariar mais simpatias.

4. Apoio e estímulo às tradições locais de recreação, prestigiando folguedos, festejos, autos populares (como congadas ou reisados), danças regionais, artesanato e outras manifestações da cultura popular, promovidas periodicamente por feiras, festivais e exposições.

5. Ajuda à expansão das acomodações necessárias ao turismo (pousadas, belvederes, motéis, hotéis, restaurantes, cabanas, locais para acampamento e piqueniques, molhes de pesca, grandes parques etc.), além de medidas para a urbanização das áreas contíguas aos pontos de atração turística (de beleza paisagística e de interesse cultural ou histórico), bem como para a melhoria das suas condições de acesso e conforto (vias de acesso, meios de transporte coletivo, iluminação, abastecimento d'água, policiamento etc.).

6. Criação da consciência do valor da recreação por meio do esclarecimento sistemático da opinião pública, cujo apoio é indispensável conseguir e manter.

7. Formação de pessoal especializado para planejar e orientar as atividades de recreação pública (nos vários níveis de hierarquia), bem como amparo aos esforços da iniciativa privada nesse sentido.

8. Educação sistemática para o bom aproveitamento do lazer, feita vida fora, por meio de programação regular nas escolas, com a ajuda de outras instituições de serviço à comunidade. Sua finalidade será conseguir a mais ampla participação possível. Para tanto deverá abrir novos horizontes fora da atividade profissional a indivíduos de todas as idades e níveis sociais, alargando-lhes interesses e informações, para incitá-los a tentar experiências prazerosas em campos variados (música, literatura, pintura, teatro, atletismo, esportes coletivos etc.). Dentre os seus objetivos primordiais figuram: a implantação desde cedo de hábitos e atitudes favoráveis à prática da recreação, em detrimento do espectadorismo; o domínio dos conhecimentos e habilidades básicos ao prazer nas atividades lúdicas; e o desenvolvimento da apreciação pelas formas comuns de recreio, de sorte a multiplicar as fontes de alegria dos indivíduos.

Nunca será demais ressaltar a responsabilidade que cabe ao educador de restituir aos esportes o seu papel de equilíbrio no desenvolvimento da personalidade toda, em face da atual tendência a transformá-los em espetáculo. Diante do florescimento do profissionalismo nas atividades esportivas (e também em muitas das artísticas), com as suas exigências de dedicação exclusiva e o conseqüente desencorajamento ao amadorismo (pelo seu culto da especialização), um objetivo importante a buscar é o de reforçar a tonalidade lúdica em tais ocupações de lazer, pois que ela se acha em franco declínio.

9. Articulação e coordenação do trabalho de órgãos públicos e particulares no setor do uso do lazer, com vistas ao seu maior rendimento e ao melhor atendimento do público, ao aproveitar-se a capacidade ociosa de alguns e se evitar a superposição de esforços de outros.

Exemplos de iniciativas bem sucedidas

Parece avisado dar aqui breve notícia de alguns programas de recreação atualmente em curso em vários países, graças à colaboração de diversos grupos ou entidades. Na Dinamarca, por exemplo, segundo lei promulgada em 1938, os trabalhadores têm direito a férias anuais, calculadas à base de um dia e meio por mês de trabalho. Para assegurar tal prerrogativa, o empregador é obrigado a comprar mensalmente selos especiais, de valor proporcional ao salário de cada empregado e, ainda, ao número de dias que ele trabalhou. Tais selos vão sendo entregues aos interessados, que os colam em

cadernos adequados, só podendo gastar as somas assim acumuladas com as próprias férias.

Na Suécia, o Departamento de Lazer da Junta Municipal de Bem-Estar da Criança, em Estocolmo, encarrega-se de iniciar e manter contatos com clubes, sindicatos, centros juvenis, sociedades etc., para os quais consegue doações municipais, ajudando-os também a alugar sedes, fazer instalações, pagar instrutores de atividades e começar programas de recreação. Facilita-lhes ainda o aproveitamento dos serviços de outros departamentos da Junta, como os programas para adolescentes (de cinema, empréstimo de livros, debates, palestras, passatempos etc.), além de publicar regularmente um boletim informativo, que contribui para o êxito de tal programação conjunta.

A Federação dos Sindicatos Alemães de Trabalhadores anualmente promove festivais — *Ruhrfestspiele* — a que acorrem mais de 300 mil participantes e o dobro de assistentes, que se vão divertir com atividades culturais entre as quais sobrepõe o teatro. No mesmo país (como também na Suécia e na Dinamarca) as loterias de futebol financiam muito da recreação pública.

Na Polônia, desde 1963 vêm funcionando *clubes de café*, ora em número de 8 mil, sob o patrocínio de grande firma distribuidora de jornais e revistas. Ela os mantém em salas cedidas pela comunidade, suprindo-as com livros, revistas, jornais, discos, rádio e televisor.

Na Itália, há mais de 40 anos a ENAL (Ente Nazionale Assistenza Lavoratori) promove e organiza em todo o país atividades de lazer para trabalhadores e servidores públicos. Para tanto mantém 92 escritórios regionais, que supervisionam e orientam 14 mil clubes de recreação, criados dentro de organizações privadas — comerciais, industriais, bancárias e securitárias — bem como no serviço público. Tais associações desenvolvem numerosas atividades recreativas, como jogos, esportes, excursões, artes manuais, leitura e música. Cobram em geral pequena taxa dos participantes, que ainda têm direito a desconto em certas diversões comerciais e nos alojamentos para férias mantidos pela ENAL. Os objetivos principais deste órgão assim se resumem:

1. Persuadir o trabalhador a ocupar de forma construtiva o seu lazer, cultivando atividades condizentes com as próprias inclinações, capacidades e necessidades espirituais de relaxamento e de ampliação de cultura.
2. Estimular a educação dos adultos no tempo de folga, visando a criar por todos os meios disponíveis uma cultura viva,

pelo encorajamento de atividades de informação, cultura e recreação.

3. Integrar o indivíduo no grupo a que pertence e cada grupo na respectiva comunidade, desenvolvendo também, por intermédio de iniciativas educacionais e recreativas, boas relações humanas entre os trabalhadores, nos quais tenta instigar sentimentos de segurança emocional.

Na Holanda, o Ministério dos Negócios Culturais, Recreação e Bem-Estar Social mantém as próprias unidades e subvenciona certas organizações particulares que atendam às necessidades de lazer. Sua Divisão de Treinamento Físico e Esportes tem, entre outras atribuições, a de construir nos pequenos povoados centros com ginásio anexo. Nesse trabalho procura atender especialmente aos Grupos de Jovens, encorajando as suas atividades e dando-lhes orientadores e verbas. Uma preocupação importante — a de auxiliar a juventude desajustada — encontra nos acampamentos especiais, que o Ministério mantém para tais adolescentes, uma forma de os reintegrar no grupo com o auxílio de atividades vigorosas ao ar livre.

No mesmo país funciona a Comissão Interministerial Coordenadora da Recreação ao Ar Livre, integrada por representantes dos Ministérios de Negócios Interiores, Finanças, Agricultura e Pesca, Transporte, Controle de Água e Obras Públicas, Assuntos Sociais e Saúde Pública, Habitação, Defesa, Assuntos Econômicos e Assuntos Culturais, Recreação e Bem-Estar Social. Ela funciona em caráter consultivo, apontando ao governo os projetos que merecem o seu apoio. Com ela colabora o Instituto de Recreação, entidade de iniciativa privada que centraliza as organizações particulares atuantes neste setor.

Na França funcionam atualmente oito Casas de Cultura, estando em construção outras quatro, todas criadas e mantidas por contribuições iguais dos municípios em que se sediam e do Ministério de Assuntos Culturais. Tais órgãos de difusão da cultura oferecem espetáculos de teatro, balé e cinema, concertos e recitais, conferências, audições de música popular, etc., contando com os associados, que pagam uma taxa mínima, para terem direito a desconto nas atividades programadas e à assinatura de um jornal mensal.

No Canadá, o esporte amador é incentivado por verba federal, que desde 1961 vem sendo concedida anualmente com o objetivo específico de "encorajar, promover e desenvolver a boa forma física e o esporte amador no país".

Nos Estados Unidos da América do Norte, quase todos os Estados mantêm amplo sistema de recreação pública, que

compreende parques de recreação, centros comunitários e uma série de acomodações como piscinas, bibliotecas permanentes e volantes, centros juvenis etc. O governo federal mantém o Serviço de Parques Nacionais, dá assistência técnica e financeira aos sistemas estaduais de recreação e oferece programas para grupos especiais (como os de habitantes rurais, veteranos de guerra, combatentes, doentes mentais etc.). Parte importante desta programação é oferecida pelas 20 mil companhias particulares que têm serviços de recreação (metade das quais emprega um profissional especializado, dando tempo integral, para dirigir tal programação).

Na Venezuela, o INCRET (Instituto para Capacitación y Recreación de los Trabajadores), criado por lei em 1954, mantém três hotéis de férias, com acomodações para 400 pessoas, e a *Ciudad Vocacional "Los Caracas"*, a qual pode abrigar quase 2 mil hóspedes, tendo equipamento de recreação capaz de atender a 8 mil usuários. No ano de 1965, por exemplo, acolheu mais de 800 mil pessoas, 42 mil das quais como hóspedes em períodos de férias (de 2 a 14 dias cada um). O INCRET assim define os seus objetivos: "propiciar ao trabalhador melhor emprego do seu tempo livre; administrar serviços artísticos; fomentar o turismo social e organizar excursões ao exterior, orientadas para a capacitação técnica e cultural; coadjuvar o Ministério do Trabalho na investigação de problemas sociais e culturais; dar bolsas de estudo a trabalhadores e a seus familiares (para especialização técnica e aperfeiçoamento profissional); organizar conferências, exposições, bibliotecas etc.; e estabelecer sistemas de orientação sindical e profissional".

Sua manutenção corre por conta de verbas consignadas no orçamento anual do país e dos ingressos que cobra para muitas das suas atividades.

No Japão, uma entidade particular (a Associação Nacional de Recreação) vem trabalhando desde 1947 em todo o país, recebendo um subsídio do Ministério da Educação correspondente a um sétimo do próprio orçamento. Mantém 33 funcionários, publica excelente revista especializada, organiza congressos anuais, faz pesquisa e imprime folhetos sobre atividades lúdicas, dando ainda assistência técnica às instituições a ela filiadas.

Na Índia, um projeto de melhoria das escolas inclui doações do Ministério da Educação para que nelas se ergam teatros ao ar livre, ginásios, piscinas e parques infantis, mas as condiciona à exigência de que os alunos participem ativamente dos trabalhos de construção.

No nosso meio podemos apontar a atuação do Serviço Social do Comércio, criado em 1946 pela Confederação Nacional do Comércio, cumprindo decreto-lei federal, com a finalidade básica de "promover o bem-estar dos comerciários e de suas famílias, bem como o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade". Vem o Sesc prestando reais serviços em todo o país, merecendo destaque as seguintes das suas realizações, no setor da recreação: colônias permanentes de férias para comerciários e seus dependentes; convênios com hotéis para férias coletivas (ou para caravanas de fins de semana); convênios com empresas de ônibus para turismo; serviços de recreação infantil (para crianças de quatro a seis anos); e atividades ligadas ao lazer nos centros distribuídos pelo território nacional. Nestas últimas incluem-se cursos, encontros, estágios e seminários de preparação de recreadores (coordenados pelo Centro de Preparação de Pessoal, sediado no Rio de Janeiro), formação de bibliotecas itinerantes (que vão aos próprios locais de trabalho, levando livros em caixotes, para empréstimo) criação de conjuntos corais e atendimento de grupos (por meio de passeios, trabalhos manuais, aulas de corte e costura e de artes domésticas, programação desportiva etc.).

Também o Serviço Social da Indústria, o Sesi, estimula a prática desportiva por intermédio da sua Divisão de Educação Física, patrocina excursões e dá cursos para encorajar o artesanato, incentivando o aproveitamento da matéria-prima local. No Nordeste, a ARTENE (subsidiária da Sudene) organiza cooperativas a que dá assistência técnica e financeira, visando igualmente a impulsionar o artesanato. Transforma, assim, ocupações de lazer em ganha-pão de muita gente, que passa a viver de trançar redes e esteiras de fibra, bordar e fazer rendas de labirinto, executar trabalhos de couro, chifre e madeira, fazer cerâmica, preparar chapéus, ventarolas e bolsas com fibras de coco, lapidar pedras etc. Vários destes trabalhos figuraram na 1.ª Feira Nacional de Artesanato, realizada com sucesso no Rio de Janeiro em 1967, sob o patrocínio da Confederação Nacional das Indústrias e do Ministério do Trabalho e Previdência Social. Este último inaugurou há cerca de 20 anos o Serviço de Recreação e Assistência Cultural, mantido pela Comissão de Imposto Sindical, que promovia para os operários e seus familiares atividades como sessões de cinema, espetáculos teatrais e passeios marítimos pela baía de Guanabara (chegando a ascender a duas mil pessoas a frequência nestas excursões). Cuidou, ainda, de doar discotecas a sindicatos e associações profissionais, de ministrar cursos de vários instrumentos, bem como de organizar conjuntos musi-

cais para apresentação em espetáculos variados. Entre os seus objetivos explícitos indicava o de "estimular a utilização adequada das horas de lazer dos trabalhadores e prestar assistência técnica às entidades que realizam atividades de natureza recreativa".

Em Curitiba, a Prefeitura vem estimulando com enorme sucesso o envolvimento da comunidade inteira, quer na criação de mais áreas verdes, quer nas atividades de recreação ao ar livre. Outro exemplo nos vem de Porto Alegre, onde os Centros de Comunidade espalhados pela cidade atendem pessoas de todas as idades e níveis sociais. A eles se acrescenta a atuação benéfica de grupos que fazem espetáculos ao ar livre e dos que organizam recreação em unidades móveis (da Prefeitura), como a Tenda da Cultura e o Carrossel. Nesta mesma cidade, sob os auspícios da PUC e da Secretaria de Educação Municipal, funciona o CELAR, que ministra curso de pós-graduação em problemas de lazer.

Um bom exemplo de conjugação periódica de esforços é oferecido no Rio de Janeiro pela Escola de Educação Física do Exército, instituição que desde 1950 realiza anualmente uma colônia de férias, aberta à comunidade. Todo verão ela proporciona às crianças inscritas atividades de educação física e recreação, além de ministrar ginástica às senhoras, tudo nas dependências do forte São João, na Urca. Trabalho semelhante vem sendo ultimamente desenvolvido pelo forte Duque de Caxias, no Leme, que igualmente mantém colônia de férias para crianças, no início de cada ano. Ambas atendem assim parte da população infantil da zona sul da cidade, no período em que as escolas estão fechadas.

Ruas de Recreio, interditas por algumas horas ao trânsito para que as crianças brinquem sob a direção de especializados, têm também sido patrocinadas por firmas comerciais que se associam ao esforço da rede escolar oficial.

Festivais de Inverno, em Ouro Preto e Itajaí, anualmente congregam toda a comunidade em torno de música, artes plásticas, teatro, letras e esportes.

UMA SOLUÇÃO A CURTO PRAZO: MOBILIZAR OS RECURSOS DA COMUNIDADE

"Porque a recreação concorre para o bem-estar geral das pessoas, ela constitui responsabilidade inescapável do governo, em todas as suas esferas. Contudo, primariamente é responsabilidade do governo local, visto ser na comunidade que tal serviço implanta as suas raízes". *H. Meyer e C. Brightbill*⁸⁵

Como salientamos, a recreação vem ganhando prestígio na nossa cultura, em razão do alargamento do lazer e da mudança da própria forma de ganhar o sustento. Seja ela espontânea ou organizada (por iniciativa de grupos particulares ou de órgãos oficiais), seja percebida como passatempo individual ou como experiência a partilhar com outros, parece representar cada vez mais para o homem a grande oportunidade de enriquecer a própria vida. Difunde-se por isto a idéia de que uma programação extensa e variada de atividades recreativas, desenvolvida na comunidade sob liderança hábil, auxilia os seus membros a desfrutarem de horas mais felizes e produtivas. Dissemina-se também a noção de que ela constitui fator de progresso social e funciona como elemento de atração turística (ou seja, de afluência de público e de captação de recursos econômicos).

Percebendo tal programação como essencial aos indivíduos e aos grupos, as comunidades preocupam-se sempre mais em oferecê-la (tal como fazem com a educação, a saúde ou a assistência social). Para tanto recrutam o maior número possível de elementos (materiais e humanos), procurando integrá-los num trabalho harmonioso, com vistas à melhor utilização do tempo de sobra.

⁸⁵ Meyer, Harold & Brightbill, Charles. *Community recreation*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1961. p. 90.

Elementos básicos do planejamento

Todo este planejamento se apóia no estudo dos recursos existentes na comunidade e nela prontamente mobilizáveis;

— padrões desejáveis nas acomodações e nas próprias atividades (fins prioritários a buscar);

— critérios de atendimento ao público (avaliação dos serviços prestados).

É claro que esta primeira tarefa, de sincronização das iniciativas na comunidade e de aproveitamento dos recursos ociosos e ativos já disponíveis, exige, de saída, a conquista do apoio da comunidade inteira, pois que é dela a responsabilidade principal em tais serviços. Assegurada esta aprovação do grupo, o trabalho pode ter bom desenvolvimento.

Providências fundamentais

As seguintes medidas impõem-se de início:

1. Formar pequena Junta, com representantes dos grupos interessados, para ficar à testa do planejamento e da supervisão do desenrolar do projeto.

2. Confiar à Junta a escolha do seu coordenador e da Comissão de Recursos Financeiros (cujo trabalho deverá principiar de imediato e correr paralelamente ao da Junta, porém no campo específico do levantamento de fundos).

Como o campo abrangido pela recreação é vasto e diversificado, é necessário definir logo, e com nitidez, as atribuições individuais dentro da Junta, a fim de prevenir mal-entendidos, duplicação de esforços ou, até, choques. Tais problemas iriam desgastá-la depressa, perante a opinião pública, de importância crucial em projetos de uso do lazer, pois que se subordinam todos a uma participação espontânea.

Quanto aos fundos indispensáveis, poderão originar-se de dotações orçamentárias, subvenções do governo, impostos especiais, incentivos fiscais, doações particulares (feitas regularmente por sócios, ou eventuais em decorrência de campanhas) e contribuições diversas (renda de torneios e espetáculos, aluguel de material, remuneração de serviços prestados, dividendos ou bonificações de capital etc.). Para angariá-los a Comissão fará um *orçamento-programa*, no qual discriminará a destinação precisa de cada verba. Por ser a causa da recreação mal conhecida (e, conseqüentemente, pouco compreendida) e por ser dilatado o seu terreno, mais do que

em qualquer outro orçamento é importante pormenorizar passo por passo.

Constituídas a Junta e a Comissão, o Grupo de Planeamento Imediato fará:

- a definição objetiva e inequívoca dos fins a alcançar; e
- o estabelecimento de uma ordem de prioridade dos objetivos pretendidos.

Já que esta ordenação corresponde a uma escala de valores, variando, portanto, de uma comunidade para outra, arrolamos apenas algumas medidas gerais, que poderão servir de roteiro básico ao planeamento. Enquanto isto, um grupo especial de trabalho se encarregará de:

- desfechar *campanhas* de sensibilização da opinião pública (particularmente das lideranças) para a relevância do problema, bem como para a repercussão das atividades lúdicas na vida do cidadão e da comunidade inteira, ressaltando os benefícios a auferir;
- rápido *estudo da comunidade*, cuidando de realizar levantamento das suas condições, nele incluindo os recursos materiais e humanos (disponíveis na ocasião ou mobilizáveis), os fatores geográficos e socioeconômicos que afetam as atividades recreativas, os hábitos de lazer prevalentes e as tendências que se configuram no aproveitamento do tempo livre.

Outras providências

Paralelamente a este apanhado ligeiro de informações, será vantajoso ir colhendo dados mais completos sobre os pontos abaixo arrolados, que permitirão melhor planeamento:

- densidade populacional da comunidade (com a respectiva variação nas zonas residenciais, comerciais, industriais e rurais, discriminando, se possível, as áreas de pequenos apartamentos e aquelas de casas com quintal);
- distribuição da população por idade e por nível socioeconômico;
- características fisiográficas básicas;
- principais aspectos culturais (hábitos locais de uso do lazer, tradições mais arraigadas, grandes comemorações, artesanato);
- acomodações e instalações já existentes para recreação (seu estado de conservação e sua localização, arrolando-se também os terrenos baldios, com o nome dos seus proprietários);

- facilidades de acesso às áreas atuais e potenciais de recreação (vias existentes e meios de transporte coletivo);
- órgãos públicos e entidades particulares que possam prestar colaboração real ao desenvolvimento do projeto;
- liderança local a atrair para o trabalho;
- problemas principais encontrados, necessidades sentidas pela população e tendências observadas.

A fase seguinte do trabalho envolve as iniciativas abaixo:

- Analisar a legislação existente a fim de averiguar as possibilidades de execução de cada etapa do projeto e de estabelecer as bases do movimento julgado conveniente para a obtenção dos novos textos legais, que se mostrarem indispensáveis. Vale aqui destacar a urgência de obter recursos para a compra de terrenos, antes que o crescimento urbano os vá retalhando e encarecendo demais.
- Confiar a parte executiva do projeto a organismo já existente ou especialmente constituído para tal fim, delegando-lhe poderes correspondentes às responsabilidades que lhe forem atribuídas.
- Conseguir a colaboração do maior número possível de entidades oficiais e particulares (escolas, igrejas, organizações cívicas e filantrópicas, clubes, firmas comerciais, empresas industriais e corporações militares), procurando não só melhor intercâmbio entre elas, mas, principalmente, unidade de orientação.
- Investigar as possibilidades de conseguir maior rendimento dos recursos já disponíveis. Muitos serviços, áreas, dependências e instalações poderão ser valorizados por medidas como: entendimento para a utilização comum de acomodações por entidades diferentes (exemplo curioso deste aproveitamento combinado vê-se em Pescia, na Itália, onde no mercado de flores funciona pela manhã uma quadra de basquetebol); cessão de auditório ou salão em edifícios públicos após o expediente normal, para reuniões regularmente programadas de clubes de passatempos, grupos de teatro etc., renovação periódica de exposições nos museus, bibliotecas e galerias de arte; permissão para grupos organizados ocuparem salas, ginásio ou campo de atletismo de estabelecimentos públicos e particulares de ensino, fora do horário das aulas; acordo visando à colaboração de alunos das escolas superiores na supervisão das atividades recreativas (notadamente dos estu-

dantes de música, belas-artes, serviço social, educação física, museologia e biblioteconomia); licença para as escolas utilizarem instalações externas e internas de clubes ou os campos de esportes de fábricas; obtenção do patrocínio de particulares (pessoas jurídicas ou físicas) para torneios, festivais, feiras etc., sendo especialmente importante assegurar a cobertura da imprensa escrita, falada e televisionada; colaboração de forças policiais e militares na cessão de bandas para festas, retretas ou concertos, bem como na permissão do uso, em horário prefixado, de instalações como pista de atletismo, piscina ou ginásio; autorização para o aproveitamento temporário de terrenos baldios como campo de jogos; regularização do transporte coletivo para os centros importantes de recreação; iluminação de áreas de uso público que facilite o seu aproveitamento em atividades noturnas; melhoria, ou, até, pavimentação da via de acesso a locais de interesse do programa; e urbanização das áreas adjacentes aos pontos de atração (com jardins, canteiros, bancos, mirantes, atalhos para passeios a pé, iluminação, pontos de água etc.).

— Angariar a colaboração ou ao menos o apoio de líderes locais (professores e diretores de escola, juiz, promotor, sacerdotes, médicos, políticos, jornalistas, radialistas, presidentes de clubes, empresários de indústria e comércio, chefes militares etc.).

— Recrutar pessoal para organizar e orientar as atividades. Visto ainda serem poucos no país os profissionais especializados, será interessante que municípios vizinhos entrem em acordo na contratação de um especialista, por prazo de seis a doze meses. Durante este período ele se encarregará do planejamento geral e da orientação técnica dos programas, bem como da preparação, em regime intensivo, de grupos de interessados (profissionais e estudantes de ramos afins) que se queiram habilitar para o trabalho em recreação. Nos maiores centros de cada região será vantajoso manter cursos regulares de formação de recreadores e diretores de programa, cabendo a cada município colaborar com recursos financeiros e enviar um representante seu, com bolsa de estudos, para deles se beneficiar.

De início será conveniente recrutar pessoal para recreação entre aqueles profissionais que já possuam experiência de trabalho com grupos, como os professores (primários, de educação física, de música e de artes) e os assistentes sociais. Além do pessoal remunerado, convém aproveitar voluntários, tendo

o cuidado de integrá-los na programação geral, preparando-os para manter unidade de orientação.

— Dar assistência técnica às instituições que oferecem as atividades e instalar na biblioteca pública um setor especializado em teoria e técnica da recreação.

— Articular o trabalho das várias instituições, de modo a evitar a superposição de atividades e conseguir programação variada durante o ano todo.

— Manter campanha permanente junto às escolas para que apanhem e promovam a prática regular de atividades recreativas como jogos, música (coro, banda, concertos, sessões de discos etc.), jardinagem, leitura desinteressada, dramatizações, trabalhos manuais, excursões, clubes (de cinema, jornalismo, línguas estrangeiras, jograis etc.).

— Insistir junto aos departamentos técnicos dos clubes para que não concentrem toda a sua atenção nos atletas, mas também encorajem e auxiliem os amadores.

— Cuidar do esclarecimento sistemático da opinião pública para dela merecer o imprescindível apoio. Neste trabalho, crucial em atividades voluntárias como as de recreação, convém mobilizar todos os meios disponíveis de comunicação e propaganda (cartazes, jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, telefone, alto-falantes e correio). É óbvio, no entanto, que o melhor esteio desta propaganda serão os serviços realmente prestados à comunidade (programas interessantes, bem planejados e executados com cuidado, diversificação de oportunidades, atendimento aos vários grupos de idade, sexo, nível de habilidade e condição socioeconômica, tratamento atencioso ao público etc.).

— Como parte importante deste esforço de conquista da opinião pública, prestigiar e auxiliar as festas e comemorações da comunidade, atraindo para elas mais espectadores, porém sobretudo mais participantes.

— Estimular o intercâmbio com comunidades próximas (por meio de excursões, visitas, torneios, campeonatos e celebrações conjuntas).

— Fazer avaliação contínua e sistemática dos resultados, obtidos para as necessárias revisões do programa (crítica que depende de boa documentação de todo o trabalho).

Planejamento a longo prazo

— Um trabalho paralelo, de maior fôlego e alcance, visará a consolidar, melhorar e ampliar acomodações e serviços. Para

isto convém levar em consideração: o crescimento da comunidade (o incremento populacional e a expansão dos seus recursos); a mobilidade da sua população; as tendências manifestadas no uso do lazer e os problemas que se podem prever; as necessidades futuras da comunidade em matéria de instalações e áreas (especialmente de espaços abertos); as oportunidades de educação para o bom aproveitamento das acomodações e dos serviços de recreação oferecidos; as possibilidades de formação de pessoal especializado em recreação, nos vários níveis de hierarquia (desde o monitor de jogos ao diretor de serviço ou departamento de recreação); os padrões ideais de áreas e acomodações, bem como as normas desejáveis de atendimento ao público; e as vantagens de um intercâmbio regular com as comunidades vizinhas e com os maiores centros da região.

O papel do recreador

Nunca será demais insistir na importância de obter em todo este trabalho a colaboração do especialista. Ele possui vivência do problema com grandes grupos, está a par dos interesses do público e tem os conhecimentos especializados indispensáveis ao planejamento e execução do programa. Sua contribuição será valiosa de vez que domina amplo repertório de atividades, conhece as técnicas e habilidades necessárias à sua prática, sabe dosar as sessões, está acostumado a lidar com as pessoas em situações diferentes das encontradas nos ambientes profissionais e dispõe de informações atualizadas sobre material e recursos disponíveis. Além disto, possui experiência das dificuldades mais comuns, sendo-lhe mais fácil evitá-las ou contorná-las.

É oportuno salientar a necessidade de se convocar desde o início do planejamento, em lugar da prática usual de só chamá-lo depois de terminada a instalação das áreas, para que descubra como as poderá utilizar. Sucede então que em vez de organizar o programa em torno dos principais interessados — a comunidade e os usuários — ele se vê obrigado a fazê-lo dentro das possibilidades que encontra. Estas, como sugere a experiência, não raro funcionam como elemento de limitação do seu trabalho, quando não de estorvo à sua atuação.

A participação da comunidade toda

Para o êxito deste trabalho é fundamental envolver nela a comunidade inteira, desde o planejamento e a programação

até as fases de execução e avaliação dos resultados. Assim, todos se sentirão co-responsáveis pelos serviços oferecidos. Como outras vantagens advindas desta participação direta e generalizada, convém destacar que a comunidade terá maiores possibilidades de conseguir objetivos importantes como:

1. o apoio dos mais diversos grupos;
2. certas dependências e instalações de alto custo (como grandes áreas, maiores recintos cobertos, sistemas de alto-falantes e de refletores, cessão de ônibus etc.);
3. caráter mais duradouro da programação, cujo funcionamento fica menos dispendioso, quando feito em conjunto;
4. maiores recursos para a contratação de serviços de profissionais (aos quais também pode oferecer regalias mais atraentes do que seria possível a entidades privadas ou isoladas);
5. programação tão variada e de preço tão acessível que mais indivíduos possam participar realmente (por encontrarem ocupações que lhes interessam ou porque várias atividades custam pouco, se não são gratuitas).

A tudo isto se acrescenta o fato de não dever a comunidade omitir-se no atendimento de uma necessidade básica dos seus membros, mormente quando as atuais condições de vida a aguçam. Ela também precisa ter consciência dos benefícios de tal programação para o progresso do lugar (de vez que propicia maior rendimento individual no trabalho e concorre para o embelezamento da região, que passa a atrair mais movimento e, naturalmente, mais renda, pela valorização dos terrenos situados nas proximidades das áreas de recreação e pelo estímulo a novos investimentos naqueles locais, como em restaurantes, motéis, lojas de artigos de recreação ou de souvenirs etc.). Repetidamente, tem-se verificado que a instalação de um grande centro esportivo ou cultural aumenta a renda de todo o município, pela afluência de público que precipita. Basta, por vezes, proporcionar uma oportunidade para a prática de recreação (como uma praia ou um lago artificiais ou, ainda, um parque), para que a localidade tome impulso. Já ocorreu, até, que o mero saneamento de um bairro tenha instigado o desenvolvimento de muitas atividades de lazer, como na Pampulha, em Belo Horizonte (onde toda a cidade logrou benefícios).

Finalmente, a comunidade deve perceber que compensa dedicar verba e trabalho às atividades lúdicas, visto que elas contribuem para reduzir aqueles problemas sociais que a falta de ocupação intensifica, como o alcoolismo ou o uso de drogas (com os males associados, de criminalidade e acidentes).

A programação — princípios gerais de planejamento e execução

Os seguintes *princípios gerais* podem servir de base ao planejamento e ao desenvolvimento do programa de recreação de uma comunidade.

1. Toda comunidade, seja urbana ou rural, deve manter o seu programa de recreação.
2. O programa há de estender-se pelo ano inteiro e atender a todos os grupos de idade, sexo, grau de habilidade e nível socioeconômico.
3. Sendo responsabilidade da comunidade inteira, o programa dependerá da cooperação de entidades públicas e particulares, bem como de grupos cívicos, religiosos e sociais, que já se interessam pela questão e dispõem de alguns recursos para as atividades recreativas (como escoteiros e bandeirantes, sociedades artísticas e esportivas, clubes de serviço do tipo dos *Lions* ou *Rotary*, e a imprensa nas suas diversas modalidades).
4. O programa de recreação da comunidade há de integrar-se naquele dos demais serviços públicos, entrosando-se com o das repartições afins, nas esferas estadual e federal.
5. Esta correlação entre os planos de ação das várias órbitas do Governo assume importância especial no momento de destinar, adquirir e instalar áreas para recreação pública, pois assim elas poderão ser melhores.
6. É necessário obter dispositivo legal que permita ao município planejar, financiar e administrar o programa de recreação pública.
7. Ainda que a administração municipal seja muito eficiente, é indispensável que organizações privadas partilhem do trabalho, para que se aproveitem ao máximo todas as possibilidades existentes e se atendam bem as necessidades dos cidadãos.
8. Para o bom andamento dos trabalhos de planejamento e manutenção das atividades é conveniente conseguir alguma taxação pública, feita por órgão local, com o fim de assegurar os recursos básicos a uma programação duradoura.
9. Como ponto de partida para o planejamento da programação serão considerados os interesses e as necessidades dos indivíduos e dos grupos envolvidos, levando-se ainda em conta os núcleos de vizinhança e os bairros.

10. Ao se planejar a utilização das acomodações para recreação é fundamental obter a cooperação de todos os organismos interessados.
11. O zelo pelo bom aproveitamento do tempo de folga não se deve resumir no oferecimento de programas em parques e centros de recreação; precisa estender-se a toda a população, cuidando-se de que no lar, na escola, na igreja e nas outras instituições de serviço seja ministrada educação para o uso construtivo do lazer.
12. Cabe à escola atenção especial a esta educação, competindo-lhe incluí-la no seu currículo, bem como propiciar boas oportunidades de aprendizagem nesse terreno.
13. Toda entidade diretamente ligada ao bem-estar social deve despertar a consciência do público para o sentido social da recreação. Sempre que possível cuidará de esclarecer ao grupo a razão da sua necessidade e o valor dos serviços e oportunidades oferecidos.
14. Os serviços prestados à causa da recreação por organizações voluntárias precisam receber a devida retribuição, seja por alguma doação especial, seja pela concessão de privilégios.
15. Cada entidade, organização ou grupo que ofereça programas de recreação ou disponha de acomodações para a sua prática precisa contar com pessoal qualificado, a fim de bem preencher a sua cota de serviço à comunidade.
16. Convém que o pessoal incumbido da recreação possua formação profissional apropriada e habilitação correspondente aos serviços que presta.
17. Recomenda-se que as comunidades com população superior a 8 mil habitantes tenham alguém que se dedique exclusivamente ao planejamento e à coordenação das atividades de lazer, proporcionadas a crianças, adolescentes e adultos.
18. Às associações e sociedades profissionais, de âmbito nacional, estadual e municipal, cabe cooperar na fixação dos padrões profissionais e dos objetivos a visar, de modo a tornar possível melhorar o atendimento ao público.
19. Os programas de recreação da comunidade devem respeitar as normas adotadas nos demais serviços públicos (como o registro profissional), de modo a assegurar o emprego de pessoal qualificado, com formação condizente.

20. Quanto mais variada for a programação, tanto mais possibilidades terá de atender às diferenças individuais. Seus objetivos serão: atrair o maior número possível de participantes (e não apenas os bem dotados); ampliar os interesses e as habilidades de indivíduos e grupos (em vez de estimular a especialização em certas áreas); e incentivar a prática pelo simples prazer de tomar parte ativa (e não para sobressair ou derrotar os outros).

21. Embora o programa de recreação da comunidade possa começar por atividades para crianças, aos poucos deverão ser acrescentados outros atrativos, até que pessoas de todos os grupos e idades possam encontrar algo de interesse para fazer nas horas vagas (como teatro, música, leitura, jardinagem ou debate de assuntos de importância geral).

22. Esportes, atletismo, música, teatro, atividades sociais, artes plásticas e comemorações de datas especiais deverão permitir aos adultos encontrar nos seus interesses comuns oportunidades de servirem juntos à comunidade.

23. Os programas de recreação precisam cuidar de desenvolver a apreciação estética em participantes e espectadores.

24. Nas suas horas de folga, os menores que trabalham devem encontrar oportunidades de experimentar as alegrias da vida social.

25. Os programas não devem levar em consideração que o domínio de conhecimentos sobre as atividades mais populares no grupo constitui parte importante da cultura. Como o prazer em uma atividade também depende de certas habilidades básicas, é aconselhável facilitar a sua aprendizagem.

26. Na sociedade industrial o esporte ocupa lugar de relevo, motivo pelo qual merece especial atenção. Além de elemento compensador do sedentarismo e das tensões da vida moderna, pode dar valiosa contribuição à vida em geral e em particular à formação dos jovens, desde que bem orientado. A esse propósito, parece oportuno transcrever aqui um pequeno trecho do *Manifesto sobre o esporte*, aprovado pela Unesco:

"O esporte possui justificações próprias, devendo integrar-se nos planos de desenvolvimento [dos países], pois é capaz de ajudar de modo eficaz a melhorar a saúde, a resistência e a eficiência da população, a reforçar a unidade nacional, a favorecer a participação na vida internacional e a diminuir as tensões raciais, em suma, pode acelerar o processo de desenvolvimento".⁸⁶

⁸⁶ Manifesto sobre el deporte. Op. cit., p. 17.

Fatores básicos a considerar na programação

Embora a programação varie conforme a comunidade (os costumes locais, as disponibilidades e recursos, os interesses prevalentes, as condições de clima, os padrões socioeconômicos etc.), sempre se apóia no seguinte:

— a clientela (idade, sexo, interesses dominantes em cada grupo, preferências manifestas dos indivíduos com qualidades de liderança etc.);

— oportunidades existentes (em termos de serviços já em funcionamento, de colaboração de entidades oficiais e particulares, de meios de transporte coletivo etc.);

— habilidades básicas necessárias à participação ativa (pois que o objetivo não é, por certo, aumentar o número de espectadores, pouco interessando programar atividades de difícil execução);

— tipos de grupos (crianças pequenas, alunos de ginásio, menores empregados, adultos, aposentados, donas de casa etc.);

— espaço e instalações materiais mobilizáveis;

— profissionais ou voluntários habilitados a dirigir as atividades;

— recursos financeiros disponíveis;

— apoio da opinião pública para as atividades programadas;

— tempo para cada atividade dentro do horário geral de atendimento;

— estatística de frequência (ou índice de aceitação das atividades, que justifique a continuação de cada experiência).

Finalmente, é imprescindível salientar que os serviços de recreação devem sofrer *avaliação crítica contínua* quanto às suas contribuições para o enriquecimento da vida dos indivíduos e da coletividade, tendo em vista os necessários reajustamentos.

Atividades mais comuns nos programas de recreação

Abaixo arrolamos atividades freqüentemente observadas nos programas de recreação, à guisa de lembrete para os encarregados do seu planejamento, insistindo na importância de atentarem para a idade dos participantes ao planejarem as várias sessões.

1. *Jogos e esportes.* Jogos simples ou de bola, jogos mais complicados de iniciação desportiva, esportes coletivos (como voleibol, futebol e basquetebol), esportes aquáticos (como natação e regatas), jogos de arremesso (como malha ou bo-

cha), ténis de mesa, hipismo, atividades atléticas (como corridas, saltos e lançamento de disco ou dardo), patinação, ginástica (rítmica, moderna, de solo, acrobática), jogos de mesa (como xadrez, damas, bilhar, *snooker* etc.) e jogos de salão.

2. *Música*. Brinquedos cantados, canções, canto coral, banda rítmica, conjuntos musicais, sessões de apreciação musical (com discos, fitas magnéticas ou audições de instrumentistas e solistas vocais), recitais, concertos de orquestra, exibição de bandas profissionais e reuniões de clubes de discófilos.

3. *Atividades manuais*. Desenho, recorte, colagem, pintura, escultura, modelagem, cerâmica, encadernação, gravura, trabalhos diversos (em madeira, *papier mâché*, couro, metal, chifre, conchas, isopor ou tecido plástico), tricô, croché, bordado, confecção de flores, tapeçaria, corte e costura, preparo de cartazes e de cenários de teatro, montagem de fantoches e marionetes, modelismo aéreo e naval, fabrico ou reparo de brinquedos.

4. *Atividades dramáticas*. Teatro de fantoches (ou mamulengos), de marionetes, de sombras e de máscaras, pantomimas, espetáculos variados, desfiles de moda, representações por grupos só de crianças ou só de adolescentes, apresentação de peças de amadores.

5. *Atividades sociais*. Reuniões festivas, piqueniques, visitas e passeios guiados a fábricas, museus, galerias de arte, planetário etc., celebrações de datas festivas, mostras individuais e exposições coletivas de arte, conferências e palestras seguidas de debate, reuniões de clubes (juvenis, femininos, de idosos etc.), campanhas (cívicas, de divulgação, de assistência social), leilões de prendas, feiras, quermesses, folguedos e festas populares.

6. *Atividades literárias*. Reuniões literárias, recitais de poesia (por declamadores isolados ou por coros de jograis), preparo de jornal mural, conferências sobre literatura, reuniões de clubes do livro, *hora da história* (para os pequeninos, geralmente com a ajuda de fantoches e em bibliotecas infantis), sessões em bibliotecas permanentes e itinerantes (estas últimas montadas em ônibus especiais, os *bibliobus*, ou em camionetas adaptadas ao sistema de *minibibliotecas*, que transportam livros, revistas, jornais, *slides*, filmes, projetores e gravadores de som, deslocando-se para praças, escolas, fábricas etc.).

7. *Dança*. Social e folclórica, reuniões de clubes de dança, bailes de conagraçamento, espetáculos de balé, balé aquático, sessões de dança moderna etc.

8. *Atividades ligadas à natureza.* Grupos de pesca (simples ou submarina), montanhismo, jardinagem, excursionismo, campismo, associações de colecionadores (de pedras, conchas, animais empalhados), grupos de criadores de peixes, aves ou flores (com as respectivas exposições), desfile de cães, cavalos ou gatos de raça, exibição de animais amestrados, colônias de férias.

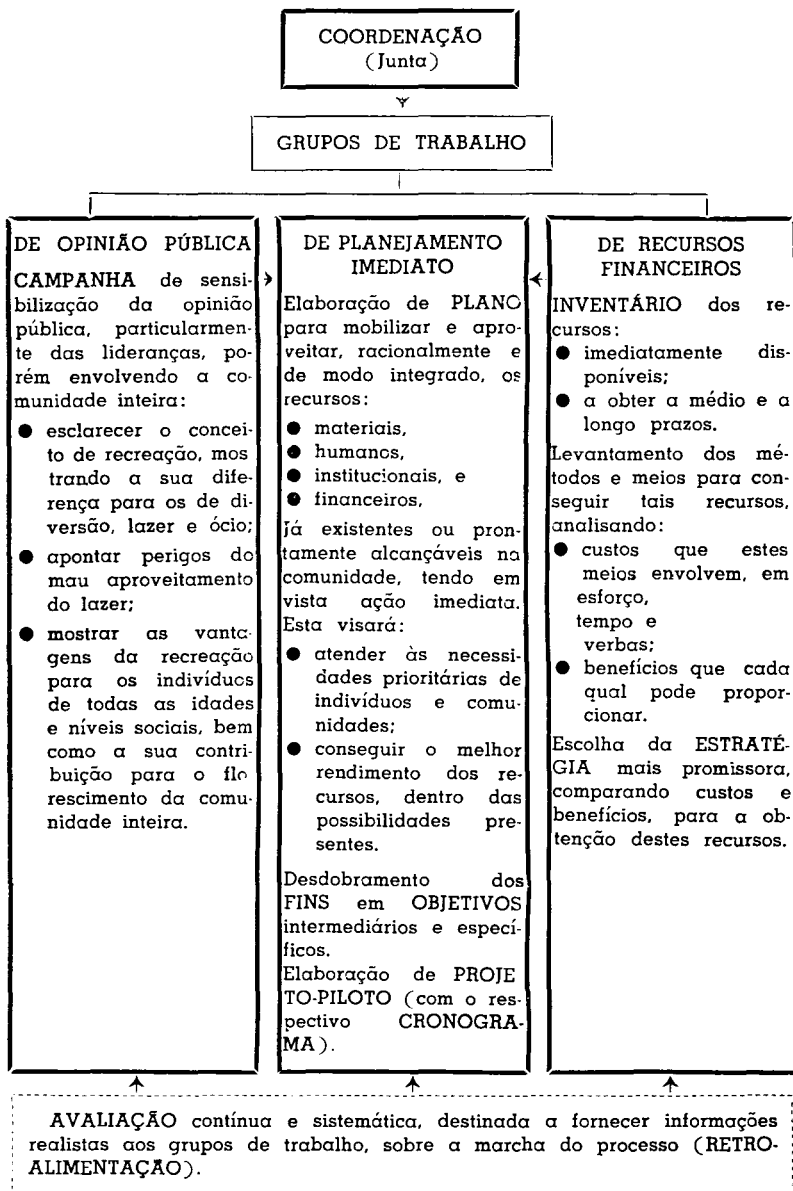
9. *Grandes comemorações.* Dias especiais (da criança, da mãe, do pai, do livro, da árvore, do índio etc.), festas religiosas (padroeiro da cidade, São João, São Pedro, Santo Antônio, Natal e Páscoa), datas cívicas, festas tradicionais (com os seus atrativos característicos, como banda de música, fogos de artifício, carros alegóricos, reisados, cavalhadas, vaquejadas, congadas, cheganças, autos como bumba-meu-boi etc.), grandes feiras (de artesanato, de gado, de comércio e indústria, de ciências), carnaval (grupos de frevo, maracatu, blocos, desfile de fantasias), aniversários, chegada da primavera, primeiro de abril etc.

10. *Diversos.* Exposições sobre temas selecionados, que se vão periodicamente renovando (como de fotografias relativas a determinado assunto, slides sobre certa matéria, cartazes, enfeites de mesa ou de casa, trabalhos de pessoas idosas ou de excepcionais), mostras de coleções individuais (de selos, moedas, miniaturas, xícaras etc.), exibição de produtos ou vistas de uma região ou de um município, sessões especiais de cinema (*avant-première*, filmes de arte), programas escolhidos de rádio e televisão, cineclubes, clubes de charadismo (torneios e campeonatos internos ou com outros bairros ou municípios), atividades para portadores de deficiências físicas, festivais (da canção, da dança folclórica, de fantoches, de marionetes, de ginástica etc.).

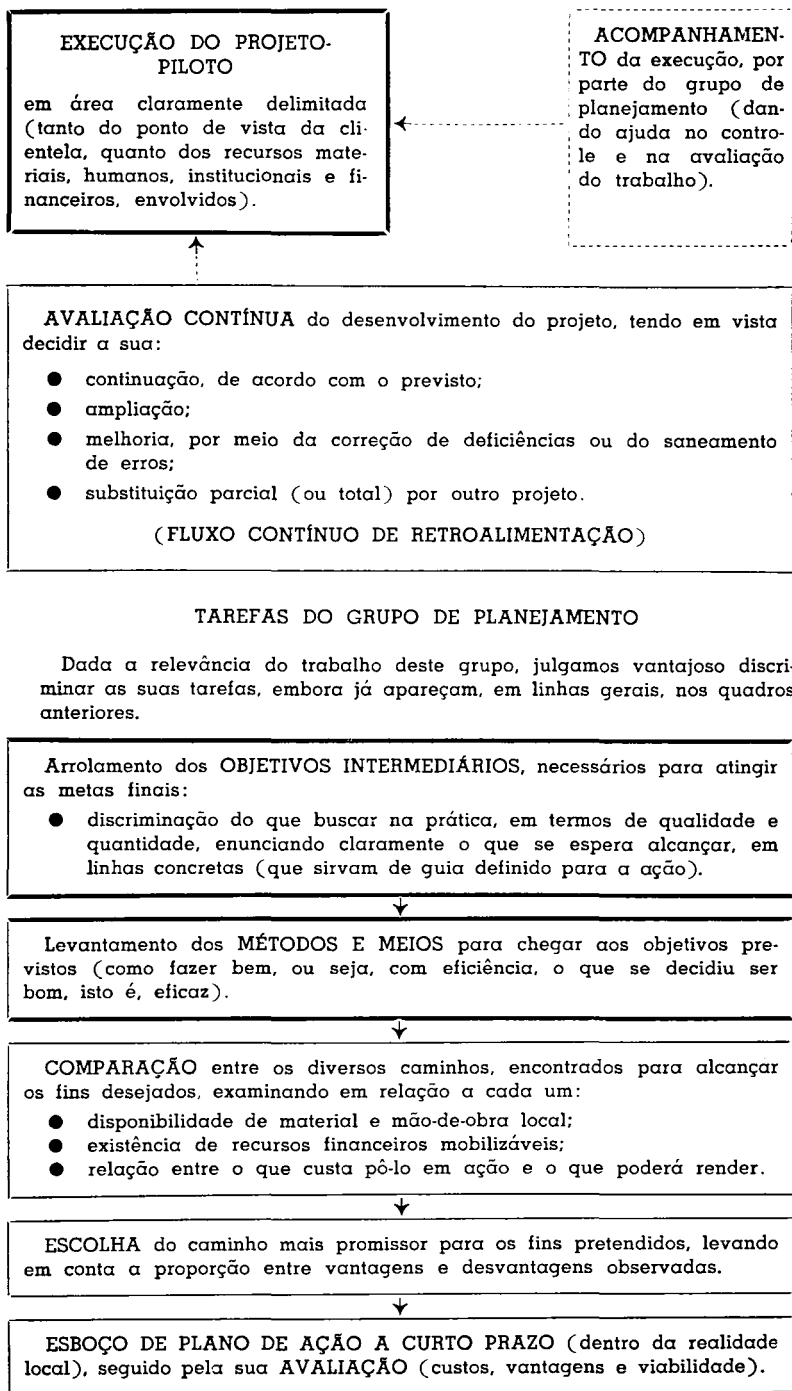
ROTEIROS PARA PRONTA AÇÃO

Uma JUNTA DE RECREAÇÃO harmonizará as atividades dos primeiros grupos de trabalho (os quais serão, de preferência, pequenos). Ela terá como tarefas iniciais:

- escolher um Coordenador dos trabalhos;
- enunciar finalidades precisas (pois aquelas gerais, com que todos estão de acordo, pouco efeito prático costumam produzir);
- dispor tais fins por ordem de prioridade, para a comunidade; e
- especificar métodos, instrumentos, agentes econômicos e prazos de execução, para as tarefas previstas.



DESENVOLVIMENTO DO PROJETO-PILOTO



Elaboração de PROJETO-PILOTO, destinado a experimentar, em pequena escala, o plano montado (ou parte dele). Especificação de:

- prazos (cronograma das tarefas);
- custos (globais e parciais);
- recursos necessários (técnicos, administrativos e materiais);
- fontes dos recursos financeiros;
- apoio legal.



AValiação do projeto-piloto, em função das metas visadas e da situação real da comunidade, buscando responder às seguintes perguntas:

- será valioso para a comunidade?
- atenderá aos seus objetivos prioritários?
- satisfará necessidades e aspirações importantes dos vários grupos?
- são os mais promissores os métodos escolhidos, em termos de rendimento (diante dos custos e esforços)?
- será o projeto exeqüível, dentro de curto prazo, com os recursos humanos, materiais, institucionais e financeiros disponíveis?



APROVAÇÃO do projeto-piloto (tal como inicialmente planejado ou após a reformulação sugerida pela avaliação, tendo em mira o melhor aproveitamento dos recursos mobilizáveis, na consecução dos objetivos buscados).

ROTEIRO PARA TRABALHO A LONGO PRAZO

Fixação do PLANO GLOBAL de ação, ao qual se irão incorporando as modificações sugeridas pela experiência (incluem-se aqui medidas que seguem os mesmos passos apontados no planejamento inicial).

São decisões importantes:

- manutenção dos serviços acaso existentes?
- expansão de tais serviços? de que forma? qual o cronograma das tarefas?
- criação e instalação de novos serviços? quais? qual o cronograma correspondente?
- gastos previstos com aquisição de áreas? e para nelas fazer construções e instalações?
- gastos com material de uso diário, que sofre grande desgaste?
- gastos com pessoal técnico e administrativo?

Projeto paralelo, destinado a assegurar PESSOAL ESPECIALIZADO.

Decisões sobre pessoal, especificando como serão feitos:

- recrutamento e seleção de especialistas, nas várias áreas e nos diversos níveis de hierarquia funcional;
- adaptação de funcionários de áreas afins (como ensino, saúde, serviço social, biblioteconomia e artes), tendo em vista o seu aproveitamento nos programas de recreação;
- aperfeiçoamento e atualização do pessoal especializado disponível (estágios e cursos, na comunidade ou fora dela, no País e no estrangeiro);
- formação regular do pessoal, para ir suprimindo devidamente as necessidades locais.



↓

DESENVOLVIMENTO DO PLANO GLOBAL

Cumprimento das etapas previstas, dentro dos cronogramas, com os reajustamentos que as circunstâncias e a experiência forem exigindo.

↓

ACOMPANHAMENTO PARA CONTROLE DO TRABALHO

Documentação do trabalho:

- formulários de inscrição;
- cadastro de programas;
- fichas de frequência;
- relatórios das atividades;
- fotografias, gravações, filmes etc.

Estudo da documentação:

- análise estatística;
- interpretação → conclusões.

↓

AVALIAÇÃO CONTÍNUA E SISTEMÁTICA dos resultados: crítica do trabalho, em cada etapa e no seu conjunto, a fim de o aperfeiçoar e ir ajustando às novas exigências (decorrentes da mudança social, da modificação da clientela e do crescimento do pessoal especializado).

Coleta de dados, para análise e interpretação → informações qualitativas e quantitativas:

- que objetivos foram totalmente atingidos, no grau desejado? e parcialmente?
- que objetivos se mostraram realmente valiosos para as pessoas? e para a comunidade?
- que serviços convirá manter? ampliar? corrigir? substituir? ou abandonar?
- foi satisfatória a atuação dos encarregados pelas atividades? até que ponto?
- os especializados precisam de melhor treinamento? em que setores específicos?

↓

DECISÕES sobre:

- objetivos — quais conservar? expandir? reformular?
- meios para alcançar os objetivos — que meios manter? corrigir renovar?
- controle de resultados e documentação — que continuar? mudar? acrescentar?

FIXAÇÃO DE PADRÕES de:

- atendimento ao público (em qualidade e quantidade, em termos de áreas, instalações, equipamento e pessoal qualificado);
- controle e supervisão das atividades;
- documentação do trabalho.

RECREAÇÃO E PLANEJAMENTO URBANO

"A urbe, entre os antigos, não se formava no decorrer do tempo pelo lento desenvolvimento do número de homens e das construções. Fundava-se a urbe de uma só vez, inteiramente, em um só dia." *Fustel de Coulanges*⁸⁷

"No mundo inteiro a população aumenta, cresce a circulação dos automóveis nas estradas e nas ruas, erguem-se fábricas nos espaços livres, que antes permitiam às crianças brincar em segurança e cidades substituem aldeias e fazendas. A paisagem natural de prados, bosques e colinas, uniformiza-se sob uma capa cinzenta de concreto.

É necessário que as autoridades competentes intervenham para regularizar esta evolução, antes que não sobrem mais terrenos para satisfazer as necessidades vitais das crianças e dos adolescentes." *Organisation Mondiale pour l'Éducation Préscolaire*⁸⁸

Por toda parte o agigantamento das cidades vem mostrando a urgência de se disciplinar o crescimento dos centros populacionais, a fim de que os seus habitantes possam ver atendidas as necessidades básicas de seres humanos. Na medida em que se propaga e acelera o processo de urbanização, vai-se impondo também o planejamento dos novos núcleos urbanos, tendo em vista permitir aos seus ocupantes o direito de trabalhar não muito longe de casa e de poder gastar com satisfação suas horas de lazer. Faz-se necessário, ainda, prever o aproveitamento da terra de modo que os homens tenham não só boas condições de moradia mas possam circular desembaraçadamente pelas ruas, protegidos da agitação, do barulho e da poluição, característicos dos modernos aglomerados urbanos, sem perder o contato com a natureza.

Um crescimento rápido e indisciplinado

Na maioria das vezes, entretanto, o que acontece é que o povoado dilata-se em vila e esta em cidade sem qualquer plano de ocupação do solo, o que exacerba as dificuldades naturais dos núcleos mais populosos. Com frequência a habitação torna-se um problema, surgem deficiências na rede de abastecimento, os transportes coletivos ficam insuficientes e se multiplicam os impedimentos ao trânsito. Cedo o administrador vê-se obrigado a regularizar as vias de acesso, a ordenar as

⁸⁷ Coulanges, Fustel de. *A cidade antiga*. 9. ed. Trad. do francês, Lisboa, 1957, v. I, p. 198.

⁸⁸ Organisation Mondiale pour l'Éducation Préscolaire, *Place au jeu*. Copenhague, Nordlundes Bogtrykkeri, 1965, p. 63.

ruas, a combater os engarrafamentos, a reservar áreas para o estacionamento de carros e a dividir a cidade em zonas que tornem mais prática e agradável a vida. Para tanto, porém, contraria interesses particulares, precisando vencer uma série de obstáculos, como precedentes ou direitos adquiridos. Deve, ainda, agir com presteza, pois não raro é vertiginosa a expansão urbana, faltando-lhe tempo para prevenir as dificuldades (como sucedeu em São Paulo, que se transformou tanto a ponto de ter sofrido verdadeira mutação). E enquanto o administrador está a corrigir alguns setores, na periferia da cidade brotam novas ruas, em franjas pioneiras, desprovidas dos mais elementares serviços públicos (como água, luz ou esgoto).

Paralelamente, onde quer que haja um terreno baldio, nele desabrocham casebres, como cogumelos. À par disto, à medida que o automóvel começa a permitir às pessoas de maior nível econômico morar em zonas afastadas e tranqüilas, instalando-se em bairros residenciais de alto padrão, as antigas áreas que elas vão abandonando entram em decadência. Muitas das suas mansões transformam-se em casas de cômodos, firmando-se um processo de deterioração. Destarte, de um lado a cidade conquista quarteirões modernos, com casas ajardinadas (como na capital paulista, a partir de 1910, quando surgiu o Jardim América, ao qual se seguiram outros *bairros-jardim*, no vale do rio Pinheiros), ao passo que do outro ganha faixas de degradação, pontilhadas de cortiços. Há que acorrer a tudo e com pressa, já que o avanço se faz desordenado.

Concomitantemente, já que o progresso e a especulação imobiliária encarecem o terreno urbano, alguns núcleos da vizinhança convertem-se em *ciudades-dormitório*. Nelas é comum construírem-se conjuntos de casas populares, freqüentemente mal cuidados, com sistema precário de esgotos, que transbordam a cada chuva mais forte, e sem local para recreio. Passa, então, o homem a levar uma vida repartida entre o trabalho e a condução (nesta consumindo quase toda a sua folga), para chegar à casa exausto e encontrar condições deficientes de habitação. E tal fenômeno é ainda agravado pelos *loteamentos artificiais* feitos nas faixas adjacentes às metrópoles. Sem qualquer obra de beneficiamento urbano, vendem-se ali *lotes teóricos* (pois não passam de mera demarcação em planta), em regra a quem não os pretende ocupar, mas só aguardar que a terra se valorize. E enquanto espera, o terreno vai sendo ocupado por barracões os mais primitivos. Como o lucro é maior quando os lotes são pequenos e há leis que regulam os loteamentos, surgem companhias que simulam um clube ou condomínio de fim de semana, a fim de retalhar a

terra em pedacinhos e os vender ao habitante da grande cidade.

Desta maneira, espalham-se os núcleos urbanos, devorando o campo à sua volta, já tão sacrificado pelas estradas de rodagem e sufocado por monstruosos cartazes de propaganda. Como se isto não bastasse, as indústrias que fogem do centro da cidade (e ultimamente da sua periferia) invadem-no com os seus soturnos *parques fabris*, logo envolvidos por tendinhas, botequins e vendas, a enegrecer ainda mais e tornar artificial o ambiente onde se vive. É óbvio que também o aproveitamento do lazer ressentem-se desta situação, especialmente da ausência de um mínimo de acomodações, quando não de simples espaço livre. O mais grave, contudo, é que estes fatos não se limitam aos velhos centros populacionais. Uma capital moderna e inteiramente planejada, como Brasília, já exhibe nas suas cidades-satélites áreas deprimentes, como as chamadas *invasões*, conservando também o centro pioneiro ou *núcleo bandeirante* (às vezes chamado *Cidade Livre*), que de acampamento provisório tornou-se centro permanente. Este último parece uma transposição das zonas de mocambos de Recife, de favelas do Rio ou de malocas de Porto Alegre. E a explosão demográfica, reforçada pela sedução que a cidade exerce sobre o homem rural, leva o fenômeno a repetir-se onde quer que floresça a metrópole: é a *villa miséria* em Buenos Aires, a *bidonville* das grandes cidades africanas, a *slum area* de Chicago ou New York, a faixa de palhoças em Calcutá, o morro recoberto de tugúrios em Hong-Kong e assim por diante.

O planejamento para uma vida melhor

Confrontadas por tantos problemas, várias municipalidades vêm procurando regular o crescimento urbano, ao mesmo tempo em que alguns governantes se propõem a construir cidades que devolvam ao homem a possibilidade de viver em meio propício. Assim, no início do século começaram a erguer-se nas proximidades de Londres as *cidades-jardim*, como Letchworth ou Welwyn. Atualmente ali já florescem várias cidades novas, planejadas à base de unidades de vizinhança, nas quais se procurou atender aos seguintes padrões de utilização da área (calculados para cada 1 000 habitantes): 1,2 hectares para campos de esportes; 0,2 hectares para parques infantis de recreação; e 1,5 hectares para os maiores parques públicos. Reservaram-se também 0,2 hectares para o estádio central e uma vasta área de esportes, prevendo-se que as escolas (responsáveis por 7,5% da área construída) contribuíssem com outros espaços livres pelos seus campos e pátios de recreio.

Igualmente a iniciativa privada vem procurando soluções para a vida urbana, como fez em Tapiola, cidade planejada e construída por uma empresa, dentro de uma floresta perto de Helsinki. Embora ela só tenha começado a ser habitada há menos de 15 anos, hoje os compradores disputam as casas que ainda se estão traçando, tais os atrativos que a localidade oferece. No início, a maioria dos seus habitantes trabalhava na capital finlandesa, porém agora, com a prosperidade do núcleo, muitos lá se estabeleceram, com lojas e escritórios ou nos serviços públicos locais.

No que diz respeito ao planejamento das acomodações para recreação pública, convém assinalar a obra pioneira da Dinamarca. Assim, já em 1939 a *Lei das Novas Edificações da Cidade de Copenhague* determinava que em cada bloco residencial novo, construído para abrigar mais de oito famílias, a municipalidade poderia exigir um *playground* para as crianças, separado da área de serviço e da garagem. Em 1961, outra lei estenderia a todo o reino tais condições, observando-se nesse meio tempo o aparecimento de soluções originais para o problema do bom uso do tempo livre, como as ruas de recreio (interditadas ao trânsito) e os *Skrammelplädser* (parques infantis onde os próprios usuários constroem, com tábuas, tijolos, cordas, pneus imprestáveis etc., o aparelhamento de recreação). Tais idéias foram aproveitadas em outros países, florescendo na Suécia, na Inglaterra, na Suíça e nos EUA, onde sofreriam as devidas adaptações locais, preservando, porém, a idéia básica do aproveitamento para recreio de áreas situadas perto de casa, embora ao abrigo dos perigos da cidade.

Com o correr dos anos, o cuidado com as acomodações para crianças ampliou-se a fim de abranger as destinadas aos demais grupos etários, cujas necessidades foram paulatinamente sendo reconhecidas. Já são numerosos os países que vêm cuidando disto, quer por meio de exigências legais, quer pela iniciativa de particulares conscientes da sua relevância. Dentre estas últimas, destacam-se alguns projetos de fácil execução, como as amplas varandas dos edifícios de apartamentos (protegidas por grades metálicas ou vidro inquebrável), as áreas de recreio na cobertura, sob os pilotis ou no andar térreo dos grandes prédios, as ruas reservadas a pedestres ou a transformação provisória de terrenos baldios e murados em lotes de recreio. Recentemente, inaugurou-se em Tóquio um edifício de quatro pavimentos — o *Centro Shibuya de Bem-Estar da Criança* — inteiramente destinado à recreação, tendo piscina, caixa de areia, rинque de patinação, ginásio etc., nu-

ma área construída de 3 600 m². Embora o atendimento previsto fosse de 500 crianças por turno de duas horas, ele já anda pela casa dos 2 600, vendo-se diariamente filas de candidatos.

O crescimento urbano no Brasil — um fenômeno recente

Já comentamos o predomínio da sociedade rural entre nós, pois a industrialização aqui se fez tardia (por razões antes apontadas). Durante o período colonial, a própria estrutura socioeconômica dominante não favoreceu a instalação da vida urbana, só prosperando de início os núcleos correspondentes aos portos de ativo comércio exterior e, mais tarde, os centros de extração mineral e de borracha. O latifúndio, com o seu triângulo engenho-residência-capela, costumava bastar-se a si mesmo, por isto somente desabrochando no século XVI poucos centros urbanos (3 cidades e 14 vilas). No século seguinte continuariam muito baixos tais números e decorridos 300 anos do descobrimento, já ao tempo da Independência, ainda contaríamos apenas com 225 aglomerados urbanos. Destes, unicamente 12 poderiam ser classificados como cidades, embora na opinião de Oliveira Viana (*Evolução do povo brasileiro*) não passassem de aldeias em ponto grande.

Realmente eram acanhadas as nossas cidades, o que refletia a sua reduzida importância no sistema da Colônia, dominado pela casa grande auto-suficiente. A não ser os grandes centros de exportação, resumiam-se a algumas ruas estreitas, que, partindo de amplo largo junto à matriz, cresciam sinuosamente, a contornar os empecilhos naturais, como morros, charcos ou ribeiros. Seu casario baixo e modesto comprimia-se nestas vias mal iluminadas e desprovidas de calçamento. Não se evidenciava diferenciação funcional das partes da cidade nem diversificação do comércio, de regra inexpressivo e restrito à venda ou empório (pois o grosso das trocas incumbia aos mascates). Compunham ainda tais núcleos de povoamento uma sede para a autoridade e aqui e ali um grande largo ou rossio. Mesmo no Rio de Janeiro, a cidade que mais cresceu e maior opulência atingiu, até as ruas principais eram revestidas de pedras mal ajustadas, correndo-lhes no centro suja valeta.

Nas próprias regiões agrícolas, que nos sustentavam a economia, as vilas pareciam meros postos administrativos ou simples locais de reunião para as grandes celebrações religiosas. Sua população ainda se ligava muito ao campo, sendo que as melhores residências pertenciam aos fazendeiros que acumu-

lavam as funções de comerciante. Além disto, eram reduzidas as atividades artesanais.

Como a exploração do pau-brasil não exigia fixação à terra, os primeiros povoados surgiram da necessidade de posse do solo, tendo fins administrativos ou militares (estes de defesa contra o invasor estrangeiro ou o índio). Assim despontaram Salvador e São Luís, por exemplo, (em acrópole, diante de baía segura) e mais tarde os aldeamentos indígenas organizados pelos jesuítas, os quais iriam originar vilas (como Macaé ou Guarapari). Mas destes primeiros núcleos só lograriam impulso os que se estabeleceram como centro de atividades econômicas, transformando-se em portos de exportação. Posteriormente, com a expansão destas atividades (que haveriam de definir os nossos ciclos econômicos), outras cidades foram crescendo, embora desde a fundação da primeira vila, em 1532, perto do atual porto de Santos (com o nome de São Vicente), devesse o nosso povoamento caminhar lenta e desigualmente por todo o território.

Enquanto o comércio de açúcar fazia germinar algumas cidades, cuja função era de empório ou porto de escoamento (como Recife), com o tempo alguns núcleos iam despontando junto às mais importantes vias de comunicação (como Januária, que floresceu à margem do São Francisco). Assina-se aqui o grande número de vilas com o nome de Cachoeira, pois que muitos povoados desabrochavam nos pontos habituais de troca do transporte fluvial pelo terrestre, já que uma queda d'água barrava o caminho ao viajante.

Paralelamente, nas trilhas rasgadas para ligar os núcleos produtores de gado, no sertão, aos centros de consumo, no litoral (onde se concentravam os maiores aglomerados humanos), emergiam vilas, cujo nome até hoje traz essa origem (como Pouso Alegre, Passo Fundo ou Registro). Ao difundir-se a criação, também nos pontos de comércio de animais instalaram-se vilas (como Sorocaba, importante feira de burros, ou Feira de Santana, grande centro de gado), derivando outras cidades dos pousos ou ranchos habituais de tropeiros (como Passa Quatro ou Ponta Grossa). Destarte, inicialmente força de tração nos engenhos e depois meio de transporte do desbravador, o gado representou para nós não só elemento de peso econômico mas de crescimento urbano.

Chegado o século XVII, sobressaía no panorama colonial a cidade de Recife, que suplantara Olinda, antigo núcleo da nobreza rural, incendiado pelos holandeses em 1631. Transformada pelo conquistador flamengo em centro de toda a região, abrigava próspera burguesia de comerciantes, que tiveram papel decisivo no seu florescimento. Enquanto isto, ao sul, in-

ternavam-se os bandeirantes pela Colônia, a plantar uma sucessão de arraiais, de início simples pousos provisórios, porém mais tarde consolidados alguns em freguesias e vilas. Neste desbravamento pioneiro iria destacar-se no meio do século a figura de Antônio Raposo, que partindo de São Paulo alcançou a Amazônia, numa epopéia que concorreu para o alargamento da nossa ocupação territorial.

No ciclo da mineração, em consequência da súbita expansão de alguns arraiais de garimpeiros e faiscadores, floresceram no interior cidades como Vila Rica, Mariana, São João del-Rei, Cuiabá e Goiás. Mas na corrida ao ouro e aos diamantes, as ruas foram-se alongando desordenadamente, a subir e descer morros, onde plantavam igrejas deslumbrantes de ouro, decoradas com pedra-sabão e talha de madeira, na típica profusão de ornatos do estilo barroco. Em breve transformaram-se aqueles aglomerados humanos em ativos centros de vida política, intelectual e artística, onde medrou uma sociedade que importava não só mercadorias, mas hábitos europeus, cultivava letras, artes e vida social, comprazendo-se em embelezar casarões e ruas. Assim conseguiu Vila Rica atingir o terceiro lugar na Colônia, destacando-se pelo seu alto padrão de vida, do qual nos ficaram por testemunho as amplas mansões com capelas ornadas e as ruas com pontes e chafarizes lavrados em pedra de Ouro Preto.

Esta prodigiosa riqueza fez progredir o porto por onde se escoava, contribuindo para que o Rio de Janeiro fosse alçado em 1763 à posição de capital dos vice-reis, conquistando assim maior prestígio político e administrativo. Todavia, só no século XIX, com a transmigração da família real e a abertura dos portos, receberia a vida urbana alento definitivo. O Rio, que junto com Salvador e Recife integrava o pequeno grupo de centros adiantados de então, muito superiores aos demais núcleos urbanos, com isto iria prosperar ainda mais, até firmar-se na dianteira das nossas cidades e se modernizar. Posteriormente, a ascensão do café consolidaria tal situação de primazia, transformando-o em capital opulenta de um país independente (apesar de não contar fábricas, como assinalava Charles de Ribeyrolles, em 1858). A essa altura, a abolição do tráfico (com a conseqüente liberação de capital para outros empreendimentos), a inauguração de ferrovias e a imigração européia impulsionavam o nosso processo de urbanização. Ao mesmo tempo em que as estradas de ferro iam vencendo as distâncias, nas estações de trem formavam-se povoados (como as vilas ditas *pontas de trilho*, a exemplo de Lins), progredindo mais as situadas em entroncamentos (como Bauru ou Cruzeiro). Por outro lado, a colonização européia engrossava

os núcleos onde os imigrantes se fixavam (como Bento Gonçalves ou Caxias do Sul), além de gerar novos povoados (como Joinville ou Blumenau, centros que logo se notabilizaram pelo seu artesanato).

A par deste movimento, diversas vilas continuavam a surgir pela antiga forma de alargamento da ocupação territorial para fins agrícolas, constituindo-se outras por loteamento rural de patrimônio doado à Igreja ou a determinado santo (como Jundiá ou São Carlos). Ainda na área rural, a capela representava poderoso fator de aglutinação, atraindo gente para a freguesia, a qual logo tomava impulso (como ocorreu em Uberaba ou Lages). Observava-se também a criação de cidades por patrimônio leigo, pois alguns fazendeiros estavam a lotear terras para a instalação de vilas. Finalmente, criavam-se outros centros urbanos por projeto governamental, em esforço pioneiro de planejamento (como Teresina em 1852 e Aracaju em 1855).

Entretanto, como resquício da economia colonial, não só permaneciam raras as grandes cidades, como ainda se concentravam na faixa litorânea, correspondendo em geral aos velhos centros exportadores. Mesmo São Paulo só iria principiar o seu impressionante surto ao fim do século passado, graças ao café e à imigração, esta principalmente italiana. Contudo, instalada a República, as indústrias apressaram o ritmo da urbanização, ao concentrarem a seu torno grande massa humana e intensificarem as atividades do setor terciário, provocando significativa mudança na composição profissional da população ativa. Não obstante tal avanço urbano, persistiam no país grandes disparidades nos moldes de vida, mantendo-se a tendência ao crescimento das povoações da costa. Ainda nos primeiros anos do século XX os nossos maiores centros iriam situar-se quase todos perto do mar, a saber, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belém, Porto Alegre, Fortaleza e Niterói, só ficando fora desta faixa o porto de Manaus e a capital paranaense. Saliente-se que dentre elas apenas as quatro primeiras eram realmente desenvolvidas, abrindo mais de 100 000 habitantes.

A expansão da rede urbana

No século atual verificou-se intenso crescimento demográfico, que contribuiu para instigar a nossa urbanização. De cerca de 30 600 000 habitantes em 1920, a população brasileira passou para aproximadamente 70 900 000 em 1960, elevando-se numa taxa anual média de 2,4% (índice que atingiu 3% na década de 1950). A esse tempo, diversas companhias loteadoras acha-

vam-se a desbravar áreas no interior e a vender terrenos, como a Companhia Norte do Paraná, que assentou linhas de transporte e negociou terras no seu trajeto, planejando localidades com zonas suburbanas e cinturões verdes a cada 15 ou 12 km sobre a ferrovia.

Em conseqüência desta expansão demográfica e da crescente industrialização (que se deveria acelerar na segunda metade da década de 50), avolumaram-se muito as grandes cidades, que logo atraíram os habitantes do campo. Tangidos pelas dificuldades do meio rural e fascinados pelos centros urbanos, onde viam multiplicarem-se as atividades geradoras de emprego, para eles acorriam milhares de homens do interior. Além dessa ampliação do mercado de trabalho, oferecido pelas fábricas, ativavam o êxodo rural a possibilidade de absorção da mão-de-obra não especializada pela construção civil e o alargamento do setor de prestação de serviços. Assim, no período de 1940 a 1950 os empregos subiram de 2,3% na indústria e de 5,3% no setor de prestação de serviços, enquanto que nas atividades agrícolas ascenderam somente de 1,7%. Nas décadas seguintes acentuou-se tal desequilíbrio, como se pode observar pelas taxas abaixo, de participação destes setores na formação do produto interno bruto.

Ano	Agricultura	Indústria	Serviços
1949	26,4%	23,2%	50,4%
1959	21,0%	29,5%	49,5%
1969	18,0%	31,4%	50,6%

Aliada ao próprio incremento demográfico, a corrida para a grande cidade acelerou a urbanização, assinalando-se que, enquanto de 1940 a 1950 a população total do país crescia de 25%, a urbana aumentava de 45%. Esta última população, que em 1940 abrangia 31,2% do total nacional e em 1950 incluía 36,2%, iria em 1960 superar os 46%. Registrou-se, portanto, de 1940 a 1960 um crescimento 3,4 vezes maior da população urbana que da rural. Este esvaziamento progressivo do campo concorreu para a sua deterioração, agravada pelo fato de não mais persistirem as fazendas auto-suficientes, características da estrutura colonial (embora, em compensação, onde a moderna tecnologia atingisse a área rural, subisse a sua produtividade). Enquanto isto, os homens do campo, que se transferiam para o grande centro, iam-se instalando em barracos de madeira e cortiços, nas franjas pioneiras, que alargavam ao se amontoarem nas mais precárias condições de higiene e espaço.

Um crescimento desigual

Apesar deste acentuado avanço global, a nova população urbana não se distribuiu uniformemente pelos vários núcleos, mas buscou os maiores aglomerados, que então se dilataram sempre mais. De início este processo de urbanização intensificou-se nas capitais estaduais, que se desenvolveram muito. Destaque-se a propósito o extraordinário crescimento nos últimos 30 anos de Belo Horizonte e, mais recentemente, de Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza e Salvador, entre as capitais que disputam a primazia após as maiores metrópoles. Quanto a estas últimas, continuam a exercer a maior atração, agigantando-se. Se em 1940 as grandes áreas metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife englobavam 12,6% da população, em 1950 essa percentagem ascenderia a 15%, indo em 1960 a 18,2%. Neste ritmo, estima-se que em 1980 mais de um quarto da nossa população esteja reunida em fração mínima do território brasileiro, particularmente no eixo Rio—São Paulo. Já em 1960, somando-se a população do Rio com a da capital paulista, atingiu-se 14% do total do país, percentual que aumentaria se baseássemos o cálculo no Grande Rio e no Grande São Paulo. Por outro lado, bastaria marcar num mapa as cidades de mais de 20 mil habitantes para se perceber como se agrupam em alguns trechos, deixando entre si enormes hiatos.

Ainda hoje a nossa rede urbana caracteriza-se por número reduzido de cidades grandes (exatamente 34 com mais de 100 mil habitantes, em 1960), escasso total de centros médios (de 50 a 100 mil habitantes) e extensa série de pequenas localidades. Como os numerosos aglomerados de menos de 5 000 habitantes compreendem considerável parcela da população urbana, verificam-se fortes desníveis entre os moldes de vida de uma sociedade mecanizada, que prospera nos grandes centros, continuando a drenar e absorver contingentes da população do campo, e os padrões das áreas rurais circunvizinhas. Permanecem estas fracamente povoadas e regidas por sistemas arcaicos, presas a uma agricultura primária e rotineira. A par disto e em decorrência mesmo das condições que presidiram a nossa colonização, tais concentrações humanas localizam-se de preferência junto à costa, ainda a espelhar a antiga economia voltada para a exportação. Em que pese à interiorização da capital federal, nas áreas centrais o nosso povoamento prossegue em compasso morno. Ignorando o interior, a não ser na região sudeste, a mais urbanizada do país, a população prefere o litoral. Verifica-se, pois, que o surto do progresso que atravessamos ainda não teve força para tecer

malha mais fina entre os diversos aglomerados, ligando-os entre si.

Todavia, encarregando-se ultimamente desta conexão entre as cidades, a estrada de rodagem vem desempenhando papel decisivo na extensão da rede urbana. Impelida pelo rápido avanço da indústria automobilística, vem ela há cerca de duas décadas cortando o nosso imenso território, encontrando no caminhão notável veículo dos novos padrões de vida. Ao contrário da ferrovia, introduzida há mais de um século no Brasil, mas que conservou sistemas isolados, correndo transversalmente à costa em direção aos respectivos portos, a rodovia atívou a nossa urbanização, ao se ramificar em todas as direções.

Outro ponto a mencionar nessa evolução urbana é que desde 1950 o nosso crescimento fabril deixou de se restringir à ampliação dos antigos centros, pelo acréscimo de subúrbios periféricos, para buscar os núcleos vizinhos, que passou a polarizar e integrar na rede urbana. Muitas destas localidades transformaram-se em satélites industriais ou em *cidades-dormitório*, estendendo-se com os anos na direção das grandes cidades, até chegarem a constituir verdadeira *conurbação*, como em São Paulo. A própria região do ABC paulista, por exemplo, só se expandiu de fato nos últimos 20 anos, após a instalação das fábricas de autoveículos, alongando-se rapidamente até a capital do Estado, de modo a formar a *aglomeração de São Paulo*, que hoje engloba 38 municípios e já ultrapassa os sete milhões de habitantes.

A história de São Paulo ilustra bem o impressionante ímpeto da mudança e os problemas daí decorrentes. Fundada pelos jesuítas em 1554, a antiga vila de São Paulo de Piratininga viveu pacatamente por 300 anos. Mas em meados do século XIX desabrochou com a chegada do café, para contar em 1872 mais de 31 mil habitantes. Com o afluxo de imigrantes europeus, que a ajudaram a progredir, antes de 1890 esta população já dobrava, tendo a cidade saltado do décimo para o quarto lugar entre todas do país, situando-se logo abaixo de Recife. Ao principiar o século, bruscamente atingiu uma população de 240 mil habitantes, indo ocupar a segunda posição no Brasil. Prosseguindo neste compasso acelerado, que ainda atraía gente de outros Estados, pouco depois de 1950 já ultrapassava a casa dos 2 300 000 habitantes, conquistando a primazia. Assim, em cem anos, um pequeno povoado alastrou-se e se alçou à situação de maior complexo industrial da América do Sul. Hoje, a Grande São Paulo contribui com mais da metade da produção industrial do país, não obstante ocupar fra-

ção mínima do seu território. Figurando entre as cidades que mais crescem no mundo, vê também avolumarem-se os seus problemas, condição que faz ressaltar a urgência de melhor planejamento urbano.

Notas sobre o planejamento urbano em nosso país

Como apontamos, até o início do século XX quase não se manifestou entre nós o urbanismo sistemático e consciente. Afora alguns centros especialmente planejados (como Petrópolis e Belo Horizonte, no século XIX), as nossas cidades foram-se alastrando espontaneamente, a esmo, sem uma planificação global, cedo acusando sérios problemas, como os de habitação, transporte e abastecimento. Quanto à carência de espaço e acomodações para recreação, só ultimamente começou a ser percebida, visto que apenas há pouco tempo o lazer alcançou a massa. Como antes era prerrogativa de algumas camadas sociais, a população mostrava-se pequena para o território e havia poucos aglomerados urbanos, mal se sentindo a necessidade de reservar áreas para recreio público. Além disto, mesmo as classes que dispunham de tempo livre preferiam viver retiradas em casas senhoriais, onde encontravam espaço bastante para atender às suas exigências de recreio (por sinal reduzidas, pela própria tradição cultural).

Embora Tomé de Sousa tivesse desembarcado trazendo planos, estatutos e até artifícios para levantar a cidade que por mais de dois séculos iria ser a nossa capital, percebemos poucas tentativas de prever a maneira de ocupar o solo colonial. Houve, é verdade, desde o princípio, a busca deliberada de portos seguros (a exemplo da baía de Guanabara) e neles de elevações propícias à defesa da vila (como em Olinda). Assim, Estácio de Sá, que viera com a ordem "de povoar este Rio de Janeiro", iniciou imediatamente a construção da cerca protetora da cidade, que planejara erguer. Resumia-se ela a fortificação e local de culto, bem como de armazenagem de munições de boca e de combate. Entretanto, apesar do zelo dos decretos reais sobre o estabelecimento de vilas na nova terra, não nos restou testemunho histórico de planificação de longo alcance.

Podemos distinguir, contudo, na disposição geral dos antigos núcleos urbanos, certos traçados que deveriam corresponder à concepção urbanística da época. Muito comum era o plano em *castrum* (de praça-forte romana), com o seu enorme largo retangular, desproporcional ao pequeno povoado, cujos habitantes se distribuíam por ruas apertadas e tortuosas, com casas baixas e mirradas. Esta praça central atendia

bem às pequenas transações locais, permanecendo até hoje no interior a palavra *comércio* para designar o centro da vila. Servia ainda para as escassas diversões populares do tempo, a saber, festas de fundo religioso (com extenso lado profano), teatro ao ar livre e cavalhadas ou encamisadas (estas mais raras).

Houve também povoados que cresceram linearmente, à margem de uma via de comunicação (filiando-se ao tipo *Strassendorf*, isto é, vila ao longo de uma rua). Nestes núcleos, nascidos à beira dos caminhos terrestres, fluviais e mais tarde das ferrovias, costumava-se localizar o comércio na rua central, que assim se tornava o ponto de animação da vida social do lugar, à época bem reduzida. Já nas cidades mais novas era comum o traçado em *tabuleiro de xadrez*, freqüentemente associado a uma das disposições anteriores, a constituir tipo *misto*. Destarte, o tempo e a ausência de planejamento encarregaram-se de ir somando planos diferentes, observando-se ainda o tipo *radioconcêntrico* (como na cidade Maurícia dos holandeses, construída sobre o antigo porto de Recife).

Muitas das nossas cidades até hoje conservam estes riscos primitivos, exibindo ruas acanhadas e irregulares, ligadas por vielas escuras, com casas de paredes coladas e reduzido pé direito, herança da feição colonial (também ainda encontrada nos velhos quarteirões das cidades antigas). É que pouco valia o povoado nos primeiros tempos, girando a vida em torno da casa grande patriarcal, símbolo da nobreza rural, que enfeixava o poder. À sua volta desenvolviam-se as mingua-das diversões daquela sociedade rude, simplesmente dividida entre senhores e escravos.

À pouco e pouco, entretanto, uma aristocracia urbana de comerciantes enriquecidos pelo açúcar logrou afirmar-se, cuidando de fazer amplas as suas casas, dando-lhes dois pavimentos. Iniciado em Salvador, com o tempo o *sobrado* iria modificar-se, aparecendo em Recife sob forma mais vertical e condensada, para depois requintar-se com azulejos e balcões. Mas já no fim do século XVII alguns governantes seriam obrigados a disciplinar o crescimento das vilas. Assim, para cercear o egocentrismo do grande proprietário, a legislação de Salvador a essa época fixava normas que o compeliam a erguer sua casa no mesmo alinhamento daquelas dos vizinhos. Combatendo igualmente a tendência a exagerar a projeção das varandas e balcões, estipulava que não deviam ficar em altura capaz de "pôr em perigo" a cabeça dos passantes.

Apesar de tudo isto e embora uma das maiores cidades coloniais, Recife, tenha tido calçadas antes de Paris, até o fim do Império não se notam iniciativas de caráter global, comparáveis às encontradas na Europa, no sentido de dirigir nosso planejamento urbano. Até meados do século XIX divisamos apenas alguns esforços conscientes, como o dos holandeses, então mestre de urbanismo, que atraídos pela terra do açúcar (*Zuikerland*), nela se instalaram, urbanizando o antigo porto de Recife. Aproveitando a riqueza produzida nas terras de massapê daquela região, ali ergueram a sua capital, seguindo plano aproximadamente geométrico. Cuidaram de aterrar a bacia do Beberibe e de drenar a ilha pantanosa, que ligaram ao continente por pontes, nela construindo dois palácios com jardins. Assim no século XVIII pôde vingar no nordeste alguma vida urbana, centralizada em *Mauritzstadt*, a primeira cidade em que se criou um parque zoológico, complementado por um jardim botânico, e se organizaram quermesses para recreação, como reflexo da influência flamenga.

Experiências de planejamento urbano no século XIX

Bem mais tarde, os imigrantes europeus, que para aqui estavam a afluir, trazendo outras vivências (entre as quais o comércio e o artesanato) não só instigavam o desenvolvimento de vilas como plantavam outras. *Petrópolis*, por exemplo, nasceu de uma colônia de imigrantes alemães, trazidos para a fazenda do Córrego Seco, arrendada ao imperador com este fim em 1843 por Julio Koeler. Encarregou-se este engenheiro militar de traçar os planos e plantas da futura vila, bem como de lhe demarcar as ruas, para o que aproveitou os três maiores rios ali existentes. Procurando dar distinção ao novo núcleo, estabeleceu a exigência de serem as fachadas das casas submetidas à sua prévia aprovação e reservou o centro da cidade para um palácio imperial.

Um ano depois de ter chegado da Alemanha a primeira das esperadas levas dos seus conterrâneos, já via Koeler o povoado ser reconhecido como freguesia (1846). Pouco depois iria acentuar-se a diversificação das atividades profissionais característica da vida urbana e se desenvolveria o artesanato. Depressa a vila cresceria, a erguer praças e jardins, começando a publicar os próprios jornais (alguns em alemão). Nela prosperavam associações artísticas (de canto coral e dança) e sociedades esportivas, contribuindo para engrandecê-la e lhe assegurar a elevação a cidade (em 1854).

Na mesma ocasião verificava-se no norte do império a transferência de duas capitais, objetivando melhor localização. As-

sim, em 1852 a província do Piauí instalava a sua nova sede do governo onde antes só existia acanhada vila. Denominada *Teresina* em homenagem à imperatriz, desenvolveu-se a capital segundo plano em tabuleiro de xadrez, sendo tão densa a sua arborização que veio a merecer o cognome de Cidade Verde.

Em 1855 outra província, a de Sergipe, procurava igualmente posição mais vantajosa para a sua principal cidade. *Aracaju* foi então construída perto da costa, em quarteirões simétricos, também em xadrez, embelezados por milhares de coqueiros. Posteriormente, com o aterro dos pantanais vizinhos, a capital pôde expandir-se, sempre com o cuidado de definir bem o centro comercial, os bairros de moradia e a zona fabril.

Quase ao terminar o século, mais uma capital foi construída. Iniciado o planejamento em 1893, quatro anos depois instalou-se oficialmente a Cidade de Minas, depois chamada *Belo Horizonte*. Baseou-se o seu traçado em quadriláteros, dentro dos quais ficavam as ruas, cada qual com 20 m de largura. O conjunto era cortado por avenidas diagonais de 35 m de largura, ficando no centro o Parque Municipal, com árvores, aléias e lago, sendo a cidade contornada por outra larga avenida. Todavia, a partir da década de 30, foi-se avolumando tão depressa e desordenadamente, que superou a avenida do Contorno, em prejuízo do plano original.

O problema do século XX

Analogamente, planejada e construída para ser capital do estado, *Goiânia* teve a pedra fundamental lançada em 1932, efetivando-se a sua mudança cinco anos mais tarde, embora a inauguração oficial só fosse ocorrer em 1942. Obedeceu a plano radioconcêntrico, com zoneamento que delimitou claramente os seus setores. Assim, na grande praça central ficaram o palácio do governo e as repartições públicas, do lado norte o comércio e a indústria, e na parte sul as residências. Servida por amplas praças e avenidas, houve preocupação em conseguir-se boa arborização, além de reservas florestais para futuros parques.

Uma capital especialmente planejada

Finalmente em 1960 inaugurou-se *Brasília*, concretizando antigo sonho de interiorização da capital do país, cogitado várias vezes desde os tempos de D. João VI. Incluídos nas aspirações dos Inconfidentes, seria formalmente proposto por José Bonifácio um ano após a Independência e consagrado nas Cons-

tuições republicanas. Após longa série de estudos (dentre os quais avultam os de Luís Cruls no fim do século XIX), foi escolhido em 1954 o sítio definitivo da nova cidade, que teve o seu plano urbanístico aprovado em 1956. Assentou-o Lúcio Costa em dois eixos de aproximadamente 10 km, dispostos em cruz: o monumental (retilíneo) e o rodoviário-residencial (arqueado e mais largo). Ao longo do primeiro localizou os centros cívicos e os administrativos, os setores culturais, os quartéis e as zonas de armazenagem (de abastecimento e das pequenas indústrias), além dos centros esportivos e de diversões (estes no remanso da circulação entre os dois eixos). Nas duas asas do outro eixo situou as quadras residenciais, esclarecendo no *Relatório do plano-piloto de Brasília* que seriam "emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, prevalecendo em cada quadra determinada espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbustos e folhagem".⁸⁹ Ao criar tais superquadras, o planejador teve o objetivo explícito de garantir a sua ordenação urbanística, ao mesmo tempo oferecendo "aos moradores extensas faixas sombreadas para passeio e lazer", cuidado que o levou a estabelecer nítida separação entre o tráfego de veículos e o trânsito de pedestres. É oportuno lembrar aqui as funções recreativas cedo desempenhadas pelo lago artificial, resultante da barragem do Paranoá, no qual floresceram esportes náuticos e clubes.

No mesmo relatório encontramos a seguinte visão geral da cidade, na mente do seu idealizador: "Brasília deve ser concebida não como um simples organismo, capaz de preencher satisfatoriamente, sem esforço, as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como *urbs*, mas como *civitas* ... Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível ... É assim que, sendo monumental, é também cômoda e eficiente, acolhedora e íntima. É ao mesmo tempo derramada e concisa, bucólica e urbana, lírica e funcional. O tráfego de automóveis se processa sem cruzamentos, e se restitui o chão, na justa medida, ao pedestre." [...] Brasília, [...] cidade-parque.⁹⁰ Recorde-se que este plano foi completado pela solução arquitetônica de Oscar Niemeyer, que criou, inclusive, um serviço de aprovação das plantas dos prédios urbanos a serem projetados por outros, declarando "estar convencido de que a arquitetura não constitui uma simples questão de enge-

⁸⁹ Costa, Lúcio. *Relatório do plano-piloto de Brasília. Leituras de planejamento e urbanismo*. Rio de Janeiro, IBAM, 1965. p. 349.

⁹⁰ *Id.*, p. 344.

nharia, mas uma manifestação do espírito, da imaginação e da poesia”.

Um plano de recreação para uma cidade nova

Posteriormente, a convite da Divisão de Educação Física do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação, elaboramos o plano-preliminar de recreação para a cidade. Mais tarde, participamos ainda de uma comissão de três membros, incumbida de projetar as primeiras instalações de recreação de uma superquadra. Serviria esta como experiência-piloto, planejando-se entregar a administração das atividades recreativas aos próprios moradores. De todo o projeto, mais tarde publicado em coletânea sobre urbanismo e em revistas técnicas, parece-nos oportuno transcrever apenas o *Plano preliminar das facilidades de recreação pública para Brasília*, remetendo-se o leitor interessado à publicação em que aparece o texto integral.⁹¹

“À guisa de primeira sugestão, a ser revista após o completamento dos estudos indicados no item 7 (*Fases do planejamento geral*) e o exame dos urbanistas, propomos as seguintes facilidades materiais para a recreação em Brasília, tendo em vista o plano geral da cidade, de acordo com o especificado no item 8 b (*I e II — Tipos de áreas mais importantes para recreação*), e levando em conta o plano do sistema escolar apresentado pelo INEP:

1. Dois lotes de recreio para cada quadra, que abrigará de 2 500 a 3 500 habitantes. Uma destas áreas há de localizar-se junto ao jardim de infância, embora não deva ficar sob a sua responsabilidade. (Os pais ou outros voluntários cuidarão das crianças que aí brincarem, valendo-se apenas das instalações sanitárias do jardim de infância, convenientemente dispostas de modo a atender a este duplo serviço.)
2. Um parque de recreação para cada quatro quadras, dentro do qual estará situada a escola-parque.
3. Um campo de recreação junto a cada escola média, como parte integrante do Centro de Educação Média, destinado a atender a cada conjunto populacional de 45 mil habitantes.
4. Um campo de recreação junto à futura universidade, no qual terão maior desenvolvimento as facilidades para as práticas esportivas.
5. Um estádio municipal, em ponto central da cidade, provido de amplo lugar para estacionamento de carros.

⁹¹ Medeiros, Ethel B. Planejamento da recreação municipal. *Leituras de planejamento e urbanismo*. Rio de Janeiro, IBAM, 1965. p. 271-295.

6. Um teatro ao ar livre dotado de concha acústica.
7. Parques de vizinhança, que abrangerão praças e jardins, além de um grande parque (com locais para piqueniques, atividades aquáticas e jogos), tudo a ser distribuído de acordo com a topografia local, as belezas naturais a aproveitar e valorizar, bem como a densidade e o tipo da população das várias zonas da cidade.
8. Locais para acampamentos (pelo menos dois, sendo que um para atividades só diurnas e outro de pernoite), piscinas naturais (pois que as artificiais exigem maquinaria de limpeza e cuidados maiores de manutenção e supervisão), colônias de férias e zonas de conservação da natureza (em especial de reservas florestais).
9. Facilidades especiais para a recreação nos conjuntos residenciais, internatos, hospitais e fábricas".

Este plano preliminar foi acompanhado de roteiro sobre dimensões das áreas e das respectivas instalações, também encontradas na publicação antes referida.

Princípios básicos do planejamento urbano para a recreação

Naturalmente cada comunidade procurará o que mais lhe convém, em face das características locais, tanto de área e posição geográfica quanto das atividades da população e do seu número de habitantes. Entretanto, aceita a idéia de que é responsabilidade sua oferecer programa amplo e contínuo para o aproveitamento do lazer, será útil levar em conta os seguintes princípios gerais, ao planejar a infra-estrutura material para esse fim. Evidentemente, eles serão aqui apresentados apenas como pontos de referência, a respeitar com a necessária flexibilidade. Convém esclarecer, ainda, que representam tentativa nossa de resumir, adaptando ao meio brasileiro, o que se costuma adotar em outros países.

1. O planejamento das acomodações para a recreação deve integrar-se no plano geral da comunidade, apoiando-se em bases realistas e buscando atender a toda a população local. A fim de evitar a duplicação dos esforços de diferentes órgãos, será indispensável alcançar boa cooperação entre entidades municipais, estaduais e federais, medida especialmente vantajosa quando da aquisição dos terrenos e da sua instalação. Esta conjugação de forças garantirá, ainda, economia de manutenção e aumento do rendimento das acomodações.
2. O planejamento do sistema de recreação de uma comunidade deve voltar-se para os seguintes objetivos, conducentes ao bom aproveitamento do tempo livre dos seus habitantes:

- máximo possível de utilização das áreas de recreio por parte do público;
- economia de construção e de manutenção;
- facilidade de acesso e de funcionamento, a par de simplicidade de supervisão e de obediência às normas de segurança.
- particular consideração aos valores estéticos e à proteção das belezas naturais.

3. A distribuição, a localização e as dimensões das acomodações devem ser compatíveis com o nível geral da comunidade (seu tipo de vida e suas características físicas, sociais e econômicas). Para tanto o plano diretor firmará suas bases no estudo das necessidades sentidas pela comunidade, bem como dos seus recursos atuais e potenciais.

4. O planejamento há de deixar margem às inevitáveis modificações, que sempre se impõem no desenvolvimento desses trabalhos.

5. Para proporcionar o máximo de oportunidade e serviço a todos os grupos de idade, as acomodações serão planejadas levando em conta os núcleos de vizinhança, os bairros e os demais setores da comunidade.

6. Os programas de recreação e de educação têm que ser amplos, buscando conjugar-se e se complementar. Assim, toda escola nova há de ser edificada deixando à sua volta um mínimo de área livre para o recreio dos alunos. Conterá auditório, de preferência no pavimento térreo, construindo-se o seu prédio de modo a ser facilmente utilizado pela comunidade, fora do horário das aulas e durante as férias.

7. No planejamento do sistema de recreação é importante aproveitar os conhecimentos técnicos e a experiência profissional dos educadores, particularmente dos especializados em recreação.

8. É conveniente reservar espaço na comunidade para crianças e jovens praticarem os esportes nela mais populares.

9. As dependências dos parques e demais áreas de recreação destinadas aos moradores dos grandes conjuntos residenciais (públicos ou particulares) precisam ser planejadas de comum acordo por construtores, responsáveis pelos núcleos, autoridades de educação e serviços de recreação. Convém, portanto, que estudem juntos as normas, regras e respectivas responsabilidades quanto à distribuição e ao uso de dependências e instalações.

10. Em cada setor da comunidade que se urbanizar é imprescindível destinar uma percentagem razoável da área para

recreação, tal como se faz com as ruas, fixando-se ainda normas que impeçam a deturpação futura desta finalidade.

11. Caso a comunidade não disponha de lugar adequado para os vários grupos se reunirem (como um prédio escolar, uma igreja ou algum auditório), convém levantar, em esforço comum, um edifício para atender a este propósito.

12. Toda criança de menos de 10 anos deve ter a possibilidade de brincar em local público de recreação, situado perto de sua casa (nas cidades, num raio inferior a 450 m).

13. Recomenda-se que cada comunidade estimule a prática da jardinagem, principalmente quando é grande o centro urbano e suas áreas verdes estão desaparecendo. (Lembremos, a propósito, o movimento do *Schrebergarten*, que desde o século passado floresce na Alemanha, a alugar jardins para cultivar na periferia das cidades aos que nela não os podem ter.)

14. O padrão mais comum de espaço para recreação é o de 4 000 m² por centena de habitantes. Ele representa apenas um índice bruto da adequação do espaço total oferecido, sendo importante averiguar, ainda, se as áreas estão bem distribuídas pela comunidade e se permitem atividades diversificadas.

15. Do plano geral das acomodações para recreação de uma comunidade devem constar pelo menos as seguintes unidades:

— parques infantis, que possam ser freqüentados com facilidade de acesso e em condições de segurança (deverão ser dotados de espaço suficiente para que pequeninos e escolares possam dar expansão às energias e à necessidade de movimento, bem como ao desejo de convívio com outras crianças, sem que uns grupos entrem em choque com outros, por deficiência de espaço ou má distribuição de aparelhos);

— locais apropriados onde os adolescentes encontrem possibilidades de praticar os seus jogos e esportes prediletos e bem assim as atividades sociais e culturais que as pesquisas têm evidenciado serem as mais procuradas;

— lugares adequados para os adultos poderem reunir-se e conversar, participar de jogos de salão ou de torneios esportivos, realizar suas festas tradicionais, preparar exposições, cantar em coro, tocar e ouvir música, fazer representações, ler, assistir a programas de televisão, apreciar música ou, simplesmente, descansar e refazer energias no contato estimulante da natureza, na companhia dos companheiros de idade;

— acomodações para a família divertir-se em grupo, como praças e jardins, locais para piqueniques, pontos de beleza pa-

norâmica com bancos e belvederes, museus, teatros, bibliotecas, planetário, sítios especiais para acampamentos, jardim botânico ou zoológico, trilhas para excursões (a pé, de bicicleta, a cavalo ou em transporte coletivo) etc.;

— áreas de proteção da natureza, como reservas florestais ou biológicas, para uso e gozo das gerações atuais e futuras, com particular atenção a nascentes, cursos d'água e cascatas, bem como à orla marítima.

16. De modo geral grupam-se tais acomodações em áreas de recreação ao ar livre e locais cobertos. Dentre as primeiras figuram lotes de recreio ou recantos, primariamente destinados aos pequeninos, que não se devem afastar das suas casas, abrangendo de 450 a 950m²; parques de recreação ou *playgrounds*, com área mínima desejável para cada núcleo de vizinhança de cerca de 12 mil m²; e campos de recreação, mais destinados aos adolescentes e adultos de um bairro (embora contenham sempre uma faixa para os pequenos), com uma superfície ideal de 100 mil m². Além disto incluem praças, jardins, hortos e arboretos de tamanho variável (tendo-se o cuidado de oferecer grandes áreas arborizadas a par de pequenos locais verdes, mais íntimos). Dentre as acomodações ao ar livre citam-se também locais reservados para acampamentos (com atalhos, bancos e caramanchões), zonas de preservação da natureza (com pousadas e abrigos), praias e balneários, piscinas (desde que possam ser mantidas em boas condições sanitárias e de funcionamento, além de oferecer segurança), teatro de arena (que sirva também para pista de dança e palco para festivais), concha acústica, estádio de esportes, quadras e riques para jogos e esportes, mirantes, belvederes, paradores, refúgios e diversas outras comodidades dispostas ao longo das estradas de rodagem.

17. Em face do crescimento das cidades e da conseqüente redução do espaço ao ar livre, é indispensável dar atenção especial às áreas abertas de recreio.

18. Os principais ambientes fechados para recreio costumam ficar reunidos num *centro comunitário de recreação*, que geralmente inclui: ginásio, sala de música (com piano, vitrola, discos e rádio), sala para artes manuais ou outras atividades (como jogos de mesa, reunião de clubes de amadores etc.), salão de dança e espetáculos (concertos, peças de teatro, cinema etc.), saleta de televisão, biblioteca, local para exposições ou mostras e acomodações para a administração e os recreadores, além de instalações sanitárias.

19. As áreas verdes devem merecer particular cuidado, pois não só constituem fator de embelezamento mas são básicas à

preservação dos mananciais, servindo ainda para amenizar o clima e propiciar o necessário contato do homem com a natureza, protegendo-o dos ruídos do grande centro urbano. Incluem área de: preservação permanente (grandes parques); recreação e lazer; e arborização pública.

Instalações para recreação nos conjuntos residenciais

A fim de atender ao rápido crescimento urbano, que encarece e faz escassear a habitação, vêm-se multiplicando ultimamente os grandes blocos residenciais. Têm sido construídos em geral pelas maiores organizações particulares (como as industriais ou bancárias), por autarquias (como os institutos de previdência) ou por serviços governamentais especializados (como o Banco Nacional da Habitação). Porque são cada vez mais comuns nos centros fabris (como em Campinas ou Ribeirão Preto) e junto às grandes obras públicas (como as barragens para as novas usinas hidrelétricas), parece-nos vantajoso dar-lhes aqui especial atenção. Como não surgem espontaneamente à semelhança de muitos bairros das franjas pioneiras das cidades em expansão, porém são planejados e erguidos com finalidades bem claras e conscientes, poderiam oferecer aos seus moradores melhores acomodações para o uso do lazer. Infelizmente não é isto o que se vê, embora aos poucos já possamos perceber nova mentalidade, que não os encara como simples teto mas os situa dentro de um planejamento em que educação, saúde, culto religioso, comércio e recreação se vêem atendidos como partes da vida. Assim, o conjunto de Cumbica, em Guarulhos, é um exemplo desta nova concepção. Projetado para abrigar 600 mil habitantes, prevê a construção de 10 mil unidades residenciais, distribuídas por seis setores (ou freguesias), onde blocos de edifícios de três andares sobre pilotis serão circundados por jardins, e servidos por locais de recreio, tendo-se reservado cerca de 50% dos 180 hectares disponíveis para áreas verdes. Todavia o comum é subordinar-se o planejamento de tais conjuntos ao objetivo econômico de máximo rendimento do espaço aliado ao custo mínimo da construção, com o fim de lhes baratear o preço de venda. O problema de viver satisfeito dentro deles passa a um segundo plano.

Porque devem abrigar elevado número de famílias, a tendência natural é para o apartamento diminuto, onde as necessidades normais de recreação parecem aguçadas pela falta de lugar. Então as crianças, que não acham um canto em casa para brincar, enchem os corredores (onde a sua algazarra a todos exaspera) ou vão para a rua (expondo-se aos

perigos do trânsito). Às vezes uma pequena área situada no fundo dos prédios, junto à lixeira, à casa de máquinas ou à garagem, recebe um balanço ou uma gangorra, a fim de ganhar a espantosa denominação de *playground*. Não obstante, também deste reduto o condomínio vê-se compelido a afastar os pequeninos, pelos inconvenientes que as suas brincadeiras acarretam a eles próprios e ao movimento geral do prédio. Da mesma forma, os adolescentes não encontram local para se reunir, aglomerando-se à entrada dos edifícios, onde são indesejados, visto estorvarem a circulação e fazerem barulho. Dentre os adultos que ali moram, muitos trabalham na mesma empresa (ou repartição), pois o conjunto foi por ela construído, não lhes interessando atividades de lazer com vizinhos que já viram o dia todo. Se cada bloco tivesse instalações para a recreação de adultos, poderia estabelecer-se vantajoso intercâmbio. Tal situação, no entanto, não costuma ser prevista ou, quando o é, uma hierarquia de valores que pouco preza o lazer e o elevado preço do terreno reduzem a dimensões ridículas as chamadas dependências de recreio.

Todas estas dificuldades tendem a agravar-se com a crescente difusão deste tipo de moradia, aliada à deterioração dos conjuntos residenciais mais antigos (cuja manutenção de hábito é precária). Por estes motivos pareceu-nos conveniente arrolar recomendações específicas para os novos núcleos que se forem construir, não obstante também devam atender aos princípios básicos, de caráter geral, antes enunciados. Vejamos alguns cuidados aconselháveis.

1. Nos conjuntos residenciais as áreas e acomodações de recreação devem complementar (e não duplicar) aquelas que já existem na vizinhança, das quais para tanto se fará levantamento preliminar.
2. No planejamento das áreas de recreação é preciso levar em conta não apenas as necessidades atuais do conjunto habitacional, mas também a sua tendência à expansão, pelo crescimento e pela mobilidade da população interessada.
3. A localização das áreas deve facilitar aos moradores do conjunto o acesso diário a elas.
4. O planejamento da distribuição e da localização das áreas e instalações de recreio precisa considerar os interesses dos vários grupos de idade, a fim de lhes dar bom atendimento e evitar choques entre eles. Há de se ter ainda em mente o barulho que sempre acompanha as atividades movimentadas (para as afastar dos prédios), a segurança dos que se divertem ou que transitam pelo conjunto (para evitar acidentes nos

aparelhos e impedir que boladas atinjam os passantes), a economia de custo e manutenção (de dependências e equipamento) e a vantagem de se aproveitar com bom gosto a topografia local (um aclive do terreno, um *plateau* etc.).

5. Para algumas atividades (como jogos de bola ou de correr) convém nivelar parte do terreno. Para outras é mais vantajoso conservar certos acidentes naturais (elevações, depressões, uma grande pedra etc.), desde que se corrijam as irregularidades mais grosseiras, tendo em vista condições de segurança.

6. É mais econômico e fácil supervisionar as atividades quando as dependências para recreação se concentram num único setor. Naturalmente, convém respeitar o objetivo de facilidade de acesso para todos os moradores e a aspiração de um lugar privativo, sempre manifestada pelos vários grupos de idade. Se for possível, as instalações para os pequeninos devem ficar em lugar mais perto do prédio e bem abrigadas, tendo pontos de sombra e água.

7. Nos maiores conjuntos residenciais, além das acomodações ao ar livre será bom prever algum recinto coberto, como salão, ginásio ou auditório, dotado de cadeiras desarmáveis e de sanitários.

8. Ao projetar dependências e instalações para recreação, é importante ter em vista não apenas os objetivos práticos e funcionais mas também os estéticos, fazendo-as contribuir para embelezar (e valorizar) o próprio conjunto residencial.

9. O planejamento deve ter em mira que uma boa programação de lazer inclui atividades ao ar livre e de salão, passíveis de serem realizadas o ano todo e capazes de satisfazer os diferentes grupos de idade e sexo (atividades físicas, sociais, artísticas e educacionais). Naturalmente aquelas que entretêm maior número de pessoas (como os jogos simples ou a dança) merecem prioridade em relação às que só ocupam grupos pequenos (uma quadra de bocha, por exemplo, propicia maior rendimento ao espaço tomado que uma de basquetebol). Medida comum, então, é o planejamento de dependências de uso múltiplo.

10. É fundamental prever não somente o custo da construção, mas o da manutenção das acomodações, tanto em termos de material quanto de supervisão. Assim, enquanto que um gramado representa despesa permanente de corte e reposição de grama, um equipamento inicialmente mais caro, como balanços ou *gaiolas* de aço, exigirá um mínimo de conservação.

11. Convém obter desde o início da instalação das dependências a colaboração dos moradores e lhes encorajar a iniciativa, para que se sintam co-responsáveis por elas. É vantajoso conseguir que se encarreguem da manutenção das dependências e das áreas verdes, bem como da supervisão das atividades. Desde que recebam a devida orientação, líderes voluntários, recrutados entre os moradores, poderão assumir em rodízio a direção dos programas.

Áreas e acomodações para recreação em cidades antigas

Alguns dos princípios aqui apresentados mostram-se de difícil aplicação quando se quer ampliar as possibilidades de uso do lazer nos velhos centros populacionais, já alastrados desordenadamente, a ocupar grandes superfícies. Na procura de melhores condições de moradia, trabalho, circulação e recreio, com frequência é necessário buscar soluções originais, como a da praça Roosevelt, em São Paulo. Inaugurada em 1970, ela abrange vários pavimentos, pelos quais se distribuem jardins, lagos, mirantes, lojas de artigos típicos e outras comodidades, numa área de mais de 39 mil m² (incluídos os grandes estacionamento).

Alternativa comum é a do grande parque urbano, como o do *Flamengo* (em zona de aterro, no Rio de Janeiro ou o do *Ibirapuera* (construído na capital paulista como conjunto integrado de diferentes tipos de diversão, abrangendo pavilhões para mostras, planetário, museus de arte, ciência e folclore, lago com barcos de aluguel, trenzinho circular e conjunto esportivo com quadra de basquete, piscinas, ginásio, pista de atletismo e velódromo). Podemos citar ainda o *Parque Farroupilha* (em Porto Alegre, com jardins e lagos), ou a *Pampulha* (em Belo Horizonte, com os seus esportes náuticos e iate clube, praças de jogos, casa de baile e museu de arte). Ainda na capital gaúcha, estão em fase de construção no bairro *Moinhos de Vento*, acomodações numa área de oito hectares (onde era o antigo hipódromo, projetando-se fazer ali *playgrounds*, praça de esportes e o parque propriamente) e o *Parque da Praia de Belas* (em zona de aterro, em frente ao rio Guaíba). Já em Recife, além da recente recuperação de uma série de parques e praças, há que apontar o novo ginásio municipal de esportes, os jardins da praia da *Boa Viagem* e o *Cais da Rua Aurora*, com os seus parques infantis, locais para exposições e as quadras públicas de basquetebol, voleibol e futebol de salão.

Outras medidas incluem a reserva nas imediações das velhas cidades ou junto a grandes obras públicas (como açudes, represas e barragens) de áreas onde se fazem instalações especiais para recreação. Nos rios constroem-se balneários (como no Guaíba, já há décadas) ou piscinas (como há pouco em Teresópolis ou em Barão de Javari, ambas no Estado do Rio), neles facilitando-se também o aluguel de botes ou de pedalinhos. O mesmo vem-se tornando comum em lagos naturais (a exemplo do que se faz na lagoa do Mundaú, em Macaíó) ou naqueles obtidos artificialmente (como em Petrópolis). Iguualmente nas rodovias que partem dos antigos centros, diversas atividades recreativas estão sendo encorajadas por ampla série de acomodações, dentre as quais se enumeram refúgios locais para piqueniques e mirantes com bancos, água e pontos de sombra, além de restaurantes.

A organização do espaço

Aspecto importante a considerar no planejamento da recreação para os núcleos populacionais já desenvolvidos é a intensa circulação dos veículos a motor, facilitada pelo bom calçamento das ruas. Crescendo continuamente em número, em pouco eles se assenhoram dos caminhos, das praças e até das calçadas, gastando enorme extensão com estacionamentos e exigindo espaços maiores ou novas pistas de rolamento, em prejuízo dos pedestres. Passear a pé está a tornar-se passatempo impraticável, a menos que os governantes cuidem de oferecer lugares ao abrigo do trânsito, para os que vivem nos grandes aglomerados.

Um ponto a salientar são os quarteirões de residência operária, geralmente situados na periferia das velhas cidades, onde as fábricas se concentram (embora ultimamente elas estejam ultrapassando os limites urbanos, indo para o campo). Além de acusarem alta densidade populacional, tais zonas industriais costumam oferecer pouquíssimas possibilidades de boa ocupação do lazer, a menos que neles se instalem centros como o da Juventude, em Beberibe, no Recife. Uma entidade particular, criada em 1967, a Ação Comunitária do Brasil, vem trabalhando neste setor, desenvolvendo em São Paulo um dos mais bem sucedidos projetos. No bairro proletário Jardim Ubirajara, os próprios moradores, orientados por esta entidade, organizaram um centro de recreação, além de um parque infantil e clubes variados (de costura, penteado, decoração do lar etc.), dirigidos todos por líderes da comunidade, que conta com 10 mil habitantes.

Passo importante a tomar de início é a obtenção de textos legais que destinem verbas e terrenos para as acomodações reservadas às horas livres. Assim, há mais de 20 anos, o *Town and Country Planning Act* regulamentava na Inglaterra a preservação, nas cidades e vilas, de bosques e árvores de valor paisagístico, bem como de edificações de interesse histórico ou arquitetônico. Também naquele país (e nos Estados Unidos) a proteção da paisagem contra o desfiguramento causado pelos cartazes de propaganda vem merecendo cuidado especial.

Entre nós, nas últimas décadas estão sendo elaborados planos diretores para algumas cidades, visando a reorganizar-lhes o espaço urbano, renovar-lhes a infra-estrutura material e lhes modernizar a face, além de disciplinar o seu crescimento futuro. Em todos eles constituem constantes o zoneamento, a previsão de circulação desimpedida, amplos espaços para recreio e áreas verdes. Ainda na administração Prestes Maia (1938-1945), preparava São Paulo o seu primeiro plano sistemático, que introduziu na velha metrópole grandes melhoramentos, nela semeando praças e avenidas, para dar algum desafogo ao homem. A ele seguiram-se outros esforços no mesmo sentido, tendo-se iniciado em 1967 o *Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado*, no qual ressaltam o metrô (entre as providências propostas para desafogar a zona urbana) e a política da industrialização do interior do Estado (objetivando aliviar o congestionamento fabril da capital).

Várias outras cidades antigas, como Porto Alegre, Florianópolis, Lins, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Niterói, Salvador, Recife e Manaus e até alguns centros novos, como Londrina, já prepararam seus planos diretores. Mas para tal estudo dispomos agora de melhores recursos, oferecidos pela moderna técnica, que nos facilita o uso da aerofotogrametria e de computadores eletrônicos (como se fez no Rio de Janeiro para a *Lei do Desenvolvimento Urbano*, publicada em 1970).

A fim de melhor destacar as dificuldades que se configuraram neste planejamento para a recreação nos antigos centros urbanos, onde não raro já se firmou uma tradição de pouco interesse pelo uso do lazer como responsabilidade dos governantes, passamos a resumir o que se providenciou em matéria de recreação pública na ex-capital do país, cidade que durante séculos foi o seu maior centro cultural. Antes de qualquer comentário, repisemos, entretanto, que só há pouco o lazer pôde tornar-se entre nós uma realidade na vida da massa, não se justificando antes maiores preocupações com o seu aproveitamento.

Áreas e acomodações para recreação na cidade do Rio de Janeiro

A história da cidade do Rio de Janeiro é uma longa crônica de lutas pela instalação da vida urbana, em território acidentado. Como salienta Pierre Deffontaines, "a natureza foi pródiga em beleza mas semeou a encantadora cidade de obstáculos, por isso, os homens despenderam extraordinário esforço de conquista. No cenário grandioso que ocupa, o Rio representa espantosa vitória urbana".⁹² A princípio foi a disputa pela posse da terra contra tamoios, franceses e corsários. Logo em seguida começou demorada batalha para dominar a própria natureza, que cercara o sítio escolhido de charcos, lagoas, penhascos e mar.

Obedecendo a claro plano de defesa, Estácio de Sá preocupou-se em fundá-la em excelente ponto estratégico — um istmo entre os morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, à beira de uma baía capaz de oferecer abrigo seguro, por ser ampla ao fundo e ter estreita entrada (além do mais protegida por morros). Autorizado por carta-régia incumbindo-o de "povoar este Rio de Janeiro", logo ao chegar proclamou significativamente: "não é de ontem nossa empresa, depois de largo tempo e de várias fortunas, vimos a ver o que havemos de gozar [...]; livre-se a terra, levante-se nela cidade, e fique esta por memória de nossa resolução e trabalhos...".⁹³

Muito em breve, porém, a sua população ressentia-se da exiguidade do espaço e, mal decorridos dois anos, já Mem de Sá devia erguer uma Vila Nova. Alojou-a no morro do Descanso, a cavaleiro da barra e em sítio protegido, apesar de acessível à praia. Todavia em poucas décadas o novo local (agora denominado morro do Castelo, pela torre de pólvora que o encimava) não mais comportava todos. Realizada a sua função inicial de defesa, principiava a cidade a derramar-se pelas abas dos morros, para ao fim do século exibir as primeiras ruas, ou, melhor, ladeiras. Como a planície ao redor era coberta de brejos, mangues e lagoas, que ressacas e chuvas faziam transbordar mudando tudo em lodaçal, os colonizadores foram progressivamente tomando os outeiros mais próximos (como o de São Bento). A essa altura a cidade acumulava os encargos de posto defensivo, ponto de abrigo e

⁹² Deffontaines, Pierre. *Geografia humana do Brasil*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1940. p. 79.

⁹³ Sá, Estácio de. Proclamação de 1.º de março de 1665. In: Vasconcelos, Simão de. *Vida do venerável José de Anchieta*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1943. p. 49. [1672].

de abastecimento de navios e sede do governo do sul. Entretanto continuava lento o progresso, embora já se derrubassem matas para fazer engenhos de açúcar.

No início do século XVII, os seus habitantes começavam a extravasar os morros, principiando a povoar os caminhos mais secos, junto ao mar. Fez-se então um prolongamento da ladeira da Misericórdia, ou seja, a rua Direita (que no século XIX iria chamar-se Primeiro de Março). Ficava ela num braço de terra entre o morro do Castelo (que abrigava a fortaleza de São Sebastião, a Sé e o Colégio dos Jesuítas) e o de São Bento (com a sua casa conventual). A pouco e pouco a cidade ia-se estendendo, a secar com valas e aterros os alagadiços, para os poder habitar.

Nessa época eram pouquíssimas as diversões públicas. Geralmente reunia-se o povo num largo para as solenidades religiosas de casamentos ou batizados, para as procissões (sempre acompanhadas de festejos) ou as raras comemorações ligadas à vida da corte. Costumavam tais festas desenrolar-se no terreiro em frente a alguma igreja, o qual para tanto era suficiente. Foi num desses largos, por sinal, que nasceu o nosso teatro, quando Anchieta montou os primeiros *autos* e *mistérios*, no adro da antiga capela da Santa Casa, situada no fim da ladeira da Misericórdia (onde hoje fica a igreja de Nossa Senhora do Bonsucesso).

Apesar de cercada por "terra chã e pantanosa", a cidade vingava, pois o recôncavo permitia o florescimento de canaviais, que acrescentavam às suas funções (já múltiplas) as de porto de açúcar. Assim, no século XVIII pôde estender-se do morro do Castelo até a Prainha (a atual praça Mauá), sendo limitada aos fundos pelos muros defensivos, junto à Vala. Fora esta aberta em 1641, com o fim de fazer escoar na Prainha as águas da lagoa de Santo Antônio, que cobria as terras da atual Cinelândia, vindo desde o largo da Carioca. Para lá da Vala (agora, rua Uruguaiana) ficava o Campo da Cidade, extra-muros, com o seu amplo pasto de bois e a enorme lagoa da Pavuna.

Os divertimentos públicos continuavam minguados e sempre os mesmos — cerimônias religiosas (com extenso acompanhamento profano), procissões, teatro ao ar livre (dos jesuítas) e vez por outra alardes ou encamisadas noturnas (como se verificou em 1640, ao ser restaurada a monarquia portuguesa e proclamado rei D. João IV). Para tais celebrações bastavam os adros das igrejas, as ruas ainda que estreitas e os largos (ou rossios). Um destes últimos, por sinal, situado em frente à igreja do Carmo, fora criado em meados do sé-

culo pelo próprio Rei. Contrariando os jesuítas, interessados em edificá-lo, ordenara ele que permanecesse livre o areal deixado pelo recuo do mar na atual praça 15 de Novembro.

Pouco antes, em 1634, o mesmo soberano enviaria ao Rio o engenheiro francês Michel de Lescolle, a fim de melhorar o plano da cidade, já então considerado muito irregular. Entretanto, não foi seguido o seu projeto, embora o trabalho ainda possa ser encontrado na Torre do Tombo. Durante muito tempo haveriam de continuar enfezadas as ruas, com as casas baixas, coladas umas às outras, tendo as janelas escondidas por trançados de madeira, inspirados nos muxarabiês dos mouros. Quanto às árvores, cortavam-se "desapiedadamente", como nos conta Luís Edmundo, não obstante os protestos dos padres, de vez que a Carta-Régia de 1678 assim o facultava (só protegidas por Carta-Régia em 1797).

Um grande porto

Mas na última década do século, o Rio de Janeiro haveria de ganhar impulso, quando o ciclo da mineração o transformou em movimentado porto de escoamento de fabulosa riqueza (ouro a partir de 1690 e também diamantes quarenta anos depois). Com a abertura do caminho novo para as Minas, estabelecendo a ligação direta entre a Raiz da Serra e a Borda do Campo (hoje Barbacena), a cidade deveria assumir o novo papel de importante centro de distribuição de mercadorias para o interior (escravos, ferramentas, tecidos e até comestíveis), avolumando-se o número de navios que nela aportavam. A pouco e pouco conquistava a supremacia econômica, antes detida por Bahia e Pernambuco, grandes produtores de açúcar.

No século XVIII, inaugurando uma era próspera de bons governos, facilitada pelo êxito da mineração, o governador Aires Saldanha mandaria calçar ruas, construir o aqueduto dos Arcos e instalar grande chafariz no centro da cidade. Mas foi no governo Gomes Freire (1733-1763) que o Rio recebeu o seu primeiro grande impulso urbanístico, destacando-se entre as obras de vulto então realizadas o aterro da lagoa de Santo Antônio, onde surgiu novo rossio (inicialmente largo da Mãe do Bispo e depois da Carioca). Além de restaurar os Arcos, preocupou-se o futuro Conde de Bobadela com o calçamento das ruas (obrigando os moradores a fazê-lo numa extensão "de sete palmos"), exigiu o arruamento (sob pena de multa e prisão) e cuidou de disciplinar a arquitetura no centro urbano, estipulando que nele só fossem construídos sobrados

“para assim guardar o prospecto e a regularidade das cidades mais civilizadas”.

À fim de conseguir mais espaço, mandou demolir os muros defensivos junto à Vala e, desobedecendo à antiga proibição da Corte, fez obra do governo “fora da cidade”, mandando abrir um rossio para a futura Sé (onde é hoje o largo de São Francisco). Além da Vala, que continha o crescimento da cidade, ficava então extenso campo, cheio de mangues e coberto por ervas rasteiras, intercalado de cajueiros, o qual tinha o nome de São Domingos (ou Campo dos Ciganos). É que estes, chegados no início do século, ali acampavam, dando nome (e má fama) ao local. À época o grande largo servia apenas ao despejo da carga dos *tigres*, feito em covas especialmente cavadas para tais detritos, que para ali eram levados por escravos.

A capital do Vice-Reino

Derrubados os antigos limites da cidade, puderam aparecer as primeiras casas com jardim — ou chácaras — pois que agora havia amplo espaço. Além do mais, expulsos os jesuítas por Pombal em meados do século, o governo lhes loteara as extensas terras, dando origem a novos bairros, como os de São Cristóvão, Engenho de Dentro ou Engenho Novo. E mais alento ganharia a expansão urbana quando, elevado o Brasil a Vice-Reino, transferiu-se para o Rio a sua capital (1763). Espicada pelas novas atividades políticas e administrativas, que atraíam muita gente, sua população em pouco lograva atingir a casa dos 100 mil habitantes.

Todavia pouco mudara a recreação, a não ser o teatro que, antes geralmente ao ar livre, contava agora com acomodações especiais na *Casa da Ópera* do Padre Ventura, situada em largo central. Sua duração, porém, seria efêmera, já que um incêndio logo a destruiria, sendo ela substituída ao tempo do terceiro vice-rei pelo *Teatro Manuel Luís*. Instalado em 1776 em casa luxuosa, iria ele ser freqüentado pelas famílias abastadas, constituindo a diversão mais refinada até a chegada da Corte, no século seguinte.

Há que lembrar ainda as touradas, realizadas em algum campo espaçoso, especialmente preparado para tais corridas, e que integravam as maiores celebrações. Dias antes armavam-se os camarotes das autoridades e figuras de destaque e as bancadas para o povo, enfeitando-se tudo com bandeirolas e folhagem. À *praça de curro* ainda exibia à sua entrada imponente pórtico, recortado em madeira e pintado a cores. Lembremos de passagem a figura do segundo vice-rei, grande

amante das touradas que comumente as promovia, ficando célebre a que encomendou no último quartel do século, para comemorar a posse do seu substituto.

Como as festas eram poucas e se realizavam nas igrejas, ruas e rossios, não havia necessidade de áreas especiais para elas, bastando enfeitar tudo com bandeiras e plantas, além de por colchas de damasco nas sacadas e luminárias nas janelas, atapetando-se com folhas de mangueira e canela as ruas principais. Muitas destas eram ainda de terra batida, mesquinhas e sujas, salpicadas de poças, tendo no meio um rego ou valeta, onde se atiravam detritos de toda sorte. Caberia ao terceiro vice-rei (o Marquês de Lavradio) calçar mais ruas e completar o aterro de grandes lagoas. Inquieto com a segurança da cidade, iria ele pedir a três engenheiros militares que fizessem um projeto geral para a fortificar, tendo adotado o do capitão Roscio.

Melhoramentos urbanos

Já ao seu sucessor, Luís de Vasconcelos e Sousa (1779-1790) deveria a capital extensos melhoramentos, pois nela realizou obra urbanística de vulto. Com terras do outeiro das Mangueiras acabou de secar a lagoa do Boqueirão, a mais suja da cidade, ali criando o Passeio Público, obra para a qual recrutou os maiores artistas do tempo, entre os quais mestre Valentim. Convocou-o também para a urbanização do largo do Carmo (atual praça 15), que transformou em sala de recepção da cidade. Ali construiu o primeiro cais de cantaria, ergueu novo chafariz, também esculpido em pedra, e calçou as passagens de pedestres que o entrecruzavam. Nessa quadra, o Rio já compreendia o campo de São Domingos, parcialmente aterrado, onde mais tarde se ergueria o campo de Santana, centro de comemorações festivas (como as famosas celebrações do imperador divino, com o estrepitoso *combate de fragatas*).

Assim foi a capital crescendo, a aterrar lagoas e secar pântanos para obter mais espaço, pois que se via limitada pelo mar e pelos morros. Estes paulatinamente iam sendo drenados da sua população, que se esparramava pela planície. Os poucos divertimentos populares de então eram mascaradas, caminhadas pelo Passeio Público, feiras de barraquinhas (como as da Glória), cavalhadas (no local onde hoje se vê a praça Tiradentes) e teatro. Este último ainda costumava associar-se aos festejos públicos, sendo encenado em palanque erguido no terreiro à frente de uma igreja. Havia também espetáculos de *títeres*, ora em portas que faziam as vezes

de palco, ora em sala especial, observando-se ainda teatrinhos ambulantes nos pontos de maior movimento.

A transmigração da família real

Vinda a Corte reformaram-se as residências, delas se retirando rótulas e gelosias. Abriram-se casas de chá, calçaram-se ruas e se fizeram novos aterros, subindo a 78 o número de logradouros públicos. Em breve conquistaria ela definitivamente a posição de maior cidade do Brasil, até então disputada com Salvador. Não obstante tudo isto, segundo o Conde de Lavradio, fidalgo vindo na comitiva de D. João, a capital ainda se apresentava mal, "com casas sem arquitetura, o plano da cidade por fazer . . .", visto ter sido construída "a esmo".⁹⁴ Mas a abertura dos portos e a sua posterior elevação a capital do Reino Unido iriam assegurar-lhe enorme progresso. Surgira o gosto pela vida social, já que os costumes se tinham refinado com a importação de hábitos europeus, aqui se instalando bom número de comerciantes ingleses, franceses e alemães, que davam ao Rio feição urbana ainda mais nítida. Contava ainda com o Real Teatro de São João, o Horto Real e jornais, sintomas de mais largas preocupações culturais, reafirmadas pelo convite feito em 1815 a artistas franceses. Caberia a um dos membros da Missão Artística chegada no ano seguinte, Grandjean de Montigny, projetar imponentes edifícios (já que antes fora vedado fazer palácios, permitidos somente à família real) e sugerir avenidas (como a que ligaria a Quinta da Boa Vista, agora residência de verão do soberano, ao Mangue, então parcialmente aterrado). Propôs além disto o alargamento de ruas e a melhoria de certas vias de acesso, aconselhando ainda a arborização de praças.

Também por essa ocasião iriam erguer-se na praia de Santa Luzia casas de *banho* para fins de saúde, registrando Luís Edmundo haver nelas a seguinte advertência: "é expressamente proibido fazer furos . . . à verruma ou à pua, os encontrados nesta prática devendo ser entregues à ação da polícia".⁹⁵

O município neutro

Com a Independência e a conseqüente entrada do país no comércio mundial, tornou-se o Rio ativo centro de transações

⁹⁴ Edmundo, Luís. *O Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis*. 3. ed. Rio de Janeiro, Aurora, 1951. v. 2, p. 520.

⁹⁵ Id., v. 1, p. 243.

econômicas. A começar pela da Direita, em 1824, suas ruas iam tendo numeradas as casas, verificando-se melhora progressiva nas condições de vida que o aglomerado urbano oferecia. A esse tempo grandes obras embelezavam o antigo Horto Real, elevando-o a Jardim Botânico. Dez anos depois seria a cidade desmembrada da província do Rio de Janeiro, passando a constituir o Município Neutro, destinado a abrigar a capital do Império. Em pouco instituía-se os primeiros transportes coletivos, que logo encorajavam a formação de novos bairros, estendendo-se a mais logradouros a iluminação. A esse tempo instalava-se elegante centro de diversões para as classes altas, onde os bailes se deviam suceder — o *Cassino Fluminense*, no largo do Valdetaro, em frente ao atual Palácio do Catete.

Na segunda metade do século, começou a fabricar-se gás de iluminação (o que deu mais ânimo à cidade) e se inaugurou a estrada de ferro, melhoramento que teve influência marcante no seu progresso, firmando-lhe a posição de porto de vasta zona agrícola (fluminense e mineira). A essa altura começava o café a compensar o declínio da lavoura açucareira, convergindo para o Rio numerosos fazendeiros, que aqui faziam ricas mansões. Com o aumento das comodidades urbanas e a elevação do padrão de vida, as atividades sociais ampliavam-se, multiplicando-se os *saraus*, alegrados por música, declamação, carteados e jogos de prendas. Em 1851 organizavam-se as primeiras *regatas* em Botafogo, embora o remo não estivesse destinado a ter aqui maior repercussão. Por essa quadra abria-se caminho para a praia de Copacabana, então deserta, e despontavam subúrbios, como o de Cascadura (que em 1861 já estaria servido por dois trens diários). Também neste ano iria D. Pedro II convidar o paisagista e urbanista francês Auguste Glazieu para embelezar a cidade, dando-lhe como incumbência especial a reforma do Passeio Público, da Quinta da Boa Vista e do Jardim da Aclamação (ou de Santana). Então enriqueceram-se tais parques de árvores frondosas, alamedas e riachos, inspirados nos jardins ingleses. Foi esta outra grande fase de remodelação na história da cidade, iniciada com a derrubada de velhas casas e estendida com a abertura de ruas e praças.

Na mesma quadra entregava o Governo ao major Archer a administração de grande sítio, adquirido algum tempo antes, para que o convertesse em reserva protetora de mananciais. Num esforço pioneiro de restauração, pôs-se tal administrador a criar a *Floresta da Tijuca*, onde plantaria mais de 100 mil mudas, devendo sua obra ser continuada pelo Barão de Eschagnole (que o sucederia no cargo em 1875). Em 1880 co-

meçaria o desmonte de um dos morros centrais — o do Senado — que levaria décadas para se completar e dar origem finalmente, já no nosso século, à esplanada do mesmo nome. Vale ainda lembrar que desde 1868 se realizavam corridas de cavalo no Derby Club, na altura de São Francisco Xavier, e que em 1876 Rebouças já sugeria a criação de dois parques nacionais.

Abolido o tráfico e depois a escravatura, vultoso capital ficou livre para empregar em atividades comerciais. Concorreram elas decisivamente para ativar o progresso da capital, que já funcionava como ponto de atração de imigrantes europeus. Traziam eles novos moldes de trabalho, cultivando o artesanato em pequenas oficinas. Tinham ainda o hábito da prática de esportes, além de prezarem as artes, aqui fundando clubes para cultivar tais atividades de lazer. Sob esta série de influências — da política interna e das correntes de imigrantes — o Rio, que já era o centro financeiro do país, viu crescer as suas indústrias e com elas os grandes quarteirões operários. Assim foi-se desenvolvendo o próspero porto de café, até se tornar o principal núcleo por onde iria principiar a industrialização do país.

O Distrito Federal

Instalada a República, expandia-se a cidade que agora sediava o Distrito Federal, acentuando-se a sua expansão ao longo dos caminhos servidos pela estrada de ferro D. Pedro II, para chegar a abranger 2 mil logradouros. Enquanto os subúrbios ganhavam ímpeto (embora entre eles ainda permanecessem vastas áreas desocupadas), na zona sul rasgavam-se túneis que davam maior amplitude à cidade (o da rua Alice em 1891 e o Túnel Velho de Copacabana no ano seguinte). Entre os outros melhoramentos então feitos, destacam-se a luz e os bondes elétricos. Igualmente no fim do século apareceria o *omniógrafo*, na rua do Ouvidor, o nosso primeiro cinema e o *kinetógrafo*, situado perto da praça Tiradentes, a qual iria firmar-se como centro de diversões, em torno do antigo Teatro Recreio. Na área esportiva, o futebol começava a ter sucesso e alguns clubes de regatas desabrochavam (como o *Boqueirão*). Assim a capital, que representava o melhor mercado consumidor do país, entrava no século XX, contando mais de 700 mil habitantes.

Contudo foi somente no governo *Rodrigues Alves* (1902-1906) que ela perdeu de fato as suas feições coloniais, com a obra semeadora de *Oswaldo Cruz* e a remodelação feita pelo prefeito *Pereira Passos*. Coube a este demolir centenas de ca-

sas, alargar ruas, rasgar avenidas (como a Central, hoje Rio Branco, a Beira-Mar e a atual Passos), concluir a urbanização do canal do Mangue, prosseguir o desmonte do morro do Senado, plantar árvores e fazer novos jardins (como o da Glória), além de reformar antigas praças. Com trabalhos monumentais pôs-se a corrigir o crescimento indisciplinado da cidade, cuja fisionomia logrou transmudar por completo. Ainda na primeira década, seria inaugurado o Teatro Municipal (1909) e na mesma ocasião a Quinta da Boa Vista sofreria reforma total, ao passar à municipalidade.

Anos após, no governo Epiácio Pessoa (1919-1922), teria início a demolição do morro do Castelo, que permitiria aterrorar parte da praia de Santa Luzia (onde fica hoje o aeroporto Santos Dumont) e da enseada da Glória (para dar seguimento à avenida Beira-Mar). Nos seus terrenos iria organizar-se a Exposição Internacional do Centenário da Independência, que obteve boa repercussão. A essa altura já contava a cidade com uma avenida Atlântica mais larga e pavimentada e com os primeiros arranha-céus, na Cinelândia (ponto de diversões criado por Francisco Serrador). Todavia, só em 1928 iria terminar o arrasamento do morro do Castelo, lugar onde mais tarde também se ergueriam grandes edifícios, pois o Rio estava a crescer no sentido vertical. Como marco importante na história do uso do lazer, registra-se neste período a inauguração do Hipódromo da Gávea (em 1926), após anos de lutas e grandes obras feitas num aterro da lagoa Rodrigo de Freitas. Vinha ele substituir o velho Prado Fluminense, que desde meados do século XIX funcionava no local onde hoje se levanta o Estádio do Maracanã.

Planos para disciplinar o crescimento

Ao tempo de Washington Luís, o prefeito Prado Júnior, que embelezaria a capital com praças e jardins, encomendava a Alfred Agache um plano para ordenar a expansão do Rio. Após anos de estudo, o engenheiro francês apresentou em 1930 o seu projeto, que entretanto só iria ser parcialmente executado. Ainda assim conseguiu remodelar a capital, marcando época na história das suas transformações em termos de embelezamento urbano, pois adotava concepções avançadas para aquela fase. Em conseqüência de tal plano arborizaram-se muitas ruas e se fizeram jardins, alguns retilíneos, do tipo francês, como os da praça Paris. Contudo, embora fossem previstos outros jardins em áreas a obter por aterro na orla da baía, as acomodações para recreação pública ainda não lo-

gravam merecer maior cuidado, continuando o paisagismo acadêmico.

Pouco depois, em 1936, com o projeto do prédio do Ministério da Educação, principiava intensa quadra de renovação arquitetônica, que mais tarde se estenderia ao resto do país. Os jardins começaram a ter nova conceituação das suas funções, passando a integrar os edifícios, onde surgiam nos seus pátios, entradas e terraços por iniciativa do arquiteto. Este, agora também paisagista interessado em aproveitar a flora tropical, pôs-se a agrupar as plantas em massas coloridas, a harmonizar jardim, edificação e paisagem natural, dando assim contribuição decisiva à desejada reaproximação entre o homem e a natureza. Nessa época também, surgiu o Decreto 6.000 do Código de Obras (publicado em 1937), o qual durante mais de trinta anos regeria as edificações em todo o Distrito Federal, se bem que houvesse de ser modificado e complementado por novos textos legais. Tendo feito um zoneamento inicial, com o correr do tempo viu publicarem-se quase duas centenas de textos legais, que visavam a resolver certas situações que a rápida expansão urbana ia criando.

Na década de 40 derrubaram-se centenas de casas no centro da cidade a fim de instalar a ampla avenida Presidente Vargas, com os seus 94 m de largura e mais de 4 mil metros de extensão. Inaugurada em 1944, veio ela melhorar francamente a ligação do centro e sul da cidade com a parte norte. Nesse período ergueram-se muitos prédios de apartamentos, tomando vulto o crescimento vertical do Rio. O fenômeno acusaria ritmo tão vertiginoso em Copacabana, que depressa o bairro se iria transformar em enorme muralha de concreto, restando-lhe unicamente a praia como área livre de recreação. Até o fim da década permaneceria a capital como a cidade mais populosa do país, lugar que só então lhe seria arrebatado por São Paulo, cuja industrialização estava a ganhar extraordinário ímpeto.

Em 1950 inaugurava-se para a disputa da taça mundial de futebol o estádio Mário Filho, com capacidade para 150 mil espectadores sentados. Poucos anos depois completava-se a seu lado um estádio coberto, no qual, posteriormente, também se realizariam grandes espetáculos públicos de música, dança e canto, além de provas esportivas. Na mesma época principiava o desmonte do morro de Santo Antônio, obra que se iria prolongar por várias administrações, para finalmente possibilitar o aterro de larga faixa ao longo da Glória e do Flamengo (onde em 1955 teria lugar o Congresso Eucarístico Internacional). À essa altura já estavam remodelados os jardins da praia de Botafogo, vizinhos do futuro Parque do Fla-

mengo, ao qual dariam harmoniosa continuidade. Também nessa quadra, prosseguindo a antiga luta contra os obstáculos naturais, recomeçava a perfuração de túneis, acompanhada da ampliação dos antigos, trabalho que haveria de lograr vulto nas décadas seguintes.

O Estado da Guanabara

Com 3 300 000 habitantes chegava a cidade ao ano de 1960, quando seria transferida para Brasília a capital federal, aqui se instalando o menor Estado da Federação, com apenas 1 356 km² de superfície. Em breve começaria o planejamento de vasto parque urbano, com 1 200 000 m² de área, para atender à finalidade declarada de recreação pública e não mais somente de embelezamento. Ao plantá-lo no centro da cidade, em faixa conquistada ao mar por aterro e de fácil acesso, preocupou-se o urbanista em oferecer extensa gama de atividades de lazer, desde o banho de mar na praia artificial ou o futebol nos numerosos campos até os passeios a pé, para a contemplação da paisagem descortinada do alto de ondulações artificiais do terreno, ou o teatrinho para espetáculos de fantoches e marionetes.

O Plano Doxiadis

Até então, a maior parte dos projetos de reforma e reorganização do espaço ocupado pela cidade haviam-se restringido a determinados setores e buscado a solução de problemas isolados por meio de esforços dispersos. Por isto, uma das primeiras providências quando surgiu o novo Estado foi criar a Comissão Executiva para o Desenvolvimento Urbano, contratando-se depois o escritório técnico do urbanista grego Doxiadis, para elaborar planejamento geral e de longo alcance. Do extenso relatório entregue em 1965 pela Comissão, apresentando programa de desenvolvimento urbano a longo prazo, bem como um plano destinado a assegurar ao Estado da Guanabara "desenvolvimento adequado até o ano 2000", comentaremos apenas os principais dados relativos às áreas e instalações de recreio (assunto que, por sinal, mereceu todo um capítulo).⁹⁶ Este plano, cujo objetivo explícito foi o de criar "o arcabouço de uma infra-estrutura que facilitasse ao Estado crescer equilibradamente", recomendou que se desen-

⁹⁶ Comissão Executiva para o Desenvolvimento Urbano (CEDUG). *Guanabara — a plan for urban development*. Rio de Janeiro, Doxiadis Associates, Consultants, 1965. cap. 3-8., p. 230 e seguintes.

volvessem áreas de recreação ao longo da costa, junto ao mar e à baía. Propondo uma série de programas parciais para a sua execução em etapas, cada qual com propósitos bem definidos, dedicou um deles à implantação de facilidades materiais para a recreação e à destinação sistemática de espaços livres para o uso do lazer. Nos objetivos do programa para os primeiros cinco anos (ou seja, de 1966 a 1970) figurava o desenvolvimento das seguintes áreas: 640 hectares de parques regionais, quatro campos de recreio (num total de 14 hectares) e 12 parques de recreação tipo *playground* (englobando 24 hectares). O mesmo programa especificava que um dos grandes parques deveria localizar-se junto às praias ocidentais da baía de Guanabara, em faixa aterrada de 140 hectares, com o fim de servir à zona norte, e outro na costa correspondente a Jacarepaguá (onde foi sugerida área de 500 hectares para parques regionais).

Registrando que do ponto de vista meramente percentual eram abundantes os espaços abertos e as áreas disponíveis para recreação (à vista dos numerosos morros desabitados e das extensas praias dentro do perímetro urbano), salientou o relatório a carência de "pequenos parques e de espaços organizados no interior dos grupos de vizinhança para a recreação ativa e passiva da população mais jovem e também para os mais velhos, especialmente no lado norte da cidade". Complementando esta asserção, esclarecia que "jardins públicos e museus, bem como as maiores instalações públicas para esportes, natação e regatas, acham-se nos bairros da zona sul e no centro comercial. A não ser as praias da Ilha do Governador, só em Ramos há uma praia que atende à população da zona norte da cidade. Assim, durante os fins de semana, concentrações de tráfego saem da cidade ou vão para as praias de Copacabana e da zona sul, enquanto que as grandes partidas de futebol criam congestão perto do Estádio Municipal do Maracanã".⁹⁷

Destacando a celeridade do crescimento urbano, sublinhou ainda a necessidade de planejar para um futuro distante, levando em conta a desatualização que qualquer plano sofre em face da própria continuidade da mudança e da demora inevitável de projetos e obras de monta. Calculando em pouco menos de 23% da área total do Estado o espaço ocupado por lagoas, morros e colinas acima do nível de 80 m, assinalou que dos 873 km² restantes de área líquida por urbanizar, aproximadamente 230 km² já estavam construídos, sendo habitados por população com densidade média de 163 moradores

⁹⁷ Comissão Executiva para o Desenvolvimento Urbano. Op. cit., p. 172.

por hectare de terra urbanizada. Estimando que até o ano 2000 a pequena superfície do Estado já estaria toda urbanizada, ascendendo então a sua população a cerca de 8 400 000 habitantes, propôs a instalação de "um sistema completo de parques", destinado a prover as necessidades de recreio "de habitantes e turistas" (nacionais e estrangeiros).

Para integrar tal sistema recomendou parques de recreação (ou *playgrounds*), de preferência adjacentes às escolas primárias, campos de recreio com acomodações especiais para adolescente e adultos e parques de vizinhança para as várias comunidades, além dos parques regionais e reservas florestais. Para tais projetos aconselhou os seguintes padrões, relativos a cada grupo de 1 000 habitantes: 0,20 ha para os parques de recreação; 0,07 ha para os campos de recreio; 0,05 ha para os parques de vizinhança; 0,07 ha para os parques locais; 0,03 ha para os grandes parques; e 2,00 ha para os parques regionais. Em relação aos últimos advertiu ser grande a disparidade entre os padrões aceitos nos diferentes países (pois iam de 0,05 a 4,00 ha), porém julgou realista o padrão proposto de 2,00 ha, visto tais parques incluírem morros, praias e lagoas, encontrados em grande número na cidade. Depois de pormenorizar programas de formação de pessoal para a execução das diferentes fases do projeto, recomendou que 3,1% da área total do Estado, contando-se morros, praias e lagoas, fossem destinados à recreação. Apontou ainda a importância de se promoverem medidas legais para salvaguardar de uso indevido as áreas reservadas à recreação, bem como defender a paisagem, repisando a todo momento a urgência de se melhorarem as vias de acesso aos grandes centros de recreação.⁹⁸

Ao ser entregue o relatório, já contava o Rio com algumas grandes áreas de recreação pública, além de praias no continente e nas ilhas (especialmente de Paquetá e Governador). Na zona norte havia a Floresta da Tijuca (com os seus atalhos, aléias, locais de repouso, recantos para recreação infantil e belvederes) e Quinta da Boa Vista, de novo em obras de reforma, que incluíam a pavimentação de várias alamedas, o reparo dos lagos, a construção de praças de esportes e a preparação de locais cercados para as crianças brincarem. Tal remodelação estendia-se ao Jardim Zoológico, cujas instalações se estavam melhorando. Enquanto isto funcionava na zona suburbana o Parque Ari Barroso (na Penha), com três campos de esporte e um conjunto de lagos e cascata, além do balneário de Ramos, destacando-se no centro o Parque Jú-

⁹⁸ Comissão Executiva para o Desenvolvimento Urbano. Op. cit., p. 210-229.

lio Furtado (antigo campo de Santana) e o Passeio Público. Na zona sul achavam-se o Parque do Flamengo (em fase de acabamento), o Parque Lage (já tombado, mas ainda em obras de restauração), o Parque da Cidade, o Parque Guinle e o Jardim Botânico, afora a Reserva Biológica de Jacarepaguá. Quanto a esta última, criada no início da década ao longo da lagoa de Marapendi e da restinga de Jacarepaguá para ser entregue ao Departamento de Recursos Naturais, deverá abrigar no futuro o Parque Zoológico de Marapendi, projetado para inaugurar-se em 1972. Nele será conservado o grande bosque natural de casuarinas, reservando-se bom espaço para crescerem em liberdade animais que não ofereçam perigo.

Nos anos subseqüentes foram sendo criados, em vários bairros, locais para recreio infantil — os chamados miniparques — de regra localizados em praças, sendo protegidos por cerca de tela metálica e dotados de conjuntos de aparelhos como balanços, gangorras e gaiolas. No setor das artes, a inauguração da Sala Cecília Meireles para concertos e do Museu da Imagem e do Som constituíram marcos na recreação pública. O Museu de Arte Moderna, em funcionamento há muitos anos foi terminado, passando a desenvolver mais atividades, como cursos, projeção de filmes, conferências e exposições rotativas.

O crescimento para o sul

Em 1969 foi aproveçdo para a baixada de Jacarepaguá o plano-piloto de urbanização, da autoria de Lúcio Costa, destinado a ordenar ali os empreendimentos da iniciativa privada, concretizando nova concepção urbanística. De acordo com o projeto, 90% da área será ocupada por vias de tráfego, estacionamentos, parques, edificações baixas, lagoas e jardins. O tráfego foi idealizado de forma que nunca os pedestres cruzem com veículos, baseando-se o traçado geral em dezenas de alamedas sinuosas, cortadas por avenidas diagonais. Nas extremidades destas últimas, obedecendo a plano de urbanização nuclear, deverão erguer-se os chamados *bairros verticais*, isto é, torres de apartamentos com mais de 30 andares. Entre tais núcleos ficará espaço de um quilômetro, a ser ocupado por casas de no máximo dois pavimentos, em centro de terreno ajardinado, tendo por única separação cercas vivas. A arborização merecerá grande cuidado, já se tendo iniciado o plantio de coqueiros, amendoeiras e eucaliptos, sendo que a via Nobre receberá vários renques de palmeiras imperiais, plantados desde a praia até o futuro centro comercial. Este, ladeado por duas praças, conterà lojas, restaurantes, bancos,

estacionamentos, agências de turismo, boates, cinemas, teatros e galerias de arte. As lagoas e jardins, situadas entre as torres residenciais, facilitarão aos moradores a prática de atividades variadas de lazer (como natação, remo, vela e piqueniques), ampliando-se ainda mais essas possibilidades pela existência na região de numerosos clubes esportivos e sociais. Quanto às áreas já loteadas e parcialmente construídas na Barra da Tijuca e no Recreio dos Bandeirantes, serão proibidas novas edificações que excedam dois andares ou que ocupem mais da metade do terreno. Já se aprovaram alguns projetos de obras particulares nestes bairros e conseguiram-se reformular outros, de modo a enquadrá-los dentro do espírito do projeto, pretendendo-se envolver com bosques de amendoeiras as faixas em que já se fizeram construções desordenadas ou de altura excessiva. Com a inauguração próxima da autoestrada Lagoa—Barra, espera-se a ocupação gradual de uma área de 160 000 km² na baixada, a qual deverá exibir boas condições de recreação pública.

Também Copacabana, desumanizada pela especulação imobiliária, foi objeto de extenso trabalho de remodelação, apoiada no alargamento da praia e na sua urbanização. Com tal obra, cujo término foi alcançado em 1972, o bairro ganhou ampla faixa ao longo da avenida Atlântica, medindo 140m da linha dos prédios até a do mar. Nela se construiu um calçadão de 20m, contíguo dos edifícios, um canteiro de 11m entre as duas novas pistas de rolamento (cada qual com 10m de largura) e mais uma calçada de 9m, junto à areia. Nesta, que ocupa uma faixa média de 90m, plantaram-se pequenas zonas de grama, com arbustos e palmeiras. O projeto de alargamento da praia abrange ainda 8 400m² para o estacionamento de veículos.

Enquanto Ipanema vai sendo embelezada, fazem-se melhoramentos no centro da cidade, na Esplanada de Santo Antônio, junto à catedral. Ali se planejam grandes jardins, embelezados por tanques d'água e repuxos, com farto espaço para pedestres (cada vez mais ilhados no centro urbano).

Normas para ordenar o crescimento

Finalmente em 1970, após prolongados estudos, publicou-se a *Lei do Desenvolvimento Urbano*, que veio tornar sem efeito o antigo Código de Obras (em vigor desde 1937, embora acrescido e modificado por outra legislação). Regulamentando as normas destinadas a governar o crescimento do Estado da Guanabara (estabelecidas em 1967 por decreto estadual), o novo texto legal apoiou-se em levantamento aerofotogramétrico e

análise estatística das zonas do Estado, que agrupou assim: seis zonas residenciais, cinco comerciais, cinco especiais, duas turísticas e uma portuária. Entre as turísticas ficou Copacabana e nas especiais a baixada de Jacarepaguá, merecendo cada zona tratamento urbanístico apropriado, visando ordenar o seu desenvolvimento.

Assinale-se por fim que a extraordinária expansão da cidade nas últimas décadas levou a extravasar os seus limites e desencadear o desenvolvimento de centros fluminenses, hoje integrados na área metropolitana do Grande Rio (como São João de Meriti, Nova Iguaçu, Duque de Caxias ou São Gonçalo). Além dos seus cinco milhões de habitantes, abarca ela atualmente denso aglomerado humano, agigantando-se como metrópole que vê, paralelamente a seu rápido avanço, dilatarem-se os problemas que a confrontam. Com as demolições exigidas pelas escavações de metrô (recurso indispensável ao transporte de grande massa que nela vive), surgiram praças na Lapa e um pouco mais de verde no centro da cidade.

Um novo estado

Consumada em 1974 a fusão com o Estado do Rio, impõe-se um planejamento urbano integrado, capaz de levar em conta a extensão de toda a área. Entretanto, como a celeridade do progresso tecnológico, a marcha veloz da urbanização e a explosão demográfica, além de outros fatores de difícil previsão, em pouco tempo desatualizam planos de obras a longo prazo (como as necessárias à remodelação de um Estado), torna-se imperioso encorajar uma nova mentalidade, qual seja a de planejamento continuado. Será este dirigido para um conjunto de metas classificadas por ordem prioritária, mas definidas todas com flexibilidade tal que lhes facilite a adaptação às novas condições e exigências que se forem configurando.

O PARQUE DO FLAMENGO: UM MILHÃO DE METROS QUADRADOS PARA RECREIO

"Mecanização e automação colocam novo problema: o da ocupação das crescentes horas vagas, ou seja, a recreação. Como processo humano, por excelência, a recreação segue os caminhos da arte, e não os da ciência. Os últimos tempos marcam três momentos sucessivos: o da ciência, o da técnica e, novamente, o da arte. Esta é chamada a exercer papel de relevo no programa educacional tal como em certos períodos da história da humanidade exerceu missão preponderante. O futuro convocará a arte, cada vez mais, para que o homem não seja desumanizado." *Parecer do Conselho Federal de Educação* ⁹⁹

O projeto inicial

Como exemplo de projeto de recreação de grande alcance em centro populacional congestionado, já com problemas de carência de espaço livre e de acomodações para recreio público, podemos citar o Parque do Flamengo. Tal como o Passeio Público, projetado no século XVIII por mestre Valentim para a área aterrada da antiga lagoa do Boqueirão, o novo parque emergiu na década de 60 num aterro possibilitado pelo arrasamento do morro de Santo Antônio. Por dificuldades administrativas e, posteriormente, pelo próprio volume da obra (quase oito milhões de metros cúbicos de terra), o desmonte foi várias vezes protelado. Mesmo depois de atacado, prolongou-se por oito anos, só ficando praticamente concluído em 1962. Deu ao Rio, contudo, além de vasta esplanada no centro urbano, uma faixa ganha ao mar, junto à baía de Guanabara, de um milhão e duzentos mil metros quadrados, hoje transformada em concorrido centro de atração popular.

Entretanto, a característica mais notável desse Parque não é tal amplitude de espaço, porém a sua privilegiada localização geográfica. Numa cidade de mais de quatrocentos anos, que cresceu espremida entre o mar e os morros, para abrigar uma população superior a quatro milhões de habitantes, concentrados em pouco menos de 1 300 km², merece destaque a destinação para recreio público de ampla superfície livre em

⁹⁹ Conselho Federal de Educação. Parecer. 331, (relator: Kelly, Celso). Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, CFE, 1964.

zona central (e portanto altamente valorizada). Todo o projeto surgiu da compreensão da relevância de se oferecerem acomodações e instalações variadas para atividades recreativas ao ar livre em local de alta densidade demográfica (como Catete, Glória e Flamengo), o qual ainda reunia as seguintes vantagens: facilidade de acesso para os moradores de numerosos bairros; serviço abundante de transportes coletivos (o que lhe permitia ser freqüentado diariamente por muitas pessoas, sem que dependessem de carro particular ou tivessem de esperar por feriados prolongados); e a situação de próprio do Estado (além da beleza da paisagem circundante).

O planejamento foi entregue ao pequeno *Grupo de Trabalho de Urbanização do Aterro Glória-Flamengo*, presidido por Maria Carlota de Macedo Soares e constituído por arquitetos, botânicos e engenheiros, contando ainda com um assessor de urbanismo e outro de recreação. Contrataram-se além disto os serviços de um paisagista para projetar os jardins e de um arquiteto especializado em iluminação. A execução do projeto foi confiada à SURSAN (Superintendência de Urbanização e Saneamento do Estado da Guanabara).

Na extensa faixa aterrada decidiu-se que ficariam apenas as duas pistas para automóveis já em uso, julgadas suficientes para o escoamento dos veículos que demandavam a cidade, vindos da zona sul (e vice-versa). Pela própria configuração do aterro, não foram aceitas as novas pistas de rolamento que muitos pretendiam, de vez que iriam facilitar a formação de *gargalos*, além de impedir o bom aproveitamento daquela área, tão central, para atividades de lazer. Como o pedestre ali deveria encontrar liberdade e paz, deliberadamente não se previu a entrada de veículos no interior do parque, mas se distribuíram pela sua periferia seis praças de estacionamento, com capacidade para 1 300 carros.

O único veículo permitido (e desejado) seria um trenzinho, na realidade um trator a puxar quatro vagões, podendo acomodar 100 passageiros sentados. Várias destas composições iriam cobrir um percurso circular de aproximadamente 3km, em pista concretada de 5m de largura. À noite a mesma pista serviria de rua de serviço, para os veículos coletores de lixo ou de transporte do material para as diferentes unidades compreendidas pelo parque, que se pretendia tornar uma fundação, para ter autonomia administrativa.

Seis passarelas e igual número de passagens subterrâneas transporiam as pistas de automóveis, a fim de garantir a segurança dos usuários, servindo ainda as últimas para abrigar alguns sanitários públicos. Houve o cuidado de fazer bem

abertas e iluminadas as passagens rebaixadas, de modo que fosse fácil fiscalizá-las.

Planejou-se grammar pouco menos de metade da área total e se plantarem jardins formais em três setores, a saber: junto ao Museu de Arte Moderna (já em funcionamento há vários anos); na faixa correspondente ao morro da Viúva; e na enseada da Glória (perto do local destinado a extenso pergo-lado). A parte central do parque seria plantada de modo a formar uma série de bosques, situados em ondulações artificiais do terreno. Ao longo de caminhos ensaibrados, que percorreriam toda a área seriam distribuídos espaçosos bancos de concreto, para atender aos interessados em atividades contemplativas ou de repouso, aproveitando pontos de beleza paisagística.

Ao projetar os jardins, o paisagista preocupou-se em empregar espécies variadas e com floração em épocas distintas, de modo a assegurar a presença de flores durante o ano todo. Criou ainda grandes conjuntos de plantas da mesma espécie, com o propósito de obter contrastes marcantes entre densas massas vegetais de coloração diversa e de porte ora mais, ora menos elevado. Além disto, ainda para efeitos paisagísticos, considerou também no seu projeto o tamanho, a forma e a textura da folhagem. Para tanto, foram especialmente trazidos espécimes de várias regiões do país (notadamente das zonas de restinga), cuidando-se de os aclimatar primeiro no horto-piloto (uma das primeiras unidades a funcionar regularmente).

Plantas ornamentais, especialmente orquídeas, deveriam no futuro constituir mais uma atração, sob o ripado que se iria erguer na enseada da Glória. Nele ficaria ainda uma exposição permanente de aves e peixes do Brasil, que, juntamente com uma biblioteca para crianças e adolescentes, completaria as oportunidades para diversões mais tranqüilas.

Uma área de aproximadamente 40 mil m² seria reservada junto ao mar para piqueniques, incluindo bancos e mesas de concreto, em pontos de sombra. Na enseada da Glória seria instalado um ancoradouro para pequenas embarcações de passeio e próximo ao morro da Viúva deveria ser construído amplo restaurante. Para maior conforto dos usuários, complementaríamos as acomodações cabinas telefônicas distribuídas ao longo do parque, instalando-se nele também uma lanchonete.

O projeto incluía ainda: duas pistas de aeromodelismo, sendo uma com dimensões oficiais (50m de diâmetro) e outra menos (de 40m); um tanque para modelismo naval (de 18 x 50m); oito campos ensaibrados para *peladas*, sendo seis pequenos (30 x 60m) e dois grandes (80 x 40m); oito quadras

cimentadas com marcação para voleibol, futebol de salão e basquetebol; uma praia artificial com 1 500m de extensão e até 45m de largura; um coreto para concertos ao ar livre e exibição de bandas (tendo no subsolo acomodações para uso dos artistas); uma pista de danças (ou teatro de arena) com capacidade para 800 espectadores sentados (estes dois últimos projetados por Afonso Eduardo Reidy, também autor do projeto do Museu de Arte Moderna, do viaduto que a ele conduz os pedestres e dos dois pavilhões dos playgrounds), um teatrinho de fantoches e marionetes, com acomodações para 200 pessoas sentadas; e dois grandes parques de recreação, cada qual com 30 mil m².

Quanto ao equipamento de recreação, combinou-se que seria desenhado pelo Grupo de Trabalho, de acordo com a programação do assessor, buscando-se inovar o material tradicionalmente oferecido. O mesmo assessor de recreação participou de todas as fases do planejamento e da execução, não só programando instalações e aparelhamento, mas ainda acompanhando as obras, para verificar a demarcação dos setores, o revestimento dos pisos, a localização dos aparelhos, a sua fixação ao solo e proteção, as marcações do terreno para os jogos, as divisões internas dos pavilhões, as instalações sanitárias e outros pormenores do acabamento, visando não só a adequação das acomodações aos vários grupos de idade mas a sua segurança.

No planejamento das unidades de recreação os seguintes elementos foram levados em conta: dimensões da área total; configuração e topografia dos espaços disponíveis; equilíbrio na distribuição das acomodações; possibilidade de intercâmbio entre as unidades pertencentes ao parque e delas com escolas e clubes locais; diferenças de interesse (que exigem variedade de acomodações); vias de acesso e intensidade do trânsito junto a cada unidade; segurança dos usuários; e importância de estimular atividades não competitivas (para não desvirtuar os objetivos do projeto, evitando-se, por exemplo, atrair profissionais para as quadras esportivas, em prejuízo dos amadores, cuja participação se buscava).

Diretrizes específicas para o planejamento das unidades de recreação

Transcrevemos a seguir as normas que apresentamos no início do trabalho de assessoria ao grupo encarregado da urbanização do aterro. Quase todas, praticamente, foram atendidas.

1. O planejamento das unidades de recreação deve ter em vista as características físicas, sociais e econômicas da comu-

nidade e buscar a sua harmoniosa integração dentro do plano geral do Parque do Flamengo.

2. Neste planejamento das unidades convém respeitar os seguintes princípios básicos:

- atendimento ao maior número possível de pessoas;
- economia de custo e manutenção;
- simplicidade de funcionamento e supervisão;
- garantia de segurança aos usuários; e
- facilidade de acesso.

3. O planejamento deve ser flexível, isto é, ter em vista o fato de que, à medida em que se vai executando um projeto, as próprias condições mutantes de vida costumam exigir adaptações ou mesmo alterações de monta.

4. Os locais de recreação para crianças devem ter sempre facilitado o seu acesso.

5. Para atender aos interesses dos diferentes grupos de idade, sexo e nível educacional, as acomodações precisam ser diversificadas.

6. É essencial oferecer espaço amplo aos habitantes de áreas densamente povoadas (os quais não o podem achar em suas casas).

7. Analogamente, há de ser facilitado o seu contato com a natureza, que a urbanização crescente vai afastando cada vez mais dos homens (quando já não desfigurou a paisagem).

8. A fim de atender às necessidades e respeitar as possibilidades dos vários grupos etários, deve-se prever espaço adequado a cada grupo e instalações com ele condizentes (em relação às habilidades, capacidades e preferências habituais).

9. Na escolha do equipamento para recreio (balanços, esportes etc.) há de observar-se o cuidado de divergir educando para o bom aproveitamento do lazer. Convém por isto prever a maior variedade de usos possíveis, a fim de encorajar a participação efetiva (em lugar do espectadorismo) e instigar o espírito de criação dos usuários.

O aparelhamento será selecionado não apenas pela sua capacidade de atrair mais participantes (pois há brinquedos fascinantes que oferecem perigo), nem somente pela sua beleza (já que existe material bonito que logo perde o interesse), mas principalmente pela contribuição que possa dar ao desenvolvimento global (físico, intelectual, emocional e social) dos que se recreiam.

10. Embora a economia de custo e manutenção também deva influir na escolha do equipamento de recreação, este há de ser sempre de boa qualidade e preparado para evitar acidentes (sólido, sem arestas vivas ou farpas, bem acabado), além de forte e durável. Terá de resistir às intempéries, ao uso intensivo (quando não abusivo) e, se possível, ao vandalismo. Tubos e redes de aço, concreto colorido, madeira de lei e fibra de vidro são exemplos de material capaz de suportar muito desgaste.

11. A preparação do terreno (*grading* e drenagem) é ponto básico para que as áreas externas possam funcionar a contento em qualquer estação do ano, tanto no interior dos parques infantis quanto nas demais unidades de recreação.

12. Igualmente dentro e fora dos parques infantis convém prever, além de grandes espaços livres, áreas *íntimas*, pequenas, de forma e limites bem definidos, protegidas por vegetação. Servirão elas para atividades mais calmas, feitas por grupos menores, aconselhando-se o rebaixamento do terreno nesses locais e o plantio de árvores frondosas (para sensação de aconchego).

13. As áreas disponíveis não de ser aproveitadas tendo-se em mira o seu maior rendimento, isto é, quanto público nelas se poderá divertir. Uma quadra de tênis, por exemplo, atende a quatro jogadores de cada vez, ao passo que uma área semelhante, com mesinhas e bancos, pode servir a grandes grupos (para piqueniques, reuniões festivas ao ar livre ou jogos de mesa).

14. As quadras de esportes devem respeitar a orientação norte—sul. Se forem bem iluminadas, poderão ter seu uso estendido até à noite, em benefício dos adolescentes e adultos que não as podem utilizar de dia.

15. A manutenção de locais e instalações há de ser a mais simples e a menos dispendiosa possível. O mesmo princípio aplica-se aos costumeiros reparos do material danificado e à substituição de peças, feitos regularmente após inspeções periódicas.

16. É vantajoso combinar eficiência e beleza, aproveitando as condições do próprio terreno (velhas árvores, declives, colinas, grandes pedras etc.). Evidentemente ele deverá sofrer de início cuidadosa limpeza e ser nivelado nas áreas para os grandes jogos, bem como naquelas que cercam os aparelhos.

17. Para as instalações ganharem em beleza e se tornarem mais atraentes, convirá lançar mão de recursos como: cores va-

riadas nos aparelhos; diferentes tipos de piso (cimento, asfalto colorido, cimento asfáltico, terra, grama, areia, saibro); e diversificação do revestimento das paredes (ladrilhos, cimento polido mais tinta fosca etc.). A mesma preocupação estará presente nas grades de proteção e nas cercas vivas (feitas com tipos variados de plantas, tela metálica, tubos de aço, cerâmica etc.).

18. A vegetação deve ser vista como parte necessária nos locais de recreio, embora precise ser protegida do vandalismo. Será distribuída de molde a assegurar sombra em certos pontos, mas não estorvar a corrida livre ou os jogos de bola. Se possível, alguns recantos serão reservados para os próprios usuários (especialmente crianças e idosos) terem os seus canteiros. Grandes árvores na periferia das maiores áreas de recreação defenderão os freqüentadores dos perigos do tráfego e lhes irão proporcionar proteção do barulho e da fumaça.

19. Convém diversificar as unidades dentro da área aterrada, de modo que cada qual contenha atrativos especiais, dilatando as possibilidades de escolha dos usuários. Assim, seria interessante fazer num dos parques infantis uma aldeia para os pequeninos e no outro um pequeno palco ao ar livre, além de um *labirinto* de concreto, sem cobertura, todos a cores, variando-se as possibilidades oferecidas, já que a eficiência do atendimento em qualquer local está condicionada em parte à sua relação com as acomodações circunvizinhas.

20. Os parques infantis compreenderão setores especiais para: pequeninos; médios ou escolares; adolescentes e adultos; e idosos. Serão protegidos do intenso tráfego local por muro de pedra (cerca ou tela metálica), a fim de evitar que em meio à brincadeira uma criança corra para a rua ou que carros invadam a área (deliberadamente para estacionar, ou por acidente). Árvores e cercas vivas ajudarão a complementar esta defesa, convindo reforçá-la com um talude interno que circunde cada parque (em face da sua proximidade das pistas de rolamento de veículos).

21. Também por razões de segurança e para melhor controle do seu funcionamento, convirá dotar os parques de uma única entrada, que terá grande portão (aberto apenas aos veículos de serviço) e *borboleta* de controle dos freqüentadores do parque, tendo em vista garantir a tranqüilidade dos que nele se vão recrear.

22. Condição básica a respeitar em todo o planejamento é a da segurança dos freqüentadores. Será ela facilitada não

apenas pela proteção externa, antes apontada, mas ainda pelas seguintes medidas de precaução: faixa para travessia de pedestres em frente às entradas das unidades de recreação; disposição dos vários setores dentro de cada unidade (de molde a assegurar boa circulação e um mínimo de interferência entre as brincadeiras de uns e outros grupos); proteção especial para os locais destinados aos menores de sete anos; muretas, grades, piso antiderrapante e colorido vivo para resguardar as instalações com água (tanque, espelho d'água etc.) e a área dos aparelhos (especialmente os balanços, onde ocorrem mais acidentes); limitação da profundidade máxima do tanque a 40 cm (com o fim de evitar afogamento); revestimento do piso adequado à destinação de cada local (cimento asfáltico, grama, terra, areia etc.), reduzindo-se ao máximo o uso do saibro nas áreas de brincadeiras ativas, pela abrasão que causa à pele; cuidados especiais com o piso junto aos aparelhos (fazê-lo de areia ou de uma composição em que entre cortiça ou borracha, conforme as especificações, que se seguem, a fim de amortecer as quedas); equipamento de proporções e peso apropriados aos usuários, de construção sólida, bem acabado (sem farpas ou quinas) e corretamente montado (as hastes a prumo, enterradas na profundidade especificada pelo fabricante etc.). Os aparelhos que mais cuidado exigem são os balanços (cuja cerca de proteção é imprescindível), os escorregas (que precisam de ampla plataforma, dotada de grade, além de corrimão na escadinha) e os trepa-trepa ou *gaiolas* (que devem ter os intervalos entre os degraus calculados segundo o adiante fixado, para cada grupo etário). Os balanços dos pequeninos serão dotados de cinto de segurança.

23. No planejamento será indispensável prever não só a facilidade de circulação interna como ainda o controle das atividades dentro de todo o parque. Por isto o setor dos pequeninos e aquelas dependências cujas atividades exijam maior supervisão deverão situar-se perto do pavilhão central. As divisões entre os setores serão de baixa altura, para não obstruir a visão do recreador, servindo comumente para isto pequenas cercas vivas ou muretas. As entradas deverão ser reduzidas ao mínimo (de preferência uma única), projetando-se e instalando-se os aparelhos de modo a exigirem pouca supervisão do seu uso.

24. Os aparelhos ficarão concentrados em determinados locais, segundo a idade a que se destinam, delimitando-se claramente a sua área (com grades de proteção, faixa de segurança e cerca viva ou por colorido que chame a atenção).

O objetivo destas medidas é facilitar a fiscalização do seu uso, favorecer a sociabilidade reunindo usuários da mesma idade e diminuir o número de acidentes.

25. A partir dos 12 anos, convém prever lugares separados para os dois sexos, já que nesse período se acentuam as diferenças de interesse e de habilidades físicas entre ambos. Assim, enquanto os meninos continuam a apreciar as brincadeiras ruidosas e agitadas, as meninas costumam preferir nessa fase atividades menos movimentadas.

26. As acomodações para os adolescentes devem incluir áreas para diversões tranqüilas (grupos de bancos e mesas, destinados a jogos de salão, reuniões sociais, com canto e música, conversa etc.), além de locais para jogos e esportes ativos (quadras de voleibol e basquetebol, instalações para tênis de mesa etc.). Terão eles assim oportunidades de se recrear juntos ou em quadras separadas, conforme os interesses da ocasião.

27. Dentro dos parques de recreação é comum observarem-se as seguintes proporções quanto ao piso: área gramada, 67%; área pavimentada, 30%; e área para aparelhos, 3%, percentagens que podem servir de base para o atual projeto.

28. Em algumas das áreas livres e pavimentadas, convém que se faça marcação permanente (a cores) de campos, quadras, alvos etc. Tanto o setor dos pequeninos quanto o de escolares incluirão áreas de formas variadas — quadradas, circulares, retangulares etc., com marcação indelével, feitas no próprio revestimento. Enquanto que no setor dos menores haverá marcas para pequenos jogos, jogos com lugar individual definido e jogos de dois campos, nas áreas para os escolares a marcação também terá que atender aos grandes jogos, às corridas de revezamento e aos jogos de alvo (com círculos concêntricos, triângulos, retângulos, losangos, estrelas etc.), bem como aos diversos tipos de *amarelinha* e *caracol*. Estas marcações facilitarão muito o início das atividades e a sua supervisão, concorrendo ainda para dar maior colorido e vida ao ambiente.

29. Será igualmente proveitoso fazer no tampo das mesinhas de concreto, dispostas em grupos nos vários setores, alguns desenhos. Eles poderão ser de pratinhos e talheres, flores, bichos, bonecos, meios de transporte etc., no setor dos pequeninos. Nos outros setores será interessante fazê-los em tabuleiro de damas, de xadrez chinês, de moinho ou de ludo, além de campo para futebol de botões (adaptado) e risco para o jogo da velha (com exceção do setor dos idosos, onde

se fará apenas a marcação para damas ou xadrez). Tais riscos serão traçados com tinta permanente, convindo que os tampos das mesas sejam polidos.

30. Em cada parque de recreação haverá um pavilhão central dotado de ampla área coberta, para atividades manuais, danças ou jogos de salão, ocupações muito procuradas nos dias de chuva ou de intenso calor. Nele ficarão ainda localizados os depósitos para a guarda do material (fichas de frequência e de atendimento, material para jogos — bolas, redes etc. — e o necessário para primeiros socorros), bem como a saleta do recreador (com um recanto para socorros urgentes, pia e bico de gás), além dos sanitários.

31. O pavilhão destina-se não apenas a acomodar os frequentadores mas a facilitar a supervisão geral da área, para tanto devendo situar-se em plano um pouco mais elevado (que permitirá maior visão ao recreador). A fim de preservar o máximo de espaço ao ar livre (hoje tão escasso nas grandes cidades), suas dimensões serão as menores possíveis.

32. Bebedouros e simples pontos d'água serão distribuídos pela área externa, tendo em vista reduzir o movimento no pavilhão e oferecer mais conforto aos usuários (auxiliando-os, inclusive, por ocasião dos pequenos curativos).

33. Outro fator de bem-estar dos frequentadores serão bancos para os acompanhantes das crianças, os quais ficarão localizados em pontos de sombra e serão dotados de encosto. Devem ser mais numerosos no setor dos pequeninos e naqueles dos idosos (valendo a pena localizar estes dois setores em áreas contíguas).

34. Cestas para lixo não de ser distribuídas tanto na área externa quanto nas dependências do pavilhão.

35. Preparadas as áreas de recreio e completada a sua instalação, é importante conseguir dispositivos legais (complementares aos acaso existentes) que assegurem a sua boa manutenção, evitando ao mesmo tempo que sejam deturpadas ou se fragmentem. Um tombamento, por exemplo, impedirá que áreas inicialmente destinadas à recreação pública sejam entregues a particulares para exploração, que novas construções arruinem um planejamento cuidadoso e reduzam o espaço livre, que bustos ou monumentos comprometam campos de jogos ou que as instalações sejam desvirtuadas pela sua cessão a outro serviço que não tenha finalidades educativas. (Lembremos, a propósito, uma lei promulgada no Japão em 1958, que proíbe edificações desnecessárias nos parques, fixando

em cinco anos o prazo para a demolição das casas neles existentes em demasia.)

36. As unidades de recreação devem funcionar com pessoal especializado. Nesse trabalho de orientação das atividades recreativas podem-se aproveitar voluntários — universitários e alunos do segundo ciclo de escolas de nível médio — desde que recebam treinamento intensivo em serviço e permaneçam sob a direção de um profissional. Alunos de escolas normais, de educação física, de assistência social, de música, de belas-artes, de comunicação e de biblioteconomia poderão ser chamados a prestar serviço (a título de estágio), com vantagens para ambos os lados.

Sugestões e especificações para o equipamento

A estas normas de carácter geral, por nós apresentadas ao Grupo de Trabalho, acrescentavam-se especificações relativas a cada um dos seguintes elementos:

- o pavilhão (dimensões e distribuição das suas dependências, número e localização no prédio de sanitários e bebedouros, tipos de armários embutidos, relação do mobiliário, sugestões de local para exposições, vitrinas, divisões móveis etc.);
- cada um dos aparelhos externos (sua localização no terreno, dimensões e peso para os vários setores de idades, área mínima ocupada, material aconselhável a empregar, normas para a fixação ao solo etc.);
- muro externo (altura desejável, talude de proteção etc.);
- portão de entrada (borboleta de controle, passagem para veículos, local para o vigia e a guarda de material etc.);
- cidadezinha para os pequeninos (ruas com construções baixas e sem cobertura, de concreto colorido, a figurar casas variadas, de um e dois pavimentos, com aberturas a fingir de portas e janelas, degraus de acesso, balaustradas e varandas, tudo bem aberto para facilitar a fiscalização e a limpeza; pracinha e mirante; prédio da escola com mesa do professor, quadro e carteiras; lojas com balcões e prateleiras; edifício da prefeitura com quichê, mesas e cadeiras; passagens com canteiros, caixa de correio e cabina telefônica; estacionamento, bomba de gasolina e sinal de trânsito).

Acompanhava esta lista outra de sugestões sobre o mobiliário da cidade em miniatura, no qual figuravam prateleiras, mesa alta de bar com tamboretas à volta, penteadeira com espelho feito de calota de automóvel e embutida na parede,

bem como a descrição do fogão com o desenho das bocas e do tanque com o seu esfregador, tudo em concreto.

Cada uma destas sugestões era seguida da especificação do material recomendável, do tipo ideal de acabamento e do piso mais apropriado, tendo em vista o grupo de idades a que se destinava e a sua localização dentro da área. Entretanto, como tais requisitos foram estabelecidos tendo em vista as condições particulares do Parque do Flamengo e os seus objetivos, não interessa transcrevê-las todas. Em outros projetos elas irão variar, em face dos recursos disponíveis, do público provável, do tipo previsto de funcionamento, da situação particular da unidade etc. Passamos, portanto, a reproduzir apenas as indicações de aplicação mais geral, como as relativas aos itens abaixo.

Instalações dos Parques Infantis

1. Setor dos Pequenininos (crianças de menos de sete anos)

— *Caixa de areia* com tampo removível (ou grade de proteção, visando a impedir a entrada de animais. No seu interior deve ter tabuleiros de concreto (ou *mesinhas*) de tamanhos e formas variados. Será dotada de borda larga, que sirva de assento, permita brincadeiras de equilíbrio e dificulte a perda de areia. Perto dela ficará uma torneira, destinada a facilitar as brincadeiras com areia molhada.

— *Tanque d'água*, que pode ser simples espelho com profundidade máxima de 40 cm (para evitar acidentes graves), ou tipo chuveiro, com esguichos em várias alturas (alguns vindos do chão, por meio de aspersores de pequeno calibre, ligados a encanamento subterrâneo). Em qualquer dos casos o seu piso deve ser áspero e antiderrapante, cercado-se o tanque com mureta de proteção, se possível colorida (para maior destaque). É fundamental que permita limpeza fácil e tenha sistema bom de escoamento (para evitar entupimentos).

Outra alternativa para as necessárias brincadeiras com água seriam *pocinhas*, isto é, pequenas cubas escavadas no chão e ladrilhadas, com bom ralo e tampa, que o encarregado encheria diariamente por meio de mangueira d'água e esvaziaria à noite, para limpeza. Poderiam ser de formato variado, desde que respeitassem a profundidade máxima estipulada e a sua base não ultrapassasse 0,16m². Conviria dispô-las em grupo dentro de uma área cercada por mureta, com entrada única, tendo em vista fins de segurança e higiene.

— *Conjuntos de aparelhos* de peso e dimensões proporcionais aos pequenininos: trepa-trepa amplo, com portas e janelas

(isto é, orifícios a imitar tais coisas); grupos de balanços com cinto de proteção feitos de aço, couro, borracha ou madeira, todos cercados por grade de segurança; escorregas com plataforma de segurança; instalações que estimulem brincadeiras de rastejar (com conjuntos de manilhas deitadas e fixadas ao chão, tendo numerosas janelas (perfurações para facilitar a fiscalização de tais túneis); equipamento para atividades de equilíbrio (como muretas a imitar meio-fio de calçadas, em desenho irregular, pastilhas de concreto dispostas em série, ou pedras de concreto dentro de rios de saibro); pequenas grades metálicas para brincadeiras de trepar e se pendurar (semelhantes às que protegem bilheterias de cinema).

— *Grupos de mesinhas e pequenos bancos de concreto*, destinados a estimular a sociabilidade e brincadeiras calmas. Ficarão em ponto de sombra, podendo ter desenhos nos tampos das mesas, feitos com tinta indelével.

— *Pequenas paredes de concreto*, muitas vazadas, para brincadeiras de bola e esconder. Serão de pouca espessura, com as quinas arredondadas e ficarão dispostas em grupos. Uma delas será inteiriça, tendo revestimento que lhe permita receber pinturas das crianças.

— *Áreas livres* de diferentes formas, com pisos de textura e colorido diversos, havendo ao menos uma gramada e outra pavimentada (esta com as marcações sugeridas). Elas atenderão a pequenos jogos, ao trânsito de veículos infantis e a brincadeiras livres.

— *Bancos para acompanhantes*, em pontos de sombra e com encosto.

— *Bebedouros* (de altura proporcional ao grupo de idades), *cesta de lixo* (fixada ao solo ou a um poste, bem visível e em baixa altura) e *arborização* (que não interfira nas brincadeiras, embora dê sombra).

2. Setor de Escolares (menos de 13 anos)

— *Conjuntos de aparelhos* de dimensões proporcionais aos usuários (conforme as especificações): grupos de balanços; vários tipos de trepa-trepa, sendo uns complementados por hastes livres, presas em diversas alturas, destinadas a brincadeiras de deslizar; pequenas grades para brincadeiras de se pendurar; escorregas; barras horizontais em três alturas; escada horizontal; barras de equilíbrio (de tamanho proporcional a cada grupo); trapézio em barra e em argola (*idem*); mesa de concreto, com o tampo polido, para futebol de botão,

com o risco permanente para o jogo; e borboleta giratória (semelhante à usada para o controle dos passageiros de ônibus).

— *Grupos de mesinhas e pequenos bancos*, feitos de concreto, tendo no tampo marcação para jogos de tabuleiro (como antes foi sugerido).

— *Pequenas paredes de concreto*, mais altas que as do grupo anterior, algumas também vazadas, sendo umas dotadas de argola onde se possa amarrar uma corda de pular (pois assim uma só pessoa poderá tocar a corda para o grupo todo). Uma das paredes será inteiriça, tendo revestimento especial para receber os desenhos ou pinturas das crianças.

— *Repuxo pequeno para brincadeiras com água*, obedecendo às precauções antes citadas (piso antiderrapante, mureta de proteção, facilidade de limpeza etc.).

— *Áreas livres* como já se indicou, prevendo-se locais separados para os dois sexos, além de marcação permanente para jogos variados (de bola, de pegar, de correr e de pular) como amarelinha, caracol, envelope, avião etc. É vantajoso reservar locais pavimentados para jogos de acertar em alvo riscado no chão e áreas de terra batida para brincadeiras com bolas de gude. Os espaços livres servirão para bater bola, jogar peteca ou brincar com pião.

— *Bancos, bebedouros, cestas de lixo e arborização*, como se indicou anteriormente.

3. Setor de Adolescentes e Adultos

— *Conjuntos de aparelhos metálicos*: escada horizontal; barras fixas em três alturas; trapézio em barra e em argola; paralelas; e escada flexível (feita de correntes de aço ou de cordas, de juta ou nêlon).

— *Grupos de mesinhas e pequenos bancos de concreto*, mesa para pingue-pongue (de tampo bem alisado) e bancos maiores, alguns com encosto, situados em pontos de sombra.

— *Áreas livres separadas* para os dois grupos de sexo e idade, ora gramadas, ora cimentadas, de formas e dimensões variadas. Destinam-se a pequenos jogos, algumas já tendo a respectiva marcação em tinta indelével.

— *Quadras para esportes coletivos*, com marcação para voleibol, basquetebol e futebol de salão; quadras de malha ou de bocha (optativas), todas com especial atenção às medidas de segurança de participantes e assistentes.

— *Arborização, bebedouros e cestas de lixo*, como antes se apontou .

4. Setor dos Idosos

Vegetação mais abundante (visando a maior sombra e mais proteção de ruídos e bolas), caramanchão florido, com mesinhas e bancos com encosto, além de atalhos, em meio a cantos, que levem a locais tranqüilos ou de maior beleza.

5. Pavilhões

Cada pavilhão merece tratamento especial, destacando-se em um a varanda, por toda a volta, e no outro um jardim interno (soluções criadas pelo arquiteto para atender à programação apresentada pelo especialista em recreação). Este último solicitou ainda grande sala central, construída de modo a tornar possível isolar saletas para reuniões (de clubes, de pequenos grupos que vão ouvir histórias ou ensaiar peças, preparar jornal ou organizar uma comemoração etc.) facilitando uso múltiplo. Previram-se armários embutidos, para livros e discos nas dependências gerais e também no interior do depósito de material, além de quadros para avisos e locais para exposições.

Uma lista de opções

Como material complementar, cuja seleção ficaria a cargo do Grupo de Trabalho, pois tinha por objetivo enriquecer o projeto e embelezar o Parque, sugerimos:

— Esculturas de grande porte, feitas em aço, concreto ou fibra de vidro, para encorajar brincadeiras de trepar, equilibrar-se, pendurar-se e saltar.

— Veículo fora de uso (como um velho barco ou um carro de bombeiros), colocado em áreas cercada e fiscalizada (para não ser desvirtuado o seu uso).

— Ondulações do terreno recobertas de grama, para brincadeiras de rolar, sendo as mais altas ligadas entre si por pontezinhas e alcançadas por pequenas escadas, ligadas a pranchas de escorregar.

— Depressões circulares do terreno, que deverão criar áreas íntimas onde os pequeninos se sintam mais à vontade na imensidão do parque.

— Pérgola de madeira, com janelas e portas (isto é, aberturas sugerindo tais coisas), a proteger grandes bancos, dotados de encosto.

— Atalhos que conduzam a pontos de interesse especial, como uma *velha porteira* ou, então, um forte aclave que leve a local elevado, de onde se descortina melhor a paisagem.

— Trilhas adequadas para andar de bicicleta.

— Conjunto de manilhas grandes, coloridas e presas ao chão, a imitar uma locomotiva com os seus vagões. Para melhor fiscalização, a composição deverá ter perfurações seguidas, a fingir de janelas.

— Instalação elétrica que permita usar microfones ao ar livre, para sessões de apreciação musical, feitas em horário preficado.

— Rinque de patinação protegido por cerca e barras de apoio. Para serem instalados no interior de um ou outro dos dois parques de recreação, apresentamos como optativos os itens da lista abaixo:

— Diversos tipos de *tropa-tropa* (aparelho que, além de ser dos mais atraentes e úteis ao desenvolvimento da criança, permite uso múltiplo e ocupa pouco espaço). Podem assumir as formas mais variadas, assim se apresentando: grades onduladas, feitas com tubos de aço; conjunto de troncos de árvores, seccionados em planos e alturas diferentes, devendo ser protegidos por verniz especial e ficar bem fixados ao solo; conjunto semelhante, feito com blocos de concreto, a imitar troncos; velha árvore esgalhada, deitada no chão e a ele fixada, igualmente protegida por verniz resistente ao tempo; pirâmide truncada feita de concreto, tendo de um lado degraus de acesso ao topo; rede feita com corda forte, em grandes malhas, presa a suporte metálico em forma de U invertido, para brincadeiras de trepar; rede semelhante, porém feita com malha metálica e delgada; tripé com degraus para galgar a topo de longa haste a prumo, fincada no chão, pela qual se desce a deslizar.

— Par de escorregas divergentes, feitos de madeira ou de aço, ou então, grupo de escorregas em espiral ampla, com escadinha interna, fabricados em fibra de vidro.

— *Grupo de escadinhas* de madeira ou aço, combinadas com pequenas pontes, rampas e passagens subterrâneas (estas de comprimento reduzido, tendo em vista a facilidade de fiscalização das brincadeiras);

— *Passo-de-gigante* (feito de corda resistente, dando-se especial atenção às condições de segurança).

— *Carrossel* do tipo com plataforma circular e balaústres observando-se as indispensáveis precauções no sistema de fixação ao solo e no mecanismo de rotação, a fim de prevenir acidentes.

— *Túneis* feitos de tela metálica presa a suportes, ou de tubos curtos e grossos (do mesmo material).

— *Submarino* (ou, então, casa, trem, barco, avião etc.) feito segundo a mesma técnica, isto é, de malha metálica, tendo apenas o contorno delineado por tubos de aço.

— *Barras ajustáveis de equilíbrio* (para o grupo de adolescentes) feitas de madeira ou de aço.

— *Espiral com esguichos d'água*, isto é, cano subterrâneo com aspersores ao nível do solo, circundado por piso antiderrapante e grade colorida de proteção.

— *Revestimento de uma das paredes internas do pavilhão* que a torne capaz de receber desenhos ou pinturas dos frequentadores do parque.

— *Espelhos côncavos e convexos embutidos em alguma parede*, para que as crianças neles se divirtam vendo as próprias imagens deformadas.

— *Equipamento para jogo preparatório ao basquetebol*, constante de poste metálico, tendo no topo uma cesta, ficando no meio de área circular onde se marcam círculos concêntricos.

O Parque em funcionamento

Passados vários anos da sua entrega ao público, o Parque já se firmou no conceito popular como grande centro de recreação, frequentado diariamente por milhares de pessoas, de diversas idades e condições sociais, muitas até vindas de bairros distantes. Das numerosas acomodações projetadas, somente o grande restaurante (na curva final da praia do Flamengo), o pergolado com as suas exposições de flora e fauna, bem como as marinas (na enseada da Glória) e as cabinas telefônicas (a serem distribuídas pela área) não foram construídos. Ao plano primitivo, entretanto, acrescentaram-se duas passagens aéreas para pedestres e uma quadra de tênis, transformando-se um dos pavilhões em Museu do Folclore.

Como pontos de maior afluência revelaram-se a praia, os campos de *pelada*, as quadras de futebol de salão e os parques de recreação (ou *playgrounds*), sendo muito intensa a utilização da *cidadezinha*. O trenzinho também atrai numeroso público, notadamente nos fins de semana, quando ascende sobremaneira o número dos seus passageiros. Para uma idéia do movimento conseguido pelas quatro composições que circulam pelo parque, basta registrar os dados relativos a um ano, como o de 1965, por exemplo. No seu decorrer venderam-

se 440 mil passagens e se distribuíram gratuitamente a escolas e orfanatos 36 mil.

Além do seu funcionamento normal, o Parque abriga grandes comemorações (como o dia da criança e da chegada de Papai Noel), além de festivais de teatro de fantoches e marionetes (com a participação de grupos dramáticos de outros Estados, que se vêm exhibir no teatrinho ao ar livre). Outros grandes momentos no seu acervo de realizações são os campeonatos de aerodelismo, os freqüentes torneios de modelismo naval e as exibições de bandas e de conjuntos de danças folclóricas (as últimas no coreto e no teatro de arena, respectivamente).

Quanto à sua programação regular, tem-se desenvolvido sob o patrocínio conjunto de várias entidades, como o Departamento de Parques e Jardins na área estadual e o Departamento Nacional da Criança. Desde 1966, o calendário anual de provas e torneios de modelismo naval pôde contar com uma associação privada (de aficionados), que recebeu a ajuda do 1.º Distrito Naval e de tropas de escoteiros do mar. A Secretaria de Turismo e o Serviço de Teatro possibilitaram a realização de alguns espetáculos teatrais para crianças e concertos ao ar livre, além da apresentação de Escolas de Samba. Nesse intercâmbio, convém registrar o fato de pertencerem várias das bandas, que já se apresentaram, a navios da Marinha de Guerra de outros países, que aportaram no Rio de Janeiro. Igualmente de acordo com os responsáveis pelo Parque, firmas particulares têm patrocinado espetáculos artísticos variados, bem como exibições de grupos folclóricos.

Em face do extraordinário interesse despertado pelos campos de *pelada*, sempre procurados por elevado número de equipes, instituiu-se um sistema de reserva para os jogos, com distribuição gratuita de senhas, entregues aos capitães dos times. Foram os seguintes os totais de senhas dadas nos seguintes anos, dos quais se pode inferir a intensidade da utilização dos campos: 1966 — 240 senhas; 1967 — 887 senhas; 1968 — 2 159 senhas; e 1969 — 7 653 senhas. Bem menor foi o movimento organizado nas quadras de futebol de salão e basquetebol, resumindo-se a 240 o total de senhas distribuídas até os primeiros meses de 1970. Entretanto, tais locais são muito procurados por grupos, organizados no momento entre os freqüentadores do Parque, que realizam jogos de menor duração e com a modificação das regras, para atender aos interesses da ocasião.

Outros dados, referentes a torneios e campeonatos de *peladas* entre equipes de amadores, realizados sob o patrocínio conjunto de firmas do comércio e de jornais da Guanabara,

patenteiam o êxito de tais competições entre amadores. Em 1966 e 1967, por exemplo, o *Jornal dos Sports* organizou torneios que resultaram na ocupação dia e noite de todos os campos, durante meses. Só em 1967 foi o seguinte o movimento: 17 160 amadores, integrando 1 144 equipes, disputaram 144 partidas por semana no decorrer de quatro meses. Já em 1938, o *Torneio dentes-de-leite* reuniu 20 times de crianças de menos de 11 anos, os quais completaram 16 rodadas, sob o patrocínio de órgão estadual e companhia de refrigerantes. Em 1969, os jornais *O Dia*, *A Notícia* e *A Luta* promoveram novos torneios, cada um com a participação de quase 50 equipes, observando-se, além do mais, avultado número de assistentes (que incluíam por vezes torcidas uniformizadas).

Estatísticas bem mais elevadas que estas corresponderiam à contagem dos visitantes, que diariamente percorrem as alamedas do Parque, reaprendendo as alegrias de andar a pé, no contato direto com a natureza. Mesmo à noite, os jardins e as quadras desportivas acusam alta frequência, de vez que a iluminação feita com fortes luminárias, assentadas no alto de postes de 50m de altura, garante excelente visibilidade. A praia, por sua vez, está sempre repleta, observando-se que muitos dos seus usuários vêm de ônibus, o que traduz o dilatado raio de influência do Parque. Tão intensa afluência de público constitui a melhor prova do acerto da construção do Parque do Flamengo e de que ele veio atender a uma necessidade real da população. Obras semelhantes, que fizessem crescer as áreas de recreação e o verde na cidade — tal como se tem feito em Curitiba, com enorme sucesso, nos últimos anos — ajudariam a amenizar as dificuldades da vida na metrópole.

BIBLIOGRAFIA

- Barker, E. R. *Le livre dans le monde*. Paris, Unesco, 1958.
- Bazin, A. *Qu'est-ce que le cinéma?* Paris, Ed. du Cerf, 1958.
- Berelson, B. *Who reads what books and why?* Glencoe, Ill., Free Press, 1957.
- Bettlheim C. *Planificação e desenvolvimento acelerados*. Trad. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- Biddle, W. & Biddle, L. *Estímulo ao desenvolvimento da comunidade*. Trad. do inglês. Rio de Janeiro, Agir, 1967.
- Bogart, L. *The age of television*. New York, Frederik Unger, 1956.
- Bosserman, P. & Kaplan, M. ed. *Technology, human values and leisure*. New York, Arlington Press, 1971.
- Brightbill, C. K. *Man and leisure*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1961.
- . & Meyer, H. D. *Recreation: texts and readings*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1962.
- Bureau of Outdoor Recreation. *Recreation trends*. Washington, D. C., Bor, Department of Interior, 1967.
- Butler, G. D. *Recreação*. Trad. Rio de Janeiro, Lidador, 1973.
- . *Playgrounds: their administration and operation*. ed. rev. New York, Barnes, 1950.
- . *Recreation areas*. New York, Ronald Press, 1958.
- Caillois, R. *Les jeux et les hommes*. Paris, Gallimard, 1958.
- Cascudo, L. C. *Tradição, ciência do povo*. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- Cayrol, J. & Durand, C. *Le droit de regard*. Paris, Seuil, 1963.
- Cazeneuve, I. *Les pouvoirs de la télévision*. Paris, Gallimard, 1970.
- Chair-Ruy, J. *Psicologia social e sociometria*. Trad. Lisboa, Presença, 1964.
- Codding Jr., G. A. *La radio diffusion dans le monde*. Paris, Unesco, 1959.
- Cohen-Seat, G. *Problèmes actuels du cinéma et de l'information visuelle*. Paris, Presses Universitaires de France, 1961.
- Corbin, H. D. *Recreation leadership*. 2. ed. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1959.
- Corção, G. *Dois amores, duas cidades*. Rio de Janeiro, Agir, 1967.
- Danford, H. *Planes de recreación para la comunidad moderna*. Trad. Buenos Aires, Omeba, 1966.
- De Grazia, S. *Of time, work and leisure*. New York, Twentieth Century, 1962.

- Diegues Jr., M. *Regiões culturais do Brasil*. Rio de Janeiro, MEC, INEP, 1960.
- . *Imigração, urbanização, industrialização*. Rio de Janeiro, MEC, CBPE, 1964.
- Duchet, R. *Le tourisme à travers les âges*. Paris, Vigot, 1949.
- Dumazedier, J. *Sociologie empirique du loisir*. Paris, Seuil, 1974.
- . *Lazer e cultura popular*. Trad. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- . *Vers une civilisation du loisir?* Paris, Seuil, 1962.
- . & Berger, J. L. *Regards neufs sur le sport*. Paris, Seuil, 1950.
- . et al. *Télévision et éducation populaire*. Paris, Editions Unesco — Bourrellier, 1955.
- Dunlap, J. T. *Automation and technical change*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1964.
- Durand, J. *Le cinéma et son public*. Paris, Sirey, 1950.
- Fernandes, F. *Mudanças sociais no Brasil*. Aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.
- Fink, E. *Le jeu comme symbole du monde*. Trad. do inglês. Paris, Ed. de Minuit, 1966.
- Fougeyrollas, P. & Cohen-Seat, G. *L'action sur l'homme: cinéma et télévision*. Paris, Denoel, 1961.
- Fourastié, J. *Des loisirs: pour quoi faire?* 3. ed. Bruxelles, Casterman, 1970.
- Friedberg, M. P. *Playgrounds for city children*. Washington, D. C., Association for Childhood Education International, 1969.
- Friedmann, G. *La puissance et la sagesse*. Paris, Gallimard, 1970.
- . *Les lois et la civilisation technicienne*. Paris, *Revue Internationale des Sciences Sociales*, v. 12, n. 4, p. 551-563, 1960.
- . *Estudos sobre o homem e a técnica*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.
- Fulchignoni, E. *La moderna civiltà dell'immagine*. Roma A. Armando, 1964.
- Fundação IBGE. *Anuário estatístico do Brasil*, 1969. Instituto Brasileiro de Estatística, 1969.
- Galbraith, J. K. *The affluent society*. Boston, Houghton Mifflin, 1958.
- Geiger, P. P. *Evolução da rede urbana brasileira*. Rio de Janeiro, MEC, CBPE, 1963.
- Guillemain, B. *Le sport et l'éducation*. Paris, PUF, 1955.
- Hjelte, G. *The administration of public recreation*. New York, Macmillan Co., 1949.
- Huizinga, J. *Homo ludens*. Trad. São Paulo, Ed. USP e Perspectiva, 1971.
- Hurtwood, L. A. et al. *Place au jeu*. Copenhague, OMEP, 1965.
- Instituto Solvay. *Cinéma, fait social*. Bruxelles, I. S., 1961.
- Instituto Brasileiro de Administração Municipal. *Leituras de planejamento e urbanismo*. Rio de Janeiro, IBAM, 1965.
- . *Sistema urbano de recreação; necessidades de pesquisa*. Rio de Janeiro, IBAM, 1970.
- Kaplan, M. *Leisure in America. A social inquiry*. Glencoe, Ill., Free Press, 1960.
- Kraus, R. G. *Recreation and the schools*. New York, Macmillan, 1964.
- . *Recreation to-day-program planning and leadership*. New York, Appleton Crofts, 1966.
- Lambert, J. *Os dois brasis*. Rio de Janeiro, MEC, INEP, 1959.
- Larrabee E. & Meyersohn, R. ed. *Mass leisure*. Glencoe, Ill., Free Press, 1958.
- Lederman, A. & Trachsel, A. *Creative playgrounds and recreation centers*. New York, F. Praeger, 1960.
- Maccoby, E. *Efeitos da televisão sobre as crianças. Panorama da comunicação coletiva*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, s.d.
- Magnane, G. *Sociologia do esporte*. Trad. do francês. São Paulo, Perspectiva, 1969.

- Medeiros, E. B. O educador e a atividade criadora. In: *Boletim Bibliográfico*. Rio de Janeiro, SESC, Educação da Criança, 1972.
- . *Jogos para recreação infantil*. 3. ed. Rio, Fundo de Cultura, 1967.
- . Planejamento da recreação municipal. Plano para Brasília. In: *Leituras de planejamento e urbanismo*. Rio de Janeiro, IBAM, 1965.
- Meyer, H. D. & Brightbill, C. K. *Community recreation — a guide to its organization*. 2. ed. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1961.
- . & *Recreation administration. A guide to its practice*. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1956.
- Ministerie Van Cultur. *Increased leisure-what use is made of it?* Hague, Re-creatie, 1966.
- Moscovici, S. *Reconversion industrielle et changements sociaux*. Paris, Armand Colin, 1961.
- Mumford, L. *A cultura das cidades*. Trad. do inglês. Belo Horizonte, Itatiaia, 1961.
- . *Arquitetura, construção e urbanismo*. Trad. do inglês. Rio, Fundo de Cultura, 1966.
- Nash, J. B. *Philosophy of recreation and leisure*. St. Louis, Mosby, 1953.
- National Recreation Association. *Recreation leadership standards*. New York, NRA, 1957.
- . *Global view of recreation*. New York, NRA, 1964.
- . *Recreation and parks yearbook, 1967*. New York, NRA, 1968.
- Neumeyer, M. H. & Neumeyer, E. S. *Leisure and recreation*. 2. ed. New York, Ronald Press, 1958.
- Ortega Y Gasset, J. El origen deportiva del Estado. *Obras Completas*. 4. ed. Madrid, Revista de Occidente, 1957. v. 2.
- Outdoor Recreation (A Legacy for America). U. S. Department of the Interior, Washington, D.C., 1974.
- Outdoor Recreation Resources Review Commission. *Outdoor recreation for America*. Washington, D. C., ORRRC, 1962.
- Pieper, J. *Leisure, the basis of culture*. New York, Pantheon, 1952.
- Popular culture and personal responsibility. Report of Conference Held at Church House Westminster, 1960. London, National Union of Teachers, 1960. mimeogr.
- Pignatari, D. *Informação, linguagem, comunicação*. 2. ed. S. Paulo, Perspectiva, 1968.
- Pro Juventude. *Playgrounds and recreation centers*, Zurich, Pro Juventute, 1965.
- Riesman, D. et al. *A multidão solitária*. Trad. São Paulo, Perspectiva, 1971. New Haven, Yale Univ. Press, 1952.
- Rosenberg, B. & White, D. M. ed. *Mass culture*. Glencoe, Ill., Free Press, 1958.
- Russel, L. B. *O elogio do lazer*. Trad. São Paulo, Nacional, 1957.
- Serviço Nacional do Comércio. Lazer. In: *Boletim Bibliográfico*. Rio de Janeiro, SESC, n. 4, ago, 1971.
- . Lazer: seis enfoques. Documento, Rio de Janeiro, SESC, Depto. Nac., n. 69. set./dez., 1972.
- Schramm, W. et al. *Television in the life of our children*. San Francisco, Stanford, 1961.
- Snyder, R. A. & Scott, H. A. *Professional preparation in health, physical education and recreation*. New York, McGraw-Hill, 1954.
- Standars and guides for evaluation of professional preparation in health, physical education and recreation. Washington, D. C., AAHPER, 1958.
- Stone, W. L. & Stone, C. G. *Recreation leadership*. Philadelphia, William Frederick Press, 1961.
- Szlalai, A. et al. *The use of time*. La Haye, Mouton, 1973.

- Varagnac, A. *Civilisations traditionnelles et genres de vie*. Paris, A. Michel, 1948.
- Van Clé-Stichting, ed. *Leisure activities in the industrial society*. Antwerpen, Van Clé-Stichting, 1974.
- Veblen, T. *Teoria das classes ociosas*. Trad. do inglês. São Paulo, Pioneira, 1959.
- Villadary, A. *Fête et vie quotidienne*. Paris, Ed. Ouvrières, 1968.
- Villadier, R. & Ménétrier, J. *Prélude au loisir*. Paris, Lavauzelle, 1966.
- Volpicelli, P. *Industrialismo e sport*. 2. ed. Roma, A. Armando, 1966.
- Williams, W. *Recreation places*. New York, Reinhold, 1958.
- Unesco. *L'information à travers du monde — presse, radio, télévision, film*. 4. ed. Paris, Unesco, 1966.
- Zygulski, K. *Introduction aux problèmes de la culture*. Varsovie, Wydawniczy-czz, 1972.

ÍNDICE ANALÍTICO

A

- Ação Comunitária do Brasil, 203
Acídia, 10, 13
África do Sul
 pinturas em cavernas da, 124
Agache, Alfred, 213
Água
 problema da poluição na, 91
Aleijadinho, O., 24
Alemanha
 recreação na, 155
Alencar, José de, 36, 38
Allport, Gordon, 4
Almeida, Manuel Antônio de, 20, 35
Almeida, Renato de, 16, 23
Altamira, Cavernas de, 124
Amado, Gilberto, 55
Amadorismo "marrom", 148
Amazônia
 indígenas da, 129
 integração da, 68
Anchieta, Padre José de
 catequese dos indígenas, 15
 fundação do primeiro teatro no
 Brasil, 23, 206
Andrada e Silva, José Bonifácio de,
 192
Andrade, Carlos Drummond de, 30
 85
Aristóteles, 8, 97
Arqueologia
 história da atividade criadora,
 124
Assírios
 atividade criadora dos, 126
Astecas
 atividade criadora dos, 128
Atividade criadora
 na América Pré-colombiana, 128
 na Idade da Pedra, 124
 nota sobre a história da, 124
Atletismo
 amadorismo "marrom", 148
Augusto
 criação da Biblioteca Palatina, 10
Auto-expressão
 como necessidade universal, 126
Automóvel
 civilização do, 71
Aviação
 construção aeronáutica, 75
 crescimento da rede doméstica de
 transportes aéreos, 74
 primeiras linhas aéreas comerci-
 ais, 54
 saturação do espaço aéreo, 87
Azevedo, Arthur, 38

B

- Banco do Nordeste do Brasil, 67
Banco Nacional de Habitação
 (BNH), 199
Banco Nacional do Desenvolvimento
 Econômico
 criação do, 66
Baudelaire, Charles, 27

- Belo Horizonte
 traçado da cidade de, 192
 Bíblia Sagrada, 3, 7, 127, 129
 Biblioteca Nacional
 fundação da, 33
 Binzer, Ina von, 37, 39, 41
 Borracha, 47
 Brasil (Colônia)
 a vida no interior, 22, 42
 festas e tradições populares, 16
 influência européia, 34
 lazer no, 14, 31
 primeiras experiências de vida
 urbana, 24, 182, 189
 primeiros povoados, vilas e cida-
 des, 44, 182
 teatro, 18
 transmigração da família real,
 33, 184, 210
 vida social, 40
 Brasil (Império)
 imigração, 48
 influência dos novos meios de
 transporte e de comunicação, 46,
 184
 política econômica, 51
 Brasil (República)
 criação do Estado da Guanabara,
 215
 desenvolvimento industrial, 51
 expansão da rede urbana, 185
 fusão do Estado do Rio de Janeiro
 com o Estado da Guanabara, 220
 inauguração de Brasília, 192
 recreação no, 158
 Brasília
 fundação de, 192
 plano de recreação, 194
 plano-piloto de, 193
 Brinquedos, 77, 125
 Bruxa, A, de Carlos Drummond de
 Andrade, 85
 "Bumba-meu-boi", 21, 107
 Burton, Robert, 13
- C
- Café
 desenvolvimento do, 46
 Caillois, Roger, 101
 Calseyde, P. van de, 79
 Calvino, 13
 Caminha, Pero Vaz de
 descrição dos nossos indígenas,
 128
 Caminhão
 utilidade do, 72
- Canadá
 esporte amador no, 156
 Cantos populares do Brasil, de Silvio
 Romero, 21
 Capoeira, 23
 Carnaval
 as grandes sociedade, 42
 das grandes capitais no século
 XX, 107
 no tempo do Brasil Império, 41
 Carta do Lazer
 proposta de, 118
 Casa grande e senzala, de Gilberto
 Freyre, 15
 Catão, 10
 Cavalhada
 folguedo de rua, 43
 Cervantes Saavedra, Miguel de, 11
 Chineses
 atividade criadora dos, 126
 Cinema
 crescimento da indústria de, 75,
 83
 Civilização cretense
 ruínas da, 126
 Clark, J. S., 138
 Código Florestal
 criação do, 94
 Comportamento humano
 angústia nos tempos modernos, 91
 atitudes comuns diante do novo
 lazer, 109
 conformismo social, 84
 integração do homem no grupo, 102
 solidão em meio à massa, 84
 Computador
 na vida moderna, 58
 Comunicação
 aperfeiçoamento dos meios de, 29,
 32, 46
 satélites artificiais de, 60
 Comunidade
 elementos básicos do planejam-
 ento para recreação, 161
 participação no planejamento para
 recreação da, 166
 planejamento urbano para a re-
 criação, 195
 Congadas, 17, 107
 Congresso Internacional de Lazer
 Operário 28
 Conjuntos residenciais
 planejamento para, 200
 Conselho de uso do lazer
 criação de um, 98
 tarefas do, 99
 Conselho Federal de Educação, 221

- Conservatório de Música
 criação do, 41
 Consolidação das Leis do Trabalho,
 57
 Copacabana
 falta de planejamento urbano, 90
 projeto de alargamento da praia
 de, 219
 surgimento de, 211
 Correio Aéreo Nacional
 criação do, 54
 Costa, Lúcio
 plano-piloto de urbanização de Ja-
 carepaguá, 218
 Keiaorô do plano-piloto de Bra-
 sília, 193
 Coubertin, Pierre de, 148
 Coulange, Fustel de, 178
 Cristianismo, 10
 Cruls, Luís, 193
 Cruz, Oswaldo, 212
 Cultos mágicos
 festividades dos primitivos, 125
 Cultura
 informação à massa, 82
 Cumbica, Conjunto de
 planejamento do, 199
 Cunha, Euclides da, 43
- D
- Dança
 no Brasil colonial, 14, 39
 Davies, William Henry, 3
 Debret, Jean-Baptiste, 34
 Declaração Universal dos Direitos do
 Homem, 28
 Deffontaines, Pierre, 205
 Delinqüência
 taxa de, 91
 Departamento Nacional de Estradas
 de Rodagem
 criação do, 53
 Desenvolvimento
 estímulos ao, 66
 influência dos meios de transpor-
 te, 71-5
 na era espacial, 64
 novas indústrias, novos padrões
 de vida, 68
 problema do lazer num país em,
 62
 telecivilização dos dias de hoje,
 70
 Diégues Júnior, Manuel, 106
- Dinamarca
 Lei das Novas Edificações da Ci-
 dade de Copenhague, 181
 recreação na, 154
 Diversões comerciais
 aspectos positivos das, 150
 críticas às, 141
 Donne, John, 27
 Doxiadis, Plano
 planejamento urbano do Estado da
 Guanabara, 215
 Doze Profetas, Os, de Aleijadinho,
 24
 Dumazedier, Joffre, 102, 149
 questionário sobre o lazer,
 112-4
- E
- Edmundo, Luís, 16, 17, 23, 207,
 210
 Egípcios
 atividade criadora dos, 126
 Empresa Brasileira de Aeronáutica
 fabricação do "Bandeirante" 75
 Empresa Brasileira de Turismo
 criação da, 72
 ENAL (Ente Nazionale Assistenza
 Lavoratori)
 objetivos principais, 155
 Encamisada
 folgado sertanejo, 43
 Energia
 expansão do abastecimento de, 69
 Entrudo, 21, 41
 Era espacial
 computadores eletrônicos, 58
 comunicação em massa, 60
 novo sistema de vida, 58
 o lazer na, 56
 Erasmo, 13
 Escola de Agricultura da Univer-
 sidade de Wisconsin (EUA)
 hábitos de recreação da popula-
 ção rural, 115
 Escola de Educação Física do
 Exército
 colônia de férias, 159
 Escolas de samba, 108
 Escravidão
 abolição da, 48, 212
 Espanha
 lazer no século XVI na, 12
 Esporte
 atividade típica da civilização
 industrial, 104
 importância do, 103-4

Esporte (cont.)
 profissionalização do jogador, 145
 Ésquilo, 127
 Estádio Mário Filho (Maracanã)
 inauguração do, 214
Estados Unidos
 proteção da paisagem nos, 204
 recreação nos, 156

F

Ferrovias
 construção da primeira ferrovia no
 Brasil, 29, 46
 na integração do plano nacional,
 73

Festas
 artificiais da atualidade, 107
 juninas, 20, 36
 ligadas à lavoura, 21
 no Brasil colonial, 16, 107

Festas (religiosas)
 da Páscoa, 37, 107
 da Penha, 21, 38
 do Divino Espírito Santo, 19, 37
 Natal, 20, 36, 107

Flamengo, Parque do veja Parque do
 Flamengo

Floresta da Tijuca
 criação da, 211

França
 atividades recreativas na, 156
 resultado de algumas pesquisas
 sobre o lazer na, 112

Freyre, Gilberto, 15, 21
Friedmann, Georges, 93, 111
Fromm, Erich, 31, 85, 144, 150
Frucht, Adolph H., 104

Funções do lazer
 para o homem contemporâneo, 115
Fundo de Desenvolvimento Técnico
 e Científico, 67

Futebol
 como espetáculo, 146
 efeitos negativos do atual estilo
 de vida no, 147
 primeiro campeonato de, 49
 renda das grandes partidas, 115

G

Garimpeiro, O, de Bernardo de
 Guimarães, 43
Glazou, Auguste, 211
Goiânia
 lançamento da pedra fundamental
 de, 192

Gomes, Carlos, 39
Governo
 papel dos poderes públicos na
 recreação, 151-4
Grécia (Antiga)
 lazer na, 8, 62
 primeira biblioteca pública, 127
Guanabara, Estado da
 crescimento urbano, 216
 criação do, 215
 fusão com o Estado do Rio de
 Janeiro, 220
 plano Doxiadis, 215
Guarani, O, de Carlos Gomes, 39
Guillemin, B., 104
Guimarães, Bernardo de, 43

H

Heródoto, 126
Heron de Alexandria, 13
História do Brasil, de Frei Vicente
 do Salvador, 45
Holanda (Países Baixos)
 recreação na, 156
Horácio, 8
Horney, Karen, 92
Howard, Donald, 56
Huizinga, Johan, 123, 145
Huxley, Aldous, 10, 103
Huxley, J., 62

I

Idade da Pedra
 atividade criadora na, 124
Idade Média
 lazer na, 11
Ilha Solteira
 usina hidrelétrica de, 69
Imigração, 47
Imprensa Régia
 criação da, 33
Incas
 atividade criadora dos, 128
INCRET (Instituto para Capacitación
 y Recreación de los Trabajadores)
 objetivos do, 157
Índia
 recreação na, 157
Indígenas
 da Amazônia, 129
Indus
 atividade criadora dos, 127
Indústria
 aeronáutica, 75

Indústria (cont.)
automobilística, 71
cultural, 83
de cinema, 75
desenvolvimento a partir de 1930, 52
primeiros produtos industriais do Brasil Colônia, 50
química, 77
utilização no lazer da, 75

Industrialização
no processo de urbanização, 168
vínculo entre o esporte e, 103

INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos)

plano do sistema escolar em Brasília, 194

Informação

à massa, 82
divulgação de notícias, 76

Inglaterra

ciudades-jardim, 180
proteção da paisagem, 204
redução da jornada de trabalho (1825), 27

Instituto Nacional do Cinema Educativo

criação do, 76

Instrumentos musicais africanos, 15

Integração nacional

Amazônia, 68
estradas de rodagem, 73
Projeto Rondon, 77

Intelsat (satélite), 70

Itália

atividades de lazer na, 155

J

Jacarepaguá

plano-piloto de urbanização de, 218

James, William, 105

Japão

recreação no, 157

Jerônimo, São, 10

João VI, Dom

criação da Imprensa Régia, 33

Jogos

do ponto de vista psicológico, 104
pan-helênicos, 127
reimplantação nas Olimpíadas dos, 31

Jokl, Ernst, 104

Jornais

produção no século XVIII, 32

José Maurício, Padre, 23, 34

Junta de recreação

tarefas iniciais da, 174

Juvenal, 9

K

Koeler, Júlio, 191

Koseritz, Karl von, 49

L

Lacedemônia, 8

Lambert, Jacques, 64

Lascaux, Cavernas de, 124

Lazer

aspectos sociais, 102
atitudes comuns diante do novo, 109

através dos tempos, 7-25

clubes sociais, atléticos e desportivos, 31

como aproveitar a nova folga, 61
como característica do estilo atual de vida, 78

como esperança de reencontro do homem, 94

como força econômica, 105
como o administrador enfrenta o desafio do, 138

contribuição das máquinas, 26
criação de um Conselho de uso do, 98

desafio do, 97

elementos típicos do, 117

esboço da filosofia do, 101

esboço de Carta do Lazer, 118-22

estrelismo nas atividades de, 149

exploração comercial do, 144

forma universal de aproveitamento do, 123

importância do, 3

indústrias mais ligadas ao uso do, 75

na era espacial, 56

na sociedade pós-industrial, 3-94

outros hábitos de, 32, 50

veja também Recreação

Leão XIII, Papa, 28

Lei de Férias, 57

Lei do Desenvolvimento Urbano, 219

Léry, Jean de, 14

Lescolle, Michel de, 207

Linder, Staffan, 61

Livro
 como veículo de divulgação, 76
Londrina
 crescimento populacional de, 55
Lutero, 13

M

Macedo, Joaquim Manuel de, 39, 40
Macedo Soares, Maria Carlota de,
 222
Machado de Assis, Joaquim M., 40
Macrôbio, 9
Maia
 atividade criadora dos, 128
Manifesto sobre o Esporte
 aprovado pela Unesco, 149, 170
Mão e a luva, A., de Machado de
 Assis, 40
Máquina a vapor
 emprego da, 47
 invenção da, 13, 26, 46
Martins Pena, Luís C., 35, 38
Mauá, Visconde de, 46
Mead, Margaret, 26
Medeiros, Ethel Bauzer
 Planejamento da recreação muni-
 pal, 194
Medo à liberdade, de Erich Fromm,
 85
Melo Moraes Filho, 19, 36, 38, 41
Miller, Charles, 49
Minas Gerais
 ciclo da mineração, 184
 descoberta do ouro, 24
Mineração
Minha vida de menina, de Helena
 Morley, 39
Misasi, F., 139
Missão Artística Francesa, 34
Moço loiro, O., de Joaquim Manuel de
 Macedo, 39
Modinha, 38
Moreninha, A., de Joaquim Manuel de
 Macedo, 40
Morley, Helena, 36, 38
Moscovici, Serge, 112
Movimento sindical
 propagação do, 27
Multidão solitária, A., de David
 Riesman, 85
Música
 influência africana na música bra-
 sileira, 15
 modinha, 38
 no Brasil colonial, 23, 38

N

Natureza
 destruição da, 88
Navegação
 recaparelamento dos portos, 74
Neurose
 na sociedade moderna, 92, 110
Niemeyer, Oscar
 arquitetura de Brasília, 193

O

Olimpiadas, 103, 148
Organização das Nações Unidas, 28
Organização Internacional do Tra-
 balho (OIT)
 criação da, 28
Organização Mundial de Saúde, 91,
 92
Ortega y Gasset, J., 143

P

Panzeri, Dante, 146
Parque do Flamengo
 em funcionamento, 237
 instalação dos parques infantis
 no, 232
 opções para o embelezamento do,
 235
 planejamento das unidades de re-
 creação, 224
 projeto inicial, 221
 sugestões e especificações para o
 equipamento de recreação, 231
Parques nacionais
 crescimento dos, 94
 proteção às reservas florestais, 89
Pau-brasil
 exploração do, 44, 183
Pedro I, Dom, 35
Pedro II, Dom, 211
Pentecostes, 37
Período pré-clássico
 lazer no, 8
Pernambuco
 desenvolvimento no período colo-
 nial, 24
Petrobrás
 criação da, 68
Petróleo
 exploração do, 68
Petrópolis
 fundação da cidade de, 191
Planejamento da recreação muni-
 pal, de Ethel B. Medeiros, 194

Planejamento para recreação
 a longo prazo, 165
 desenvolvimento do projeto-piloto,
 (quadro), 176
 organização do espaço, 203
 papel do recreador, 166
 participação da comunidade no,
 166
 providências fundamentais, 161
 roteiro para trabalho a longo pra-
 zo, (quadro), 176

Planejamento urbano
 cuidado com as acomodações para
 crianças, 181
 crescimento rápido e indisciplina-
 do, 178
 do novo Estado da Guanabara,
 215
 expansão do lazer na sociedade
 pós-industrial, 1
 experiências no século XIX, 191
 na era espacial, 60
 primeiras experiências de vida ur-
 bana no Brasil colonial, 24, 189
 recreação no, 77, 178, 195

Polônia
 recreação na, 155

Poluição
 causada por veículos a motor, 72
 de ar, água e solo, 89
 decorrente do progresso, 87

Prado, J. F. de Almeida, 128

Procissões
 no tempo do Brasil Império, 35

Programação de recreação
 atividades mais comuns, 171
 fatores básicos a considerar na,
 171
 princípios gerais de planejamento
 e execução, 168

Progresso
 despersonalização dos contatos
 humanos, 92
 no século XIX, 29
 versus poluição, 87

Projeto Rondon
 na integração nacional, 77

Propaganda
 na indústria cultural, 83

Públio Vitor, 10

Q

Quincas Borba, de Machado de
 Assis, 40

R

Rabelais, 12

Rádio, 83

Ranchos
 desfile carnavalesco de, 108

Raposo, Antônio, 184

Recreação
 áreas e acomodações em cidades
 antigas para, 202
 características da, 131
 contribuições à personalidade do
 indivíduo, 132
 crítica às diversões comerciais,
 144
 elementos básicos do planejam-
 to para, 161
 em vários países, 154
 e planejamento urbano, 178
 evolução do conceito de, 131
 forma universal de aproveitar o
 lazer, 123
 iniciativas de particulares, 142
 organizada e suas vantagens, 138-
 59
 papel dos poderes públicos na,
 151

Parque do Flamengo, 221-39
 programas oferecidos por institui-
 ções, 141
 tarefas iniciais para uma Junta de
 Recreação, 174
 vantagens para a sociedade, 135
 veja também Lazer

Rede Ferroviária Federal
 criação da, 73

Reflorestamento
 prejudicado pelo progresso, 89

Reforma, Período da, 13

Renascença
 lazer na, 12

Revolução tecnológica
 e o lazer, 61
 novos estilos de vida: novos pro-
 blemas, 79

Riesman, David, 85, 102, 108

Rio de Janeiro (Cidade)
 carnaval no século XIX, 41
 como capital do Vice-Reino, 208
 como sede do Distrito Federal, 212
 crescimento urbano, 65, 184
 desfiles de escolas de samba, 108
 festa da Penha, 21
 história da cidade do, 205-18
 importante porto no ciclo da mi-
 neração, 207
 nas décadas de 40 e 50, 214

Rio de Janeiro (cont.)
 no século XVIII, 207
 no início do século XIX, 33, 184
 Parque do Flamengo, 221-39
 planos para disciplinar o crescimento do, 213
 reforma do Passeio Público, 211
 transmigração da família real, 33
 184, 210

Rio de Janeiro no tempo dos vice-reis, O, de Luís Edmundo, 23

Rituais religiosos
 festividades dos primitivos, 125

Rodovias
 estradas de rodagem atuais, 72-3
 estradas de rodagem no século XIX, 47
 influência na expansão urbana, 53
 na participação do lazer, 73

Roma (Antiga)
 atividades do lazer, 9, 127
 biblioteca pública, 10

Romero, Sílvio, 21

Rousseau, Jean-Jacques, 31

Russel, Bertrand, 62

S

Sá, Estácio de, 189, 205

Sá, Miem de, 205

Sala Cecília Meireles
 inauguração da, 218

Salvador, Frei Vicente do, 45

Salvarsan
 droga mágica, 29

São Francisco, Rio
 hidrelétrica do, 69

São Paulo
 administração Prestes Maia, 204
 centro de recreação do Jardim Ubirajara, 203
 crescimento urbano de, 65, 179
 história de, 188
 poluição, 90
 região do ABC, 188

Satélites artificiais
 de comunicação, 60

Saúde
 neurose na sociedade moderna, 92
 prejuízos causados pelo ruído, 88
 sedentarismo e fadiga nervosa, 86

Sawrey, James, 113

Schlesinger Junior, Arthur, 108

Sedentarismo, 86

Sêneca, 10

Serração da Velha
 festejo de rua, 16

Serviço de Recreação e Assistência Cultural, 158

Serviço Social da Indústria (Sesi), 158

Serviço Social do Comércio (Sesc), 158

Silva, Francisco Manuel da, 41

Sociedade contemporânea
 trabalho e recreação na, 130

Sociedades recreativas, 50

Sousa, Tomé de, 189

Suécia
 recreação na, 155

Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (Sudam)
 criação da, 67

Superintendência do Desenvolvimento Econômico do Nordeste (Sudene)
 criação da, 67

Surdez
 trauma acústico provocado pela civilização, 88

Swados, Harvey
 ampliação do lazer em Akron, Ohio (EUA), 110

T

Teatro
 no Brasil colonial, 18
 no século VI a. C., 127

Tecnologia
 reverso do avanço, 93
 valores humanos e lazer, 101

Telecomunicação
 através de microondas, 71
 desenvolvimento atual, 70, 82

Televisão, 60, 83

Telford, Charles, 113

Tilgher, Adriano, 104

Touradas, 18, 208

Trabalho
 distinção básica entre recreação e, 130
 no século XVI, 27
 nova maneira de ganhar a vida, 80

Tráfego negreiro
 abolição do, 51

Trajano, 10

Transamazônica
 construção da, 68

Transporte
 aéreo, 53
 construção da primeira ferrovia no Brasil, 29

Transporte (cont.)

estradas de rodagem, 47, 59
influência dos novos meios de,
32, 46, 59, 71
Trienal de Milão (exposição), 109
Tronco do ipê, de José de Alencar,
36
Tropeiro
mensageiro da civilização, 46
Tsung-Yi-Lin, 92
Turismo
criação da Empresa Brasileira de
Turismo, 72

U

Unesco
Manifesto sobre o Esporte, 149, 170
Urbanização
crescimento da rede urbana, 52,
65, 185
crescimento fabril, 188
crescimento urbano no Brasil, 182
dificuldades de espaço e moradia,
81, 90, 187
expansão demográfica, 186
Urubupungá
usina hidrelétrica de, 69

V

Valentim, Mestre, 34, 209
Vaquejadas, 18, 43
Varagnac, André, 130
Vasconcelos e Sousa, Luís de, 209
Venezuela
recreação na, 157
Virgílio, 9
Volpicelli, Luigi, 103, 145
Volta Redonda, Usina de
implantação da, 52
produção de aço, 69

W

Washington Luís, Presidente
plano para a expansão do Rio de
Janeiro, 213
Wirth, Louis, 60
Wolfenstein, Martha, 33

X

Xadrez
primeiro torneio oficial no Brasil,
50
Xenofonte, 8



